

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Valério Máximo, Roma e o outro: imagens da Grécia em Roma no século I d.C.

Guilherme Dias da Silva

Porto Alegre, junho de 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Valério Máximo, Roma e o outro: imagens da Grécia em Roma no século I d.C.

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Marshall.

Guilherme Dias da Silva

Porto Alegre, junho de 2009.

Guilherme Dias da Silva

Valério Máximo, Roma e o outro: imagens da Grécia em Roma no século I d.C.

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Marshall.

Dissertação defendida em 26 de junho de 2009.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Francisco Marshall (UFRGS)
Orientador

Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello (USP)

Prof. Dr. José Carlos Baracat Jr (IL – UFRGS)

Prof. Dr. José Rivair Macedo (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Roberto Joni da Silva
31/08/1948 – 30/09/2008

Est honor et tumulis, animas placare paternas,
Parvaque in extinctas munera ferte pyras.
Parva petunt Manes: pietas pro divite grata est
Munere; non avidos Styx habet ima deos.
(Ovídio, *Fastos*, II: 533-536)

Gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Francisco Marshall, que me orientou desde a graduação até aqui. As numerosas leituras, reuniões, comentários e sugestões foram fundamentais para que este trabalho fosse terminado. Obrigado.

Igualmente, agradeço ao CNPq, que me concedeu uma bolsa de mestrado no período de 2007-2009. Obrigado.

Aos participantes da banca examinadora: Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello (USP), Prof. Dr. José Carlos Baracat Jr. (IL/UFRGS), e Prof. Dr. José Rivair Macedo (UFRGS), meus agradecimentos. As considerações de todos, levantadas na qualificação e na defesa deste trabalho, foram indispensáveis para que este tomasse a forma que hoje apresenta.

Aos demais colegas e amigos que me acompanharam, mesmo sem saber direito o que, raios, eu estudava: Dante, Caroline, Kayser, Kunst, Débora, e todos os outros. Se eu fosse citar todos, a lista ficaria maior do que esta página.

Aos colegas no Núcleo de História Antiga: Dênis, Gabbardo, Deise – que compartilharam comigo das nossas excelentes instalações no Campus do Vale.

Também gostaria de agradecer ao “contribuinte anônimo” que gentilmente paga pela UFRGS, pelo CNPq, e por todo o resto. Uma das principais motivações para terminar o meu trabalho era fazer valer o dinheiro dele.

Finalmente, e não menos importante, eu gostaria de agradecer à Cristiane, minha namorada.

E uma menção especial ao *homo lepus*, irreverente como sempre.

Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 181, 1-6:

“E Apolôdoros de Atenas em sua *Coleção de Doutrinas*, querendo mostrar que as obras de Epícuro, escritas com vigor natural e forte originalidade e livres de citações alheias, eram muito mais numerosas que os livros de Crísipos, diz literalmente o seguinte: ‘Se tirássemos das obras de Crísipos todas as citações alheias, suas páginas ficariam em branco’”.

Tradução de Mário da Gama Kury.

Diógenes Laértios. **Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1988. p.223.

RESUMO

O presente trabalho intitula-se **Valério Máximo, Roma e o outro: imagens da Grécia em Roma no século I d.C.**. Tem por objetivo analisar, dentro da obra *Feitos e Ditos Memoráveis* de Valério Máximo, escritor romano do século I d.C., as diferentes formas de representação dos gregos e de sua influência cultural. Pretendemos apresentar duas visões axiais presentes no texto. Uma apresenta a Grécia sob uma imagem positiva, reconhecendo as numerosas contribuições da cultura grega aos romanos. A outra, negativa, vê os gregos como potencialmente corruptores, e procura rotulá-los com defeitos. Há uma utilização pragmática destes dois *tropoi* retóricos. Esses variam de acordo com a necessidade do autor de ilustrar um dado feito ou dito memorável sob um tema predeterminado, como "sobre os ingratos", por exemplo. Os *Feitos e Ditos Memoráveis* possuem grande variedade de assuntos e uma organização por temática, constituindo assim um importante registro dos temas relevantes na cultura romana na primeira metade do século I d.C.. O presente trabalho foi realizado com o apoio do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil, sob a forma da concessão de Bolsa de Mestrado.

Palavras-chave: Valério Máximo. Império Romano. Representações romanas acerca dos gregos.

ABSTRACT

The following work is entitled **Valerius Maximus, Rome and the other: images of Greece in Rome in the first century AD**. It aims to analyse, in the work *Memorable Doings and Sayings* of Valerius Maximus, Roman writer of the first century AD, the different representations of the Greeks and their cultural influence. We intend to present two main approaches, as they appear depicted in the text. The first one presents Greece under a positive image, recognizing the many contributions of Greek culture to the Romans. The other, negative, sees Greeks as potential corruptors, and intends to criticize them. There is a pragmatic use of those two rhetorical *tropoi*. They vary according to the author's need to illustrate a given memorable deed or saying under a predetermined theme, such as "on the ungrateful" for instance. The *Memorable Doings and Sayings* encompasses a large variety of matters, and a thematical organization, thus constituting an important record of relevant themes in Roman culture on the first half of the first century AD. This work was done with the support of the National Council for Scientific and Technological Development – CNPq – Brazil, through the concession of a Mastery scholarship.

Keywords: Valerius Maximus. Roman Empire. Roman representations of Greeks.

SUMÁRIO

PRAEFATIO (INTRODUÇÃO)	9
1 PRAESENTATIO	21
1.1 AUCTOR.....	21
1.2 OPUS.....	24
1.3 FORTUNA VALERIANA.....	31
1.4 PARS THEORICA ET HYPOTHETICA.....	34
1.5 CRITICA MODERNA.....	39
2 GRAECIA CAPTA	43
2.1 CURSUS.....	43
2.2 PERSONAE.....	53
2.2.1 PLAUTUS.....	54
2.2.2 CATO.....	55
2.2.3 CICERO.....	57
3 DOXA VALERIANA	62
PREÂMBULO	62
SOBRE A GRÉCIA E OS GREGOS.....	62
3.1 SOBRE OS DEFEITOS DA GRÉCIA	65
3.1.1 INGRATA ATENAS.....	81
3.2 TENSÕES ENTRE O INDIVÍDUO E A TURBAMULTA	88
3.3 A INSERÇÃO DA CULTURA GREGA EM ROMA E EM VALÉRIO	98
3.3.1 A AÇÃO DAS INSTITUIÇÕES GREGAS.....	109
3.3.2 MANIFESTAÇÕES DA ARTE E DA CULTURA GREGA.....	111
3.4 AS VIRTUDES MORAIS DOS GREGOS	114
3.4.1 CASTIDADE, FIDELIDADE E GRATIDÃO.....	114
3.4.2 A CORAGEM DOS ESPARTANOS (E DE ALGUNS OUTROS GREGOS).....	122
3.4.3 OS “GRANDES PERSONAGENS”, A FILOSOFIA, E O FORTALECIMENTO DO CARÁTER.....	128
3.4.3.1 <i>Não são só os filósofos que podem ser sábios</i>	133
3.5 UM PRELÚDIO À CONCLUSÃO: ATENIENSES E ESPARTANOS	135
4 CONCLUSÃO	138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143
APÊNDICE A - TABULA I – CATÁLOGO DE EDIÇÕES DE VALÉRIO MÁXIMO, 1470 – 2004	149

PRAEFATIO (INTRODUÇÃO)

Este trabalho tem por objetivo estudar as diferentes formas de representação da figura do grego na obra *Facta et Dicta Memorabilia* (*Feitos e Ditos Memoráveis*) (doravante *Feitos*) de Valério Máximo, escritor romano do século I. d.C.¹.

A obra *Facta et Dicta Memorabilia*, ou "*Feitos e Ditos Memoráveis*", é uma compilação de anedotas, coligidas de outros autores, geralmente dispostas em um parágrafo, sobre os mais variados temas. Uma lista completa deles se encontra na seção 1.2 deste trabalho. Há discussão sobre seu propósito: se é um vade-mécum para retóricos, ou se é um manual de exemplos históricos para a educação moral, por exemplo. O fator em comum nestas duas hipóteses sobre o texto é a profunda intenção moralizante de Valério, uma vez que no primeiro caso, entre os romanos, a própria retórica haure força do apelo a princípios morais úteis na vida pública, cujos modelos são expressos através dos feitos dos antigos. No segundo, a intenção moral ultrapassa a finalidade retórica e visa à formação do indivíduo. Além disso, os *Feitos* constituem fonte valiosa por apresentarem um mapa dos temas relevantes na cultura romana no momento de sua concepção: o principado de Tibério.

A idéia de estudar os caracteres gregos nos *Feitos* nasce da própria leitura do texto. Valério Máximo, ao escrever sua obra, separou a maior parte dos exemplos em *romanos* e

¹ Algumas considerações técnicas prévias:

1 - A numeração do texto de Valério, nas suas edições, segue a seguinte lógica. Cada exemplo nos *Feitos* possui uma série de números que o identifica. Exemplos romanos possuem numeração normal, enquanto os exemplos não-romanos dos *Feitos* possuem a abreviatura "ext" antes do parágrafo, para sinalizar que se trata de exemplos estrangeiros. (*exempla externa*). Em 2.6.3, por exemplo, o primeiro número (2) refere-se ao livro; o segundo (6) refere-se a um tópico/rubrica, que possui um tema específico (antigos costumes). O terceiro (3) é um exemplo do tema, na maior parte das vezes sob a forma de um parágrafo. Deve-se ressaltar que a ordem do texto valeriano apresenta primeiro os exemplos romanos (1,2,3,4,5,6,7...) e depois recomeça a contagem com os exemplos estrangeiros (*ext.1, ext.2, ext.3*).

2 - O texto básico dos *Feitos* utilizado neste trabalho é o estabelecido por D.R. Shackleton Bailey (2000), da *Loeb Classical Library*, da Harvard University Press. Não há traduções de Valério para o português, até onde saibamos. Levando em consideração o processo de esquecimento sofrido pelos *Feitos* que detalharemos adiante no texto, é altamente improvável que se tenha feito modernamente alguma tradução desta obra para o português. Logo, as traduções são minhas, com consulta ao texto latino e à tradução de Shackleton Bailey. Da mesma forma, as citações textuais (em inglês, por exemplo) serão apostas em tradução para o português no corpo do texto, e, na língua original, nas notas. As traduções são, igualmente, minhas, salvo nota contrária. Os textos clássicos com tradução em português seguem avulsos; seus tradutores estão indicados na bibliografia.

3 - De 1.1.*ext.4* a 1.4.*ext.1* há uma lacuna substituída, na maior parte das edições, pelos epítomes de dois autores da Antiguidade tardia que resumiram o texto valeriano. É o caso da edição *Loeb* que usamos neste trabalho. Na listagem dos exemplos dada na seção 1.2, os epítomes estão indicados em itálico.

4 - Em alguns trechos deste trabalho, são feitas menções a considerações feitas em outros subcapítulos. Como este trabalho se estrutura numericamente de maneira semelhante aos exemplos dos *Feitos*, distinguimos a nossa numeração dos exemplos de Valério apontando-as com algum adendo retórico como "na seção 3.3", por exemplo. Já os exemplos valerianos geralmente não possuem menções especiais; quando as possuem, geralmente estas são adicionadas para efeito de clareza.

estrangeiros (exempla externa). O principal estrangeiro através do qual se institui o processo de caracterização da cultura romana é o grego, cujos casos constituem mais de 2/3 dos exemplos estrangeiros de Valério. Outros povos aparecem no texto valeriano: cartagineses, gauleses, nômicas, persas e outros.

As representações dos gregos surgem, no texto dos *Feitos*, sob diversas formas. Neste trabalho, sinalizaremos como tais três instâncias no texto valeriano: a) os gregos tomados coletivamente; b) a influência da cultura grega, na religião, na filosofia e em outras artes; c) personagens históricos cuja atuação seja relevante para a construção de uma “imagem” positiva ou negativa acerca dos gregos.

Demonstraremos algumas destas ocorrências. Em 2.6.3, tratando de antigos costumes, Valério menciona que os atenienses, muito experientes nos costumes pacíficos (em contrapartida aos espartanos, muito imbuídos de valor guerreiro), consideram a preguiça vergonhosa, e a reprovam publicamente. Já em 5.3.ext.3a, divisão dedicada aos ingratos, Valério considera os atenienses culpados por terem banido Teseu, fundador da cidade, para uma ilha ínfima. Os personagens, nos dois exemplos, são os atenienses, que são gregos. A conduta dos mesmos é aprovada por Valério no primeiro exemplo, e, no segundo exemplo, é reprovada por constituir ingratidão.

Em 1.3.1, parte do texto valeriano da qual apenas nos restam epítomes, intitulada “*da superstição*”, Valério trata da abolição das Bacanais em 186 a.C.. Tanto Júlio Páris (provavelmente do III século d.C.) quanto Januário Nepociano (possivelmente do séc. IV d.C. em diante), epitomadores tardo-antigos do texto (segundo SKIDMORE, 1996, p. XV, Nepociano é provavelmente mais tardio que Páris), mencionam que os ritos foram abolidos quando se transformaram em loucura, e Nepociano cita ainda seu caráter estrangeiro. Nosso ponto de interesse: a informação de que Valério, neste ponto, tratava das bacanais, de origem grega.

Já em 3.7.ext.1a, que versa sobre a autoconfiança, o tragediógrafo Eurípides, ao ser interpelado pela multidão ateniense para que retirasse um trecho de certa obra sua, replicou que era ele que escrevia para ensinar o povo, e não o contrário. Este é um dos vários exemplos onde um personagem destaca-se da multidão, retratada usualmente de forma negativa. Tanto Eurípides, por contrapor-se à multidão, quanto a própria multidão, por agir (erradamente, segundo Valério) contra Eurípides, igualmente são importantes por demonstrarem uma tendência da representação dos gregos nos *Feitos*.

Partimos do pressuposto de que existe um estatuto dúplice da figura do grego na cultura romana. Por um lado, a influência cultural da Grécia é indiscutível na construção de

Roma e os próprios romanos tinham consciência disso. O termo que usamos para indicar esta influência cultural é "helenismo". Quando falarmos de "romanos filohelenos", por exemplo, queremos dizer que estes apreciam a Grécia e sua cultura, e não necessariamente os gregos que lá habitam. A distinção entre uma Grécia idealizada e os seus habitantes é importante na visão romana, e Valério a expressa com riqueza. Afinal, entre os romanos, os gregos, juntamente com outras nações conquistadas, eram sujeitos à escravidão; a existência de escravos de origem grega em Roma data de períodos bastante recuados. Ainda, os gregos eram alvo de preconceitos genericamente dirigidos a todos os não-romanos (e aos orientais, com mais frequência), mas também possuíam alguns defeitos especiais, alguns dos quais, curiosamente, eram os mesmos que os próprios gregos atribuíam aos inimigos persas em períodos anteriores de sua história.

Os estereótipos negativos são propostos com a intenção de reforçar o caráter potencialmente corruptor do estrangeiro. Sua má influência é adversa à manutenção dos costumes puros dos ancestrais (*mos maiorum*), que constituíam, para os tradicionalistas, a sustentação do poder romano. Ao enunciar estas características negativas, Valério tende a assumir uma postura tradicionalista. Estes dois pontos de vista sobre os gregos, positivos e negativos, são os eixos sobre os quais se desenvolvem os exemplos valerianos que analisaremos, sem, no entanto, como veremos adiante, constituírem as únicas possibilidades no texto. Um breve histórico destes pontos de vista é o material do capítulo segundo, intitulado *Graecia Capta*.

Mas não é só enquanto expoente deste ponto de vista polivalente que consideramos os *Feitos* importantes. Alguns dos comentadores modernos de Valério basearam-se na idéia de que os *Feitos* não seriam nada mais do que uma coletânea de *tropoi* retóricos, como C. J. Carter (1975) e W. M. Bloomer (1992). No entanto, nos trabalhos de Clive Skidmore (1996), e de Hans-Friedrich Mueller (2002), entre outros comentadores, assume-se que os *Feitos* possuem um sentido, uma coerência que visa expressar seja um programa religioso, no caso de Mueller, ou um conjunto de noções morais práticas, no caso de Skidmore. Consideramos a intencionalidade moral mais promissora porque entendemos que a retórica romana não está desvinculada desta, mas possui sempre caráter formativo.

Propomos a abordagem dos *Feitos* como replicadora de uma tradição histórica e enunciativa de visões antigas e atuais sobre os gregos. *Replicadora*, uma vez que se vale de um vasto conjunto de referências anteriores, que são as obras das quais Valério tomou seus exemplos, e também a tradição do helenismo em Roma. *Enunciadora*, uma vez que reorganiza estes exemplos variados de acordo com uma nova ordem e um novo eixo

explicativo (os temas). Os *Feitos* são ainda enunciadores em função de julgarmos que cada representação dos gregos e de sua cultura cumpre um papel pragmático dentro do tópico onde está alocada. As utilizações dos estereótipos negativos acerca dos gregos, por exemplo, no cumprimento desta função, podem aparecer ou desaparecer conforme a necessidade do tópico valeriano, que, como já dissemos, tem uma intenção moral.

Para nossas análises, foi muito valioso o conceito de *formação discursiva*, formulado inicialmente por Michel Foucault. Consideramos que as "visões" do grego dentro da obra de Valério são fragmentárias por definição; não há um "discurso sobre o grego" **único**. O que existem são múltiplos enunciados, delimitados e selecionados dentro do universo do texto pela perspectiva do analista, onde afirmações, negações, desaparecimentos do objeto, mudanças da ênfase sobre a qual ele é tratado o dotam de características próprias, dentro das *regras de formação* do discurso, sejam elas a coerência do objeto, a similaridade na modalidade de enunciação, de conceito ou de escolha temática (FOUCAULT, 2004, p. 43; BRANDÃO, 1996, p. 28-30). Valério não buscou, nos *Feitos*, apresentar uma visão uniforme dos gregos. Há, em sua obra, uma espécie de ambigüidade acerca das representações destes, que se fundamenta na utilização pragmática dos estereótipos possíveis². Esta utilização replica o estatuto igualmente ambíguo que a Grécia e sua cultura possuíam em Roma, e este é um dos méritos de Valério: a ausência de intenção de uma caracterização uniforme dos gregos nos *Feitos* permitiu que a tensão entre as diferentes opiniões acerca dos mesmos ficassem evidentes no texto valeriano, tornando-o assim representativo.

O DISCURSO E SUAS PARTES.

Uma das questões tratadas por Michel Foucault em sua obra "*A Arqueologia do Saber*"³ (2004), é a da busca, ou movimento, sofrido pela história no sentido de que, em lugar

² Ou mesmo negando a existência de quaisquer estereótipos como recurso retórico. Narrando uma ação piedosa do rei Masinissa, em 1.1.ext.2, Valério diz: "um feito mais adequado ao caráter de Masinissa do que ao seu sangue púnico". Em seguida, em 1.1.ext.3, começa o exemplo dizendo: "Mas por que atribuir maneiras pela raça?". Muito embora Valério, nesta frase, posicione-se contra esta estereotípi, a própria utilização de termos e estereótipos recorrentes, como os do exemplo anterior – por exemplo, o "*sangue púnico*" (*punico sanguini*) em 1.1.ext.2 - denota o contrário. O trecho "Mas por que..." cumpre, na introdução de 1.1.ext.3, uma função idêntica às utilizações dos estereótipos positivos e negativos em Valério: validam este exemplo, mas não são universalmente válidas.

³ A publicação da primeira edição da *Arqueologia do Saber*, obra da qual nos valem, ocorreu em 1969. 2004 é a data da edição brasileira usada para as citações.

das relações usualmente percebidas como legítimas na escrita da história (como a de sucessões de eventos apresentados sob uma lógica de causalidade compulsória), fez-se necessária uma mudança de perspectiva no entendimento dos mesmos “processos” na explicação dos ditos “conceitos” ou “idéias” (FOUCAULT, 2004, p.8-10). Onde se percebia uma continuidade uniforme, na qual cada ação era vista como a consequência natural e necessária de seus desdobramentos anteriores, Foucault procurou ressaltar a dissonância. Pois, no desenrolar da história, existe uma miríade de acontecimentos e processos que se relacionam e determinam-se. Na explicação histórica criticada por Foucault, apenas os eixos tidos por mais “importantes” (desdobramentos econômicos, políticos) seriam considerados relevantes, configurando uma visão um tanto reducionista da história. Certamente, porém, esta visão baseada na sucessão compulsória dos fatos, entendidos num sentido teleológico, não emergiu do nada. Ela possui uma consequência que não passou despercebida por Foucault:

[...] Se a história do pensamento pudesse permanecer como o lugar das continuidades ininterruptas, se ela unisse, continuamente, encadeamentos que nenhuma análise poderia desfazer sem abstração, se ela tramasse, em torno do que os homens dizem e fazem, obscuras sínteses que a isso se antecipam, o preparam e o conduzem, indefinidamente, para seu futuro, ela seria, para a soberania da consciência, um abrigo privilegiado. [...] a promessa de que o sujeito poderá, um dia, sob a forma da consciência histórica - se apropriar, novamente, de todas essas coisas mantidas a distância pela diferença, restaurar seu domínio sobre elas e encontrar o que se pode chamar sua morada. (FOUCAULT, 2004, p.14)

Resumindo: perceber a história como continuidade é apropriar-se dela, de seu desenrolar, ordenando e controlando o passado. Adicionamos a este desenvolvimento as proposições de Pierre Bourdieu (2004⁴), que considerou, de maneira similar a Foucault, que as visões de mundo tidas como aceitas em determinado período não o eram por simples relação de contingência. Em lugar disso, eram o resultado de um embate de diferentes visões de mundo, ou sistemas de idéias defendidos por diversos grupos sociais, em busca de uma primazia de enunciação, que, em suma, é o “poder” de apresentar a sua visão da realidade, ou dos fatos, como correta, e de **tê-la aceita como tal** pela coletividade, num dado período. Esta faculdade é o exercício do *poder simbólico*. Ele tem certas características:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo, e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica) graças ao efeito

⁴ O ano de 2004 é a data da edição de *O Poder Simbólico* usada neste trabalho (a 7ª). O copyright indicado no texto é de 1989.

específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 2004, p. 14, grifos do autor).

“*Ignorado como arbitrário*”. Este é um ponto importante, uma vez que leva à idéia de que a representação do mundo por um dado grupo pode ser dada como legítima por um suposto “fator externo” à luta entre representações, como “Deus”, e “a Realidade”, tornando esta representação difícil de ser atacada, uma vez que certificada por alguma destas supostas “últimas instâncias de legitimidade”. Parte daí a ilusão de que esta representação vitoriosa o é porque é “correta” e “natural”, decorrendo logicamente da percepção correta da organização do mundo.

A visão da história censurada por Foucault, calcada na continuidade como eixo explicativo (e carregando consigo tanto a noção de contingência quanto uma visão teleológica da história), enquadra-se na ilusão/ocultação de origem decorrente do poder simbólico segundo Bourdieu. Foucault diz que ordenar a história é apropriar-se dela; Bourdieu reitera: para seus próprios interesses.

E qual é a arma usada pelos diferentes grupos em conflito pelo poder simbólico? O privilégio de dizer a “realidade” se expressa na forma de um **discurso** sobre ela, e formulado dentro dela. Entendemos “discurso” como sendo o conjunto de significados associados a um dado termo/palavra em construções específicas, ou seja, numa sentença e em seu contexto. Isso não quer dizer que estes significados sejam uniformes ou coerentes entre si. Para Foucault, a análise de um discurso:

[...] não tentaria isolar, para descrever sua estrutura interna, pequenas ilhas de coerência; não se disporia a suspeitar e trazer à luz os conflitos latentes; mas estudaria formas de repartição. Ou, ainda, em lugar de reconstituir *cadeias de inferência*, [...] em lugar de estabelecer *quadros de diferenças* [...] descreveria *sistemas de dispersão*.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* [...] Chamaremos de *regras de formação* as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva (FOUCAULT, 2004, p.42-43).

Os *Feitos e Ditos Memoráveis* são bom exemplo de um conjunto de idéias sobre a “realidade”, ou de “visões sobre o mundo”. Para Valério, assim como para a historiografia da Antiguidade, a escrita da história tem por intenção eternizar os acontecimentos dignos de nota para que possam ser exemplos para a posteridade (basta lembrar da citação clássica de Cícero:

“Historia [...] magistra vitae” (*De Oratore, II, 36, 1-2*). E a relação entre história e exemplo baseia-se justamente na força coercitiva que o fato nomeado possui. “*Pode-se ser herói hoje, por que Fulano, avô de Sicrano, foi herói há cem anos. Ele existiu, os fatos o atestam; seus feitos são lembrados por todos*”. Desta forma, memória (narração do feito), tradição (inserção do feito em um panorama histórico cercado de respeito), e moralidade (juntamente com o potencial educativo que a apresentação do exemplo possui) se reafirmam no discurso.

Pensar em Bourdieu ou em Foucault ao tratar de um texto da Antiguidade Clássica pode nos trazer alguns novos pontos de vista. Por exemplo, pode-se perceber o caso da “luta pelo poder simbólico”, como uma luta desigual, uma vez que os registros da Antiguidade chegados até nós falam muito dos romanos e dos gregos, mas com relação aos “bárbaros”, muitas vezes os únicos registros escritos são os feitos pelos “civilizados”. É importante ressaltar que a diferença entre o comportamento de um povo e o que é dito ou se pode dizer acerca dele pode ser muito grande. Apresentar os povos dominados ou domináveis num lugar à parte no texto, considerando-os exemplos de menor valor unicamente por que são estrangeiros, como Valério o faz, configura, para nós, uma afirmação do poder romano. Mais, trata-se de uma auto-afirmação; o texto está escrito em latim, e o destinatário simbólico do texto é o próprio imperador Tibério. A eficácia do poder simbólico é tanto maior quanto mais o discurso esconde o caráter arbitrário do domínio.

Muitas vezes, o que Valério apresenta como fato histórico verídico tem incorreções, facilmente detectáveis pela crítica⁵. Isso não prejudica o objetivo principal de sua compilação, que é a edificação moral, e muito menos afeta o poder dos exemplos valerianos de construir uma imagem acerca dos seus protagonistas e oferecê-la como autêntica. E, se esta imagem não sofrer reveses - como a competição de visões contrárias a que esta defende - ou se esta imagem concordar com um conjunto de referências pretéritas de maneira suficiente para que sejam reconhecidas como complementares, passa então a ser considerada como autêntica, e funcionar como tal, mesmo que “incorreta”. Soma-se a isto ainda a idéia de que certo “embelezamento” retórico não era rechaçado na historiografia da Antiguidade, malgrado as exortações de Tucídides. Uma vez que seu propósito era a edificação moral, não havia

⁵ Uma amostra destas incorreções: em 3.2.16, parte da obra de Valério destinada aos exemplos de bravura, este conta que, durante uma batalha, Catão foi atacado pelo inimigo, e sua espada caiu da bainha no chão. Quando Catão percebeu a queda, com a maior tranquilidade, foi até onde a espada havia caído, no meio da batalha, pegou a mesma, e continuou lutando como se nada tivesse acontecido. O inimigo viu tal sangue-frio e, no dia seguinte, apresentou-se com uma oferta de paz. O problema aí é que a crítica moderna julga que Valério confundiu-se na autoria do feito. Este teria sido realizado pelo filho de Catão, de mesmo nome. Tal inferência foi depreendida por uma ambigüidade no texto valeriano, que sugere o filho, mas refere-se textualmente ao pai. (VALERIUS MAXIMUS, 2000, vol I, p. 248-249, n.24).

maiores problemas neste expediente, o que acarreta certa distorção para olhos acostumados a padrões rigorosos de acurácia histórica.

Particularmente importante no pensamento foucaultiano sobre o discurso é a discussão sobre o enunciado, sua partícula formatriz. Pode-se afirmar que o discurso sobre algo é uma coleção de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva. O que é o enunciado, e como o percebemos neste trabalho? Para Foucault, o enunciado tem o caráter de uma função:

[...] o enunciado não é uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem; não se apóia nos mesmos critérios; mas não é tampouco uma unidade como um objeto material poderia ser, tendo seus limites e sua independência. Em seu modo de ser singular (nem inteiramente lingüístico, nem exclusivamente material) ele é indispensável para que se possa dizer se há ou não frase, proposição, ato de linguagem; e para que se possa dizer se a frase está correta (ou aceitável, ou interpretável), se a proposição é legítima e bem constituída, se o ato está de acordo com os requisitos e se foi inteiramente realizado. Não é preciso procurar no enunciado uma unidade longa ou breve, forte ou debilmente estruturada, mas tomada como as outras em um nexó lógico, gramatical ou locutório. Mais do que um elemento entre outros, mais que um recorte demarcável em um certo nível de análise, trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presentes ou não. O enunciado não é, pois, uma estrutura [...] é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado pela sua formulação (oral ou escrita). (FOUCAULT, 2004, p. 97-98).

Segue-se daí que o enunciado não reside, necessariamente, numa unidade tal como uma frase. Ele pode *estar* na frase, o que não é o mesmo que *ser* uma frase. A última instância frente a qual se pode decidir pela existência ou não, de um enunciado numa dada asserção é a existência de um *sentido, ou utilidade percebidos pelo analista*. Um enunciado:

[...] Está antes ligado a um “referencial” que não é constituído de “coisas”, de “fatos”, de “realidades”, ou de “seres”, mas de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas. (FOUCAULT, 2004, p.103).

No início de nossa pesquisa, a homologia entre a idéia de enunciado segundo Foucault e os parágrafos valerianos foi tida por evidente. No entanto, uma análise mais detida dos textos levantou algumas considerações de interesse. A primeira: como salientamos acima,

cada parágrafo valeriano apresenta um acontecimento/feito/dito memorável, sob a forma de uma pequena redação, com introdução, desenvolvimento e conclusão/moral da história. Acontece algumas vezes que Valério use a conclusão de um parágrafo para seguir ao próximo, usualmente através de um artifício retórico baseado em analogias (semelhança de ação, alguma particularidade em comum). Isso não impede que cada exemplo/parágrafo seja tomado como uma pequena unidade argumentativa, ligada ao resto do texto por sua rubrica.

Em vista disso, e considerando a forma peculiar da construção retórica de Valério, explicaremos a convergência entre o método de apresentação valeriano e o enunciado foucaultiano.

Os *Feitos e Ditos Memoráveis* compõem uma espécie de meta-texto. Na introdução de sua obra, Valério escreve que compilou os feitos e ditos memoráveis que estavam dispersos, de forma a poupar trabalho ao leitor. Ou seja, reúne textos de várias fontes, reescrevendo-os de maneira a apresentar uma nova coesão, peculiar aos *Feitos*: a apresentação por tópicos. Em cada tópico, os feitos memoráveis são introduzidos por pequenos parágrafos, que apresentam brevemente o caso ou seu protagonista. Ocasionalmente Valério usa uma frase breve para conectar um exemplo ao outro, seja por alguma similaridade ou baseada na virtude ou tema da rubrica. Se pudéssemos afirmar uma “teoria do discurso” particular a Valério, diríamos que a unidade básica do discurso valeriano é o exemplo. Este exemplo é uma unidade avulsa de informação, provinda de fontes variadas, que só possui lugar numa rubrica por apresentar uma virtude em comum com os outros exemplos. O fato que é apresentado pelo exemplo constitui uma aplicação, ou manifestação prática da virtude. Se tomarmos exemplos que tenham por protagonistas os gregos, avaliados sob uma perspectiva romana, não há diferença, pois, entre exemplo valeriano e o enunciado foucaultiano, de acordo com os conceitos citados e discutidos acima.

O problema começa quando os exemplos apenas mencionam marginalmente o tema desejado, ou quando o assunto é citado, mas não possui sentido moral atrelado a si. Dessa forma, não são passíveis de utilização neste trabalho, pois não convenciam nenhum sentido para a análise. Como vimos acima, nem toda a unidade argumentativa pode ser adequadamente considerada um enunciado no sentido foucaultiano se não corresponder às “leis de possibilidade”, ou “regras de existência”, e às séries de relações descritas por Foucault. O critério que usaremos para definir o que é um enunciado válido para a leitura de um dado acontecimento em Valério é o seguinte: *se há, na narrativa de um dado acontecimento em Valério, alguma menção à Grécia, ou aos gregos e sua influência, e esta menção conota algum juízo de valor por parte do autor, declarado ou implícito, seja expresso*

no próprio parágrafo, seja pela inserção do exemplo em alguma rubrica de virtude ou defeito, fica configurada a **equivalência** entre exemplo valeriano e enunciado foucaultiano a ser usado na presente análise.

A segunda consideração diz respeito ao fato de tomarmos como “regras de existência para os objetos que se aí se encontram nomeados, designados ou descritos” (ecoando a citação de Foucault na nossa página 16) a existência de uma designação explícita do personagem nomeado. Nem sempre a mera nomeação de um personagem é suficiente para conferir validade ao exemplo na nossa análise. Neste trabalho, selecionaremos apenas as referências à Grécia e aos gregos que possuam caráter valorativo.

A partir do conjunto de enunciados selecionados de acordo com este critério, indicaremos as características gerais atribuídas aos gregos na obra de Valério. A plena compreensão destas características, da forma como são descritas nos *Feitos*, requer a análise do *processo* de helenização de Roma, de que trataremos no capítulo segundo. Entendemos, então, que a ação do contexto onde o texto é produzido é indissociável deste. Permeia-o, delimitando o conjunto das possibilidades válidas de aposta, do horizonte de expectativas históricas do mesmo (MAINGUENEAU, 2000, p. 33).

Há ainda um outro conceito importante nesta análise. Trata-se do conceito de “memória discursiva” desenvolvido por Dominique Maingueneau (1984). Sua formulação se dá nestes termos:

O discurso se conduz assim entre duas memórias convergentes:

- uma memória “interna” que vai se enriquecendo e aumentando sua autoridade à medida em que o tempo passa, que os textos se acumulam, os homens desaparecem, tornam-se heróis, ou eventualmente mártires, da causa;
- uma memória de filiação “externa” que lhe legitima, inscrevendo-a na linha dos ancestrais, e estabelecendo uma linha correspondente de adversários (a qual com aquela são compelidos a identificar as figuras do Outro). (MAINGUENEAU, 1984, 130-131)⁶

Pode-se considerar que o texto de Valério obtém sua legitimação através da retirada de exemplos da história, do apelo aos costumes antigos como fonte de firmeza moral (a rubrica de Valério dedicada aos costumes antigos é uma das mais extensas), e estabelece a sua “linha

⁶ “Le discours se trouve ainsi pris entre deux mémoires convergentes:

- une mémoire <<interne>> qui va s’enrichissant et accroissant son autorité au fur et à mesure que le temps passe, que les textes s’accumulent, les hommes disparaissent, devenant héros, ou éventuellement martyrs, de la cause;

- une mémoire de filiation <<externe>> qui le légitime en l’inscrivant dans la lignée dès ancêtres, et en passant une lignée correspondant d’adversaires (celle avec laquelle sont appelés à s’identifier les figures de l’Autre)”

de adversários” *dentro de si mesmo*, sob a forma da divisão entre exemplos romanos e estrangeiros. Ainda, replica, com seus exemplos, as possibilidades de tratamento dos gregos (ou “regras de existência”) formuladas no longo processo de contato entre estes e os romanos. Surge daí a importância de documentar este processo, delineado no capítulo segundo. A memória interna, por outro lado, diz respeito à própria fortuna do texto valeriano, e de sua eficiência na proposição de uma variedade de abordagens possíveis dos gregos que, como vimos, é herdada do passado, mas não é inteiramente copiada por Valério, porém formulada também por ele⁷.

Este trabalho divide-se em três grandes movimentos, que cumprem uma função articuladora da pesquisa e da argumentação: *quem fala, do que fala, e como fala*. A primeira parte, intitulada *Praesentatio*, destina-se à introdução do autor e de sua obra. Da mesma forma, analisa sua fortuna crítica, medieval, moderna e atual. Durante a Idade Média, os *Feitos* tiveram grande popularidade e número significativo de edições após o advento da imprensa. No entanto, houve um grande decréscimo deste prestígio, a ponto dos *Feitos* serem quase desconhecidos atualmente. Esta letargia começou a ser quebrada apenas recentemente, com novas edições dos *Feitos* e trabalhos acadêmicos sobre a obra, tais como os de Clive Skidmore (1996), Hans-Friedrich Mueller (2002), e a presente dissertação, entre outros.

Assim, o estudo dos *Feitos* possui dois aspectos. Um deles é o fato de, em função da escassez de trabalhos, havermos de nos deter largamente em um pequeno número de autores; o outro é o fato de existirem ainda vastas possibilidades de pesquisa ainda inexploradas. Cabe analisar, todavia, a recente reavaliação dos *Feitos*. Nossa premissa é a de que Valério Máximo é um autor representativo de noções correntes, na Roma do século I d.C., acerca do estrangeiro, e mais particularmente do grego, e que estas noções expressam a tradição do helenismo em Roma, possuindo impacto significativo em contextos imediato e posterior. Trata-se, pois, neste capítulo designado *Praesentatio*, de apresentar **quem fala**: Valério Máximo e sua obra.

A segunda parte chama-se *Graecia Capta*. Este título foi retirado de uma famosa frase de Horácio (*Epist.* II, 1, 156): *Graecia capta ferum victorem cepit et artis intulit agresti Latio*, ou "A Grécia cativa capturou seu feroz vencedor, e as artes entraram no agreste Lácio". Trata-se de uma frase muito representativa da maneira como a influência da cultura grega era percebida pelos romanos, e figura em praticamente todos os trabalhos que versam sobre o tema. Neste capítulo, faremos um levantamento do processo de helenização de Roma, em dois

⁷ Invertemos o comentário da citação listando primeiro a memória externa, por considerar que, no nosso trabalho, esta possui maior importância.

eixos. O *primeiro* é um sumário cobrindo as origens da influência grega em Roma até a época de Valério. Em *segundo* lugar, apresenta-se uma discussão sobre os estereótipos usualmente atribuídos aos gregos. Há uma vasta lista destes, em sua maior parte negativos. No entanto, o contraste provocado pela aceitação do helenismo na arte, na ciência, na filosofia e na oratória, por exemplo, e do preconceito existente contra os gregos, no desporto, e com relação à sua confiabilidade (entre outras manifestações), leva à reflexão de que o ponto de vista dos romanos sobre o assunto não era unânime, mas continha ambivalências, ambigüidades e complementaridades, de que trata a segunda parte da dissertação, **do que fala**: os pontos de vista romanos acerca dos gregos e do helenismo.

O terceiro capítulo consiste na análise do texto valeriano. O total de exemplos estrangeiros soma cerca de um terço do total de Valério. Dentre estes, os gregos são ampla maioria. É neste capítulo onde se analisa **como fala**: como Valério Máximo, nos *Feitos e Ditos Memoráveis*, trata dos pontos de vista romanos com relação aos gregos e ao helenismo. Este capítulo se divide em cinco partes: a primeira trata das percepções negativas dos gregos. A segunda trata de uma distinção que Valério estabelece entre personagens ilustres e o restante da população. A terceira trata das convergências entre o texto valeriano e os processos de absorção da cultura grega descritos no capítulo anterior. A quarta trata de impressões positivas da Grécia e dos gregos. Antes da conclusão, é apresentada a quinta parte, que sintetiza as opiniões valerianas acerca de dois grupos representativos: atenienses e espartanos. Seguem por último as considerações finais.

1 PRAESENTATIO

1.1 AUCTOR

O que sabemos sobre Valério Máximo, escritor romano, é o que é inferido de sua única obra supérstite, intitulada *Facta et Dicta Memorabilia*, ou "*Feitos e ditos memoráveis*". A obra data do século I d.C., sendo a data mais provável de sua redação o período entre os anos de 27 e 31 d.C., sob Tibério (CARTER, 1975, p. 31); o mesmo é indiretamente referido no início da obra.

Existem algumas passagens no texto dos *Feitos* que permitem situar o texto e o autor, mesmo que parcialmente, em uma perspectiva histórica: uma delas, dos poucos trechos em todo o texto onde Valério coloca-se como um dos protagonistas, é a menção, em 2.6.8, de uma viagem que o próprio Valério teria feito à Ásia em companhia de um personagem chamado Sexto Pompeio⁸:

Quam consuetudinem Massiliensium non in Gallia ortam sed ex Graecia translata inde e<xi>stimo, quod illam etiam in insula Cea servari animadverti, quo tempore Asiam cum Sex. Pompeio petens Iulide<m> oppidum intravi [...] (2.6.8).

Eu suponho que este costume dos Massilienses⁹ não se originou na Gália, mas foi trazido da Grécia, porque eu o vi também seguido na ilha de Ceos, quando, por ocasião de minha ida à Ásia com Sex. Pompeio, entrei na cidade de Julis [...].

Outra passagem é um longo parágrafo, em 9.11.ext.4, onde um conspirador não nomeado é acerbamente censurado. A crítica moderna dos *Feitos* usualmente reconhece, no mesmo, Sejano, prefeito dos pretorianos condenado e morto por conspiração contra Tibério

⁸ Não se sabe se este Sexto Pompeio é o mesmo que foi cônsul em 14 d.C., e governador da Ásia. Sobre a discussão, ver bibliografia: (CARTER, 1975, p. 31-32, SKIDMORE, 1996, p. 114).

⁹ Refere-se ao exemplo anterior, 2.6.7e, onde Valério comenta que os Massilienses mantêm em custódia pública um veneno que qualquer cidadão pode tomar para matar-se, uma vez que tenha apresentado bons motivos ao seu senado. Dessa forma, o indivíduo que quisesse suicidar-se poderia fazê-lo de maneira prática e socialmente aprovada. Em 2.6.8, na sequência da citação, Valério comenta haver encontrado uma senhora idosa que havia decidido matar-se e convidou os romanos da comitiva de Pompeio para que a prestigiassem.

em 31 d.C. (VALERIUS MAXIMUS, 2000, vol I, p. 2; BLOOMER, 1992, p. 1 n.1, 204; HARVEY, 1998, p. 456; MUELLER, 2002, p. 179-180; SKIDMORE, 1996, p. XV, 56.).

Além destas duas inferências do texto, Clive Skidmore, um dos poucos comentadores modernos dos *Feitos*, argumenta que uma terceira passagem (5.5. *praef.*) permite concluir que Valério era muito provavelmente de extração patrícia.

[...] in eodem domicilio antequam nascerer habitavi, in iisdem incunabulis infantiae tempora peregi, eosdem appellavi parentes, eadem pro me vota excubuerunt, parem ex maiorum imaginibus gloriam traxi! (5.5. *praef.*)

Antes de nascer habitei no mesmo domicílio, passei meu tempo de infância no mesmo berço, chamei de pais as mesmas pessoas, as mesmas orações me guardaram, hauri o mesmo orgulho das máscaras dos meus ancestrais!

A referência às *imagines* dos ancestrais é um indicativo relativamente seguro de origem senatorial ou patrícia, uma vez que sua exposição só era permitida àqueles que tivessem pais ou ancestrais que houvessem ocupado uma edilidade curul (SKIDMORE, 1996, p. 115).

A *gens* Valéria era uma das mais nobres famílias patrícias romanas, mas a simples presença de um nome patrício não era, em princípios do Império, garantia de origem superior. O uso de nomes de *gens* extintas por cidadãos de origem modesta era costume no período. Muito embora os Valerii não estivessem extintos, e do *cognomen* "*Maximus*" estar em desuso nesta *gens* desde o século III a.C., substituído então por "*Messala*", Skidmore argumenta que o reemprego do prenome pode apenas significar um toque de nostalgia tradicionalista, possivelmente afinado com a reforma e reutilização de antigas tradições romanas levadas a cabo por Augusto e Tibério. Este procedimento também não era incomum: o autor demonstra três exemplos semelhantes, onde patrícios voltaram a usar cognomes caídos em desuso em sua *gens*, alguns dos quais há mais de três séculos (SKIDMORE, 1996, p. 114-116). Concordamos com Skidmore, tanto mais por ele apresentar exemplos do cognome *Maximus* reutilizados por patrícios V. Messalae em princípios do Império. Isso, somado ao fato de que não há registros de plebeus usando esta combinação, leva à inferência de que Valério era de extração patrícia.

Mesmo, porém, pertencendo à elite romana, não há registro de nenhum cargo público ocupado por algum Valério Máximo. Em sua análise, Skidmore argumenta que tal

acontecimento não era incomum. Na verdade, nem todos os patrícios conseguiam ascender no *cursus honorum*, a carreira pública; nem havia lugar para todos. A tutela de Sexto Pompeio também é justificada: patrícios em desgraça podiam abrigar-se sob a proteção de outros em melhor situação, ou mesmo apelar para as boas graças do imperador, como o segundo parágrafo dos *Feitos* bem atesta:

Te igitur huic coepto, penes quem hominum deorumque consensus maris ac terrae regimen esse voluit, certissima salus patriae, Caesar, invoco, cuius caelesti providentia virtutes, de quibus dicturus sum, benignissime fovetur, vitia severissime vindicantur: nam si prisci oratores ab Iove Optimo Maximo bene orsi sunt, si excellentissimi vates a numine aliquo principia traxerunt, mea parvitas eo iustius ad favorem tuum decurrerit, quo cetera divinitas opinione colligitur, tua praesenti fide paterno avitoque sideri par videtur, quorum eximio fulgore multum caerimoniis nostris inclutae claritatis accessit: reliquos enim deos accepimus, Caesares dedimus. (1, *praef*)

Assim sendo, te invoco a esta tarefa, a mais certa salvação da pátria, em cujo cuidado a vontade unânime dos deuses e dos homens colocou o domínio da terra e do mar – César; por cuja providência celeste as virtudes, das quais falarei, são mais gentilmente mantidas, e os vícios mais severamente vingados. Os oradores do passado justamente começavam por Júpiter Ótimo Máximo, os mais excelentes poetas tomavam sua partida de alguma deidade. Minha insignificância deve levar-me à tua boa-vontade, mesmo porque as outras divindades são inferidas pela crença, enquanto a tua, por presente certeza, é vista como igual à estrela de teu pai e avô, cujo exímio fulgor e muito ínclita claridade somaram-se a nossas cerimônias. Pois os demais deuses recebemos, (mas) os Césares consagramos.

O uso da expressão "minha insignificância" (*mea parvitas*), na citação acima, levou alguns autores a sustentar a idéia de que Valério não tivesse grandes posses, ou que fosse mesmo um cliente. Mas tal servilidade de tratamento não era característica unicamente dos clientes: em princípios do Império, estendia-se até mesmo aos aristocratas (SKIDMORE, 1996, p. 114 n.3, 115). A expressão de Valério também pode ser entendida como um artifício retórico convencional, colocando-se em uma posição de prudente dependência frente à magnitude de César. No entanto, um trecho de Valério (4.7.ext.2b) permite supor que ele estivesse em posição de subserviência a Sexto Pompeio, o que pode indicar uma relação de clientela.

Logo depois da enunciação de seu propósito, Valério Máximo invoca a boa-vontade de César, "salvação da pátria", que recebeu o domínio completo (do mundo) pela vontade unânime dos deuses e dos homens. Assim, a sanção ao poder de César é completa. O

imperador é visto nesta invocação como o único que pode regular, como os deuses, a recompensa do bem e a punição do mal; assim, pode conceder sua proteção ou retirá-la. Valério comenta que constitui uso dos oradores antigos e poetas excelentes começar suas obras através da invocação dos deuses, ou, mais especificamente, das Musas. Os exemplos mais imediatos são as invocações às Musas, de Homero, no começo da *Ilíada*, ou Hesíodo, nos *Trabalhos e os Dias*. Um exemplo romano pode ser encontrado nas *Geórgicas* de Virgílio, onde a lista de invocações é extensa.

Essa invocação no próêmio da obra tem a finalidade de, nos casos homérico e hesiódico, expressar que a verve poética provém da divindade, recebendo assim uma *autoridade* particular. O termo é particularmente feliz porque expressa uma função dupla: é um *autor* que fala, e um autor que tem respaldo no que diz, ou seja, *autoridade*. O apelo de Valério a César como fonte de boa-vontade para a realização da obra articula os dois níveis da relação autor-inspirador: o *autor* é Valério, mas a *autoridade* que se busca estabelecer é a de Tibério (inferida e reforçada também através das referências a seu pai e seu avô divinizados Otaviano Augusto e Júlio César); ele é o único que pode julgar com justiça as virtudes e os vícios que Valério apresenta em sua obra.

Com o advento do Império e a concentração inaudita de poderes nas mãos de um só indivíduo, este se equipara aos deuses, através de um processo levado a cabo pelos próprios súditos. Valério reitera que os deuses são aceitos, mas os Césares foram divinizados pela vontade dos homens. É este o argumento que Valério encontra para justificar a invocação de César e não de Júpiter, por exemplo. César é um deus que está mais próximo.

1.2 OPUS

As primeiras linhas dos *Feitos e Ditos Memoráveis* são as seguintes:

Urbis Romae exterarumque gentium facta simul ac dicta memoratu digna, quae apud alios latius diffusa sunt quam ut breviter cognosci possint, ab illustribus electa auctoribus digerere constitui, ut documenta sumere volentibus longae inquisitionis labor absit. nec mihi cuncta complectendi cupido incessit: quis enim omnis aevi gesta modico voluminum numero comprehenderit, aut quis compos mentis domesticae peregrinaeque historiae seriem felici superiorum stilo conditam vel attentiore cura vel praestantiore facundia traditurum se speraverit? (1, *praef*)

Pretendi seleccionar dentre autores ilustres e organizar os feitos e ditos dignos de memória da cidade de Roma e nações exteriores, demasiadamente dispersos em outras obras para serem rapidamente consultados, com a finalidade de que aqueles desejosos de obter instrução sejam poupados do trabalho de longa pesquisa. Sequer me tomou a vontade de abranger tudo. Quem poderia coligir os feitos de todas as épocas em um módico número de volumes? Ou quem em seu juízo perfeito esperaria relatar com preocupação mais cuidadosa ou melhor eloquência a sucessão da história doméstica e estrangeira preservada pelos felizes cálamos dos antecessores?

O propósito dos *Feitos* é evidente a partir do início: coligir exemplos de feitos e ditos dignos de nota para melhor consulta. Esta forma de escrita, calcada na apresentação de exemplos (coletâneas de *exempla*), de intenção moralizante, de nenhum modo é nova. Pelo contrário, é muito comum na Antiguidade clássica. Com relação à intenção moralizante, percebe-se que, enquanto na Grécia, sob o efeito das obras de Homero, a poesia podia ter um papel bastante relevante enquanto fornecedora de exemplos morais, houve também detratores desta em favor de exemplos históricos. Desdenhando os exemplos poéticos, por exemplo, Isócrates via antes a história como meio de educação moral. Na historiografia, seus discípulos Éforo e Teopompo adotaram seu ponto de vista, e igualmente pensaram a história nos termos desta concepção, exagerando ou não os fatos de acordo com suas necessidades. Este exagero se dava nos termos da utilização da retórica. Esta visão da história como essencialmente moral também é perceptível no trabalho do historiador grego Políbio, segundo Clive Skidmore. De acordo com este autor, a função da história na historiografia grega foi resumida, na *Arte da Retórica* espuriamente atribuída a Dionísio de Halicarnasso, (que viveu no final do século I a.C.) como sendo a "*filosofia por exemplos*", seguindo um modelo de Tucídides. (SKIDMORE, 1996, p. 7-12).

A idéia de que os exemplos são moralmente educativos foi adotada pelos romanos. Estes procuraram valer-se mais de exemplos históricos do que de exemplos mitológicos, embora a utilização destes últimos não fosse desconhecida. O primeiro trabalho histórico romano em que há evidência concreta de intenção moral é localizável no século I a.C., segundo Skidmore. Em Tito Lívio e Tácito, esta intenção já é evidente. Na biografia, a intenção moralizante se verifica primeiramente no trabalho de Cornélio Nepos (ap. 100-25 a.C.), porém não há, em sua obra sobre as *Vidas dos Generais Ilustres*, uma uniformidade de consideração moral: esta é evidente na vida de Aníbal e ausente na de Alcibíades. A biografia de Agrícola por Tácito, assim como as *Vidas* de Plutarco também apresentam marcada intenção de edificação moral, embora haja uma diferença entre elas. Tácito apresenta Agrícola unicamente como um exemplo a ser imitado, e Plutarco apresenta personagens que podem

tanto serem bons quanto maus exemplos. Outras formas de narração biográfica de fundo moral são os encômios, discursos laudatórios a um dado personagem, e as nênias, canções fúnebres (SKIDMORE, 1996, p. 14-17).

O incentivo à emulação dos feitos dos antepassados era especialmente reforçado quando das cerimônias funerárias (pelo menos nas famílias patrícias): a procissão das *imagines* dos ancestrais e a celebração dos feitos familiares no desfile fúnebre era, para Políbio, o espetáculo ideal para o incentivo à emulação de feitos heróicos.

[...] Não seria fácil imaginar um espetáculo mais nobilitante e edificante para um jovem que aspire à fama e à excelência. De fato, quem não se sentiria estimulado pela visão das imagens de homens famosos por suas qualidades excepcionais, todos reunidos como se estivessem vivos e respirando? Poderia haver um espetáculo cívico mais belo que esse?"¹⁰ (POLÍBIOS, *História*, VI, 53.)

Outro dispositivo útil para o incentivo à emulação dos antigos está no *tirocinium fori*¹¹, onde a educação do jovem patrício romano se dava através de um ano de "estágio" em matérias políticas e militares sob os auspícios de um indivíduo mais experiente (MARROU, 1973, p. 363-364; SKIDMORE, 1996, p. 18). Todos esses dispositivos visavam a evidenciar a tradição e do respeito aos costumes dos ancestrais (*mos maiorum*) como critérios para a aquisição da excelência.

Com relação ao formato dos *Feitos*, havia na literatura grega e romana algumas formas de escrita que possuíam a mesma forma esquemática, como os livros de ditos ou *chreiai*, ou as coleções de fatos de categorias variadas ou paradoxografias. As *chreiai* eram conjuntos de anedotas ou ditos atribuídos a um filósofo em particular. Eram destinadas mais a oferecer um retrato do personagem do que a detalhar suas tendências filosóficas. Têm seu surgimento apontado no século III a.C., rapidamente ganhando popularidade entre as escolas filosóficas (SKIDMORE, 1996, p.35-36). Ecos deste tipo de compilação podem ser percebidos, talvez, nas *Vidas de Filósofos Ilustres*, de Diógenes Laércio, biógrafo grego do século III d.C..

¹⁰ Tradução de Mário da Gama Kury. Ver as referências bibliográficas.

¹¹ O *tirocinium fori* se destinava ao aprendizado da vida pública, segundo H-I.Marrou. Antes de servir ao exército, o jovem era associado a um político mais experiente, raramente seu pai, mais provavelmente um amigo da família. Cícero, por exemplo, foi confiado por seu pai a Q. Múcio Cévola Águre, com o qual, segundo Marrou, se iniciou no direito; mais tarde seria ele mesmo o tutor de jovens em semelhante estágio (MARROU, 1973, p. 364).

Uma obra que mantém íntima relação com este gênero, segundo C. Skidmore, são as *Apophthegmata* de Plutarco. Nelas, Plutarco organiza ditos relevantes, sob a forma de pequenas anedotas, sob títulos determinados, como, p. ex, "*Ditos de mulheres espartanas*". (SKIDMORE, 1996, p. 37-38).

Skidmore aponta também a existência de uma forma de compilação, nascida e disseminada no período helenístico, que consistia de "uma breve introdução programática seguida por uma série de exemplos históricos ilustrativos" (SKIDMORE, 1996, p. 38-39)¹². Poucos destes trabalhos sobreviveram. Um deles é o livro II da *Economia* do pseudo-Aristóteles, que suplementa um comentário aristotélico na *Política* que preconiza a necessidade de compilar métodos bem-sucedidos de negócios. A paradoxografia, igualmente, é um gênero que comporta compilações vastas sobre costumes, geografia e história, sem, no entanto, se restringir a estas. (SKIDMORE, 1996, p. 39-43).

Estas formas gregas de escrita foram também adotadas entre os romanos. As *chreiai* eram bastante disseminadas, e versões romanas destas narravam os ditos de personagens como Catão, o Antigo e Cícero, em lugar dos filósofos. O gênero das *chreiai* tinha, segundo depreende-se de Skidmore, uma divisão de preferências no tocante ao assunto. Enquanto as versões romanas das *chreiai* se focavam mais em ditos espirituosos, as *chreiai* gregas tinham um viés mais filosófico. A própria análise do texto valeriano feita por C. Skidmore sugere algumas das preferências estilísticas em voga quando de sua redação. Quando Valério aborda, em 6.2, ditos ou feitos livremente executados, vêm-se doze exemplos romanos e três estrangeiros, e a vasta maioria é de ditos e não de feitos. Em 7.2, quando aborda feitos ou ditos sabiamente feitos, existem vinte e três exemplos estrangeiros e oito romanos, sendo que igualmente os ditos são grande maioria. Isso sugere, segundo Skidmore, que a disponibilidade de *chreiai* podia variar de acordo com o tema. A vasta produção de *chreiai* gregas sobre filósofos é relacionável com a maioria dos exemplos estrangeiros em 7.2, e a produção romana pela maioria em 6.2. (SKIDMORE, 1996, p. 44-45).

A paradoxografia tinha uma popularidade maior entre os romanos, tanto em trabalhos que visavam à acumulação do conhecimento pelo seu próprio valor ou em trabalhos com intenções moralizantes. A *História Natural* de Plínio, o Velho é um exemplo do primeiro tipo. Para Skidmore, as obras perdidas *Antiguidades* de Varrão e os *Exemplos* de Cornélio Nepos,

¹² "Another form of compilation known to have existed in the Hellenistic period consists of a brief programmatic introduction followed by a series of illustrative historical examples, clearly comparable with the form of Valerius' chapters."

assim como os *Feitos*, são vinculáveis ao segundo tipo. Outra obra, já citada, de Cornélio Nepos, as *Vidas dos Generais Ilustres*, merece nova menção pelo fato de constituir-se de biografias de generais estrangeiros, com uma intenção moral e visão benéfica dos personagens, incluindo em sua lista até mesmo inimigos históricos dos romanos, tais como Aníbal. Outro trabalho de esquema muito semelhante aos *Feitos* é a obra *Stratagemata* de Frontino, um tratado de estratégia militar da segunda metade do século I d.C., no qual o autor detalha séries de exemplos romanos e estrangeiros de manobras e estratégias em variados momentos das batalhas. A justificativa de Frontino para a execução e forma de seu trabalho é muito semelhante à de Valério, alegando que sua intenção é poupar o tempo daqueles que tivessem necessidade de consultar rapidamente seus exemplos. Skidmore argumenta que esta justificativa talvez seja um desenvolvimento romano do estilo helenístico de compilação, o qual, segundo Frontino, confundia o leitor pela grande quantidade de informações e organização precária (SKIDMORE, 1996, p. 45-50).

Verificamos assim a formação de alguns dos pontos da morfologia do texto valeriano. A intenção moral é herdada de longa tradição grega, calcada na edificação do caráter através de exemplos. A contribuição romana neste ponto, concordando com o modelo grego, se dá na adoção dos exemplos históricos como mais adequados a esta função. A enunciação dos feitos e dos ditos memoráveis em forma de pequenas anedotas também localiza-se numa série de formas literárias preexistentes, como os livros de ditos (*chreiai*) e as paradoxografias, por exemplo. A idéia de que exemplos estrangeiros podem contribuir na edificação moral já é sinalizada por Cornélio Nepos, em suas biografias, e o uso de exemplos estrangeiros e esquema semelhante ao valeriano por Frontino, pouco posterior aos *Feitos*, atesta que esta forma de divisão não é usada somente por Valério.

A extensa abordagem temática de Valério segue o plano abaixo¹³:

¹³ O epítome de Júlio Páris refere-se a dez livros de Valério. No entanto, o que Páris tomou como sendo o décimo livro é um fragmento de um trabalho sobre nomes próprios romanos, atribuído ao autor de um epítome anterior de Valério (CARTER, 1975, p. 29), que não é considerado parte do texto dos *Feitos*. Os tópicos abaixo, inclusos na listagem, mas que não possuem numeração, são subdivisões do tópico que o antecede.

- 1.1 da religião
- religião negligenciada (*parte desta em epítomes*)
- 1.2 da religião simulada
- 1.3 da superstição
- 1.4 do augúrio (*até 1.4.ext1, depois no texto original*)
- 1.5 do presságio
- 1.6 dos prodígios
- 1.7 dos sonhos
- 1.8 dos milagres
- 2.1-6 dos costumes antigos
- 2.7-8 da disciplina militar
- sobre o direito do triunfo
- 2.9 do julgamento censorial
- 2.10 da majestade
- 3.1 da índole
- 3.2 da coragem
- 3.3 da resistência
- 3.4 daqueles que, nascidos em posição humilde, tornaram-se ilustres
- 3.5 daqueles que degeneraram de seus pais ilustres
- 3.6 de quais homens renomados permitiram-se roupas ou outras coisas mais liberalmente do que o costume pátrio permitia
- 3.7 da autoconfiança
- 3.8 da constância
- 4.1 da moderação
- 4.2 daqueles que, da inimizade, juntaram-se em amizade ou aliança
- 4.3 da abstinência e da continência
- 4.4 da pobreza
- 4.5 da modéstia
- 4.6 do amor conjugal
- 4.7 da amizade
- 4.8 da liberalidade
- 5.1 da humanidade e da clemência
- 5.2 dos gratos
- 5.3 dos ingratos
- 5.4, 5, 6 da piedade com relação aos pais e irmãos e à pátria
- 5.7 do amor e da indulgência dos pais às crianças
- 5.8 da severidade dos pais com relação aos filhos
- 5.9 da moderação dos pais com relação a filhos suspeitos
- 5.10 dos pais que suportaram a morte dos seus filhos com constância
- 6.1 da castidade
- 6.2 ações ou ditos feitos livremente
- 6.3 da severidade
- 6.4 ditos ou feitos relevantes
- 6.5 da justiça
- 6.6 da fé pública
- 6.7 da fidelidade das esposas com relação a seus maridos
- 6.8 da fidelidade dos escravos
- 6.9 da mudança dos costumes ou da fortuna
- 7.1 da felicidade
- 7.2 feitos ou ditos sabiamente feitos
- 7.3 feitos ou ditos espertamente feitos
- 7.4 *stratagemata*
- 7.5 das derrotas eleitorais
- 7.6 da necessidade
- 7.7 de testamentos que foram rescindidos
- 7.8 de testamentos que permaneceram válidos, embora houvesse razões para rescindi-los
- daqueles que tiveram herdeiros contrários à expectativa das pessoas
- 8.1 por quais razões réus infames foram absolvidos ou condenados
- absolvidos
- condenados
- 8.2 de julgamentos privados célebres
- 8.3 mulheres que peticionaram aos magistrados por si ou por outros
- 8.4 dos interrogatórios
- 8.5 das testemunhas
- 8.6 daqueles que puniram em outros ações que eles mesmos cometeram
- 8.7 do empenho e da diligência
- 8.8 do ócio
- 8.9 de quão grande é a força da eloquência
- 8.10 de quanta importância está na pronúncia e no movimento correto do corpo
- 8.11 de quão grandes são os efeitos das artes
- daquilo que nenhuma arte consegue fazer
- 8.12 de que cada homem é tanto o melhor executante quanto o melhor explanador de seu ofício
- 8.13 da velhice
- 8.14 do desejo pela glória
- 8.15 da distinção tocada aos indivíduos
- 9.1 da luxúria e da lascívia
- 9.2 da crueldade
- 9.3 da ira e do ódio
- 9.4 da avareza
- 9.5 da soberba e da insolência
- 9.6 da perfídia
- 9.7 da violência e da sedição
- 9.8 da temeridade
- 9.9 do erro
- 9.10 da vingança
- 9.11 ditos ultrajantes ou feitos celerados
- 9.12 das mortes incomuns
- 9.13 do desejo pela vida
- de que meios pessoas, suspeitando de seus domésticos, tomaram para sua proteção
- 9.14 da semelhança física
- 9.15 daqueles que, nascidos em lugares ínfimos, tentaram através de mentiras inserir-se em famílias ilustres.

Julgamos extensa a abordagem valeriana em função desta abarcar grande variedade de temas relevantes na cultura romana. Apontaremos alguns. A religião é objeto de um livro inteiro, sendo que a maior parte dele trata de portentos sobrenaturais ou de augúrios, que possuíam grande importância para os romanos. Grandes personagens, como Júlio César, freqüentemente eram os protagonistas ou as vítimas destes acontecimentos sobrenaturais. Metade do segundo livro é dedicada aos costumes antigos, o que, no tocante aos costumes romanos, se dá nos termos da adesão ao *mos maiorum*. A outra parte trata de temas de imediata associação à cultura romana, como a disciplina militar, com uma seqüência específica sobre os triunfos, e a utilização dos poderes dos censores.

A preocupação com o luxo excessivo, frequentemente alvo de leis em Roma (cf. SANTOS, 1996, p. 35-65), um dos alvos dos censores em 2.9, também é tema em 3.6, e percorre alguns temas do livro quarto. As disputas jurídicas e a influência da retórica ocupam quase todo o livro oitavo, sendo que no livro anterior alguns tópicos já eram dedicados às disputas testamentárias. Como vemos, estas instâncias estão amplamente representadas no texto dos *Feitos*, mas com proporção desigual de exemplos romanos e estrangeiros. De 7.7 a 8.6, parte dos *Feitos* relativa a testamentos e processos jurídicos, somente são dados exemplos romanos.

Valério Máximo afirma que a inclusão de exemplos estrangeiros em sua obra se deve a um critério estilístico. “Então me dirigirei aos (itens) exteriores; os quais, colocados em letras latinas, se menos autoridade possuem, podem, no entanto trazer alguma grata variedade.”(1.6.praef.ext.) “[...] *atingam igitur externa, quae Latinis litteris inserta, ut auctoritatis minus habent, ita aliquid gratae varietatis adferre possunt*”. No entanto esta adição, mesmo que pouco relevante na afirmação de Valério, possui uma interessante consequência. A cultura romana tem como um de seus principais eixos normativos a adesão ao *mos maiorum*, o costume dos antepassados. Na coletânea de Valério, o que se procura demonstrar, na divisão temática e na apresentação de exemplos romanos de virtude, é justamente a excelência do *mos maiorum*. Mas não são apenas os romanos que são virtuosos. E é justamente por esta forma diversificada de representação que Arnaldo Momigliano argumenta que Valério Máximo não pode ser rotulado de tradicionalista em um sentido estrito (MOMIGLIANO, 1993, p. 149-150).

Por que estudar a visão sobre os estrangeiros em Valério Máximo? Porque, como já apontamos, a idéia nasce da própria divisão valeriana entre exemplos estrangeiros e romanos. Os gregos são mais representativos dentro dos *Feitos*, e logo se constituem como o "estrangeiro ideal" para a análise. Procuraremos fazê-la através da análise do contexto onde as

opiniões acerca destes e da sua influência cultural para os romanos são enunciados; em suma, quais são os modelos para a construção valeriana do texto. Ainda, o texto dos *Feitos* não é somente reproduzidor destes modelos. Ele também os reorganiza de acordo com um programa moral. A percepção mesma de que Valério é um *autor* é recente (BLOOMER, 1992, p. 58, MUELLER, 2002, p. 5).

Dentro do programa moral dos *Feitos*, são emitidos juízos sobre alguns dos principais temas da mentalidade romana, se assim podemos chamá-la: o *mos maiorum*, a cultura jurídica, os exemplos bélicos e a visão dos estrangeiros. Como vimos na descrição dos temas tratados por Valério, cada um destes temas tem sua soma de exemplos meritórios e reprováveis, constituindo assim uma espécie de arquivo compartimentado no qual os romanos poderiam educar-se moralmente, e nós podemos instruir-nos, não apenas sobre a moralidade dos antigos romanos, mas também sobre os temas que estes consideravam dignos de nota. Neste sentido, as divisões valerianas são de extrema importância, tanto pelo critério temático quanto pelo "geográfico".

Salientamos acima que a percepção de que Valério não é apenas um compilador, e sim um *autor*, é recente. Além da reavaliação de Valério como autor, os próprios *Feitos e Ditos Memoráveis* apenas recomeçaram a atrair atenção acadêmica depois de longo período de ostracismo erudito. Discutiremos sobre este ostracismo e o atual renascimento dos estudos valerianos na seção 1.3, a seguir. O número de trabalhos recentes sobre os *Feitos*, porém, é ainda pequeno, e a maior parte dos temas possíveis de abordagem no texto valeriano ainda espera pesquisas.

1.3 FORTUNA VALERIANA

A popularidade de Valério na Antiguidade foi muito mais vasta do que a escassez de estudos modernos sobre ele sugere. Traços que indicam sua difusão - citações em Plínio, o Velho como fonte para os livros VII e XXXIII (CARTER, 1975, p. 30), e Plutarco - assim como a existência de dois epítomes sobreviventes de sua obra, por Júlio Páris e Januário Nepociano, através das quais nos chegaram certas partes de outro modo perdidas dos *Feitos* (há uma lacuna de 1.1.ext.4 a 1.4.ext.1, que geralmente é substituída pelos epítomes), levaram a maior parte dos pesquisadores atuais a pressupor que os *Feitos* eram, pelo menos,

razoavelmente conhecidos na Antiguidade. C.J. Carter, respondendo a afirmações que sustentavam uma grande popularidade de Valério na Antiguidade tardia, afirma, porém, que a sobrevivência dos *Feitos* pode ter sido muito mais devida à sorte do que ao mérito (CARTER, 1975, p.47-48).

No entanto, a popularidade que Carter questiona na Antiguidade é verificável na Idade Média. Em seu artigo, o autor cita grande número de escritores medievais que se valeram de cópias dos *Feitos*, entre eles Lupus de Ferrières, no século IX d.C., John de Salisbury e Vincent de Beauvais, no século XII d.C.. Para Carter,

Difícilmente a um monastério faltaria um Valério, a julgar pela regularidade de seu aparecimento em catálogos medievais sobreviventes. A difusão das novas instituições seculares, as Universidades, do século doze em diante abriram uma válvula que se tornaria um canal principal de transmissão. Valério era uma benção para um mundo substancialmente destituído de Cícero, quase totalmente ignorante de Lívio e incapaz de ler grego. Os gostos e padrões críticos indicados pelo latim ornamentado, altamente peculiar, mas frequentemente áspero e fraturado da Europa medieval ajudam também a explicar a popularidade de um Valério ou um Sêneca. Sem competição, oferecendo um atalho do tipo *Reader's Digest* da história de Roma, com muito moralismo aprovável *en route*, os *Facta et Dicta* foram um sucesso garantido.¹⁴ (CARTER, 1975, p.49, grifos do autor)

Da mesma forma, Carter argumenta que sobrevivem mais manuscritos renascentistas dos *Feitos* do que qualquer outra obra de prosa da Antiguidade. O historiador alemão Niebuhr, no século XIX, afirmou que a popularidade do texto valeriano na Idade Média somente era inferior à da Bíblia (CARTER, 1975, p. 26; SKIDMORE, 1996, p. XI).

Com o Renascimento e o início da edição dos textos clássicos, o texto dos *Feitos* foi um dos primeiros a serem impressos. A primeira edição data provavelmente do verão de 1470 (CARTER, 1975, p. 50), seguida, em 1471, de outras duas edições por diferentes impressores, em Mainz e Veneza. A primeira edição impressa de Valério traduzida para o francês foi feita pouco depois, até 1476 (LUCAS, 1970, p. 248). Há uma edição traduzida para o italiano em 1509. Em 1567 é feita a primeira impressão de Stephanus Pighius, a qual terá cerca de vinte reimpressões até 1650 (CARTER, 1975, p. 50). Somem-se a estas as impressões feitas por outros editores e se terá a idéia da grande popularidade dos *Feitos* no período que vai dos

¹⁴ "Hardly a monastery will have lacked a Valerius, judging by the regularity of his appearance in extant medieval library catalogues. The spread of the new secular institutions, the Universities, from the twelfth century onwards opened an outlet that was to become a main-stream channel. Valerius was a god-send to a world substantially deprived of Cicero, almost wholly ignorant of Livy and unable to read Greek. The tastes and critical standards indicated by the ornate, highly flavoured but often harsh and fractured Latin of medieval Europe also help to explain the popularity of a Valerius and a Seneca. Lacking competition, offering a **Reader's Digest** short-cut to the history of Rome, with much approved moralising **en route**, the **Facta et Dicta** was a guaranteed success."

séculos XIV ao XVII.

No entanto, tão farta quantidade de edições no período indicado acima sofrerá uma violenta retração no período subsequente. O catálogo da Hollis Library, da Universidade de Harvard¹⁵, assim como o catálogo da Universidade de Princeton¹⁶, foram usados para oferecer uma lista das principais edições valerianas, que segue em anexo a este trabalho, em um apêndice. Consideramos estes catálogos representativos em razão destas universidades possuírem bibliotecas cuja proposta é a eliminação de lacunas, ou seja, a aquisição de todas as edições de uma dada obra representativa. Nosso levantamento aponta um número escasso de edições no século XVIII, em comparação com o número de edições nos séculos anteriores. Entre este pequeno número, surge a primeira edição de Valério em russo, assim como a primeira em inglês, sendo que esta última não terá nenhuma tradução completa até o ano 2000. O século XIX terá uma profusão maior de edições, sem se equipararem, porém, ao sucesso atingido antes do século XVIII.

À parte duas traduções (uma delas sendo a edição de uma tradução catalã de Valério datada do século XIV), as edições de Valério no século XX só começaram a ser produzidas a partir da década de 60. Mesmo assim, a espera por uma tradução em inglês (reiterada por numerosos estudiosos, obrigados a contar com a edição Teubner de 1888) duraria até 1998, com a tradução realizada por D. Wardle Fowler do primeiro livro. A edição *Loeb* data somente de 2000, mais de setenta anos e de quase quinhentos volumes depois de seu início. Não existem edições em português, ao que nos consta, dos *Feitos*.

A que se deve a queda de popularidade dos *Feitos*? Supomos que a forma de sua apresentação, marcadamente baseada na formulação retórica das anedotas, tenha algum papel na explicação da retração de sua popularidade na historiografia do século XIX e começos do XX. Há algo de estranho na forma insistentemente depreciativa sob a qual os *Feitos* eram usualmente apresentados. A conclusão do artigo de C. J. Carter, de 1975, sintetiza a nosso ver o estado de coisas anterior ao trabalho de Bloomer:

[...] Mas a descoberta renascentista dos grandes mestres da prosa clássica, o entusiasmo por todas as coisas gregas que se seguiu à reintrodução da língua por Boccaccio na Europa ocidental, e a sofisticação crescente dos padrões culturais começou a marcar-se às expensas do (das obras de) segundo escalão. Os *Facta et Dicta* caíram como uma vítima natural. Pelos séculos dezessete e dezoito havia carne melhor e mais atrativa no mercado - e Lívio era sinceramente mais fácil de ler. Mesmo eruditos começaram a "comprar" em outro lugar, e os editores da edição *variorum* do século dezoito e Teubner do dezenove eram comparativamente pouco importantes. Valério foi publicado nas populares séries Bipontina e Delphin em 1783 e 1819, mas o

¹⁵ <<http://lib.harvard.edu/catalogs/hollis.html>> Acesso em 22/04/2008.

¹⁶ <<http://catalog.princeton.edu/>> Acesso em 22/04/2008.

texto padrão de hoje é o Teubner de 1888. Não há tradução de Bohn, nem *Oxford Text*, nem Budé, nem Loeb, nem versão nenhuma em inglês desde 1678. Estas são expressões eloqüentes de seu status contemporâneo. Valério teve uma corrida muito boa pelo seu dinheiro, muito mais do que merecia. Mas não há perspectiva de um retorno dramático ao favor (do público). Se ele ainda tem algo parecido com um futuro em artigos probatórios sobre Desconhecidos Latinos, isso, como Valério em pessoa poderia colocar, é a última volta da faca enterrada no coração de sua presente obscuridade.¹⁷ (CARTER, 1975, p. 50-51).

Mesmo nos trabalhos modernos sobre Valério e com a percepção de que este tem algo a contribuir no estudo da Roma tiberiana, surgem algumas passagens que, se não se desculpam pela escolha do autor, reiteram que não se trata de uma obra-prima (SKIDMORE, 1996, p. XVII). A nossa suposição neste caso é a de que os pressupostos da escrita de Valério não foram compreendidos em sua especificidade, e procuraremos demonstrar tal premissa através do seguinte raciocínio na seção 1.4, *Pars Theorica et Hypothesica*, onde os pressupostos teóricos de Valério são conectados com suas idas e vindas na preferência dos eruditos.

1.4 PARS THEORICA ET HYPOTHETICA

Carlo Ginzburg, em artigo dedicado a Arnaldo Momigliano, (GINZBURG, 1991) discutiu sobre uma lacuna entre o estudo da história na Antiguidade e nos nossos dias, somente perceptível no século XX. Trata-se da descontinuidade do que era e do que é considerado referência normativa para o discurso histórico. Na Antiguidade, mais do que embasamento em provas, a *enargeia*, termo que "designa aquilo que é claro e distinto, aquilo que dá 'impressão de vida'" (GINZBURG, 1991, p. 94), era o princípio desse discurso. Para convencer o leitor da veracidade de seu relato, cumpria ao historiador lançar mão deste

¹⁷ [...] *But the Renaissance rediscovery of the great masters of Classical prose, the enthusiasm for all things Greek that developed after Boccaccio's reintroduction of the language into Western Europe and the increasing sophistication of cultural standards began to make their mark at the expense of the second-rate. The **Facta et Dicta** fell a natural victim. By the seventeenth and eighteenth centuries there was better and more attractive meat in the market - and Livy was frankly easier to read. Even scholars began to shop elsewhere, and the editors of the eighteenth-century **variorum** edition and the nineteenth-century Teubner were comparatively little men. Valerius was published in the popular Bipontine and Delphin series in 1783 and 1819, but the standard text today is the Teubner of 1888. There is no Bohn translation, no Oxford Text, no Budé, no Loeb, no version at all in English since 1678. These are eloquent expressions of his contemporary status. Valerius has had a very good run for his money, much better than he deserved. But there is no prospect of a dramatic return to favour. If he still has something of a future on examination papers in Latin Unseens, this, as Valerius himself would have put it, is the last twist of the knife buried in the heart of his present obscurity"*

recurso, através da descrição vívida dos acontecimentos, demonstrando os fatos ante os olhos do leitor com a arte retórica. Dessa maneira, o leitor era certificado da verdade do fato pelo testemunho do qual ele mesmo havia tomado parte através da descrição/narrativa.

No seguimento de sua discussão, Ginzburg argumenta que a *enargeia* não necessariamente servia para demonstrar um fato historicamente acurado (no nosso entendimento moderno): Filóstrato o Jovem, em seu tratado sobre as imagens, descreve tanto objetos de arte autênticos quanto fictícios com o auxílio da *enargeia* (GINZBURG, 1991, p. 97). Nos exemplos romanos, igualmente a *evidentia* - tradução latina de *enargeia* - era entendida por Cícero e Quintiliano da mesma forma: como recurso para o efeito de verdade. A mudança do parâmetro de verdade, da *enargeia/evidentia* greco-romana para a evidência ou prova modernas passará pelo aumento da importância do estudo dos anais no século XVI e daí em diante, eliminando grande parte do papel da *enargeia* na explanação histórica.

M. autem Antonius et L. Flaccus censores Duronium senatu moverunt, quod legem de coercendis conviviorum sumptibus latam tribunus plebi abrogaverat. mirifica notae causa: quam enim impudenter Duronium rostra conscendit illa dicturus! 'freni sunt iniecti vobis, Quirites, nullo modo perpentiendi. alligati et constricti estis amaro vinculo servitutis: lex enim lata est quae vos esse frugi iubet. abrogemus igitur istud horridae vetustatis rubigine obsitum imperium: etenim quid opus libertate, si volentibus luxu perire non licet?'(2. 9. 5)

Também M. Antonius e L. Flaccus, censores, expulsaram Duronium do Senado, pois este, enquanto tribuno da plebe, havia revogado uma lei produzida para restringir gastos em banquetes. Uma admirável causa para tal julgamento! Pois quão impudentemente Duronium subiu às rostras para assim dizer: "Um freio foi posto a vós, Quirites, de nenhuma forma tolerável; fostes ligados e amarrados com uma amarga corrente de servidão. Foi produzida uma lei vos ordenando serem frugais. Derroguemos então esta ordem, coberta do ranço de horrenda antiguidade. Pois então, de que necessidade é a liberdade se não é permitido nos perdermos com luxo se quisermos?"¹⁸

Os *Feitos* não fogem ao panorama descrito por Ginzburg. O exemplo de Valério no tocante à ação censorial parece-nos um exemplo bastante claro da *enargeia/evidentia*; no caso, o efeito de verdade é produzido tanto pela narração do fato, quanto pela reprodução das palavras de Duronium. Ainda, este efeito de verdade tem uma função, a edificação moral. Dentro da cultura romana, onde o apelo aos exemplos dados pelos ancestrais era de suma importância (nos termos do *mos maiorum*) e, inclusive, reforçado através de demonstrações

¹⁸ As *rostras* eram proas de navios inimigos capturados que ficavam na tribuna do Senado. Servem, por extensão, para significar a mesma. Por *Quirites* entendam-se os cidadãos romanos, chamados assim em função de Rômulo, fundador de Roma, depois de seu desaparecimento e divinização, ser denominado Quirino.

na mais pura expressão da *enargeia* - o desfile das *imagines* ou *effigies* funerárias dos ancestrais em eventos, ou expostos na entrada das residências aristocráticas - a narração de Valério possui grande efeito: vincula-se a instâncias da vida romana que seriam imediatas a um contemporâneo seu (desde que patrício).

Em outro artigo (GINZBURG, 2002b) Ginzburg refere-se à discussão moderna entre retórica e história. Ele, assim como A. Momigliano, não nutre simpatia pelas tendências pós-modernas que, a seu ver, procuram derrubar a afirmação de que a busca da verdade é a tarefa essencial do historiador. Igualmente, estas tendências procurariam reduzir a história a mera retórica sobre o passado. Em sua argumentação, Ginzburg procura rastrear as origens do pensamento sobre a prova em história, localizando-as principalmente no pensamento aristotélico e na pesquisa antiquária/arqueológica, perceptível, por exemplo, em Tucídides, e apresenta a prova como conceito existente na história, desde a Antiguidade. Mas como já vimos, a *enargeia* era um conceito predominante na história; é em outras formas de discurso sobre o passado, como a arqueologia/pesquisa antiquária, é que se fazia necessário o embasamento em provas, uma vez que seu escopo era o passado mais remoto. Como não havia possibilidade de recorrer a testemunhos vivos, logo se recorriam aos traços (GINZBURG, 2002b, p. 57). Isso não quer dizer que os dois procedimentos fossem excludentes: o próprio Tucídides combina pesquisa antiquária com o efeito da *enargeia* provocado por sua reconstrução das falas dos personagens. A partir destes dois artigos de Ginzburg, percebemos que tanto os artifícios retóricos, quanto a noção de prova, estão nas origens da prática histórica.

Na Antiguidade, uma obra como a de Valério, concebida nos termos da eficácia da *enargeia*, era considerada confiável e fonte para historiadores. A crítica do século XIX concebeu Valério como anedotista e "fonte não-confiável". Argumentações feitas ainda na década de setenta do século XX proclamavam-no mesmo indigno de ter sobrevivido à Antiguidade.

De muitos modos Valério nunca mereceu sobreviver, e ele ainda obstinadamente se recusa a morrer. Paradoxos como estes cercam um autor a quem o gosto moderno justamente acha um dos mais tediosos e afetados produtos do mundo antigo (CARTER, 1975, p. 26).¹⁹

¹⁹ "In many ways Valerius never deserved to survive, and he still obstinately refuses to die. Paradoxes like this surround an author whom modern taste rightly finds one of the most tedious and affected products of the ancient world."

Por maior que fosse a popularidade medieval dos *Facta et Dicta*, a sobrevivência de apenas mais um dos livros de Lívio ou Petrônio seria um tesouro muito maior (CARTER, 1975, p. 40, grifo do autor).²⁰

O que percebemos aí, como já apontado por Ginzburg, é a diferença dos conceitos agentes na explicação histórica. Bloomer levanta uma consideração semelhante, em relação à queda de popularidade de Valério depois da Renascença:

A queda subsequente de leitores não deve produzir lamento; é antes prova de uma mudança no gosto e de desenvolvimentos nas práticas modernas de leitura, erudição, e impressão. Valério perdeu leitores para Lívio, cuja longa narrativa foi antes eclipsada pelas discretas anedotas do anterior. Lívio veio a ser tomado como o modelo para o estilo assim como a fonte para a história, e então a comparação estilística desairosa dos classicistas tradicionais do redator do manual com o dourado historiador sob Augusto juntou-se às acusações de erro, distorção e fabricação, dos historiadores. Isso era um reconhecimento indireto de que os objetivos estilísticos de Valério, assim como sua audiência, eram muito diferentes dos da geração anterior, os escritores do fim da República e sob Augusto reverenciados pelos eruditos como o único modelo para a prosa e a poesia. (BLOOMER, 1992, p. 2-3)²¹

Porém, julgamos igualmente pertinentes o levantamento de outros fatores na explicação desta diferença de tratamento dos *Feitos*.

Em sua análise sobre o poder simbólico, Pierre Bourdieu argumenta que a constituição do que vem a ser uma profissão definida, como a conhecemos (historiador, p.ex.), na verdade é apenas um momento em uma série de conflitos entre diferentes grupos em busca de legitimidade. Ou seja, as profissões são *construções sociais* (BOURDIEU, 2004, p. 39-40). Dentro destas lutas pela primazia na classificação do mundo, pelo poder de denominação reconhecido socialmente como legítimo, tanto do que existe no presente, quanto do passado - objeto principal destes conflitos - Bourdieu apontou um fator relevante. Este fator é a característica que Bourdieu sinaliza como a principal causa de eficácia do poder simbólico: a saber, o fato de que este só é eficiente uma vez que se desconheça a sua existência como arbitrário (BOURDIEU, 2004, p. 14). Uma das formas através das quais isto pode se dar é apresentando a ordem arbitrariamente desejada pelo grupo, tanto o dominante, quanto aquele

²⁰ "However huge the medieval popularity of the **Facta et Dicta**, the survival of only one more book of Livy or Petronius would be a far greater treasure"

²¹ "The subsequent loss of readers should elicit no lament; it is rather testimony to a change in taste and to developments in the modern practice of reading, scholarship, and printing. Valerius has lost readers to Livy, whose lengthy narrative the former's discrete anecdotes had once eclipsed. Livy came to be deemed the model for style as well as the source for history, and so the traditional classicists' uncomplimentary stylistic comparison of the handbook maker with the golden Augustan historian joined the historians' charges of error, distortion, and fabrication. This was indirect acknowledgment that Valerius stylistic aims, like his audience, were far different from the preceding generation's, the late republican and Augustan writers enshrined by scholars as the single model for prose and poetry."

com pretensões de domínio, como *natural*. Em se tratando da formação da História da Antiguidade Clássica enquanto disciplina, esta ordem pode se revestir de muitas roupagens.

Judith Hallett aponta em artigo (1993), que tanto a periodização usualmente adotada no estudo da literatura clássica, salientando o caso dos *Feitos* e sua má fama, (HALLETT, 1993, p. 49-50) quanto a construção do cânone literário que ainda hoje se nos apresentam, têm sua formação, no século XIX, baseada em assertivas discutíveis, e que, no entanto, não o eram usualmente em função de uma ilusão de *naturalidade*. Muito embora se atribua como mérito aos "pós-modernos" a evidenciação da arbitrariedade dos métodos e cânones na explicação histórica, eles não foram os primeiros a ter apontado tal fato; existem considerações anteriores acerca deste problema e entre elas um importante artigo de Moses Finley que trata de questões de classificação e generalização em História Antiga (FINLEY, 1989, p. 57-73).

As generalizações às quais Finley se refere não são aquelas feitas em caráter consciente, dentro de uma dada argumentação; referem-se antes às generalizações iniciais ou pressupostos. Dentro do estudo da Antiguidade, sua utilização é problemática e freqüentemente não há reflexão sobre estes pressupostos. Entre outros comentários acerca dos mesmos, o autor aborda um tema que já apontamos na análise de Hallett: a periodização. Finley e Hallett são convergentes no indiciamento de que freqüentemente as divisões por períodos levadas a cabo no estudo da Antiguidade são decididas com base em critérios arbitrários e discutíveis: Finley aponta, no estudo da Roma antiga, que a divisão política (como a divisão entre República e Principado) freqüentemente é usada como marco para âmbitos onde essa divisão, ou pode não fazer muito sentido, ou pode não fazer sentido algum. O artigo de Hallett contribui comentando que a atribuição arbitrária de juízos valorativos a períodos da literatura latina como "Latim de ouro" (supostamente ciceroniano e pouco além) e "Latim de prata" (Valério Máximo, p. ex) foi vinculada aos acontecimentos políticos do período (no primeiro, César e Augusto; no segundo, Tibério) e às predileções pessoais dos pesquisadores na análise destes (HALLETT, 1993, p. 48-49, 60).

Dentro deste raciocínio, lembremo-nos do predomínio da escola metódica no século XIX e começos do XX e de seus pressupostos: a pretensão de imparcialidade na pesquisa histórica e de resgate dos fatos como realmente aconteceram sendo os principais. A autonomização da disciplina histórica, segundo François Dosse, se dá neste período através de uma desvinculação entre a história e a literatura/filosofia. A retórica e a oratória foram vistas como valores perniciosos à história, como atesta esta citação de Seignobos:

A história já sofreu muito por ter sido um gênero oratório. As fórmulas da eloqüência não são ornamentos inofensivos; elas escondem a realidade; elas desviam a atenção dos objetos para dirigi-los para as formas; elas enfraquecem o esforço que deve consistir [...] em representar as coisas e compreender suas relações. (SEIGNOBOS, 1906, p. 38-39, *apud* DOSSE, 2003, p. 43)

Talvez o descrédito de Valério Máximo no passado tenha se dado em função dos padrões da historiografia moderna, na sua construção nos séculos XIX e XX, haverem pautado-se pela exigência de objetividade calcada unicamente na *prova*, e na *recusa da dimensão retórica* como relevante. Nesta situação, Valério não preencheria os padrões exigidos de uma fonte "séria" (pela sua forma de exposição baseada, como vimos, no efeito retórico) e mereceria apenas comentários passageiros na descrição da literatura latina durante Tibério, na melhor das hipóteses; na pior, receberia comentários como os de Carter, citados acima. Outro ponto de relevância pode referir-se ao choque entre a concepção valeriana da utilidade da história (uma vez que se vale de exemplos históricos com uma intenção moralizante e este tipo de argumentação era usual na Antiguidade) e o padrão de objetividade vigente para seus críticos.

Mas a reavaliação moderna da obra de Valério percebe-a como algo mais do que mera coletânea de exemplos mal-escritos. Os *Feitos* constituem um testemunho muito importante acerca do estado da cultura romana sob Tibério, e do impacto das reformas que este e seu antecessor Augusto impuseram, tanto no plano religioso quanto moral (MUELLER, 2002, p. 3). Julgamos que a própria divisão dos exemplos valerianos acima disposta sinaliza a vastidão de tópicos incluídos na percepção de Valério do que é digno de memória, do que é louvável ou reprovável. Como na clássica menção da enciclopédia chinesa de J.L.Borges, citado por Michel Foucault na introdução de *As Palavras e as Coisas*, a divisão em si já nos diz algo daquele que a estabelece.

1.5 CRITICA MODERNA

A exemplo das edições dos textos dos *Feitos e Ditos Memoráveis*, a produção acadêmica moderna sobre eles também é muito reduzida, com poucos artigos e publicações, nem todos de fácil obtenção. O trabalho principal que marca uma espécie de ressurreição dos estudos valerianos é o trabalho de W. Martin Bloomer, *Valerius Maximus and the Rhetoric of*

the New Nobility, de 1992. Destacam-se outros dois: *Practical Ethics for Roman Gentlemen. The Work of Valerius Maximus*, por Clive Skidmore, e *Roman Religion in Valerius Maximus*, por Hans-Friedrich Mueller, datados de 1996 e 2002, respectivamente. Comentaremos brevemente algo acerca destes estudos, uma vez que representam boa parte da crítica moderna dos *Feitos*.

Acerca de *Valerius Maximus and the Rhetoric of the New Nobility*, de W. Martin Bloomer, David Potter (1993), em resenha, argumenta que a obra de Valério Máximo pode ter muito de sua intencionalidade vinculada a uma tendência historiográfica em voga nos princípios do período imperial, que apresentava os membros mais destacados do poder como exemplos a serem imitados, tais como Sejano, enquanto não havia ainda caído em desgraça com Tibério, e os membros da casa imperial, perceptível em trabalhos tais como o de Veleio Patérculo, por exemplo. O caso de Sejano é interessante, pois sinaliza a possibilidade de pessoas que não houvessem nascido na elite romana alçarem-se a altas posições. Ainda, procura-se situar o trabalho de Valério dentro do programa de restauração dos costumes levado a cabo por Augusto e Tibério. O trabalho de Bloomer é o marco inicial da nova pesquisa acadêmica acerca dos *Feitos*. Tem o mérito de sintetizar toda a tradição crítica anterior, particularmente no seu terceiro capítulo, dedicado à análise das fontes valerianas. A procura de fontes, segundo Bloomer, foi responsável pela maior parte dos trabalhos sobre Valério escritos até então (BLOOMER, 1992, p. 61). A lista de fontes levantada por Bloomer é relevante, entre outros itens (como o dedicado à ideologia e a retórica valeriana), tanto por sinalizar as referências originais onde Valério hauriu seus exemplos, permitindo a análise de possíveis discordâncias (uma vez que o autor as retira do seu contexto e as recoloca de acordo com uma função pragmática), quanto por indicar o uso das fontes gregas no texto e assim contribuir para o desenvolvimento do tema ora proposto.

A obra de Hans-Friedrich Mueller, *Roman Religion in Valerius Maximus*, segundo Frances Hahn (2002), procura levantar a suposição de que os *Feitos e Ditos Memoráveis* situam-se coerentemente dentro do programa de reforma dos costumes de Augusto e Tibério já citado. Através das vastas menções à religião e aos comportamentos religiosos na obra, procura destacar os pontos nos quais a conduta moral e a vontade dos deuses coincidem, ou são complementares. Os deuses, assim, são os agentes da moral, castigando os comportamentos reprováveis e recompensando os aceitáveis. Diferentemente da opinião usualmente aceita, que considera como adulação as constantes referências de Valério Máximo ao imperador Tibério, argumenta-se que Valério possui uma sincera crença na divindade do imperador, e Mueller defende sua argumentação afirmando que havia uma parcela da

população do Império que realmente acreditava na divindade dos Césares. Nesta medida, Mueller e Clive Skidmore, a ser visto a seguir, convergem. Para os dois, o propósito dos *Feitos* é mais moralizante do que a intenção supostamente despretensiosa do próprio Valério permite supor. Mueller é enfático na afirmação de que Valério é um autor muito representativo dentro do contexto da Roma tiberiana, principalmente em termos religiosos e morais. E para proceder à mineração dos pontos de vista religiosos de Valério, Mueller baseia-se em um interessante pressuposto:

Imagine-se quais resultados poderiam ser obtidos se trabalhasse-se na asserção, talvez inocente, de que a maior parte dos autores latinos (não todos), na maior parte de suas obras (não todas), estava dizendo muito francamente justo o que realmente pensavam. Se haverá de admitir a possibilidade de que eles freqüentemente mudavam de idéia, mas a experiência pode ser interessante.²² (MICHELS, 1962, *apud* MUELLER, 2002, p. 3).

Nosso conceito de *formação discursiva*, mencionado no começo do trabalho, não tem por objetivo procurar uma essência que seja atingível através do desvelamento do texto de Valério. A formação parte do texto e toma suas afirmações nas formas sob as quais elas se apresentam; nesse sentido, a presente abordagem e a de Mueller seguem uma trajetória similar.

Em análise da obra de Clive Skidmore: *Practical Ethics for Roman Gentlemen: The Work of Valerius Maximus*, Jane Chaplin apontou uma série de particularidades interessantes para o desenvolvimento de nosso trabalho. Aponta a asserção de Skidmore de que o trabalho de Valério tinha como público-alvo os romanos de alta extração, com a finalidade de prover-lhes de educação moral. A ênfase em um programa moral definido, vinculado às práticas ancestrais, que perpassa a obra de Skidmore, igualmente se dirige à educação destes *patres familias*, contrapondo-se à tese levantada por W. Bloomer de que os *Feitos* tinham como público os “homens novos”, em processo de tentativa de ascensão dentro do sistema social romano; ou seja, sem apoio de um nascimento nobre ou de uma *gens* forte (CHAPLIN, 1996).

Nosso trabalho deve muito à obra de Skidmore, em função de seu modelo argumentativo e seus temas coincidirem, em parte, com os nossos. O autor segue um critério seqüencial de argumentação. Inicia com a enunciação do assunto de seu interesse: a constituição eminentemente moral do texto valeriano. Para ele, o propósito primário de

²² "One wonders what results might be obtained if one worked on the perhaps naive assumption that most Latin authors (not all) in most of their works (not all) were saying quite sincerely just what they really thought. One would have to allow for the possibility that they frequently changed their minds, but the experiment might be interesting".

Valério é esta edificação moral, e não apenas a mera disposição de exemplos para declamadores, como trabalhos anteriores, como o de Bloomer, davam a entender. Em seguida, o autor aborda os precedentes da forma textual de Valério. Ambos históricos, tanto com relação à forma textual quanto à intenção moralizante, foram as principais fontes para a abordagem dos mesmos temas na seção 1.2. A terceira parte da obra de Skidmore dedica-se à análise do próprio texto de Valério, dentro do escopo de seu trabalho, e finaliza com um item acerca do autor e sua audiência.

Estes três autores representam a maior parte dos estudos modernos sobre Valério, embora não todos. Dentre os estudos acessados, o artigo de C.J. Carter "*Valerius Maximus*", publicado em um livro dedicado nominalmente ao "latim de prata" (DOREY (ed.), 1975), também oferece alguma informação sobre a popularidade medieval e renascentista dos *Feitos*, embora ofereça uma visão frequentemente depreciativa sobre eles. Neste último sentido, o texto serviu como indicativo do ponto a que havia chegado a avaliação negativa dos *Feitos* antes do trabalho de Bloomer. Estes foram os principais textos sobre Valério utilizados neste trabalho. Começa, na seqüência, o segundo ponto da análise, destacando os processos de interação, da cultura grega e dos gregos, com os romanos.

2 GRAECIA CAPTA

*Graecia capta ferum victorem cepit, et
artis intulit agresti Latio.*
(Horácio, *Epist.* II, 1, 156.)

2.1 CURSUS

Os registros da influência grega podem ser traçados até os princípios da cidade de Roma. Arnaldo Momigliano (1991, p. 19) salienta que a Lei das XII Tábuas, base do direito romano, era uma espécie de "constituição escrita do tipo grego". Há uma tradição que indica que um corpo de decênviros²³ teria viajado à Grécia, supostamente em 454 a.C., com a finalidade de analisar suas leis antes de promulgar as XII Tábuas. Paul Harvey e o *Oxford Classical Dictionary* a consideram improvável (HARVEY, 1998, p. 175, HORNBLOWER; SPAWFORTH, 1996, p. 435). Da mesma forma, os Livros Sibilinos, coletânea de oráculos sobre o destino da cidade que deveriam ser consultados em momentos de grande perigo, eram escritos em grego. Segundo a lenda, estes livros foram ofertados a Tarquínio, o Soberbo, sétimo e último rei de Roma, por uma estrangeira, a Sibila de Cumas (GRUEN, 1996, p. 7). Estes mesmos oráculos tem sua utilização sinalizada no V e IV séculos a.C., e são bastante mencionados nas fontes antigas (cf. GRUEN, 1986, p. 251, n.3). Segundo Jean Bayet (1957, p. 104), foi instituída pelos Tarquínios uma comissão encarregada de interpretar os Livros Sibilinos, inicialmente composta de duas pessoas. Esta comissão foi transformada em um corpo de dez pessoas em 367 a.C., cinco patrícios e cinco plebeus: os *decemviri sacris faciundis*.

Ainda durante a realza, Tito Lívio relata (I, 56) que Tarquínio, o Soberbo, tendo sido informado de um presságio que parecia referir-se à sua casa, mandou os próprios filhos consultarem o oráculo de Delfos, para que ninguém soubesse a resposta de Apolo. Os filhos de Tarquínio levaram consigo L. Júnio Bruto, que, através de um artifício, tomou para si a realização da profecia do deus, de que aquele dentre os jovens que lá estavam que primeiro beijasse sua mãe teria o domínio de Roma. Valério relata este caso em 7.3.2. Outra embaixada a Delfos teria ocorrido durante o sítio de Veios, por volta de 396 a.C. (data da queda da cidade). O nível das águas de um lago próximo elevou-se sem razão aparente e foram enviados embaixadores a Delfos para indagarem do significado deste prodígio. A resposta de Apolo permitiu que os romanos tomassem a cidade, segundo Lívio (V, 15-16) e Valério

²³ Estes decênviros não são os mesmos que os *decemviri sacris faciundis*, mencionados adiante.

(1.6.3). Erich Gruen aponta ainda uma outra embaixada supostamente ocorrida durante as guerras samnitas (GRUEN, 1996, p. 9.n.18), mas duvida de que qualquer uma das embaixadas acima citadas seja historicamente verdadeira.

Henri-Irenée Marrou (1973, p. 376) aponta a existência de influências gregas na plebe romana, nos séculos V e IV a.C.. A. Momigliano indica também um grande interesse da plebe pela "religião e pelos preceitos morais gregos" (1991, p. 19), sinalizados pela decoração do templo de Ceres/Deméter por artistas gregos e pela manutenção, em seu culto, de uma sacerdotisa grega. Como apontamos acima, a comissão dos *duunviri* foi ampliada em 367 a.C.. Foi somente neste momento que o colégio decenviral passou a aceitar plebeus, em paridade com os patrícios. Isso indica que a interpretação dos Livros Sibílicos, que pressupunha conhecimento do grego, estava nas mãos da aristocracia até então.

Momigliano afirma ainda (1991, p.19) que os dois primeiros cognomes gregos na onomástica romana pertencem a dois cônsules plebeus: Q. Publilius Philo (cônsul em 339 e 327 a.C.), e P. Sempronius Sophus (cônsul em 304 a.C. aprox.). Erich Gruen apresenta, ainda, os cônsules de cognomes Phillipus (em 281 a.C.) e Philus (223 a.C. aprox.), sem mencioná-los, no entanto, como plebeus. Aponta Gruen ainda que em sua maior parte a adoção de cognomes gregos foi limitada e descontinuada pelos descendentes destes personagens, com algumas exceções (GRUEN, 1986, p. 251; 1994, p. 227). Supostamente este fato se dá no começo da expansão romana na Campânia, região itálica fortemente helenizada desde muito (MARROU, 1973, p. 376, GRUEN, 1986, p. 251).

À medida que Roma passa a despontar como uma participante de relevância no mundo mediterrâneo, passa a chamar a atenção dos gregos, pelo menos na Itália. Segundo Erich Gruen (1994, p.10), era uma tendência grega julgar que todas as cidades de relativa importância fossem produtos de sua colonização. Heráclides do Ponto, geógrafo grego do séc. IV a.C., e Aristóteles apontam Roma como uma cidade grega (MOMIGLIANO, 1991, p. 18).

A explicação para as origens gregas de Roma era encontrada nas histórias das peripécias dos gregos no retorno da guerra de Tróia. Naturalmente, seguindo as duas pressuposições acima, fazia-se necessária a confecção do relato legitimador, ou seja, da elaboração da história de como algum grupo de gregos perdidos havia chegado até determinado lugar. A cargo do autor, estas invenções podiam assumir grandes variantes, como a versão mencionada por Dionísio de Halicarnasso de que Roma havia sido fundada por Odisseu e Enéias (GRUEN, 1994, p. 16-17), ou a versão utilizada por Virgílio, embora de formulação muito anterior, de que Roma teria sido fundada pelos troianos fugitivos sob a

liderança de Enéias, filho de Vênus. Valério segue a segunda vertente: em 1.8.7, comenta sobre alguns translados, entre Lavínio e Alba Longa, dos penates que Enéias trouxe de Tróia.

Os romanos, então em processo de ascendência na Itália e posteriormente no Mediterrâneo, rapidamente se apossaram do estereótipo atribuído a eles pelos gregos, uma vez que este oferecia vantagens nas relações com os mesmos, porém, sem ênfase especial. A "sanção" estatal somente se dá, segundo E. Gruen, com o estabelecimento do templo de Vênus Ericina, vinculada a Enéias, entre os deuses nacionais, em 215 a.C., segundo recomendação dos Livros Sibílicos (GRUEN, 1994, p. 46-47). Esta admissão ratificava a aceitação da tradição de origem troiana, já grandemente disseminada. A adoção da origem troiana marca um *modus operandi* característico:

A adoção de Tróia teve importância mais sutil e significativa. Permitiu a Roma associar-se com a teia rica e complexa da tradição helênica, e, logo, entrar em um mundo cultural mais amplo, assim como havia entrado em um mundo político mais amplo. Mas, ao mesmo tempo, ela anunciava a distinção romana deste mundo. As classes superiores romanas receberam bem a incorporação no legado cultural da Hélade, mas preferiram cavar seu próprio nicho dentro dele. Elas refinaram o senso de sua identidade e estabeleceram a base para um caráter nacional. Tróia provou ser especialmente útil nesta busca. Seu passado glorioso repousava na antiguidade remota, seu povo não mais existente, sua cidade nada mais que uma casca de seu estado anterior. Tróia persistia como símbolo, não como uma realidade atual. Não havia risco, então, de identificação com povos contemporâneos cujos defeitos seriam demasiado evidentes e demasiado embaraçosos. (GRUEN, 1994, p. 31)²⁴

Surgem três conclusões relevantes. A primeira aponta um procedimento perceptível nas atitudes romanas com relação ao helenismo, existentes na obra de Valério, e que serão detalhadas adiante: a aceitação do "helenismo" não pressupõe aceitação dos gregos. Segunda: a aceitação do helenismo não se dá de forma incondicional; pressupõem-se processos de pertencimento e diferenciação concomitantes. Em terceiro lugar, o processo de aceitação de um passado remoto troiano dá aos romanos o senso de antiguidade e tradição necessário à fundação de um passado nacional próprio.

²⁴ "The embrace of Troy had subtler and more significant import. It enabled Rome to associate itself with the rich and complex fabric of Hellenic tradition, thus to enter that wider cultural world, just as it had entered the wider political world. But at the same time, it also announced Rome's distinctiveness from that world. The Roman upper classes welcomed incorporation into the cultural legacy of Hellas but preferred to carve out their own niche within it. They sharpened a sense of their identity and laid a foundation for a national character. Troy proved especially serviceable in this quest. Its glorious past lay in remote antiquity, its people no longer extant, its city but a shell of its former self. Troy persisted as a symbol, not a current reality. No risk, then, of identification with contemporary folk whose defects would be all too evident and all too embarrassing."

Os aristocratas romanos envidaram esforços para aprender a língua grega durante o século III a.C.. O precedente havia sido dado, segundo A. Momigliano, pela *gens* Fábica, que, já no final do século IV a.C., havia se interessado pelo estudo do grego (1991, p. 20). No entanto, os resultados iniciais, conforme aponta E. Gruen, não foram satisfatórios, como no caso da fala de L. Postúmio Megelo aos tarentinos em 282 a.C., que, proferida em um grego pouco fluente, levou a platéia a insultá-lo de maneira humilhante, incidente que serviu de justificativa para uma declaração de guerra²⁵ (GRUEN, 1986, p. 251; 1994, p. 229-30; MOMIGLIANO, 1991, p. 23). A partir daí os políticos romanos passaram enfaticamente a servir-se unicamente do latim em suas preleções, mesmo para platéias ignorantes da língua, que então se viam obrigadas a recorrer a intérpretes (GRUEN, 1994, p. 235-238).

Para Valério Máximo, que aborda esta medida em 2.2.2, este procedimento tem por motivo salvaguardar a honra da língua latina, difundindo a sua dignidade entre todas as nações. Mais dois motivos subjazem: a obrigação dos gregos de descartar a volubilidade característica da sua língua, através de um intérprete que, traduzindo as suas palavras para o latim, eliminaria a ambigüidade do grego, além da afirmação de superioridade lingüística que é enunciada pelo próprio Valério. A alegação da "volubilidade" ou de "ambigüidade" do grego é um motivo recorrente nos estereótipos romanos do mesmo: será vista como motivo cultural na seção 2.2, e especificamente em Valério no capítulo terceiro.

A. Momigliano (1991, p. 21) afirma que o momento decisivo da assimilação da cultura grega em Roma localiza-se no período das duas primeiras guerras púnicas. E. Gruen também aponta o aumento de interesse pela cultura helênica durante a segunda parte do século III a.C. (GRUEN, 1986, p. 252). Lívio Andrônico, liberto grego, traduziu a *Odisséia* para o latim, e apresentou nos *ludi romani* de 240 a.C. uma tragédia e uma comédia, ambas adaptadas do grego; e lecionou tanto o grego quanto o latim em Roma (HARVEY, 1998, p. 309; GRUEN, 1986, p. 252; MARROU, 1973, p. 381, 388-389).

Momigliano também considera: "Mas 240-200 a. C foram exatamente os anos em que a epopéia, a tragédia, a comédia e a historiografia gregas se tornaram parte do modo de viver romano" (1991, p. 22). Lívio Andrônico pode bem ser vinculado às três primeiras artes enunciadas. Fábio Píctor, primeiro historiador romano, pode responder pela última, escrevendo a primeira história romana em grego. Não por pretender que seu trabalho fosse lido por uma audiência estrangeira, mas sim por todas as referências historiográficas onde se insere o seu trabalho serem gregas, não havendo então um modelo historiográfico latino.

²⁵ Valério discute o evento em 2.2.5. No capítulo 3, o incidente será narrado mais detalhadamente.

Além disso, E. Gruen afirma que o uso do grego e a não-intencionalidade de uma audiência estrangeira aponta para o domínio do grego por parte de uma platéia romana seleta (GRUEN, 1986, p. 253-255).

Soma-se a isso o afluxo de arte grega em Roma. O incidente mais famoso neste sentido, embora não seja o primeiro no período - Tarento é tomada em 272 a.C.²⁶ - é o saque de Siracusa, colônia grega na Sicília, por Marcelo em 211 a.C., no qual carregou para Roma vastíssimo butim, composto de trabalhos em prata e bronze, uma coleção de estatuária e pinturas. O historiador grego Políbio, pró-romano, relatando o saque e transporte das obras, censura o procedimento em termos que configuram uma adesão aos usos dos vencidos, abandonando os hábitos que os levaram à vitória (Políbio, IX,10, *apud* ISAAC, 2006, p. 312).

A distribuição do butim em Roma seguiu uma espécie de divisão lógica: as obras pertencentes a particulares siracusanos foram distribuídas a particulares em Roma, e as obras de arte públicas ficaram sob domínio público. Isso mostra que a difusão da arte não ficou restrita apenas ao plano "estatal", atingindo também cidadãos específicos de alta extração social (SANTOS, 1996, p. 14).

O ano de 186 a.C. marca outro incidente de relevância para as relações entre Roma e a influência grega. Trata-se da perseguição às Bacanais, relatada por Tito Lívio. Uma sociedade secreta, fundada por "um grego de ascendência obscura, carente de todo conhecimento adequado à educação da mente e do corpo com que a admirável civilização helênica nos enriqueceu"²⁷ (XXXIX.8), estabeleceu-se na Etrúria como sacerdote de uma religião misteriosa, rapidamente envolvida em depravações, assassinatos, falsificações e crimes de toda espécie. A seita estende-se a Roma, onde uma mãe e um padrasto tencionam corromper um herdeiro através da iniciação nas Bacanais. A amante do jovem toma conhecimento do fato e revela ao amante o conteúdo de tais ritos. O jovem refugiou-se em casa de sua tia paterna, que por sua vez acionou o cônsul Sp. Postúmio Albino, que, após interrogar a amante do jovem, denunciou a seita ao Senado.

Um grande processo é levado a cabo. O Senado ordena que os participantes sejam encarcerados, caso apenas houvessem feito os juramentos da seita e não praticado nenhum crime, e que fossem mortos, caso o houvessem feito. Tito Lívio conta que o número destes últimos foi maior do que o dos primeiros. Além disso, as bacanais foram proibidas em Roma e nas cidades aliadas do resto da Itália; os altares a Baco, com exceção dos mais antigos,

²⁶ M. Curius Dentatus celebrou um triunfo em 275 a.C com tesouros obtidos de Tarento. No entanto, segundo E. Gruen (1994, p.89, n.19) a cidade só veio a cair em 272 a.C. O autor considera não haver motivo para dúvida de que houve saque de tesouros tarentinos com o fim da guerra contra Pirro.

²⁷ Tradução de Paulo Matos Peixoto. Ver as referências bibliográficas.

foram derrubados. (XXXIX. 18) Foi emitido um senatusconsulto ditando que o culto de Baco somente seria permitido em circunstâncias muito específicas: com consulta ao Senado e aprovação mínima de cem senadores, com a presença de no máximo cinco pessoas, sem a presença de sacerdotes ou de sacrificadores; além do estabelecimento da pena capital para quem violasse estas disposições. Valério, em 6.3.7, apresenta um comentário sobre a rigidez das medidas tomadas contra as mulheres que haviam participado destes ritos. Estas não foram julgadas publicamente, mas foram legadas ao julgamento de suas famílias, e muitas foram por elas condenadas à morte. Foi encontrada uma tabuleta de bronze na cidade de Tiriolo, na região itálica do Brútio, na qual as resoluções dos cônsules acerca das Bacanais estavam expostas, corroborando o relato de Lívio (GRUEN, 1996, p. 36).

Essa perseguição em larga escala não tinha precedentes à altura na história romana, em numerosos campos, seja pela atribuição de poderes extraordinários aos cônsules para extinguir o culto, seja pela atitude persecutória completamente destoante do padrão romano de aceitação religiosa de divindades estrangeiras, marcadamente tolerante.

E. Gruen, comentando sobre os motivos do caso, considera numerosas opiniões acerca das causas do mesmo, desde a afirmação do poder senatorial sobre as cidades aliadas (uma vez que o senatusconsulto também as incluía dentre as áreas a serem limpas das bacanais) ou da afirmação de que o culto era ofensivo aos pilares da tradição romana, como o *mos maiorum* ou a *pax deorum* (paz dos deuses, obtida através da manutenção de valores morais e religiosos) Esta última é a peça central da denúncia feita pelo cônsul Postúmio ao Senado, como Lívio relata. Ou ainda da afirmação de que o episódio se dá na seqüência de um processo de crescimento vertiginoso dos cultos báquicos desde o final da guerra contra Aníbal, o que, segundo Gruen, é uma afirmação equívoca. Os cultos báquicos eram conhecidos e mal-afamados na Itália desde muito (GRUEN, 1996, p. 46-51).

Um dos motivos levantados é importante para nosso trabalho: a hipótese de um surto de anti-helenismo. Durante muito tempo, a opinião acadêmica dividiu, no período do final das guerras púnicas, dois grandes partidos ou facções, detentoras de pontos de vista antagônicos sobre o helenismo: a facção dos Cipiões, pró-helênica, e a facção anti-helênica, liderada entre outros por M. Pórcio Catão, o Antigo (GRUEN, 1994, p.224, 226). Em alguns trabalhos, a repressão às bacanais aparece como obra do partido anti-helênico (p.ex. BAYET, 1957, p. 152), mas Gruen considera que, primeiramente, a existência destes dois "partidos", mormente de um partido de Cipião, é dificilmente sustentável (GRUEN, 1994, p.224-226), e, além disso, uma manobra anti-helênica seria contraproducente dentro das ações políticas e culturais tomadas pelos romanos no período (GRUEN, 1996, p. 56). Pensamos que esta divisão fixa em

"partidos" pró e contra o helenismo seja realmente forçada e que a interpretação de uma manobra anti-helênica tenha falhas, como mostra Gruen (1996, p. 56-57), embora as fontes, principalmente a vida de Catão por Plutarco, nos pareçam dizer que o mesmo era anti-helênico. O próprio Gruen, porém, tem como ponto recorrente em suas análises sobre a recepção romana do helenismo a existência de uma distinção entre a adesão a este, freqüentemente feita em escala privada, e repulsão ao mesmo, emitida nos termos de políticas públicas. Muito embora a divisão em partidos e a hipótese da manobra de um deles serem falhas, a **justificativa** para a perseguição é importante para nós, uma vez que invoca a noção de que o estrangeiro é corruptor.

Considera-se que, no caso das bacanais, a maior parte das motivações tem pouco a ver com o culto em si, sendo que os cultistas não passaram de alvos oportunos de outros processos: demonstração de poder do Senado, de domínio sobre os aliados, e da busca de distinção de alguns aspectos do helenismo. Gruen menciona uma distinção entre "interesse coletivo" e "excessos individuais" (1996, p. 72-73), referindo-se ao grande número de tesouros acumulados por generais triunfantes em campanhas e que, como vimos acima, eram tidos como potencialmente corruptores. A justificativa apresentada pelo cônsul Postúmio, segundo Lívio, baseia-se na expulsão dos elementos corruptores dos costumes nacionais, e o caráter estrangeiro do culto a Baco, destruidor dos costumes e valores tradicionais romanos, passa por motivo (aparente) da perseguição.

Muitas vezes nossos pais e avós encarregaram os magistrados de se oporem a toda e qualquer cerimônia de culto estranho; de vedarem o Fórum, o circo e a Cidade a sacerdotes e adivinhos; de apreenderem e queimarem livros de profecias; de proscriverem todos os ritos e sacrifícios que não fossem os dos romanos²⁸. (TITO LÍVIO, XXXIX. 16)

Para nós, este motivo invocado adquire maior importância do que os propósitos reais da perseguição. Por quê? Porque demonstram que a alegação de um elemento corruptor e estrangeiro foi considerada como um motivo válido para ações políticas, ainda que a relevância do fato corruptor se localizasse no plano retórico, ou como abstração, uma vez que, como o próprio Gruen aponta, o Senado emissor das leis persecutórias era ele mesmo fortemente helenizado (1996, p. 76). Ainda que a fala de Postúmio seja uma criação de Lívio, nos termos da *enargeia*, não perde seu efeito porque serve como evidência do processo que, segundo Gruen, marca as atitudes romanas frente ao helenismo: a distinção entre política pública e preferência pessoal (GRUEN, 1986, p. 268; 1996, p.77). Ou seja, é uma formação

²⁸ Tradução de Paulo Matos Peixoto. Ver as referências bibliográficas.

discursiva acerca do estrangeiro, mais especificamente do grego, que faz parte do corpo de referências dos quais Valério haure suas fontes (e Tito Lívio é uma delas).

A forte influência helenística na formação dos senadores, ainda que eles mantivessem a distinção acima relatada, também faz parte de outro ponto importante nas relações culturais entre Roma e os gregos: a adoção da educação grega nas classes superiores.

Como apontamos acima, desde o IV século a.C., famílias patrícias já haviam se disposto a aplicar-se aos estudos helênicos. Mas o crescimento da influência do helenismo em Roma, com o desenrolar das guerras púnicas e o estabelecimento de Roma como potência mediterrânea também é o crescimento da educação de molde grego. "O grego foi, a princípio, para os aristocratas romanos, a língua internacional, a língua diplomática, a de seus adversários e, logo, a de seus súditos orientais" (MARROU, 1973, p. 378). E é na oratória que a assimilação do grego se dará com maior força: H-I. Marrou aponta, sob Catão, o Censor, o surgimento dos primeiros oradores latinos de formação grega, embora aponte também que Cícero atribuíra esta precedência ao cônsul de 137 a.C. M. Emílio Lépido Porcina. O século II a.C. é pródigo em figuras de preeminência romanas familiarizadas com o helenismo.

[...] T. Flamínio demonstrava sua fluência em grego tanto oralmente quanto na escrita. L. Emílio Paulo realizou um extenso périplo por altares e lugares na Grécia que declarou seu profundo respeito pelas tradições helênicas. O filho de Paulo, Cipião Emiliano, instruiu-se com o historiador Políbio e recepcionou em sua casa o filósofo Panécio. Os aristocratas romanos levaram a cabo trocas intelectuais com pensadores gregos, tanto em casa quanto no exterior, exibiram sua fluência com a língua, e promoveram o avanço da erudição grega. O filohelenismo, ao que aparenta, tornou-se presente nos círculos cultivados da Roma do segundo século. (GRUEN, 1994, p. 223-224)²⁹

O próprio Cipião Emiliano, em uma anedota clássica, teria citado, contemplando os destroços de Cartago, os seguintes versos de Homero: "Dia virá em que perecerão a augusta Ílio e Príamo e o povo de Príamo sob o certo pique..." (*Ilíada*, VI, 448, *apud* MARROU) refletindo que o mesmo destino poderia advir um dia a Roma e aos romanos (MARROU, 1973, p.379).

Os preceptores estavam à mão: a vasta quantidade de escravos e reféns de procedência grega da qual, como apontamos acima, Lívio Andrônico é exemplo (MARROU, 1973, p. 381) e o próprio Políbio, refém grego e participante do séquito de Cipião Emiliano, também.

²⁹ "[...] T. Flaminius displayed his fluency in Greek both orally and in writing. L. Aemilius Paullus undertook an extensive tour of shrines and sites in Greece which declared his deep respect for Hellenic traditions. Paullus' son, Scipio Aemilianus, obtained instruction from the historian Polybius and welcomed to his home the philosopher Panaetius. Roman aristocrats carried on intellectual exchanges with Greek thinkers, both at home and abroad, exhibited their ease with the language, and promoted the advance of Greek learning. Philhellenism, it would appear, became pervasive in the cultivated circles of second-century Rome."

Mesmo o personagem usualmente tido como emblemático da aversão aos gregos, o censor M. Pórcio Catão, possuía um preceptor grego em sua casa, embora o tivesse dispensado no tocante à educação de seu filho, como Plutarco afirma (na vida de Catão, XX). As atitudes de Catão no que concerne às coisas gregas não são tão diretamente antagônicas quanto usualmente se supõe; são representativas da ambigüidade de tratamento dos gregos e do helenismo, e as abordaremos adiante.

Apesar do estabelecimento definitivo da educação de molde grego nas camadas superiores da sociedade, a ponto de a ignorância da língua grega ser antes exceção do que a regra (DUBUISSON, 1992, p. 188), existiam instâncias da educação grega que eram antipáticas aos romanos, em virtude de sua associação com costumes reprováveis, na visão destes. H-I. Marrou menciona a dança e a música, mas principalmente a educação atlética (1973, p. 383-386). Cipião, o Africano, tendo praticado o atletismo na Sicília, suscitou grande escândalo, segundo Tito Lívio (XXIX, 19, 12) Os objetos de choque para os romanos eram a nudez e a pederastia, a qual, segundo Marrou, tinha seu foco nos ginásios.

Além disso, a adesão incondicional aos costumes gregos era tida por reprovável. A. Postúmio Albino, cônsul em 151 a.C., compôs um trabalho histórico em grego e, no prefácio, pedia desculpas pelo domínio imperfeito da língua, provocando a chacota de Catão (GRUEN, 1986, p. 263-264, o fato é relatado em Políbio e Plutarco). E. Gruen cita o comentário de Políbio onde este diz que era o comportamento de pessoas como Albino o que provocava a má-fama do helenismo entre os romanos mais velhos e ilustres. Mesmo com a base educacional de molde grego, uma atitude de desdém frente aos costumes gregos era mais recomendada, como é o caso dos oradores do fim do século II a.C. L. Crasso e M. Antônio, que tinham contato com a educação grega, mas sistematicamente afetavam seu desconhecimento (GRUEN, 1986, p. 264; 1994, p. 264-268). Gruen considera que esta forma de preconceito perdura durante o fim da República. O próprio Cícero, tendo adquirido toda a sua base educacional nos moldes gregos (MARROU, 1973, p. 401-402), e aprendido retórica nesta língua, em certos discursos passa-se por ignorante sobre artistas renomados e escultores da Grécia, assim como da arte grega como um todo (VASALY, 1993, p. 109-110).

A afetação de desconhecimento das coisas gregas por parte destes oradores é tanto mais interessante por constituir um contra-senso, uma vez que os primeiros trabalhos de retórica romanos datam somente do começo do século I a.C., (um tratado de M. Antônio, o *De inventione* (Sobre a invenção) de Cícero e a *Rhetorica ad Herennium*) (CALIBOLI; DOMINICK, 1997, p. 4) sendo que primeiramente H-I. Marrou considera que o *De inventione* nada mais é do que a adaptação latina por Cícero dos ensinamentos de seu mestre Molo, e

antes destes manuais, a educação oratória era totalmente grega (MARROU, 1973, p. 392, 438).

A presença do helenismo nas classes superiores é contrabalançada pela sua presença nos escalões inferiores da sociedade. Como vimos, os primeiros cônsules portadores de nomes gregos eram, pelo menos em sua maior parte, plebeus. Além disso, leve-se em consideração a alta quantidade de escravos e libertos em Roma falantes do grego, e o fato de que a colônia grega de Roma era a mais importante da Itália: fato atestado, segundo Dubuisson, pelo grande número de inscrições, e também do fato que mesmo comunidades de outras procedências, como os judeus, usavam o grego como língua franca (DUBUISSON, 1992, p. 189).

Michel Dubuisson considera que as peças de Plauto, carregadas de trocadilhos bilíngües, pressupunham algum domínio mínimo do grego, e não poderiam ter como audiência ideal apenas um pequeno número de pessoas. No entanto, o autor também argumenta que não se pode ter uma idéia muito clara da exata distribuição e extensão do bilingüismo grego/latim em Roma uma vez que a maior parte dos documentos sobreviventes trata, de forma mais evidente, apenas das manifestações das camadas superiores da sociedade (DUBUISSON, 1992, p. 188).

E o uso do grego nestes documentos, nos exemplos oferecidos por Dubuisson, se dá em contextos privados, seja na correspondência de Cícero, farta em citações, ou nas frases motivadas por sentimentos intensos: supostamente, o "*alea iacta est*" de César ao transpor o Rubicão pode ter sido um "ἀνεπίφθω κύβητος", assim como o "*Até tu, meu filho?*" do mesmo César a Bruto no seu assassinato, para Suetônio, é um "καὶ σύ, τέκνον". O grego parece ser a língua das expressões pessoais, dos sentimentos violentos. Dubuisson aponta, em Juvenal, (Juvenal, *Sátiras*, VI, 187) uma expressão desta efusão de sentimentos. O autor também afirma que o grego é a língua mais freqüente em *graffiti* e em tabuletas de *defixio*, ou maldições (DUBUISSON, 1992, p. 193, ver também a nota 57 na página).

O "καὶ σύ, τέκνον" de César, também sinaliza o uso do grego nas relações familiares. As frases de César aos seus assassinos são em latim: "*ista quidem vis est!*" (*Isto é uma violência!*); é somente a Bruto que ele se dirige em grego. Suetônio, querendo sinalizar o efeito dramático da traição de Bruto, coloca na boca de César o sinal das relações familiares; o grego falado domesticamente entre as famílias patrícias. Quintiliano, em uma passagem da *Institutio Oratoria* (I. 1. 12-13) menciona ser preferível que a criança aprenda o grego antes mesmo do latim. Esta impressão indelével que o aprendizado da primeira língua proporciona permite estabelecer, segundo Dubuisson, uma relação entre o seu uso em situações de forte

carga emocional (1992, p. 193). Ainda poderíamos adicionar algo: a distinção entre preferência pessoal e política pública que Gruen afirma coexistir na mentalidade romana aparece neste uso da língua: o próprio Tibério se dirige em grego a Galba, anunciando que este também será imperador um dia (Tácito, *Annales* VI, 20, 3 *apud* DUBUISSON 1992, p. 193, n.46); no entanto não permitia o uso do grego, e nem mesmo de palavras gregas, em documentos oficiais. (ISAAC, 2006, p. 388-389; a fonte é Suetônio)

E é a partir desta longa trajetória de atração e repulsão aos gregos que se estabelecem as idéias /estereótipos acerca destes, e que constituem o *corpus* de referências a partir das quais Valério Máximo tomará seus exemplos. Veremos como se formulam estas imagens.

2.2 PERSONAE

Não se pode falar, cremos, em um padrão coerente e uniforme de pensamento em se tratando de populações e culturas. O próprio conceito de formação discursiva no qual nos inspiramos tende a apontar antes as fragmentações e utilizações contingenciais de diferentes pontos de vista e opiniões, do que uma unidade potencialmente criada de maneira artificial. Os estereótipos romanos acerca dos gregos não são diferentes. São mutáveis: variam entre os autores clássicos e até mesmo dentro de um mesmo autor (nomeadamente, Cícero). É difícil apreender a complexidade destes estereótipos.

Adotamos um eixo explicativo que julgamos possa servir para a ilustração e discussão destes estereótipos, e também, como vimos na *Praesentatio* e na seção 2.1, o mecanismo de funcionamento desta ambigüidade (atração/repulsão) de pontos de vista romanos possíveis sobre os gregos. Iremos nos basear nas opiniões sobre os gregos expressas nas obras de três autores, que consideramos significativos: Plauto, autor de obras teatrais do século III-II a.C., em virtude de cunhar verbos expressores dos procedimentos dos gregos, Plutarco, que na sua *Vida de Catão, o Antigo*, nos relata ações deste personagem acerca dos mesmos, e Cícero, em virtude de exemplificar uma dualidade de tratamento dos gregos que nos ajudará a entender a utilização destes mesmos *topoi* nos *Feitos*.

2.2.1 Plautus

A idéia de que os gregos são irresponsáveis é recorrente nas obras do autor teatral Plauto. Dois verbos surgem em suas obras: *pergraecor* e *congraeco*. São sinônimos de farras, de intemperança, e de divertimento inconseqüente. Da mesma forma, *Graeca fides*, “confiança grega” significa falta de confiança (ISAAC, 2006, p. 384; GRUEN, 1994, p. 262; 1996, p. 153-154.).

O verbo *pergraecor* aparece cinco vezes nas peças de Plauto, divididas estas ocorrências em quatro peças: *Bacchides*, *Mostellaria*, *Poenulus* e *Truculentus*. Cada uma dessas peças apresenta uma menção do verbo, com exceção de *Mostellaria* onde são registrados dois usos do mesmo. *Congraeco* é registrado apenas uma vez, em *Bacchides* (v.743), e tem o mesmo significado de *pergraecor*. Daremos alguns exemplos da utilização destes verbos. Em *Bacchides*, o velho Nicóbulo, ao prender seu astuto escravo Crísalo, diz: “Apenas faço isso para fazer com que convenças meu filho a juntar-se a ti numa vida desregrada, sua víbora” (*Propterea hoc facio, ut suadeas gnato meo ut pergraecetur tecum, tervenefice.*) (*Bacchides*, v. 812-813). Em *Mostellaria*, o escravo público Grúmio recrimina o escravo Trânio por ajudar Filolaces, filho de um mercador, a levar uma existência dissipada: “[...] Agora, enquanto tiveres chance, e escolheres fazê-lo, beba, destrua a propriedade, corrompei o bom filho do senhor! Beba dia e noite, viva como um grego, comprai cortesãs para libertá-las, alimentai parasitas, banqueteie-se o melhor que puder! São essas as coisas que o velho senhor te ordenou ao sair para viajar?” (*nunc, dum tibi lubet licetque, pota, perde rem, corrumpere erilem adulescentem optimum; dies noctesque bibite, pergraecamini, amicas emite liberate, pascite parasitos, obsonate pollucibiliter. haecine mandavit tibi, quom peregre hinc it, senex?*) (*Mostellaria*, v.20-25) A *graeca fides* é definida em *Asinaria*, v.198-199: “A luz do dia, a água, o sol, a lua, a noite, estas coisas não compro com dinheiro; o restante, que quisermos usar, compramos ao modo grego”, (ou seja, considerando que os outros estão tentando trapacear) diz a sagaz administradora Cleareta a Argiripo (*diem aquam solem lunam noctem, haec argento non emo: ceterum quae volumus uti Graeca mercamur fide*) (os destaques são nossos).

Erich Gruen considera que os estereótipos apresentados por Plauto não devem ser interpretados apenas como expressão de sentimentos anti-helênicos. Lembra que a maior parte dos estereótipos sai da boca de personagens gregos, e que estes devem antes ser considerados como paródia das visões romanas sobre os mesmos, da mesma forma em que suas obras

também os romanos são estereotipados como rudes e bárbaros aos olhos dos gregos (GRUEN, 1996, p. 155). Benjamin Isaac, comentando em nota a interpretação de N. Petrochilos de que Plauto por vezes seleciona seu material de forma a indicar atitudes e tendências romanas, argumenta que o mais importante é perceber a existência dos estereótipos, mais do que indagar se o próprio Plauto acreditava ou não neles. (ISAAC, 2006, p. 384, n.16).

2.2.2 Cato

A vida de Catão, o Antigo, (234-149 a.C.) por Plutarco, autor grego do século I-II d. C., é pródiga em contatos do protagonista com o helenismo. O primeiro contato se dá supostamente em Tarento, cidade do sul da Itália e colônia grega, na comitiva de Q. Fábio Máximo em 209 a.C. (GRUEN, 1994, p.66-67). Catão, servindo então sob as ordens deste, teria estudado a filosofia pitagórica com o filósofo Nearco. Plutarco nos diz que somente nesta ocasião Catão estudou a língua grega, até que, na velhice, retomou estes estudos, muito embora seus escritos fossem carregados de referências a autores e episódios da história grega. O próprio Plutarco reafirma esta passagem quando menciona que um dos ditos de Catão teria sido feito originalmente por Temístocles, sinal de alguma familiaridade com episódios da história grega. Isso é importante por reiterar a afirmação de Erich Gruen (1994, cap. 2), de que a oposição catoniana ao helenismo não é cega, e sim fruto de reflexão, conhecimento e recusa deliberada.

Os dois pontos mais importantes a salientar no relato plutarqueano são os seguintes episódios: a embaixada à Grécia quando da guerra romana contra Antíoco, o Grande (191 a.C.), e a ocorrência da embaixada do filósofo Carnéades a Roma em 155 a.C.. No primeiro episódio, Plutarco conta que Catão teria falado aos atenienses com a intermediação de um intérprete, muito embora pudesse ter falado o grego, se quisesse. A explicação de Plutarco para tal atitude é a de que Catão pretendeu seguir o uso de seu próprio país, e que o mesmo Catão ridicularizava as pretensões de alguns de seus compatriotas de não admirar nada que não estivesse em grego. Em seguida a esta consideração, Plutarco comenta o chiste de Catão a Postúmio Albino, já mencionado neste trabalho. Comentando sobre a embaixada a Atenas, Plutarco relata que o próprio Catão afirmou terem os atenienses se espantado com a disparidade de tempo decorrido entre a fala dele e o tempo levado pela tradução para o grego,

sendo a fala em latim muito menor. A resposta de Catão sumariza seu conceito sobre as diferenças entre os romanos e os gregos. Para ele, a diferença era a de que as palavras dos gregos eram ditas com os lábios, e as dos romanos, com o coração.

Transparece aí a idéia de que as palavras dos gregos ou a língua grega têm algo de falso ou desviante. Catão vale-se do latim por dois motivos, que têm um só fundamento. Um deles é relacionado à resolução romana de só comunicar-se com outros povos através de intérpretes, depois de casos como o de Postúmio Megelo, e o outro é justamente a maior veracidade da expressão em latim, no sentido de que é direta e desprovida de artifícios potencialmente enganadores. O ponto em comum entre estes dois motivos é o reforço da afirmação de superioridade romana, como o próprio Valério Máximo havia comentado em seu exemplo 2.2.2, e nós na seção 2.1.

A idéia de que a expressão grega é desviante da verdade e nociva por isso também é expressa no segundo episódio que relataremos. Sendo Catão já velho e influente na política romana, foi enviada uma embaixada ateniense à Roma, composta pelos filósofos Carnéades, acadêmico, e Diógenes, cínico. Rapidamente a oratória do primeiro suscitou grande entusiasmo entre a população, principalmente entre os jovens, a tal ponto em que eles deixavam seus passatempos usuais para estudar filosofia, o que, adiciona Plutarco, foi visto com bons olhos pelos romanos.

Catão, ao contrário, procurou apressar a saída destes filósofos da cidade, com o pretexto de que a facilidade com que estes influenciavam a opinião pública era nociva, e que poderia levar os jovens a preferirem exercitar-se na oratória a exercitar-se nas armas. A facilidade de sedução das palavras dos filósofos, portanto, poderia levar os jovens a distanciarem-se dos padrões e costumes morais antigos dos romanos.

É interessante salientar que a recusa catoniana às letras gregas, como expressa na frase que teria dito a seu filho de que os romanos certamente seriam destruídos no dia em que se infectassem com a literatura grega, é baseada num conhecimento desta mesma literatura, como o mesmo Plutarco afirma. Em vários casos, a familiaridade de Catão com a literatura grega é atestada, como se depreende de seus chistes sobre a escola oratória de Isócrates ou em seu desprezo pela filosofia de Sócrates, por exemplo. Tais ocorrências demonstram familiaridade com os autores gregos, mas desprezo pelos seus ensinamentos.

Existem outros episódios na vida de Catão onde preconceitos contra os gregos são expostos, como na alegação catoniana de que todos os médicos gregos haviam jurado envenenar todos os bárbaros de que tratassem, tomando tal asserção de um episódio atribuído a Hipócrates. Mas cremos que o principal ponto a ser tratado em Catão é o antagonismo entre

veracidade/pragmatismo romano e a tortuosidade grega. Segundo a análise de Erich Gruen, esta tortuosidade e a fixação pela retórica beletrista eram nocivas a Catão porque levavam à contestação e ao enfraquecimento das tradições motivados pela simples satisfação intelectual/irresponsável pessoal. (GRUEN, 1994, p.65-66) A profecia apocalíptica de Catão sobre a destruição dos romanos pela literatura grega pode basear-se neste ponto de vista. Ênio, poeta romano contemporâneo de Catão, enunciou uma frase esclarecedora a este respeito: *moribus antiquis res stat romana virisque*, ou "a força de Roma está nos costumes antigos" (Ênio, *Annales*, 5, 156, também citada em Cícero, *De Rep.* 5.1). O desprezo das tradições leva à ruína, e o estudo dos gregos leva ao desprezo das tradições.

2.2.3 Cícero

Cícero, em suas obras, também faz uso de termos derogatórios com relação aos gregos. Para Cícero, os bárbaros em geral são não-confiáveis. O termo usado por Cícero para definir esta "não-confiabilidade" é *levitas*. Essa característica é a antítese de um dos valores prezados dentro das tradições romanas que é a *gravitas*, ou seriedade (VASALY, 1993, p. 200, n.14; ISAAC, 2006, p. 393). O grego é um exemplar característico de povo detentor de *levitas*. Em suas assembléias, permitem que os indivíduos de mais baixa extração se manifestem. Ann Vasaly comenta que Cícero diz que, enquanto o romano,

[...] versado nos costumes tradicionais e na disciplina, é escrupulosamente honesto sob juramento e que é dificilmente induzido a fazer considerações hostis mesmo contra os seus inimigos, os gregos se preocupam unicamente em defender os seus próprios interesses e vencer a disputa verbal entre eles e seu questionador. Eles escolhem como seus representantes, assim, nem os melhores homens nem os mais respeitados, mas sim aqueles que falam melhor. Para eles, diz o orador, "um juramento é uma piada, testemunhar é um jogo, e sua reputação para conosco é uma sombra" (Cícero, *Pro Fonteio*, 12). Cícero adiciona que sua oração seria realmente infinita se ele se demorasse mais sobre a inconstância (12: *levitatem*) de toda a raça grega em prestar provas. (VASALY, 1993, p. 199-200.)³⁰

³⁰ (Whereas the Roman, says Cicero) schooled in traditional customs and discipline, is scrupulously honest under oath and can hardly be induced to make hostile statements even against his enemies, the Greeks are concerned only with advancing their own interests and winning the verbal contest between themselves and their questioner. They choose as their representatives, therefore, neither the finest men nor the most respected but those who are the best talkers. To them, says the orator, "a sworn oath is a joke, giving testimony is a game, and their reputation before you but a shadow" (12) Cicero adds that his oration would indeed be without end if he were to dilate further upon the inconstancy (12: *levitatem*) of the whole Greek race in giving evidence"

Além de *levitas*, existem outros defeitos que Cícero atribui à raça grega. Os gregos são culpados de *ineptia* ou falta de tato, que se traduz em uma disposição para tratar de assuntos inapropriados em momentos inoportunos. Exemplos de assuntos e disposições inapropriadas são o questionamento das tradições e a disposição imoderada à fala e a discussão unicamente por si mesmas.

Como salientamos anteriormente, a formulação destes estereótipos negativos tem algo de contraditório em si mesma, uma vez que seus enunciadores não são, de maneira nenhuma, impermeáveis às manifestações do helenismo em Roma. A própria biografia de Catão por Plutarco sinaliza o seu conhecimento de grego e da literatura grega. E. Gruen comenta que as atitudes de Catão são muito frequentemente consideradas monoliticamente adversas ao helenismo, quando são mais plausíveis em seu contexto se entendidas como indicativas de uma postura que reconhece as contribuições helênicas, mas as refuta em nome de uma afirmação de identidade propriamente romana (GRUEN, 1994, p. 80-82).

As peças plautinas podem ser analisadas pelo mesmo viés. O retrato caricato do grego ou do romano cumpre uma função satírica. Benjamin Isaac (ISAAC, 2006, p. 42) considera que a veiculação de estereótipos, mesmo que em contexto teatral, e com todas as ressalvas que este contexto proporciona, indica pelo menos a idéia destes entre o público espectador. Não se trata de uma equivalência entre experiência real da população e manifestação do estereótipo, mas sim da manifestação de uma idéia plausível, mesmo que sem existência física. Concordamos, neste sentido, com E. Gruen, (GRUEN, 1994, p. 262-263) que considera o estereótipo como funcional para o papel que exerce na sátira, o qual não é, para Gruen, de desprezo pelos gregos, mas provavelmente uma paródia dos preconceitos romanos com relação a estes. É evidente que não se poderia considerar a utilização do estereótipo do grego como irresponsável e leviano sem pressupor que a idéia fosse corrente, mas este estereótipo pode apenas tratar-se de um lugar-comum, útil ao fim a que se destina.

E na obra de Cícero esta utilização pragmática é perceptível. No discurso de defesa de L. Valério Flacco (*Pro Flacco*), acusado de extorsão contra os gregos em 59 a.C., Cícero salienta que o único fator comum a todas as testemunhas de acusação é o fato delas serem gregas.

At quos testes? Primum dicam, id quod est commune, Graecos; non quo nationi huic ego unus maxime fidem derogem. Nam si quis umquam de nostris hominibus a genere isto studio ac voluntate non abhorrens fuit, me et esse arbitror et magis etiam tum cum plus erat otii fuisse. Sed sunt in illo numero multi boni, docti, prudentes, qui ad hoc iudicium deducti non sunt, multi impudentes, illiterati, leves, quos variis de causis

video concitatos. Verum tamen hoc dico de toto genere Graecorum: tribuo illis litteras, do multarum artium disciplinam, non adimo sermonis leporem, ingeniorum acumen, dicendi copiam, denique etiam, si qua sibi alia sumunt non repugno; testimoniorum religionem et fidem numquam ista natio coluit, totiusque huiusce rei quae sit vis, quae auctoritas, quod pondus, ignorant. (Cícero, *Pro Flacco*, iv.9.2-10.1)

E que testemunhas? Primeiro se diga o que lhes é comum: são gregos. Não que eu pretenda especialmente denegrir a reputação desta nação. Mesmo por que se alguém do nosso povo não é adverso em disposição e vontade a eles, esse sou eu, e era ainda mais quando tinha mais tempo à minha disposição. E eles têm entre si muitas pessoas boas, eruditas, respeitadas, mas que a este tribunal não foram chamadas; mas muitas desavergonhadas, iletradas, levianas, que vejo aqui juntas, chamadas por vários motivos. Também verdadeiramente digo de todo o gênero dos gregos: concedo-lhes as letras, e a excelência em muitas artes, também não lhes retiro certo encanto, uma natureza inquisitiva, abundância de eloquência; enfim, qualquer outra coisa que eles queiram atribuir-se, não nego. Porém esta nação nunca cultivou a fidelidade e a honra nos juramentos; todas aquelas coisas que nos compelem no respeito à autoridade, eles ignoram.

E, como estratégia para invalidar o testemunho dos mesmos, faz uso deste estereótipo negativo, argumentando que não podem ser levadas a sério acusações realizadas por indivíduos de uma tão marcada inconstância e indiferença pela verdade como são os gregos, mesmo reconhecendo toda a variedade de qualidades que eles possuem: grandes homens, boa literatura, excelência em muitas artes.

No entanto, no decorrer da acusação, Cícero deparou-se com o problema de que algumas cidades gregas enviaram testemunhas em *favor* de Flacco. A condenação genérica dos gregos invalidaria este testemunho também, e Cícero, em vista deste fato, refaz sua argumentação nos termos em que é estabelecida uma diferença entre dois "tipos" de gregos. Os gregos europeus, supostamente mais confiáveis, e mesmo habitantes de lugares dignos de louvor, como Atenas, em virtude de suas inúmeras contribuições para a humanidade, e Esparta, renomada pela bravura e pela coragem de seus cidadãos, seriam dignos de proporcionar testemunho confiável a favor de Flacco (VASALY, 1993, p.203). Os gregos asiáticos seriam, por sua vez, os detentores dos estereótipos negativos usuais.

O incômodo causado pela existência de uma cidade lídia, portanto asiática, que também havia enviado testemunhas em favor de Flacco é resolvido por Cícero através da alegação de que, dentre todas as cidades asiáticas, a dita cidade de Apollonis é a que mais apartada está da inconstância que é característica de seus vizinhos. Os habitantes desta cidade trabalham arduamente nos campos e são virtuosos (VASALY, 1993, p. 202-205). Parece-nos que a intenção aí é livrar os habitantes desta cidade do estigma através de uma associação com a rusticidade cara aos valores romanos.

A distinção entre dois tipos de gregos, europeus e asiáticos, também existe na oratória, com a distinção de dois estilos, "ático" e "asiático"³¹. Uma vez que a arte retórico-oratória implicava conhecimento e contato com a erudição grega, foi feita uma distinção que procurasse evitar, a nosso ver, uma associação demasiado estreita com todos os estereótipos de verbosidade e falsidade já enunciados. O estilo ático de oratória era vinculado a qualidades como concisão e substância, enquanto o estilo asiático era vinculado a defeitos tais como redundância, verbosidade, falta de conteúdo e de fibra (RICHLIN, 1997, p. 106-107). Estas características eram produzidas em parte pela própria conformação geográfica dos lugares. A fartura asiática ocasionava o relaxamento, perceptível na forma de expressão oratória. Da mesma forma, o trabalho duro no solo ático era associado, de certo modo, com a expressão simples e direta (CONNORS, 1997, p. 85).

Percebemos, então, que grandes sutilezas de discriminação entre os tipos de gregos podem ser geradas se consideradas necessárias. Caso não o fossem, poderia-se facilmente recorrer aos lugares-comuns que rotulassem os gregos genericamente como *inepti* ou inconstantes, ou luxuriosos. A variação pode ser facilmente percebida em Cícero, e note-se que a adoção de um ponto de vista positivo ou negativo poderia variar, então, conforme a necessidade do orador.

Este tipo de distinção, parece-nos, também foi feita para abarcar as contribuições da cultura grega distanciando-se dos gregos contemporâneos, e afirmando os próprios valores romanos através de recusas e distinções deliberadas. Em várias ocasiões durante a explicação da seção 2.1 e desta, esta adesão/distinção foi sinalizada, como, por exemplo, na citação de Tito Lívio sobre as bacanais, onde o celerado fundador do culto é explicitamente dissociado por Lívio das boas contribuições do helenismo. Ou da adoção da origem troiana de Roma, que potencialmente trouxe dividendos culturais sem grandes comprometimentos políticos. Neste sentido concordamos com E. Gruen, quando este diz que:

[...] Os estereótipos negativos dos gregos carregavam uma conotação similar. Tomá-los como condenações da Hélade ou do helenismo leva à perda do foco. Eles serviam para espalhar uma luz mais brilhante sobre as qualidades que diferenciavam os romanos. A postura exagerada de um Catão ou de um Mário tinha os mesmos fins em vista: a manipulação de *topoi* gregos para acentuar as qualidades romanas. Os estereótipos só poderiam ser levados a sério pelos intérpretes literais. As comédias plautinas, em um modo mais apropriado, os trataram com leveza e paródia. Os únicos a serem alvo de críticas acirradas foram aqueles como Postúmio e Albúcio que levaram o entusiasmo pela Hélade ao excesso e diminuía a *dignitas* de Roma. As reivindicações culturais da nação não dariam suporte a este comportamento. As atitudes de L. Crasso e M. Antônio na primeira parte do primeiro século (a.C.) [...]

³¹ Quintiliano (*Institutio Oratoria*, livro XII) discute esta divisão.

providenciam uma conclusão límpida. Em negando o que todos sabiam ser verdadeiro, eles gentilmente debochavam de suas próprias pretensões helênicas, assim reforçando a ordem natural dos valores: a prioridade do *mos maiorum*. O helenismo manteve grandes vantagens para os romanos. Serviu tanto para o enriquecimento de sua herança quanto para destacar os méritos especiais de sua nação. (GRUEN, 1994, p. 270-271)³² (grifos do autor)

Levando as palavras do próprio Valério Máximo em consideração (no início: 1.*prae*f), nas quais diz que coligiu exemplos com a finalidade de poupar tempo àqueles que precisassem, consideramos que a ocorrência de exemplos gregos se dê nos termos de uma utilização pragmática: gregos bons quando é necessário, gregos maus quando é necessário. A evidenciação de quais são as diferentes ocorrências nas quais se fazem necessárias estas caracterizações se dá através da divisão em rubricas/tópicos, cuja lista oferecemos no nosso capítulo *Praesentatio*. No próximo capítulo, veremos como se dão estas opções de tratamento.

³² "Negative stereotypes of Greeks carried a similar connotation. To take them as condemnation of Hellas or Hellenism misses the point. They served to shed a brighter light upon those qualities that set Romans apart. The exaggerated posturing of a Cato or a Marius had the same ends in view: the manipulation of Greek *topoi* to accentuate Roman qualities. The stereotypes would be taken seriously only by the literal-minded. Plautine comedies, in more appropriate fashion, treated them with levity and parody. The only ones to encounter harsh criticism were those like Postumius and Albius who carried Hellenic enthusiasm to excess and diminished the *dignitas* of Rome. The cultural claims of the nation would not countenance that behavior. The attitudes of L. Crassus and M. Antonius in the early first century, at least as conveyed by Cicero, supply a neat coda. In denying what all knew to be true, they gently mocked their own Hellenic pretensions, thereby reinforcing the proper order of values: the priority of the *mos maiorum*. Hellenism held great advantage for the Romans. It served both to enrich their heritage and to highlight the special merits of their nation."

3 DOXA VALERIANA

PREÂMBULO

Este terceiro capítulo destina-se, finalmente, à análise do texto valeriano sobre como as representações dos comportamentos adotados pelos gregos podem atender a diferentes propósitos. Porém, antes de proceder à análise dos exemplos, faz-se necessária uma explicação prévia sobre quais exemplos foram utilizados e por que o foram em detrimento de outros nos quais também existem menções à Grécia, ou aos gregos.

Como vimos no *Praefatio*, um enunciado é antes uma função do que uma unidade argumentativa. Sendo uma função, ele pode conferir um sentido a uma frase/parágrafo, dando-lhe valor de enunciado. Como salientamos antes, julgamos que esta função, nos termos dessa análise, é a presença de uma ação comportamental ponderada moralmente por Valério. Primeiramente, consideramos somente as ações tomadas pela coletividade dos gregos, ou de grupos de gregos que possam ser tomados como significativos, como os atenienses ou espartanos. Decidimos adicionar ainda dois outros critérios de seleção de exemplos. O primeiro contempla narrações de episódios que representem instâncias significativas de contato cultural entre gregos e romanos (a embaixada de Postúmio Megelo a Tarento, por exemplo, narrada por Valério em 2.2.5). O segundo contempla o aparecimento de gregos icônicos, ou representativos. Existem exemplos em Valério onde são listados apenas os personagens, sem indicação de procedência. Isto possui uma razão lógica: Valério simplesmente não tinha necessidade de repetir que Sócrates, Temístocles ou Eurípides eram gregos a todo o momento – era um dado evidente ao leitor. Desta forma, julgamos conveniente que a listagem destes exemplos de indivíduos seja apresentada, sempre que colaborarem na formação de um quadro da recepção da cultura grega em Valério (ou seja, possuírem a mesma *função* de sentido, no enunciado).

SOBRE A GRÉCIA E OS GREGOS

Valério Máximo, em 8.7.ext.2 (*do empenho e da diligência*) relata que uma parte da Itália visitada por Pitágoras em suas pesquisas chamava-se, à época, “Magna Grécia”. É a única menção em sua obra a esta divisão geográfica, nome dado à área de expansão das colônias gregas no Mediterrâneo ocidental, e que incluía o sul da Itália. No entanto, as menções à Grécia são comuns. Nas análises deste capítulo, foram usados exemplos que se referiam expressamente à Grécia (3.2.22: [...] *verbosa cantu laudum suarum Graecia [...] inculca<vi>t*) ou aos gregos (6.1.ext.1: *Graeca femina [...] in mare se [...] abiecit*).

Para complementar o quadro que Valério traça do comportamento dos gregos, consideramos também os exemplos em que o autor trata dos *atenienses* e dos *espartanos lacedemônios* (estes nomes são intercambiáveis nos *Feitos*) Alguns exemplos tratam de ambos atenienses e espartanos. A explicação para esta adição parte do próprio texto valeriano, que considera tanto Atenas como Esparta como cidades de grande relevância na Grécia. Valério, em 4.3.6b (*da abstinência e da continência*) contrapõe diretamente Atenas e Roma enquanto detentoras de impérios:

Consentanea repudiatis donis Fabricii vota exstiterunt: legatus enim ad Pyrrhum profectus, cum apud eum Cineam Thessalum narrantem audisset quendam Athenis esse clarum sapientia, suadentem ne quid aliud homines quam voluptatis causa facere vellent, pro monstro eam vocem accepit, continuoque Pyrrho et Samnitibus istam sapientiam deprecatus est. licet Athenae doctrina sua gloriantur, vir tamen prudens Fabricii detestationem quam Epicuri malu<er>it praecepta. quod eventus quoque indicavit: nam quae urbs voluptati plurimum tribuit, imperium maximum amisit, quae labore delectata est, occupavit, et illa libertatem tueri non valuit, haec etiam donare potuit. (4.3.6b)

A prece de Fabrício coaduna-se especialmente com os presentes repudiados (*do exemplo anterior*) Enquanto legado enviado a Pirro, como ouvisse em sua corte Cineas da Tessália narrando que em Atenas havia certo homem, ilustre pela sua sabedoria, que propunha que os homens não desejassem fazer nada salvo em favor do prazer, tomou tal dito por algo monstruoso e imediatamente orou para que tal sabedoria chegasse a Pirro e aos samnitas. Deixem Atenas vangloriar-se de sua erudição, mas um homem prudente preferirá a execração de Fabrício aos preceitos de Epicuro. O desfecho assim o indicou. Pois que a cidade que dava o primeiro lugar ao prazer perdeu um grande império, enquanto a cidade que se deleitava no trabalho o tomou; uma não foi capaz de proteger a liberdade, a outra pôde mesmo doá-la.

Os lacedemônios / espartanos são considerados por Valério como gregos de relevância, por exemplo, no exemplo 4.6.ext.3:

Verum quid Asiam, quid barbariae immensas solitudines, quid latebras Pontici sinus scrutor, cum splendidissimum totius Graeciae decus Lacedaemon praecipuum uxoriae

fidei specimen nostris ostendet oculis, plurimis et maximis patriae suae laudibus admiratione facti comparandum? [...] (4.6.ext.3)

Porém, por que perscruto a Ásia, as vastidões desertas da barbárie, os recônditos do golfo Pôntico, quando o ornato mais brilhante de toda a Grécia, a Lacedemônia, ostenta aos nossos olhos um espécime distinto de fidelidade conjugal, comparável em admiração às muitas e grandes glórias de sua pátria?

No tratamento dos gregos e da Grécia, tomados como coletividade, serão estes os parâmetros para a análise do texto. Existem outros exemplos que poderiam encaixar-se na idéia de “grego”, como um habitante da Magna Grécia. Preferimos nos ater, porém, numa perspectiva “geográfica”, aos atenienses e espartanos, uma vez que estes, como vimos, são considerados gregos representativos pelo próprio autor.

Dividiremos este capítulo em cinco seções. A primeira intitula-se “*Sobre os defeitos da Grécia*” – título auto-explicativo. Nele serão apresentados os defeitos usualmente atribuídos aos gregos nos *Feitos*, assim como os exemplos nos quais aparece rejeição deliberada à influência grega. A segunda tem por nome “*Tensões entre o indivíduo e a turbamulta*”. Nele, destacaremos a forma de apresentação de gregos individuais. Estes “grandes personagens” são representados, nos *Feitos*, como distintos da população comum, e possuem méritos e defeitos particulares. A terceira chama-se “*A inserção da cultura grega em Roma e em Valério*” – espécie de amálgama de texto e meta-texto, onde serão analisadas tanto as indicações da influência grega nos exemplos históricos narrados nos *Feitos*, quanto os indícios desta inserção no próprio texto valeriano – uso de palavras gregas, leitura de autores, etc.. A quarta intitula-se “*As virtudes morais dos gregos*” e analisa as características positivas da Grécia e dos gregos em Valério. Existem várias subdivisões no texto, cada uma abordando um aspecto específico das seções principais.

A quinta seção, “*Um prelúdio à conclusão: atenienses e espartanos*”, trata sobre as diferenças que Valério estabelece entre as virtudes e defeitos atribuídos especificamente a estas duas comunidades. Existem algumas indicações no texto que sinalizam que há uma distinção entre elas. Muito embora nossa principal premissa no tratamento dos *Feitos* baseie-se numa ausência de rigor na caracterização dos personagens – uma vez que o que interessa num dado tópico é apenas caracterizar a relevância do personagem com relação à virtude ou defeito exemplificado e não com relação a um panorama externo - Valério tem certas “rotinas de tratamento” perceptíveis no texto, como a caracterização dos atenienses como ingratos e a ênfase no mérito militar dos espartanos.

3.1 SOBRE OS DEFEITOS DA GRÉCIA

Um dos principais estereótipos atribuídos pelos romanos aos gregos é o de considerá-los excessivamente refinados, e de levar uma existência dissipada (como Plauto atesta). Há uma série de exemplos nos *Feitos* que apontam a utilização deste estereótipo. Valério Máximo, em 9.1, trata de exemplos de extravagância, e a Grécia é associada a esta falha moral no exemplo 9.1.5. Nele, é censurado o comportamento de Metelo Pio, comandante romano enviado à província da Hispânia para conter a revolta de Sertório (na primeira metade do século I. a.C.). Metelo Pio excedeu-se em luxo e demonstrações de riqueza enquanto em campanha, e a condenação de Valério se dá em termos derogatórios em comparação com o comportamento do pai de Metelo, em uma campanha que conduziu na Numídia. Metelo é censurado por haver tão rapidamente esquecido os valores da antiga moral romana. Para o autor, este comportamento é tanto mais censurável por haver ocorrido em meio a uma campanha militar em lugar inóspito:

[...] et ubi ista? Non in Graecia neque in Asia, quarum luxuria Severitas ipsa corrumpi poterat, sed in horrida et bellicosa provincia, cum praesertim acerrimus hostis Sertorius Romanorum exercituum oculos Lusitanis telis praestringeret. (9.1.5)

E onde isto? Nem na Grécia nem na Ásia, onde a extravagância é tal que pode corromper a própria Austeridade, mas numa hórrida e belicosa província, enquanto um inimigo especialmente implacável, Sertório, nublava os olhos do exército romano com lanças lusitanas.

Seguindo um modelo já apresentado no comportamento de Catão no capítulo segundo, o poder corruptor da extravagância grega e asiática é tamanho que poderia corromper, nas palavras de Valério, a própria Austeridade entificada. Já comentamos, no processo de interação entre Roma e a Grécia, a frase de Ênio: *moribus antiquis res stat romana virisque*. De acordo com estes costumes antigos, a austeridade e a frugalidade são consideradas valores importantes. O próprio Valério, no exemplo 4.3.6b citado acima, coloca a capacidade de manter ou não o *imperium* ou domínio em ligação direta com a abstenção da luxúria e a adoção da frugalidade e do trabalho. O comportamento de Metelo Pio configura um episódio de perigo para os romanos, pois sua transigência é corruptora e pode levá-lo à derrota frente a um adversário feroz e valoroso.

A extravagância e licenciosidade atribuídas à Grécia podem ter certa utilidade, porém ainda assim são testemunhos de uma degenerescência ofensiva à moral romana. Em 9.1.*ext.1*, a “extravagância da Campânia” (*Campana luxuria*), região itálica de colonização grega, foi tomada como altamente benéfica para os romanos, detendo a “selvageria púnica” (*Punica feritas*) de Aníbal com festas e prazeres, quando este estabeleceu acampamentos nas localidades de Seplásia e Albana. Para Valério, a força deliquesciente da extravagância é mais perniciososa que um inimigo declarado:

[...] quid iis ergo vitiis foedius, quid etiam damnosius, quibus virtus atteritur, victoriae relanguescunt, sopita gloria in infamiam convertitur, animique pariter et corporis vires expugnantur, adeo ut nescias ab hostibusne an ab illis capi perniciosius habendum sit? (9.1.*ext.1*)

E o que pode ser mais vil, mais danoso que estes vícios, pelos quais a virtude é gasta, vitórias enlangüescem, a glória, adormecida, é convertida em infâmia, e as forças da mente e do corpo igualmente são derrotadas? Tanto é que se ignora se deve-se ter por mais pernicioso uma captura por estes ou pelos inimigos.

Em 4.3.7, é apresentado um exemplo de austeridade e rejeição ao luxo da Grécia por parte de um cônsul romano. Q. Tubero Catus³³ recebeu de presente dos gregos da Etólia alguns vasos de prata, pois, tendo visto em casa de Catus que seus vasos eram de barro, os enviados dessa nação o contaram a sua população. Catus disse que eles não deveriam supor que sua sobriedade fosse equivalente à pobreza, e recusou o presente. Valério glorifica o feito: “Quão certo estava em preferir seus utensílios domésticos aos etólios; quem dera o exemplo de sua frugalidade fosse seguido por tempos posteriores!” (*quam bene Aetolicis domestica praetulerat, si frugalitatis eius exemplum posterior aetas sequi voluisset!*) e insere em seu comentário uma recriminação à degenerescência dos costumes atuais. “E agora, como estamos? Apenas com muita dificuldade se pode compelir os escravos a não desprezar mobília que um cônsul não se envergonhava de usar.” (*nunc quo ventum est? a servis impetrari vix potest ne eam supellectilem fastidiant qua tunc consul <u>ti non erubuit.*).

Para Valério, o episódio a partir do qual o luxo adentrou Roma é claramente apontado. Em 9.1.3 suas palavras são estas: “Mas, para nossa cidade o fim da Segunda Guerra Púnica e a derrota de Filipe, rei da Macedônia, deram confiança para uma vida mais licenciosa” (*Urbi autem nostrae secundi Punici belli finis et Philippus, Macedoniae rex, devictus licentioris vitae fiduciam dedit*). Valério narra a ação das matronas que, depois deste episódio,

³³ Valério se equivoca aqui, trocando o nome do cônsul Sex. Aelius Paetus Catus (VALERIUS MAXIMUS, 2000, vol I, p.374, nota 10).

requisitaram a abolição das leis que regulavam o luxo em Roma. Porém, é importante mencionar que a derrota de Filipe V da Macedônia em Cinoscéfalai, 197 a.C. aproxima-se cronologicamente do começo da intensificação do saque romano de arte grega, conforme indicado no capítulo anterior deste trabalho. Com a consolidação do poderio romano à custa das derrotas das monarquias helenísticas, o butim resultante das vitórias passou a acumular-se em Roma (GRUEN, 1994, p.103-107).

Há, em 2.6.1, um outro exemplo que censura a extravagância e a licenciosidade. Valério toma os espartanos como dignos de nota por tentarem impedir os seus cidadãos de adotarem costumes asiáticos. Para o autor, os espartanos, nesta intenção, aproximam-se da *gravitas* ou seriedade tomadas como virtude dos ancestrais dos romanos:

Idem sensit proxima maiorum nostrorum gravitati Spartana civitas, quae severissimis Lycurgi legibus obtemperans aliquamdiu civium suorum oculos a contemplanda Asia retraxit, ne illecebris eius capti ad delicatius vitae genus prolaberentur: audierant enim inde lautitiam et immodicos sumptus et omnia non necessariae voluptatis genera fluxisse, primosque Ionas unguenti coronarumque in convivio dandarum et secundae mensae ponendae consuetudinem, haud parva luxuriae irritamenta, repperisse. ac minime mirum est quod homines labore ac patientia gaudentes tenacissimos patriae nervos externarum deliciarum contagione solvi et hebetari noluerunt, cum aliquanto faciliorem virtutis ad luxuriam quam luxuriae ad virtutem transitum viderent. quod eos non frustra timuisse dux ipsorum Pausanias patefecit, qui maximis operibus editis, ut primum se Asiae moribus permisit, fortitudinem suam effeminato eius cultu molliore non erubuit. (2.6.1)

Sentiu o mesmo a comunidade espartana, próxima da seriedade de nossos ancestrais, que, obedecendo as muito austeras leis de Licurgo, por algum tempo reteve os olhos dos seus membros de contemplar a Ásia, para que eles não deslizassem, cativos por suas seduções, para uma maneira mais delicada de viver. Pois eles ouviram que deste lugar fluía a elegância, os gastos excessivos e todos os tipos desnecessários de prazer, e que os Jônios primeiro usaram do costume de serem oferecidos perfume e guirlandas nas refeições e servirem sobremesas, um estímulo não pequeno à extravagância. E não se admira que homens contentes no trabalho e resistência não quisessem que os muito tenazes músculos de sua terra natal fossem enfraquecidos e amansados pelo contágio das permissividades estrangeiras, vendo o quão consideravelmente mais fácil era a passagem da hombridade à extravagância do que da extravagância à hombridade. Que seu temor não era infundado, o seu próprio comandante Pausânias demonstrou, que, depois de feitos muito grandiosos, tão logo ele permitiu-se às maneiras da Ásia, não enrubescer de abrandar sua força pelo seu refinamento efeminado.

Este exemplo é importante, uma vez que ilustra a ambigüidade de tratamento dos gregos que pretendemos salientar no texto valeriano. Os espartanos são nomeados, em 2.6.1, como tendo se aproximado dos romanos no exercício da *gravitas* ou seriedade (Esparta é tomada por metonímia dos espartanos). Esta seriedade foi exercida quando os espartanos, na obediência às leis de Licurgo, rejeitam os costumes licenciosos dos asiáticos, que provocam, como já apontado acima, o enfraquecimento dos homens. No caso romano, uma manifestação do mesmo procedimento pode ser encontrada no exemplo 9.1.5 já comentado, no qual Metelo

Pio é censurado por deixar-se enlanguescer com costumes licenciosos idênticos aos narrados em 2.6.1. Em 9.1.5, Valério aponta a Ásia como um lugar onde tal dissolução seria particularmente forte, mas, antes da Ásia, Valério aponta *a própria Grécia* como dissoluta. Os espartanos, gregos, se enquadrariam neste estereótipo – e o caso de Pausânias narrado em 2.6.1 mostra que os espartanos, apesar de procurarem resistir, não eram imunes ao luxo asiático – mas, no restante do exemplo, são associados positivamente aos romanos em conduta moral. Ou seja, trata-se de uma utilização pragmática de um estereótipo que rotula, a princípio, os espartanos como virtuosos, mas Valério deixa espaço para que sejam censurados, apresentado o caso de Pausânias.

Pode-se aventar a hipótese de que as diferentes apresentações do Oriente como fonte de dissolução moral (para os espartanos, é a Ásia; para os romanos, a Grécia e a Ásia), seguem uma espécie de deslocamento de eixo de julgamento. Inicialmente formulada pelos gregos, a idéia da corrupção dos persas foi apropriada pelos romanos através da absorção da historiografia grega, e os próprios gregos, agora percebidos como também estrangeiros orientais, foram incluídos neste estereótipo negativo.

A preocupação do exemplo valeriano em inculcar a idéia da necessidade de defender-se dos costumes licenciosos é perceptível quando se estabelece uma conexão entre o comportamento dos espartanos em 2.6.1 e a *gravitas*/seriedade romana. Os exemplos 2.2.2 e 2.2.5 reforçam este apelo tradicionalista:

Magistratus vero prisca quantopere suam populique Romani maiestatem retinentes se gesserint hinc cognosci potest, quod inter cetera obtinendae gravitatis indicia illud quoque magna cum perseverantia custodiebant, ne Graecis umquam nisi Latine responsa darent. quin etiam ipsos linguae volubilitate, qua plurimum valent, excussa per interpretem loqui cogebant non in urbe tantum nostra sed etiam in Graecia et Asia, quo scilicet Latinae vocis honos per omnes gentes venerabilior diffunderetur. nec illis deerant studia doctrinae, sed nulla non in re pallium togae subici debere arbitrabantur, indignum esse existimantes illecebris et suavitati litterarum imperii pondus et auctoritatem donari. (2.2.2)

Quão tenazmente os magistrados antigos regraram-se para manter intacta a majestade do povo romano e a sua própria pode ser sabido pelo fato de que, entre outras manifestações de seu dever de manter a seriedade, eles mantinham com muita perseverança a norma de que não se dariam aos gregos senão respostas em latim, sempre. De fato, eles compeliram os próprios gregos a descartar a volubilidade de sua língua, que se lhes destaca muito, e falar através de um intérprete, não somente na nossa cidade (Roma), mas também na Grécia e na Ásia, certamente pretendendo que a honra da fala latina fosse mais venerada e difundida entre todas as nações. Não que lhes faltasse ânimo para a erudição, mas eles julgavam que em todos os aspectos a capa grega deveria estar subordinada à toga romana, tomando por indigno que o peso e autoridade do domínio fossem sacrificados à atração sedutora das letras.

E ainda:

Relatis Q. Fabii laudibus, offerunt se mirificae constantiae viri, qui legati a senatu Tarentum ad res repetendas missi, cum gravissimas ibi iniurias acceperant, unus etiam urina respersus esset, in theatrum, ut est consuetudo Graeciae, introducti, legationem quibus acceperant verbis peregerunt, de iis quae passi erant questi non sunt, ne quid ultra ac mandatum esset loquerentur, insitusque pectoribus eorum antiqui moris respectus dolore, qui ex contumelia gravissimus sentitur, convelli non potuit. finem profecto fruendarum opum, quibus ad invidiam diu abundaveras, Tarentina civitas, quaesisti: nam dum horridae virtutis in se ipsum connixum stabilimentum nitore fortunae praesentis inflata fastidiose aestimas, in praevalidum imperii nostri mucronem caeca et amens irruisti. (2.2.5)

Relatados os méritos de Q. Fábio (*no exemplo anterior*, 2.2.4), alguns homens de notável constância se apresentam. Enviados a Tarento como legados, pelo Senado, para demandar reparação, receberam gravíssimas injúrias lá, sendo mesmo um deles atingido por urina. Sendo introduzidos no teatro, de acordo com o costume da Grécia, desincumbiram-se da sua tarefa de acordo com as palavras que lhes foram ordenadas, mas não se queixaram do que lhes havia ocorrido, para que não fosse dito nada que ultrapassasse suas instruções. Seu respeito entranhado pelos costumes antigos não pôde ser estremecido pela profunda indignação sentida por tal ultraje. Cidade de Tarento, certamente procurastes encerrar vossa fruição da prosperidade a qual vos abundava para inveja geral. Inflada pelo brilho de vossa fortuna presente, julgastes com soberba sobre a força mantenedora do (vosso) valor rude e auto-presumido, e irrompestes, cega e demente, sobre a fortíssima espada do nosso domínio. (*A interpolação em itálico é nossa*)

Há uma conexão entre os acontecimentos narrados em 2.2.2 e 2.2.5. A conduta dos magistrados romanos com relação ao latim teve, possivelmente, entre os seus motivos a ofensa feita pelos tarentinos a Postúmio Megelo em 282 a.C. O incidente relatado em 2.2.5 refere-se exatamente a este episódio. Valério narra alguns pormenores, como a maneira de introdução dos embaixadores romanos, segundo o costume grego (*ut est consuetudo Graeciae*), recebidos no teatro, a forma dos insultos sofridos, e a circunspeção com a qual os embaixadores se portaram frente ao insulto. No entanto, o que constitui justamente o motivo deste mau tratamento (a má pronúncia da língua grega) não aparece³⁴. Uma explicação é dada para o comportamento infame dos tarentinos: a prosperidade excessiva lhes corrompeu os costumes – e isso é expresso claramente na frase que inicia o exemplo seguinte: “Mas para passar de modos corrompidos pelo luxo aos costumes muito austeros de nossos

³⁴ Na narração deste episódio, existem duas vertentes, representadas pelos relatos de diferentes autores clássicos. Valério situa-se numa tradição de relato deste acontecimento que não menciona a língua grega como origem do insulto. No entanto, E. Gruen afirma não haver motivos para duvidar da tradição que a menciona (GRUEN, 1994, p.229-230, n.29).

antepassados...” (*Sed ut a luxu perditis moribus ad severissima maiorum instituta transgrediar*) (2.2.6). Corrompidos pelo luxo, os tarentinos rumaram à própria ruína.

Valério assume uma posição julgadora na locução que finaliza o exemplo 2.2.5. Nela, narra o processo de degenerescência provocado pela “*fortuna presente*”. A abundância e o excesso iludem os sentidos. Os tarentinos, uma vez que não fizeram um julgamento realista sobre si e sobre suas forças (noção expressa pelo autor quando menciona Tarento como cega e demente (*caeca et amens*)), acabam por arruinar-se. Mas o motivo original da ruína dos tarentinos não é uma falha de avaliação, e sim o excesso, que é mentalmente nocivo, e provoca esta falha.

O excesso de palavras é tão reprovável quanto o excesso de luxo. No processo que destacamos no capítulo segundo, vimos que aos gregos eram atribuídas, em sua conversação, duas características: a volubilidade, ou *levitas*, comentada por Cícero, e a falsidade, atestada pelo dito de Catão, de que as palavras gregas saíam da língua, mas as romanas saíam do coração (possuindo assim uma credencial de veracidade/sinceridade, ao contrário da formulação “oca” ou “mecânica” dos gregos). Os motivos para o uso do latim detalhado no exemplo 2.2.2, como vimos anteriormente, além da explicação valeriana, atendiam à necessidade de se evitar casos como o de Postúmio Megelo na embaixada aos tarentinos. Mas a narrativa valeriana atribui à fala grega uma qualidade enganadora e sedutora, com o uso do termo *illecebris* (que se refere à sedução), baseada na idéia de que o excesso de palavras dissimula as verdadeiras intenções de quem as pronuncia.

Esse excesso de palavras pode ser prejudicial. Por exemplo, em 3.2.22, Valério narra um feito heróico praticado pelo legionário romano Acílio, que afundou um navio massiliense com o braço esquerdo, depois de ter a mão direita decepada. Valério afirma que o feito heróico deste soldado não é tão conhecido quanto deveria, mas “[...] a Grécia, verbosa em cantar suas próprias glórias, inculcou na memória de todos os séculos a pertinácia similar de Cinegiro de Atenas no ataque ao inimigo, pela proclamação da literatura” (*at Cynegirum Atheniensem simili pertinacia in consecrandis hostibus usum verbosa cantu laudum suarum Graecia omnium saeculorum memoriae litterarum praeconio inculca<vi>t*). Infere-se que o mérito de Acílio, apesar de igual ou mesmo superior ao de Cinegiro (uma vez que Valério considera que os exemplos estrangeiros valem menos que os romanos), é eclipsado pelo excesso de “propaganda” dos gregos, decorrente de sua verbosidade.

Segundo vimos na vida de Catão, o Censor, a adoção de costumes gregos na cultura romana foi veementemente condenada por este personagem. Comentamos, em nossa seção *Cato*, que a recusa de Catão às coisas gregas, longe de se dar nos termos de uma simples

rejeição xenofóbica, pode ter sido feita deliberadamente, através do conhecimento da língua e da literatura gregas e do julgamento de que estas eram nocivas por que desviavam a atenção dos jovens do rigor do costume pátrio. A pressão realizada por Catão para a retirada de Roma do filósofo Carnéades é justificada por esta crença: a influência grega é enlanguescedora. Há um exemplo nos *Feitos* no qual o general romano Caio Mário, opositor de Sula nos tumultos do final da República, rejeita a cultura grega por motivos semelhantes. Porém, de forma diferente de Catão, Mário se abstém do mais simples contato com as coisas gregas.

Quapropter non es damnandus rustici rigoris crimine, C. Mari, quia gemina lauru coronatam senectutem tuam, Numidicis et Germanicis illustrem tropaeis, victor devictae gentis facundia politiorem fieri noluisti, credo ne alienigena ingenii exercitatione patrii ritus serus transfuga exsisteres. quis ergo huic consuetudini, qua nunc Graecis actionibus aures curiae exsurdantur, ianuam patefecit? ut opinor, Molo rhetor, qui studia M. Ciceronis acuit: eum namque ante omnes exterarum gentium in senatu sine interprete auditum constat. quem honorem non immerito cepit, quoniam summam vim Romanae eloquentiae adiuverat. conspicuae felicitatis Arpinas <m>unic<ipi>um, sive litterarum gloriosissimum contemptorem sive abundantissimum fontem intueri velis.(2.2.3)

Assim, tu não és culpado de um rigor rústico, C(aio) Mário, em, na tua velhice coroada duplamente, ilustre com os despojos da Numídia e da Germânia, vencedor, recusar-se a ganhar polidez com a eloquência de uma raça conquistada. Temeste, penso, que pelo tardio exercício dum saber estrangeiro fugisses, como um trãnsfuga, do costume pátrio. Quem foi então que abriu as portas ao nosso costume atual pelo qual os ouvidos do Senado são ensurdecidos com arengas gregas? O retor Molo, julgo eu; que aperfeiçoou os estudos de M. Cícero. Pois consta que ele foi o primeiro antes de qualquer outro estrangeiro a ser ouvido no Senado sem intérprete. E não tomou injustamente a honra, pois ele ajudou a (levantar a) eloquência romana ao seu ponto máximo. Evidente é a felicidade do município de Arpino, seja escolhamos o mais glorioso desprezador das letras ou a sua mais abundante fonte.

O exemplo 2.2.3 é particularmente importante por articular uma série de noções acerca do contraste entre saber grego e conduta romana. O aprendizado da cultura/literatura grega é definido por dois termos. O primeiro surge no trecho no qual Mário se recusou a ganhar polidez com a “eloquência de uma raça conquistada” (*devictae gentis facundia*); em seguida, Mário, segundo Valério, recusa-se a exercitar-se num “saber estrangeiro” (*alienigena ingenii*). Trata-se de representar os gregos, fundamentalmente, como os Outros, cujo contato é desaconselhável.

Valério julga que Mário temeu que, pela assimilação cultural, a fidelidade devida ao costume pátrio (*patrii ritus*) fosse abalada. Ainda, esta traição se daria em termos quase criminosos: um trãnsfuga (*transfuga*) é um desertor, aquele que foge aos seus deveres (militares, no sentido usual do termo). Figuradamente, pois, a adesão ao *patrii ritus* (e ao *mos*

maiorum) é tornada equivalente a um dever marcial, que não pode admitir falhas. O mero estudo de algum “saber estrangeiro” é suficientemente perigoso para ser evitado. Importante também é notar a terminologia usada para contrapor romanos a estrangeiros. O termo que se opõe ao *ingenium* estrangeiro é o *ritus* pátrio, termo que confere ainda um caráter religioso ao seguimento da tradição. Algumas conclusões podem ser retiradas do exemplo. A primeira é a de que o *patrii ritus/mos maiorum* evoca, para Valério, noções de conduta militar e religiosa; a segunda é a de que este rito pátrio é oposto a um antagonista denominado simplesmente como “conquistado”, e “estrangeiro”, cuja contribuição, primeiramente apresentada como “eloqüência”, quase imediatamente é reduzida a um “saber”.

Retomando o exemplo 2.2.2, Valério considera que, uma vez que o uso do latim possui estas duas qualidades - a da precisão e da autoridade - a recusa de Caio Mário em 2.2.3 em lidar com a eloqüência grega era justificada. Talvez por respeito às próprias noções de *imperium*/domínio e *auctoritas*/autoridade, enumeradas no exemplo 2.2.2. Desta forma, a relação de forças entre dominador e dominado permaneceria evidente. Muito embora a já citada frase de Horácio (*Graecia capta...*) demonstrasse que o intercâmbio entre dominador e dominado não era percebida, no caso grego, como uma via de mão única, esta atitude de Mário e o comentário de Valério apresentam também a noção de que a superioridade de um povo sobre o outro não poderia admitir transigências com os costumes dos dominados. Tal comportamento conspurcaria a integridade da força do povo vencedor. Há certa lógica neste argumento: se foram derrotados, é porque seus costumes não são dignos de adoção – conclusão que W. M. Bloomer também considera, ao analisar a mesma passagem (BLOOMER, 1992, p.40-43).

Uma expressão clara da vinculação provável entre a derrota da Grécia pelos seus próprios costumes já foi narrada no exemplo 4.3.6b acima. “Pois que a cidade que dava o primeiro lugar ao prazer perdeu um grande império, enquanto a (cidade) que se deleitava no trabalho o tomou; uma não foi capaz de proteger a liberdade, a outra pôde mesmo doá-la” Note-se aí o efeito retórico que contrapõe Atenas e Roma como diametralmente opostas nos seus costumes: Atenas se opõe a Roma assim como a voluptuosidade se opõe ao trabalho, a derrota se opõe à vitória, e a servidão, à liberdade.

A “doação” da liberdade a que o autor se refere pode ser testemunhada no exemplo 4.8.5, onde, depois da derrota do rei Filipe da Macedônia, Valério conta que “Como toda a Grécia tivesse se reunido para o espetáculo Ístmico [...]”, Tito Quíncio Flamínio, o general romano vencedor, após fazer soar uma trombeta, mandou declarar por um arauto que todas as cidades gregas anteriormente sob o domínio de Filipe seriam isentas de impostos, notícia

inicialmente recebida com estupefação, e depois com uma grande efusão de gritos. Valério, num trecho que poderia complementar 4.3.6b, diz: “Seria magnânimo alforriar da escravidão tantas pessoas cativas quanto as cidades mui famosas e opulentas às quais o povo romano presenteou a liberdade” (*magni animi fuisset a tot captivorum capitibus servitutem detraxisse quot tunc nobilissimis et opulentissimis urbibus populus Romanus libertatem largitus est*). Esta constatação sinaliza um efeito de magnitude aplicado para salientar o presente romano, equivalendo a libertação das cidades a outra demonstração de liberalidade – a manumissão de escravos. Um exemplo em menor escala pode ser a concessão de cidadania que Pompeu fez ao grego Teófanos de Mitilene, cronista de seus feitos, em 8.14.3.

Valério conclui o exemplo 2.2.3 com um comentário sobre a primeira vez em que foi permitido a um indivíduo dirigir-se ao Senado romano em língua grega sem intérprete. Segundo ele, o retórico Molo, preceptor de Cícero, foi o primeiro a iniciar a prática “atual” pela qual os ouvidos do Senado são **ensurdecidos** com arengas gregas (*Graecis actionibus aures curiae exsurdantur*³⁵) Algumas conclusões podem ser retiradas daí. Primeiramente, o fato de que foi permitido a Molo expressar-se em sua língua indica que a maior parte do Senado entendia grego, de acordo com o que se poderia esperar da elite educada romana do século I d.C.. Além disso, o comentário do autor indica que o precedente de Molo abriu as portas do Senado à língua grega. Como vimos no capítulo anterior, o uso do grego restringia-se majoritariamente à esfera particular. Este evento sinaliza, pois, uma intromissão da língua grega na esfera pública.

Particularmente importante é notar, também, como se rotula este uso da língua grega. Os ouvidos do Senado são ensurdecidos pelas arengas gregas, e o uso do verbo *exsurdo* (tornar surdo, ensurdecer) na oração não deixa dúvidas quanto à opinião negativa do autor. Consideramos que o uso do termo *exsurdantur* pode nos dizer algo sobre o ponto de vista valeriano. O termo *surdus*, *-a*, *-um*, em latim, não diz respeito apenas à ausência de audição. Pode também significar ausência de percepção (cf. ERNOUT & MEILLET, 1951, p. 1182), e, num sentido figurado, o uso do verbo *exsurdo* pode significar embotamento dos sentidos (por exemplo: Horácio, *Sátiras*, II, 8: 38). Logo, o uso do verbo *exsurdo* como um dos efeitos do uso da língua grega corrobora a idéia de que ela, de certa forma, “embota” a verdade; ou de que se trata de uma língua que favorece a dissimulação; por outro lado, pode-se aventar a hipótese de que o “embotamento” dos ouvidos dos senadores se dê justamente pela condescendência com o uso da língua grega na esfera pública. Deixando a tradição de lado (o

³⁵ O destaque é nosso, em ambas traduções e texto latino.

uso do latim) os senadores passam a ter os sentidos embotados pela transigência com um uso estrangeiro condenado pelos seus ancestrais – e comentado por Valério em 2.2.2.

Valério conclui o exemplo dissertando sobre os motivos da permissão concedida a Molo. Embora se exprima negativamente sobre o uso do grego no Senado, para o autor a permissão concedida é justa uma vez que Molo contribuiu grandemente para a eloquência latina através da educação de Cícero. Tal conclusão é inferida através do desfecho do exemplo. O elogio a Arpino indica que a cidade é feliz por deter tanto o mais ilustre desprezador das letras quanto sua fonte mais abundante. Com isso, Valério refere-se a Mário e a Cícero, ambos nativos desta localidade. Uma última inferência do exemplo permite supor que, pelo menos neste caso, a contribuição de um grego em particular pode compensar algum malefício que o mesmo possa trazer.

Há aí um importante ponto de partida para a delimitação de uma idéia recorrente nos *Feitos*. Trata-se do destaque dado ao “grande personagem”. Este personagem é alguém que, por haver se distinguido do comum dos seres humanos por suas ações, adquire uma dimensão distinta dos mesmos. Os feitos deste “grande personagem” não são necessariamente bons, ou dignos de imitação; alguém pode ser lembrado pelos seus malefícios. A idéia deste “grande personagem” é fundamental para uma obra que trate de exemplos morais, nos moldes de Valério, em virtude de se confundir com o louvor aos feitos dos ancestrais, no caso de ações meritórias. Curiosamente, em 2.2.3, as ações meritórias de Mário e Cícero são diametralmente opostas, com relação à influência grega. Mário se opõe radicalmente aos usos dos gregos vencidos, e, para o autor, age bem; Cícero, porém, é um romano já totalmente cercado pela influência do helenismo. A própria justificativa que Valério concede a Molo para poder falar em grego no Senado indica um reconhecimento da cultura grega como benéfica – como atestam suas palavras: “E não tomou injustamente a honra, pois ele ajudou a (levantar a) eloquência romana ao seu ponto máximo” (2.2.3).

Talvez a representação destes dois romanos, de pontos de vista opostos, represente uma solução de compromisso entre uma opinião tradicionalista, calcada nos valores “puramente romanos”, e a aceitação compulsória da inserção grega. Sendo ambos por demais importantes para serem omitidos ou rejeitados, Valério escolhe ignorar a contradição e apresentá-los ambos como meritórios – aplicando aí o mesmo pragmatismo usado na avaliação dos méritos e deméritos dos gregos.

O excesso de palavras e o apreço pela eloquência não são, para Valério, características inócuas aos gregos. No tópico 8.9 (*de quão grande é a força da eloquência*) dois exemplos sintetizam a idéia de que os próprios gregos podem ser vítimas de sua loquacidade. Em

8.9.ext.1, o tirano Pisístrato é considerado tão bom orador que conseguiu que os atenienses lhe cedessem um domínio de rei (*regium imperium*) cativados por sua oratória, mesmo que Sólon se esforçasse contra ele. Para Valério, mesmo que as opiniões deste último fossem mais sábias, as de Pisístrato eram mais eloqüentes. “Então ocorreu que uma cidade que de outro modo seria muito prudente preferiu a servidão à liberdade” (*quo evenit ut alioqui prudentissima civitas libertati servitutem praeferret*).

Particularmente com relação ao caráter de Pisístrato, o fato de Valério considerá-lo um escravizador do povo não o impede de, igualmente, tomá-lo como um personagem relevante pelos seus méritos: o tirano ateniense é objeto de louvor, por sua humanidade e clemência, em dois episódios: em 5.1.ext.2a, onde, tendo sua filha sido beijada por um rapaz por ela apaixonado, recusou-se a mandar matá-lo, apesar dos pedidos de sua mulher. Valério estranha o fato de que tal locução tenha saído dos lábios de um tirano, julgando-a pouco adequada ao seu pronunciador. E, em 5.1.ext.2b, o mesmo personagem perdoa um amigo que, além de tê-lo insultado num banquete, ao sair, cuspiu em sua face. Pisístrato conteve seus filhos enfurecidos com o insulto, e, além disso, ao saber que, no dia seguinte, este amigo, apavorado pelo que havia feito, queria matar-se, foi até ele e demoveu-o da idéia. Valério conclui: “Se ele (Pisístrato) não tivesse feito mais nada merecedor de honra e de memória, com estes feitos, no entanto, ele teria se abundantemente recomendado à posteridade”. Essa honra da memória, porém, apesar de ser posta em boa luz por Valério, não necessariamente ilumina apenas as boas ações – e a própria ação escravizadora de Pisístrato em 8.9.ext.1 é um exemplo. Conveio a Valério destacar o caráter nobre da memória – curiosamente no caso de um tirano – e ele assim o enfocou, pragmaticamente. Se Valério narrasse as atrocidades de um tirano, provavelmente diria algo do gênero: “para que tais infâmias não se repitam”.

Na seqüência de 8.9, em 8.9.ext.2, Péricles é apresentado sob a mesma ótica de Pisístrato em 8.9.ext.1: “[...]equipado como era com as mais abundantes vantagens naturais, e grandemente polidas estas com atenção sob seu preceptor Anaxágoras, colocou um jugo de escravidão sob os pescoços dos atenienses” (*felicissimis naturae incrementis sub Anaxagora praeceptore summo studio perpolitis instructus, liberis Athenarum cervicibus iugum servitutis imposuit*). Mesmo quando impunha sua opinião a uma população contrária ao projeto, moveu a cidade ao seu bel-prazer, segundo Valério. Depois de considerar que o poder retórico de Péricles era reconhecido até pelos comediógrafos que o criticavam por vezes, Valério estabelece uma conexão entre Péricles e Pisístrato: soavam, nos seus discursos, da mesma forma; e ambos foram, à sua maneira, tiranos, divergindo apenas nos seus métodos. Concluiu-se, a partir destes dois exemplos, que os gregos, considerados por Valério como afeitos a

enganar com palavras e seduzir com o excesso, não eram de nenhum modo imunes aos seus efeitos nocivos, e particularmente os atenienses são vulneráveis a esta falha. Conclusão semelhante já se retirava do exemplo 4.3.6b, quando a própria licenciosidade dos gregos os levava, em última análise, à servidão.

Até aqui podemos traçar uma linhagem dos defeitos e causas dos mesmos, de acordo com os exemplos apresentados. Os gregos são extravagantes, pois vivem de forma dispendiosa e com luxo excessivo. Além disso, seu próprio idioma é próprio ao excesso: o excesso de palavras esconde a verdade e por isso é nocivo aos ouvintes. Mas os gregos não são imunes aos efeitos de sua degenerescência; os atenienses perderam o domínio de um “*grande império*” para os romanos em 4.3.6b justamente por seu apego ao luxo, e por seu apreço à loquacidade, acabaram por perder sua liberdade, tanto para Pisítrato em 8.9.*ext.1* quanto para Péricles em 8.9.*ext.2*.³⁶

A primeira instância em Valério onde é narrado um caso de rejeição às coisas gregas, semelhante ao demonstrado por Mário em 2.2.3, localiza-se em 1.1.12 (*sobre a religião*). O cuidado na conservação da religião por parte dos antigos romanos é ilustrado com a narração de uma descoberta feita próximo ao Janículo, num campo cultivado. Tendo alguns lavradores arado a terra mais profundamente que de costume, encontraram duas caixas de pedra. Uma guardava, segundo uma inscrição, o corpo de Numa Pompílio, segundo rei de Roma, e a outra guardava vários livros, em grego e em latim. Os escritos gregos continham, segundo Valério, um sistema de conhecimento ou método de filosofia, enquanto os em latim abordavam o direito pontifical. (*libri reconditi erant Latini septem de iure pontificum totidemque Graeci de disciplina sapientiae*) Os livros em latim foram preservados com muito zelo, mas os livros em grego foram queimados por ato do pretor Q. Petílio, por ordem do Senado. A cerimônia de queima foi conduzida por sacrificadores (*victimarii*), segundo Valério, por que se julgou que os livros continham material nocivo à religião. Conclui o autor: “pois não queriam os homens do passado que fosse preservado nesta cidade algo que pudesse desviar a mente dos homens do culto dos deuses” (*noluerunt enim prisca viri quicquam in hac adservari civitate quo animi hominum a deorum cultu avocarentur*).

O caso narrado por Valério constitui uma versão reduzida de Tito Lívio, XL, 29. Lívio nos complementa: a sepultura de Numa foi encontrada vazia, e a inscrição nela encontrada havia sido escrita com letras latinas e gregas; os livros encontrados possuíam um aspecto mais recente que o resto dos achados, e estavam intactos. Lívio comenta que Valério Âncias

³⁶ E, nesta última consideração, é ecoado um argumento de Cícero em *Pro Flacco* (XVI – XIX) – as multidões deliberam na assembléia ao sabor de suas vontades, e podem ser manipuladas por qualquer arrivista.

considerava que os livros gregos continham doutrina pitagórica, mas rechaça esta consideração como uma mentira que buscava corroborar uma idéia corrente que supunha Numa ter sido discípulo de Pitágoras. Também é descrito o contato entre o proprietário do campo onde foi feito o achado, L. Petílio, e o pretor Q. Petílio. Os dois amigos estavam ligados, também, por associações políticas, o que fez com que a cessão dos documentos ao poder público fosse feita sem transtornos. Igualmente, uma leitura prévia do pretor considerou que os livros em grego continham conteúdo nocivo à religião, e, da mesma forma que em Valério, a destruição dos mesmos livros, lavrada pelo Senado, foi realizada pelos vitimários.

O incidente narrado em Lívio é datado do consulado de P. Cornélio Lêntulo e M. Bébio Tânfilo, pelos dois autores, circunstância que o situa em 181 a.C. (VALERIUS MAXIMUS, 2000, vol. I, p.25, n.28). Esta data situa o incidente em um período muito próximo da perseguição às Bacanais ocorrida em 186 a.C. tratada por Valério em 1.3.1³⁷, e narrada por nós no capítulo segundo. O incidente dos livros é comentado por Benjamin Isaac: “De qualquer forma que interpretemos isso, certamente representa uma afirmativa dos valores tradicionais romanos contra idéias e crenças helenísticas”³⁸ (ISAAC, 2006, p.385). Alguns pormenores da narração de Valério e de Tito Lívio destacam em que termos se dava esta refutação.

O primeiro pormenor refere-se às circunstâncias e ao conteúdo da descoberta (narrados em Lívio). Os livros são descritos como de feitio ou aparência muito mais recente que o restante dos achados, podendo sugerir uma inserção espúria dos mesmos. O próprio Lívio sinaliza isso quando rechaça a opinião de Âncias. Em segundo lugar, e este pormenor é tanto apontado por Lívio quanto por Valério, é a circunstância da queima dos livros gregos ter se dado com a colaboração de vitimários, ou sacrificadores. Estes sacrificadores faziam parte de qualquer unidade militar, juntamente com os arúspices, e sua função era introduzir as vítimas animais no espaço sacrificial, matando-as em seguida. Possivelmente, como o conhecimento contido nos livros gregos era potencialmente prejudicial à religião, a forma de destruí-los também implicava uma eliminação religiosa do mal que continham. Para Valério, este mal estava justamente no fato de que estes sistemas filosóficos, pitagóricos ou não, desviavam a atenção dos homens da observância estrita da religião.

Tito Lívio, em XXII, 57, narra um episódio que possui caráter análogo a esse. Duas vestais foram acusadas de incesto. Uma foi enterrada viva, segundo o costume romano, e a

³⁷ Os epítomes são sucintos em dizer que os cultos estrangeiros foram abolidos quando degeneraram em loucura.

³⁸ “*However we interpret this, it certainly represents an assertion of Roman traditional values against Hellenistic ideas and beliefs*”

outra se matou. Estes eventos, que se sucederam a uma série de reveses sofridos pelos romanos na guerra contra Aníbal (a vitória deste em Canas, em 216 a.C.) levaram os romanos a consultarem seus oráculos para saberem o que isso significava, e como aplacar os deuses. Quinto Fábio Píctor foi enviado a Delfos, na Grécia, e, enquanto isso, os livros oraculares romanos foram consultados. Estes prescreveram que fossem realizados sacrifícios humanos – e que as vítimas fossem estrangeiras. Um casal de gregos e um casal de gauleses foram enterrados vivos, num fosso aspergido com o sangue de mais sacrifícios humanos. Lívio comenta que esta cerimônia era bem pouco romana, mas o que é digno de comparação com o exemplo valeriano 1.1.12 é o fato de em ambos os sacrifícios serem executados gregos, ou coisas gregas. Ainda, outro incidente de Lívio destaca uma motivação provável para tal comportamento:

Muitas vezes nossos pais e avós encarregaram os magistrados de se oporem a toda e qualquer cerimônia de culto estranho; de vedarem o Fórum, o circo e a Cidade a sacerdotes e adivinhos, de apreenderem e queimarem livros de profecias; de proscreverem todos os ritos e sacrifícios que não fossem os dos romanos³⁹. (TITO LÍVIO, XXXIX. 16)

No sacrifício descrito por Lívio, talvez a prescrição se devesse ao fato de os gregos e gauleses serem estrangeiros por definição. Há um exemplo valeriano que corrobora a idéia da Grécia como uma nação estrangeira, mesmo apesar de todas as suas conexões com Roma. O exemplo 2.8.7 (2.8 trata sobre o direito ao triunfo) trata de vários generais romanos que, durante as guerras civis, ao vencerem seus compatriotas, procuraram não demonstrar grande alegria, por terem vencido romanos, não estrangeiros. Igualmente, nenhum triunfo, ou ovação, ou título de *imperator* lhes foi concedido, por estas honras estarem ligadas a vitórias sobre inimigos (estrangeiros). Mesmo Sula, que, segundo Valério, venceu mais guerras civis que qualquer outro, e cujas vitórias foram igualmente as mais cruéis e insolentes, quando celebrou um triunfo depois de consolidar seu poder, mostrou várias cidades da Grécia e da Ásia no desfile triunfal, mas nenhuma cidade romana.

O exemplo 2.1.10 apresenta outra instância onde os costumes gregos são desprezados em prol dos costumes ancestrais romanos. Valério narra que nas refeições os anciãos recitavam poemas acompanhados de flautas, narrando as nobres ações dos antepassados, para estimular os mais jovens a imitá-las. O autor conclui: “Que Atenas, que escola de filosofia, que estudos alienígenas devo preferir a esta disciplina doméstica?” (*quas Athenas, quam*

³⁹ Tradução de Paulo Matos Peixoto. Ver as referências bibliográficas.

scholam, quae alienigena studia huic domesticae disciplinae praetulerim?). Trata-se de uma recriminação tradicionalista, nos termos do *mos maiorum* – aqui claramente expresso como forma de reação aos costumes estrangeiros, e, mais que eles, à Grécia, à filosofia, e a Atenas, tomada como representante das anteriores, e que ecoa a redução do conhecimento grego a um mero “saber”, como já visto no exemplo 2.2.3 analisado acima. É uma reação pragmática a de Valério neste exemplo, porém; são muitos os exemplos que louvam a filosofia grega nos *Feitos*.

Tanto a crueldade quanto a venalidade são características atribuídas aos atenienses que aparecem em menor escala no texto valeriano. Em 9.2.ext.8, os atenienses, por decreto “indigno de sua glória” (*indigno gloriae suae decreto*), decidiram cortar os polegares dos jovens habitantes de Egina, para que estes, que possuíam uma marinha poderosa, não pudessem rivalizá-los no domínio marítimo. A crueldade dos atenienses neste exemplo parece estranha até mesmo a Valério, que diz não reconhecer uma Atenas que retira o remédio para o medo da crueldade (*non agnosco Athenas timori remedium a crudelitate mutantes*). Neste exemplo surge a idéia de que, embora o autor aponte o defeito dos atenienses, mantém certo ideal com o qual confronta o comportamento censurado. Atenas é gloriosa, mas cometeu este ato vil e indigno.

Com relação à venalidade, em 7.2.ext.10, o rei Filipe da Macedônia reprova Alexandre, seu filho, numa carta, por querer comprar a lealdade de alguns aliados com dinheiro. O exemplo é concluído com a seguinte consideração: “Como pai, (escreveu) isso por afeição; como Filipe, pela experiência – Filipe, mais comprador que vencedor da Grécia” (*a caritate istud pater, ab usu Philippus, maiore ex parte mercator Graeciae quam victor*) Valério coloca esta reprovação sob dois aspectos. O primeiro é a reprovação do pai, motivada pela afeição ao seu filho; o segundo é a reprovação do rei, motivada pela experiência – já que, para a conclusão de Valério, a maior parte da Grécia havia sido subornada para colocar-se sob o domínio de Filipe. Uma noção associada à venalidade, a inconstância, pode ser encontrada no argumento de Cícero no julgamento de L. Valério Flacco em *Pro Flacco*. Este argumento, mencionado no nosso capítulo anterior, procura desqualificar as testemunhas das cidades gregas que acusavam Flacco, através da enunciação de um estereótipo dos gregos como incapazes de manter seus juramentos e de serem leais.

Em uma série de exemplos dos *Feitos* é atribuída aos atenienses uma espécie de insanidade. Em 7.2.ext.1d, Sócrates é apresentado como vítima da “demência celerada” dos atenienses (*Atheniensium scelerata dementia*), que o condenaram à morte. Ouvindo Xantipa, sua esposa, lamentar-se por ele ser inocente, Sócrates replicou, numa pergunta irônica e

retórica, se seria melhor que ele fosse culpado. Trata-se de um exemplo de dito sábio, mas os atenienses aparecem aí como movidos por uma espécie de insanidade.

Em 9.8.ext.2, se aponta uma outra manifestação de loucura dos atenienses. O exemplo trata de um episódio da história grega em que dez⁴⁰ generais atenienses retornaram vitoriosos da batalha das Arginusas em 406 a.C. Os atenienses, porém, receberam-nos com um julgamento sumário e condenação à morte por que, estando o mar muito agitado, os generais não puderam recolher todos os corpos de soldados atenienses que haviam perecido na batalha. Valério também relata(ria) (somente nos restam epítomes nesta parte) um desdobramento deste episódio em 1.1.ext.8 (da religião), uma vez que a falha em recuperar os corpos era tida por impiedade equivalente a deixar os mesmos insepultos. No exemplo, um dos generais atenienses, Diomedonte, requisitou que os votos que ele havia feito em nome do exército fossem desfeitos, para que este, supostamente, não viesse a sofrer efeitos adversos por sua execução. Em 1.1.ext.8, o epitomador Júlio Páris registra a execução de Diomedonte como injusta, talvez replicando uma expressão valeriana (*ad immeritum supplicium duceretur*); em 9.8.ext.2, o próprio Valério adquire um tom mais veemente. O motivo para tal conduta, mais que preocupação religiosa, é uma *temeridade beirando a insanidade* por parte da comunidade dos atenienses (*iam Atheniensium civitas ad vesaniam usque temeraria*), que puniram os generais por algo que estava fora de seu alcance obter, e desprezaram a vitória que tinha sido obtida pelo seu mérito. Um terceiro exemplo sobre o mesmo caso encontra-se em 3.8.ext.3 (da constância); Sócrates é apresentado como constante em sua defesa dos generais.

Socratis autem virilitatis robore vallatus animus aliquanto prae fractius perseverantiae exemplum edidit. universa civitas Atheniensium, iniquissimo ac truculentissimo furore instincta, de capite decem praetorum, qui apud Arginusas Lacedaemoniam classem deleverant, tristem sententiam tulerat. forte tunc eius potestatis Socrates cuius arbitrio plebei scita ordinarentur, indignum iudicans tot et tam bene meritos [et] indicta causa impetu invidiae abripi, temeritati multitudinis constantiam suam obiecit, maximoque contionis fragore et incitatissimis minis compulsus non est ut se publicae dementiae ascriberet. quae, oppositu eius legitima grassari via prohibita, iniusto praetorum cruore manus suas contaminare perseveravit. nec timuit Socrates ne consternatae patriae undecimus furor mors ipsius exsisteret. (3.8.ext.3)

Enquanto a alma de Sócrates, cercada com a força do vigor viril, deu um exemplo mais duro de perseverança. Toda a cidade dos Atenienses, instigada pela mais iníqua e truculenta loucura, sobre as cabeças dos dez comandantes que destruíram a frota lacedemônia nas Arginusas pronunciou uma triste sentença. Nesse período, por acaso Sócrates fazia parte da autoridade que era encarregada de votar as decisões do povo. Julgando indigno que tantos e tão meritórios indivíduos fossem levados por um ímpeto inaudito de ódio, ele opôs sua resistência contra a temeridade da multidão, e, na assembléia, mesmo pelo alto clamor e as ameaças mais enraivecidas ele não pôde

⁴⁰ Segundo Shackleton Bailey (VALERIUS MAXIMUS, 2000, vol. I, p. 40-41, nota 51), seis dos dez generais voltaram para Atenas e foram executados.

ser compelido a ratificar esta insanidade pública. Eles, impedidos pela sua oposição de avançar nisso de forma legal, perseveraram em contaminar suas mãos com o sangue injusto dos comandantes. Nem temia Sócrates que sua morte pudesse tornar-se uma undécima loucura de sua pátria transtornada.

Novamente os termos usados por Valério para descrever o comportamento da multidão indicam um comportamento insano: “instigada pela mais truculenta e iníqua loucura” (*iniquissimo ac truculentissimo furore instincta*); movidos por um “ímpeto de ódio/inveja” (*impetu invidiae*); temerários (*temeritati multitudinis*), e novamente insanos (*publicae dementiae*) e insistentes no mal (pelo uso do verbo *persevero/perseveravit*). Sócrates, ao opor-se à iniquidade da turbamulta, expunha-se sem medo de sofrer ele mesmo a loucura da multidão (*nec timuit...*) que foi reiterada por Valério no exemplo 7.2.ext1d já analisado. Estas manifestações de insanidade são apresentadas também por Cícero, em *Pro Flacco*:

Mementote igitur, cum audietis psephismata, non audire vos testimonia, audire temeritatem vulgi, audire vocem levissimi cuiusque, audire strepitum imperitorum, audire contionem concitatam levissimae nationis.

Lembraí-vos, pois, quando ouvirdes decretos gregos, que não estais ouvindo testemunhos; estais ouvindo a temeridade do vulgo, estais ouvindo as mais levianas considerações, estais ouvindo a balbúrdia dos ignorantes, ouvindo a agitação da assembléia da mais leviana das nações. (Cícero, *Pro Flacco*, vii, 19, 5-9).

O tratamento do caso de Sócrates, tanto em 7.2.ext1d quanto em 3.8.ext.3 aponta uma característica dos atenienses que não é ostensivamente mostrada em Valério, mas é apreensível através dos exemplos dispersos em rubricas variadas. Trata-se do caráter hostil sob o qual as multidões são apresentadas, sempre em choque com a ação de algum indivíduo que, seja por firmeza moral ou mesmo dotes naturais, destaca-se do povo, liderando-o, opondo-se ao mesmo, ou manipulando-o. Como esta relação é bastante perceptível no texto valeriano, será analisada sob a forma da seção 3.2: “Tensões entre o indivíduo e a turbamulta”, mais adiante neste trabalho.

3.1.1 Ingrata Atenas

O defeito mais comumente atribuído aos atenienses é a ingratidão. Ela é o objeto da rubrica 5.3 nos *Feitos*⁴¹, e, dos oito exemplos estrangeiros apresentados nesta, sete são gregos: seis atenienses e um espartano. A quantidade de exemplos atenienses não passou despercebida ao próprio Valério Máximo, que dedica um longo trecho, em 5.3.ext.3f, à discussão sobre tal profusão. Apresentaremos os exemplos, e finalizaremos com o comentário do autor.

O exemplo 5.3.ext.2 narra a expulsão de Licurgo, legislador espartano, pelo seu povo. Para Valério, não existiu ninguém melhor, nem mais útil saído da Lacedemônia (*Neminem Lycurgo aut maiorem aut utiliore virum Lacedaemon genuit*), o que implica que para Valério, as leis dos espartanos são o que de melhor eles produzem. No entanto, apesar de seus méritos, Licurgo sofreu maus-tratos por parte de seus compatriotas. Valério narra estes malefícios, e finaliza com uma consideração sobre Esparta: “O que mais podem fazer as outras cidades, quando mesmo aquela que reivindicava a si louvor especial por sua constância, moderação e seriedade, tão ingrata foi contra quem apresentava tanto mérito?” (*quid aliae faciant urbes, ubi etiam illa quae constantiae et moderationis et gravitatis eximiam sibi laudem vindicat tam ingrata adversus tam bene meritum exitit?*). Valério reconhece o mérito de Esparta para aumentar o efeito retórico de sua conclusão. Se a presunção de Esparta não fosse válida, o autor não poderia distingui-la de outras cidades ingratas. Como veremos mais adiante, Esparta é vista com bons olhos nos *Feitos*; os exemplos negativos dos espartanos são poucos, e, em 4.5.ext.2, são diretamente comparados com os atenienses, que são censurados.

Os exemplos 5.3.ext.3a a f tratam da ingratidão dos atenienses. O primeiro (3a) a ser injustiçado foi o próprio fundador da cidade, Teseu. O esquema adotado por Valério para a apresentação destes exemplos é o seguinte. Na primeira parte da narração do exemplo, a vítima da injustiça é apresentada, juntamente com seus algozes. Os méritos da vítima são enumerados na seqüência, e, em último lugar, são descritas as circunstâncias da ingratidão. Para o nosso trabalho, são especialmente ilustrativos os primeiros trechos de cada exemplo.

Detrahe Atheniensibus Thesea, nullae aut non tam clarae Athenae erunt, si quidem ille vicatim dispersos cives suos in suam unam urbem contraxit, separatimque et agresti more viventi populo amplissimae civitatis formam atque imaginem imposuit. [...] (5.3.ext.3a)

Tomem Teseu dos atenienses, e Atenas não existiria ou não seria tão famosa, uma vez que foi ele que reuniu seus compatriotas dispersos em vilas numa só cidade própria e deu a forma e semelhança de uma grandíssima comunidade a pessoas vivendo separadamente e de forma rústica.

⁴¹ Também o exemplo 9.8.ext.2 analisado na seção anterior configura um outro exemplo de ingratidão dos atenienses, quando estes condenam à morte os generais vencedores nas Arginusas.

O exemplo seguinte:

Iam Solon, qui tam praeclaras tamque utiles Atheniensibus leges tulit ut si iis perpetuo uti voluissent, sempiternum habituri fuerint imperium [...] (5.3.ext.3b)

E Sólon? que propôs tão boas e úteis leis aos atenienses que se eles tivessem escolhido segui-las perpetuamente teriam sido capazes de manter seu império para sempre?

Segue-se:

Bene egissent Athenienses cum Miltiade si eum post trecenta milia Persarum Marathone devicta in exilium protinus misissent ac non in carcere et vinculis mori coegissent. [...] (5.3.ext.3c)⁴²

Os Atenienses teria feito um bem a Milcíades se, depois da derrota de três mil persas em Maratona, lhe tivessem mandado imediatamente ao exílio, e não lhe forçado a morrer acorrentado na prisão.

Ainda:

Aristides etiam, quo totius Graeciae iustitia censetur, continentiae quoque eximum specimen, patria iussus excedere est. felices Athenas, quae post illius exilium invenire aliquem aut virum bonum aut amantem sui civem potuerunt, cum quo tunc ipsa sanctitas migravit! [...] (5.3.ext.3d)

Também Aristides, que é tomado como padrão de justiça para toda a Grécia, e também um exemplo excepcional de abstinência, foi forçado a deixar sua pátria. Feliz Atenas, que depois de seu exílio pôde descobrir um homem bom ou um cidadão para amá-la depois de banir um com o qual então a própria Integridade caminhava!

Temístocles é o tema de 5.3.ext.3e:

Themistocles, eorum qui ingratham patriam experti sunt celeberrimum exemplum, cum illam incolumem, claram, opulentam, principem Graeciae reddidisset, eo usque sensit inimicam ut ad Xerxis, quem paulo ante destruxerat, non debitam sibi misericordiam perfugere necesse haberet. (5.3.ext.3e)

Temístocles é um muito célebre exemplo daqueles que descobriram a ingratidão de sua pátria. Tendo tornado a sua (pátria) segura, famosa, opulenta, líder da Grécia, experimentou dela tamanha hostilidade que teve de fugir até a companhia e a misericórdia, que ele não merecia, de Xerxes, ao qual pouco tempo antes havia destruído [...].

No exemplo de Fócion, segue-se uma conclusão geral:

⁴² Címon, filho de Milcíades, é também citado no exemplo como vítima de injustiça, e esta consideração é repetida em 5.4.ext.2. Ele é alvo de muitas injustiças; em 6.9.ext.3, Valério narra que, na juventude de Címon, seus contemporâneos o julgavam ignorante. Quando crescido, e vindo a comandar os atenienses, seus sucessos obrigaram os que antes assim o julgavam a serem eles mesmos culpados de ignorância.

Phocion vero, iis dotibus quae ad pariendum homin<um amor>em potentissimae iudicantur, clementia et liberalitate, instructissimus, tantum non in eculeum ab Atheniensibus impositus est. [...]

Quid abest igitur quin publica dementia sit existimanda summo consensu maximas virtutes quasi gravissima delicta punire, beneficiaque iniuriis rependere? quod cum ubique tum praecipue Athenis intolerabile videri debet, in qua urbe adversus ingratos actio constituta est, et recte, quia dandi et accipiendi beneficii commercium, sine quo vix vita hominum exstaret, tollit quisquis bene merito parem referre gratiam negligit. quantam ergo reprehensionem merentur qui, cum aequissima iura sed iniquissima ingenia haberent, moribus suis quam legibus uti maluerunt? quod si qua providentia deorum effici posset ut excellentissimi viri quorum modo casus rettuli legem ingratorum vindicem recitantes patriam suam in ius ad aliam civitatem pertraherent, nonne ingeniosum et garrulum populum mutum atque elinguum hac postulatione reddidissent? 'discordes foci tui pagisque dividua tuguria Graeciae facta sunt columnae: lucet Marathon Persicis tropaeis: Salamina et Artemisium Xerxis naufragia numerantur: praevalidis manibus exhausta moenia pulchrioribus operibus consurgunt. harum rerum auctores ubi vixerunt? ubi iacent? responde! nempe Thesea parvulo in scopulo sepeliri, et Miltiadem in carcere mori, et Cimona paternas induere catenas, et Themistoclea victorem victi hostis genua complecti, Solonemque cum Aristide et Phocione penates suos ingrata fugere coegisti, cum interim cineribus nostris foede ac miserabiliter dispersis Oedipodis ossa, caede patris, nuptiis matris contaminata, inter ipsum Arium pagum, divini atque humani certaminis venerabile domicilium, et excelsam praesidis Minervae arcem honore arae decorata sacrosancti herois more colis. adeo tibi aliena mala tuis bonis gratiora sunt. lege itaque legem quae te iure iurando obstrictam tenet, et quia bene meritis debita reddere praemia noluisti, laesis iusta piacula exsolve.' tacent mutae illorum umbrae, fati necessitate constrictae: at, immemores beneficiorum Athenae, reprehensionis lingua sermone licenti soluta non tacet. (5.3.ext.3f)

Fócion estava muito provido de clemência e liberalidade, os quais dons são julgados os mais eficientes geradores da afeição humana: foi, no entanto, colocado pelos atenienses num instrumento de tortura. [...]

O que falta então para que seja julgada insanidade pública punir por consenso geral o maior dos méritos como a pior das ofensas e a pagar benefícios com injúrias? Isso deve ser visto como intolerável em qualquer lugar, mas especialmente em Atenas, onde o processo dos ingratos era possível, e justamente possível, uma vez que qualquer que despreze devolver uma graça de forma igual ao benfeitor destrói a reciprocidade sem o qual a vida seria dificilmente passável. Quanta repreensão é merecida por aqueles que, tendo as mais justas regras, mas as mais injustas disposições, preferiram seguir seus instintos em vez de suas leis! Se por providência doa deuses pudesse acontecer que os mais excelsos personagens cujos destinos eu narrei há pouco pudessem arrastar sua pátria a juízo perante outra comunidade, recitando a lei que pune a ingratidão, não teriam eles rendido este engenhoso, volúvel povo mudo e sem eloquência com esta petição? *“Vossas casas desunidas e choças divididas entre distritos rurais se tornaram a coroa da Grécia. Maratona brilha com os despojos persas. Salamina e Artemísio são contados como naufrágios de Xerxes. Muralhas derruídas por mãos fortíssimas erigem-se em obras da maior beleza. Onde os autores destas coisas vivem? Onde eles estão? Respondam! Pois vocês não compeliram, ingratamente, Teseu a ser enterrado numa pequena rocha, Milcíades a morrer na prisão, Cimon a ser acorrentado nas correntes paternas, Temístocles, o vencedor, a abraçar as pernas do inimigo vencido, Sólon, Aristides e Fócion a deixar seus penates? E neste ínterim, enquanto nossos ossos são vergonhosamente e miseravelmente espalhados, cultuais aos ossos de Édipo, contaminado com o assassinato do pai e o casamento com a mãe, agraciado com a honra de um altar no próprio interior do Areópago, o venerável domicílio da disputa humana e divina, e na excelsa cidadela de Minerva, sob a forma de um herói sacrossanto. Tanto assim vos são mais gratos os males estrangeiros do que vossas próprias virtudes. Assim diz a lei que vos mantêm constrictos, e uma vez que negastes retribuir àqueles que mereciam o bem sua justa recompensa, pagareis justa expiação àqueles a quem atingistes”* Suas

sombras mudas silenciam, contidas pela inevitabilidade do destino. Mas tu, Atenas, esquecida dos benefícios, a repreensão de uma voz solta em um discurso livre não silencia.

A enumeração dos méritos dos personagens, feita por Valério, ressalta a disparidade entre benefício e ingratidão. Especialmente no caso de Sólon em 5.3.ext.3b, a ingratidão dos atenienses não é somente reprovável, mas também nociva. Por haverem deixado de seguir as excelentes leis de Sólon, os atenienses não foram capazes de manter o seu império. Da mesma forma, em 5.3.ext.3e, Temístocles foge até a companhia de Xerxes (que ao contrário dos atenienses, pode-se argumentar, avaliou a situação de forma pragmática). Novamente, a ingratidão dos atenienses se mostra contraproducente, uma vez que subtrai à pátria os personagens que a enaltecem. Particularmente no exemplo de Sólon, o autor estabelece um antagonismo entre norma (as leis dos atenienses, que são boas) e tendência (a tendência à ingratidão oriunda, supostamente, de uma natureza). Lembremo-nos que as leis são obra de um “grande personagem”, Sólon, e que se os atenienses tivessem seguido à risca as suas injunções, teriam, para Valério, mantido o seu império para sempre. Mas a natureza (e está se falando aí de uma característica indissociável) dos atenienses é tida pelo autor como ingrata, e as coletividades também são retratadas negativamente nos *Feitos*. Segue-se que a falha em aderir ao guante férreo da disciplina instituída pelo “grande indivíduo” implica necessariamente no triunfo de uma natureza malévola, e, em última análise, à decadência, e, finalmente, à dominação. As simpatias de Valério vão para os “grandes indivíduos”.

O extenso período que se segue ao exemplo de Fócion em 5.3.ext.3f é dedicado por Valério à reprovação geral dos atenienses, por sua ingratidão. Para entender melhor a exprobração valeriana, faz-se necessária a menção ao exemplo 2.6.6. Neste exemplo, conta-se que, entre os atenienses, o escravo liberto que falhava em retribuir o seu antigo senhor com atos de gratidão era novamente reduzido à escravidão. Os méritos dos injustiçados foram enumerados nos exemplos acima. De forma geral, representam a ação do indivíduo que, por sua disposição especial, trabalha em prol de seus cidadãos e os liberta, seja de uma vida rústica e dispersa, como Teseu, ou da possibilidade da servidão aos persas, como Milcíades e Temístocles.

Levantada esta consideração, passamos à construção de uma cena de “tribunal moral” no exemplo 5.3.ext.3f. De acordo com um efeito de vivacidade, de *enargeia* como já discutida no capítulo primeiro, Valério invoca um poder divino que estabelece, imaginariamente, este conflito entre os comandantes injustiçados e a Atenas injusta, sendo a juíza outra comunidade, não nomeada, mas que adere à mesma lei ateniense de punição aos servos ingratos. Atenas é

julgada aí como se fosse, de acordo com o exemplo 2.6.6, uma serva ingrata que falhou em reconhecer a benevolência de seu senhor, ou de seu líder, ou legislador. A pena para tal ingratidão é a volta ao estado anterior de escravidão. Alguns exemplos já apresentados, como 4.3.6b, ilustram claramente este processo.

Um último pormenor: quem fala de Édipo não são os comandantes atenienses, mas sim o próprio Valério. É ele que põe este argumento em especial na boca dos acusadores. É especificamente uma censura aos gregos, que ignora deliberadamente que os deuses e heróis romanos não se caracterizam propriamente pela nobreza. Rômulo, por exemplo, matou o próprio irmão e planejou o rapto das sabinas através de uma traição aos seus convidados. Em períodos posteriores, a apologética cristã será especialmente incisiva nesta condenação geral da mitologia greco-romana, mas Valério sente-se à vontade no século I d.C. para censurar um herói grego por que, para ele, trata-se de um exemplo estrangeiro. Seria um comportamento pouco verossímil por parte dos atenienses censurarem um dos heróis protetores da cidade, mesmo que não fosse oriundo dela – Édipo é nativo de Tebas - para vangloriar-se de sua própria virtude (o que implicaria provavelmente numa citação negativa do próprio Valério em uma rubrica apropriada).

Para Valério, aquele que falha em retribuir a benevolência de seu benfeitor é um ingrato. A existência de um sistema de obrigações e concessões é vista, pelo autor, como uma necessidade da vida, e algo mesmo benéfico. Pode ser que este ponto de vista esteja intimamente relacionado com a própria situação do autor e da aristocracia romana no começo do Império. Durante a república, o sistema de clientela constituía uma parte importantíssima da estrutura social romana. Géza Alföldy diz: “As relações sociais entre as diferentes pessoas e grupos de pessoas baseavam-se, durante a República – à exceção da relação entre senhor e escravo - na *amicitia*, quando se tratava de indivíduos com a mesma posição social ou, pelo menos, com uma posição social não muito diferente, e na relação *patronus* – *cliens* quando havia uma grande diferença nos respectivos poder, prestígio e fortuna” (ALFÖLDY, 1989, p.117, grifos do autor). Sob o Império, o imperador ocupará o topo desta escala social. “A relação entre as massas de súbditos e o imperador correspondia à que existia entre os clientes e o seu poderoso *patronus*; quando Augusto adoptou, em 2.a.C, o título de *pater patriae*, todo o império passou a interpretar essa proteção “paterna” como uma relação de clientela” (ALFÖLDY, 1989, p.117, grifos do autor). Os exemplos 4.7.ext.2a e 2b apresentam ainda mais claramente o posicionamento de Valério nesta escala de proteção. O exemplo 4.7.ext.2a narra um acontecimento envolvendo Alexandre, o Grande, e Heféstion, seu companheiro, e

este feito é usado por Valério no exemplo seguinte, 4.7.*ext.2b*, para ilustrar a sua convivência com seu patrono Sexto Pompeio⁴³.

O que as instâncias de rejeição apresentadas, tanto por Mário quanto pelos outros personagens, representam? O exemplo 2.2.3, analisado acima, apresenta Caio Mário rejeitando qualquer conhecimento proveniente da Grécia. O exemplo 2.2.2, que o antecede nos *Feitos*, apresenta a resolução dos romanos de não responderem aos gregos em petições senão em latim, para salvaguardar a honra da língua e de Roma. Em outros exemplos, não são os personagens que refutam a cultura grega, mas sim o próprio Valério, em sua argumentação. Em 4.6.1 e 4.7.4, Valério dirige acerbas censuras a personagens da mitologia grega, apontando-lhes falhas morais, mesmo quando praticam grandes feitos⁴⁴. Como estas críticas são feitas com o propósito de enaltecer os exemplos romanos, estes dois exemplos serão analisados na seção 3.4.1. Pode-se argumentar, igualmente, que a censura a Édipo em 5.3.*ext.3f* é, na realidade, feita por Valério com a voz dos atenienses vítimas de ingratidão.

Logicamente, estes exemplos apresentam a noção de que o grego é inferior. Além disso, adicionam algumas idéias a esta noção: a de que a influência grega é corruptora, e de que mesmo as virtudes dos gregos possuem alguma falha que os tornam intrinsecamente inferiores às mesmas virtudes demonstradas por romanos. Em suma, convencionam uma visão tradicionalista dos estrangeiros, aplicada aos gregos: eles são *hostes*, não *hospites*.

Existem ainda algumas características negativas que Valério atribui, em geral, aos gregos⁴⁵ e mais especificamente aos atenienses. O excesso as resume: o excesso de luxo leva à efeminação; o excesso de palavras leva à insinceridade, por exemplo. Os atenienses são culpados de dois outros defeitos: comportam-se de maneira insana sem o domínio de um grande indivíduo, e, mesmo quando são liderados para o bem, revoltam-se e recompensam a benevolência com a ingratidão. O “tribunal moral” de Valério em 5.3.*ext.3f* condenaria, se existisse, os atenienses à escravidão e a sujeição. Para o autor, a atual sujeição da Grécia a Roma deve-se, pois, justamente às falhas morais dos gregos, que, ao deixarem os bons costumes propostos pelos seus legisladores, tornaram-se fracos e voltaram a ser sujeitos, desta vez ao poder de Roma.

⁴³ Como tratam do uso de um motivo da história grega com a finalidade de ilustrar uma digressão pessoal de Valério, estes exemplos serão melhor detalhados adiante, na seção 3.3.

⁴⁴ E, no prefácio a 4.7, enaltece a memória da amizade de Orestes e Pílades – em aparente contradição à condenação de exemplos mitológicos expressa nos dois exemplos.

⁴⁵ Complementando: em 3.7.*ext.5*, os tebanos também são ingratos a Epaminondas, fazendo-o, numa efusão de mau humor, pavimentar estradas, o trabalho de mais baixa condição em Tebas, para insultá-lo. No entanto, Epaminondas desempenhou sua função com tamanho orgulho e empenho que fez com que o trabalho passasse a ver visto como meritório.

3.2 TENSÕES ENTRE O INDIVÍDUO E A TURBAMULTA

Apontamos acima a idéia do “grande personagem” nos *Feitos*. O critério usado por Valério para determinar quem é um “grande personagem”, como vimos, é puramente pragmático: Mário e Cícero se contradizem em 2.2.3; e Pisístrato, apesar de ser um tirano, é louvado por sua parcimônia em 5.1.*ext.2a* e 5.1.*ext.2b*, sendo digno de nota, juntamente com Péricles, por ter conseguido enganar os atenienses com o poder de sua oratória, em 8.9.*ext.1* e *ext.2* (aproveitando-se de uma característica negativa dos gregos - o amor pela loquacidade). Particularmente no caso de Péricles e Pisístrato, suas ações só adquirem relevância por que se dão em contraste com o povo, que, em comparação com as ações dos “grandes personagens”, é usualmente retratado de forma negativa. Esta seção apresentará casos nos quais um “grande personagem” grego é digno de nota por haver se destacado da multidão, seja liderando-a ou opondo-se a ela.

Em 3.7.*ext.1a*, o tragediógrafo Eurípides contrapôs-se ao povo que demandava que ele retirasse uma frase específica de uma de suas tragédias. Eurípides subiu ao palco e replicou que ele tinha o hábito de escrever peças para ensinar o povo, e não para ser ensinado por ele. Para Valério, tal ação não configurou um ato de arrogância, uma vez que julga que a autoconfiança é boa quando estima corretamente o seu mérito⁴⁶. Eurípides estava correto, pois, em agir desta forma, recusando-se a seguir os caprichos da multidão, assim como Sócrates no exemplo 3.8.*ext.3*, acima narrado.

Nem sempre o confronto direto com a multidão resulta em sucesso. O ateniense Fócion, em 3.8.*ext.2*, apesar de saber que sua opinião era a mais correta numa assembléia do povo, não pôde evitar que outra opinião fosse aprovada e levada a cabo pela multidão, dizendo à assembléia que seu sucesso posterior deveu-se mais à sorte do que ao mérito. Novamente os atenienses aparecem como temerários, não diretamente nomeados como tais, mas sutilmente indicados por Valério no seguinte período: “E é verdade que a sorte sedutora encoraja a temeridade quando insufla o mau conselho, danificando tanto mais quando beneficia inesperadamente” (*et sane blandus animum temeritati casus facit ubi pravo consilio propitius aspirat, quoque vehementer noceat, <in>speratus prodest*).

⁴⁶ Eurípides tem ainda outro exemplo de autoconfiança em 3.7.*ext.1b*. Neste exemplo, este personagem narrou a outro poeta sobre as dificuldades que vinha tendo para compor nos três dias anteriores – só havia composto três versos. O poeta, Alceste, respondeu que havia, no mesmo tempo, composto cem versos. Ao que Eurípides retrucou que a diferença entre os dois era a de que seus versos seriam bons para sempre, ao passo que os de Alceste só o eram para três dias.

Outro exemplo valeriano mostra claramente como o comportamento da multidão é facilmente manipulável. Em 7.3.ext.6, um homem não nomeado manipulou a opinião dos atenienses da seguinte forma:

Ac ne illud quidem parum prudenter. quidam Athenis universo populo invisus, causam apud eum capitali crimine dicturus, maximum honorem subito petere coepit, non quod speraret se illum consequi posse, sed ut haberent homines ubi procursum irae, qui acerrimus esse solet, effunderent. neque eum haec tam callida consilii ratio fefellit: comitiis enim clamore infesto et crebris totius contionis sibilis vexatus, nota etiam denegati honoris perstrictus, eiusdem plebis paulo post in discrimine vitae clementissima suffragia expertus est. quod si adhuc ei ultionem sitiendi capitis sui periculum obiecisset, nullam partem defensionis odio obseratae aures reciperent (7.3.ext.6)

Também o seguinte também foi muito sabiamente feito. Certo indivíduo em Atenas, universalmente desprezado por todo o povo, estava para defender seu caso perante o povo numa acusação cuja pena era a morte. Ele subitamente candidatou-se a um cargo muito alto, não por que esperasse ser eleito, mas para dar ao povo uma maneira de descarregar sua primeira vazão de ira, que costuma ser a mais violenta. Nem deixou ele este cálculo engenhoso lhe abater. Na assembléia ele foi assolado com gritos hostis e silvos constantes de toda a audiência e retirou-se, oprimido com a marca da honra negada. Um pouco depois, quando sua vida estava em jogo, deu-se que os votos da mesma multidão foram muito mais clementes. Mas se ele tivesse colocado sua cabeça a perigo enquanto a assembléia ainda estava sedenta de vingança, os ouvidos, tolhidos pelo ódio, não teriam aceito nada em sua defesa.

O homem, desta maneira, desviou o ódio da multidão para um ponto menos sensível a si. Tendo consciência do ódio popular, procurou fazer com que a expressão deste ódio fosse demonstrada na negativa à sua fingida pretensão ao cargo. O próprio Valério evidencia a intenção do homem: não possuir o cargo, mas apenas encontrar um meio de atenuar a fúria da multidão quando seu caso realmente importante fosse levado a julgamento.

Outros exemplos valerianos apontam para a possibilidade de condução da multidão com relativa facilidade. Em 1.2.ext.2⁴⁷, o tirano Pisístrato engana novamente os atenienses fazendo-os acreditar ter visto a própria deusa Atena o confirmar no poder, quando a suposta deusa era apenas uma mulher desconhecida na cidade. Em 3.1.ext.1, Alcibíades aconselha seu tio Péricles a desviar a atenção do povo ateniense de irregularidades em sua administração através de uma declaração de guerra. E mesmo os austeros espartanos estão sujeitos a tais trapanças. Em 1.2.ext.3⁴⁸, de maneira semelhante a Pisístrato que o antecede em 1.2.ext.2, Licurgo convenceu os lacedemônios de que suas leis na verdade emanavam do deus Apolo.

⁴⁷ Em epítome.

⁴⁸ Em epítome.

Valério também entende a relação entre o indivíduo notável e a turbamulta como uma relação de dependência. As massas, por si sós, agem de maneira irracional, demente, impulsiva (como Cícero bem atesta), porém a direção de um líder pode lhe dar um sentido. Dois exemplos de Valério ilustram esta linha de raciocínio. Em 4.1.*ext.*4, os atenienses são apresentados como uma população dispersa e sem rumo, cujo ânimo foi exaurido pela tirania.

Thrasylulus etiam hoc loci apprehendendus est. qui populum Atheniensem triginta tyrannorum saevitia sedes suas relinquere coactum, dispersamque et vagam vitam miserabiliter exigentem, animis pariter atque armis confirmatum in patriam reduxit. insignem deinde restitutione libertatis victoriam clariorem aliquanto moderationis laude fecit: plebei enim scitum interposuit, ne qui praeteritatum rerum mentio fieret. haec oblivio, quam Athenienses amnestiam vocant, concussum et labentem civitatis statum in pristinum habitum revocavit. (4.1.*ext.*4)

Neste ponto devo tomar nota de Trasíbulo, que fortaleceu igualmente em espírito e armas o povo de Atenas, que havia sido coagido a deixar suas residências pela crueldade dos Trinta Tiranos e estava levando uma vida dispersa e miserável, e reconduziu-o ao seu país. Assim ele tornou uma vitória insigne pela restituição da liberdade ainda mais brilhante pela glória da moderação, pois ele instituiu um decreto popular, segundo o qual não deveria se fazer menção das coisas passadas. Este esquecimento, a que os atenienses chamam “anistia”, retornou o alquebrado e periclitante estado da comunidade à sua condição prístina.

O trecho 4.1.*ext.*4 é relevante pois demonstra claramente a relação entre o povo e o governante ilustre. No exemplo, o povo de Atenas apenas sofre os efeitos do governo: é desalojado pelos Trinta Tiranos, e reconduzido ao seu lar pela ação de Trasíbulo. Pode-se inferir deste exemplo, assim como dos outros onde esta relação aparece, que os indivíduos se caracterizam pela *ação*; é Trasíbulo que lidera os atenienses, e que formula a anistia (aí designada pelo seu nome latinizado – mais uma ocorrência da inserção da língua grega). Ainda, destituídos de comandante até aí, os atenienses viviam, segundo Valério, uma “*vida dispersa e miserável*”, apenas voltando à sua forma prístina pela ação do grande personagem.

No exemplo 8.11.*ext.*1 a população de Atenas é tomada de grande terror ao presenciar um eclipse solar, acreditando estar condenada à destruição por este sinal celeste. Péricles adiantou-se e explicou que o eclipse tinha sua origem no movimento do sol e da lua, conforme os ensinamentos de seu mestre Anaxágoras. Assim, segundo Valério, “não deixou seus cidadãos tremerem mais por causa de um medo infundado” (*nec ulterius trepidare cives suos vano metu passus est*). Este exemplo possui exatamente o mesmo desenvolvimento e tema que o exemplo romano 8.11.1, que diz respeito a uma explicação idêntica feita pelo legado Sulpício Galo na campanha militar contra o rei Perses, em 168 a.C. Tendo ocorrido um eclipse lunar, os soldados assustaram-se e perderam o moral. O legado adiantou-se e explicou a mecânica do eclipse, da mesma forma que Péricles. Neste caso específico, a ignorância e o

medo das massas não são dados como uma particularidade grega, uma vez que há um exemplo romano praticamente idêntico. Entende-se daí que Valério considera a ignorância como uma característica das massas em geral, da qual as multidões gregas não estão imunes. Como vimos e veremos, porém, outros defeitos são atribuídos, por vezes com insistência, a grupos de gregos específicos.

Estas atribuições, porém, podem aparecer ou desaparecer conforme a necessidade de Valério na explicação do fato. Com relação ao povo ateniense, por exemplo, vimos que a insanidade/temeridade são características recorrentes que lhe são atribuídas. No entanto, o caso de Sócrates, exposto acima em 7.2.ext.1d e 3.8.ext.3, apresenta uma outra abordagem em 1.1.ext.7⁴⁹. Apesar da censura de Valério claramente dirigida aos atenienses por condenarem Sócrates nos exemplos anteriores, no exemplo 1.1.ext.7, sobre a religião, os epitomadores narram que o autor comentava sobre as sanções tomadas pelos atenienses para a salvaguarda da religião, e Sócrates é citado. Para Júlio Páris: “Os mesmos (atenienses) condenaram Sócrates, por que parecia que ele queria introduzir uma nova religião” (*idem Socratem damnaverunt, quod novam religionem introducere videbatur*). Nepociano diz: “Sócrates foi condenado na mesma cidade, com o argumento de que algumas vezes argumentou contra as crenças religiosas” (*Socrates in eadem urbe damnatus est, quod contra religiones nonnumquam disputaret*).

Muito embora o texto original dos *Feitos* tenha se perdido neste ponto e apenas epítomes nos restem, a inserção nesta rubrica em particular pressupõe a manutenção e o respeito à religião como meritórios, e, nesse sentido, Sócrates é que seria o censurado, e os atenienses enaltecidos. Este é um indício da polivalência de tratamento dos gregos que defendemos neste trabalho. Quando Valério necessitou enfocar a observância aos costumes religiosos, as considerações negativas dirigidas aos atenienses na mesma circunstância não aparecem. Pelo contrário, pela inserção no tópico, o mesmo comportamento pode ser considerado meritório.

Uma das principais características que podem ser atribuídas aos “grandes personagens” lembrados por Valério é o desejo, ou apetite, pela glória. Essa necessidade faz parte do próprio *ethos* heróico, e mantém íntima relação com a proposta de educação moral que subjaz à construção dos *Feitos*. Essa redação pode ser explicada nos seguintes termos: o apetite pela glória é tanto a motivação que leva os grandes personagens a praticarem os feitos heróicos, quanto é justamente à formação deste desejo que a narração dos exemplos apela,

⁴⁹ Em epítome.

pelo incentivo à emulação. Valério reconhece a existência destas motivações, embora, no prefácio ao tópico 8.14, não planeje discorrer sobre estas, e sim apenas narrar os acontecimentos.

Gloria vero aut unde oriatur aut cuius sit habitus aut qua ratione debeat comparari, et an melius a virtute velut non necessaria neglegatur viderint ii quorum in contemplandis eius modi rebus cura teritur, quibusque quae prudenter animadverterunt facunde contigit eloqui. ego in hoc opere factis auctores et auctoribus facta sua reddere contentus, quanta cupiditas eius esse soleat propriis exemplis demonstrare conabor. (8.14.praef)

De onde vem então a glória? Com o que se assemelha? De que modo se deve buscá-la? É melhor que seja negligenciada pela virtude como desnecessária? Eu deixo estas perguntas àqueles que se esforçam em contemplar coisas deste tipo, e àqueles que possuem a capacidade de expressar eloquentemente o que eles sabiamente observaram. Eu, nessa obra, me contento em atribuir aos feitos seus autores, e aos autores seus feitos, e tentarei demonstrar através de exemplos adequados quão forte sói ser o desejo pela glória.

Todos os exemplos estrangeiros de 8.14 são gregos, e, antes mesmo do autor proceder a esta narração, um exemplo grego é usado para compor o caso de Fábio Píctor em 8.14.6. Neste exemplo, Valério comenta que Píctor, apesar de seu alto nascimento, buscou a glória de ser lembrado também por pintar as paredes do templo da deusa *Salus*, fazendo questão de lembrar este feito. Este procedimento é equiparado por Valério ao de Fídias, escultor grego que esculpiu a sua imagem no escudo de uma estátua de Minerva/Afrodite de tal forma que, se sua imagem fosse apagada, toda a armação da estátua se desfaria. Hans-Friedrich Mueller (2002, p.94) considera que Valério adota um tom de censura ao narrar o feito de Píctor, através da designação dele como um exercício de uma ocupação baixa, ou vil (*sordidum studium*), e toma a equivalência com o feito de Fídias como uma consideração negativa. Para Mueller, Valério não tem uma boa opinião sobre os artistas gregos (e por extensão, da arte). Discordamos desta afirmação, lembrando que existem exemplos como 8.11.ext.3 e 8.11.ext.4, entre outros, onde Valério demonstra admiração por famosas estátuas gregas.

O primeiro exemplo estrangeiro de 8.14 trata de Temístocles (8.14.ext.1). Ele é introduzido através de uma referência ao exemplo anterior – Píctor (8.14.6). Valério comenta que, se Píctor tivesse intenção de imitar algum estrangeiro, faria melhor em imitar o ânimo de Temístocles, que é descrito em duas situações em 8.14.ext.1. A primeira menciona que, ao ser perguntado por que vagava em público à noite, respondeu: “por que os troféus de Milcíades me acordam do sono”. Em seguida Temístocles responde, ao ser inquirido, em seu caminho

para o teatro, sobre qual voz ele mais gostava de ouvir: “Aquele pela qual forem mais bem cantados meus talentos”. O exemplo seguinte (8.14.*ext.2*) trata de Alexandre, que lamentou, ao ouvir sobre a existência de inumeráveis mundos, não ter ainda sequer conquistado um. Valério conclui este exemplo refletindo que tal dito atestava que o domicílio de todos os deuses não era grande o bastante para um homem ávido de glória como Alexandre.

O exemplo 8.14.*ext.3* menciona Aristóteles. Narra-se que este filósofo cedeu seus livros sobre a arte da oratória ao seu pupilo Teodectes para que ele os publicasse como seus. Depois, aparentemente, ele se incomodou de haver cedido seu trabalho e noutra obra, disse que havia tratado mais detalhadamente de alguns assuntos nos livros de Teodectes. Valério adiciona uma crítica moral a este comportamento.

Regis et iuvenis flagrantissimae cupiditati similem Aristotelis in capessenda laude sitim subnectam: is namque Theodecti discipulo oratoriae artis libros quos <pro suis> ederet donaverat, molesteque postea ferens titulum eorum sic alii cessisse, proprio volumine quibusdam rebus insistens, plenius sibi de his in Theodectis libris dictum esse adiecit. nisi me tantae et tam late patentis scientiae verecundia teneret, dicerem dignum philosophum cuius stabiliendi mores altioris animi philosopho traderentur.[...] (8.14.*ext.3*)

Ao desejo muito ardente de um rei e de um jovem eu devo tomar a sede similar de Aristóteles em conta, pois ele deu seus livros sobre técnica oratória ao seu discípulo Teodectes para que este os publicasse como seus. Mais tarde ele irritou-se que seu crédito tivesse passado desta forma às mãos de outro e então, em um seu volume, tratando de alguns assuntos, ele acrescentou que havia falado destes mais detalhadamente nos livros de Teodectes. Se não me restringisse o respeito por um conhecimento tão grande e amplo, diria que aqui estaria um filósofo merecedor de que seu intelecto, para ser estabilizado, fosse cedido a um filósofo de costumes mais nobres.

A nota à edição *Loeb* de Valério (VALERIUS MAXIMUS, 2000, vol II, p.276, nota 11) afirma que este exemplo baseia-se numa introdução equívoca. Aristóteles teria escrito um compêndio sobre a obra de Teodectes, e, neste caso, o que Valério toma como arrogância por parte de Aristóteles não seria mais que uma citação moralmente inócua. O exemplo 8.14.*ext.3* marca uma mudança de perspectiva moral no tratamento dado à busca pela glória nos *Feitos*. Os exemplos de Temístocles e Alexandre não apresentam nenhuma condenação moral por parte de Valério. O exemplo de Aristóteles já é apresentado sob uma perspectiva negativa, somente atenuada, para o narrador, em função da eminência do personagem. A continuação de 8.14.*ext.3* marca a transição para um aspecto particularmente reprovável da busca pela glória: a notoriedade adquirida pelas más ações:

[...] Ceterum gloria ne ab iis quidem qui contemptum eius introducere conantur negligitur, quoniam quidem <iis> ipsis voluminibus nomina sua diligenter adiciunt, ut quod professione elevant usurpatione memoriae adsequantur. sed qualiscumque horum dissimulatio proposito illorum longe tolerabilior qui, dum aeternam memoriam adsequerentur, etiam sceleribus innotescere non dubitarunt. (8.14.ext.3)

[...] A glória não é negligenciada nem mesmo por aqueles que tentam apresentar desprezo a ela, uma vez que estes são diligentes em adicionar seus nomes nestes mesmos volumes, de modo a assegurar, através da memória, aquilo mesmo que eles dão por indigno em suas proposições. Mas, por qualquer coisa que possa ser apresentada de sua dissimulação, é muito mais tolerável do que aqueles que, buscando a memória eterna, não se acanharam de se ressaltar mesmo por meio de crimes.

Depois dessa condenação expressa, o exemplo 8.14.ext.4 narra o caso do assassino do rei Filipe da Macedônia, Pausânias. Quando este inquiria sobre a forma de se tornar repentinamente famoso, Hermocles respondeu que, se matasse um homem ilustre, sua glória se transmitiria ao assassino. Pausânias seguiu o conselho e atingiu seu objetivo. O exemplo seguinte, 8.14.ext.5, igualmente apresenta o caso de um homem que, para tornar-se famoso, planejou incendiar o templo de Diana, em Éfeso. Quando seu plano foi descoberto, os efésios decidiram apagar a memória deste indivíduo (o que significa a eliminação de seu nome de quaisquer registros, processo similar à *damnatio memoriae* aplicada a personagens caídos em desgraça) mas Valério narra que “os grandes saber e eloquência de Teopompo” houveram por bem incluí-lo em sua *História*. (*nisi Theopompi magnae facundiae ingenium historiis eum suis comprehendisset*).

Uma questão se apresenta com relação a este último exemplo. O comportamento dos efésios em suprimir a memória do criminoso através de um decreto é descrito como bom (*ac bene consuluerant Ephesii decreto memoriam taeterrimi hominis abolendo*), no entanto Teopompo, que agiu de forma contrária à intenção deste decreto, é também representado positivamente; são as qualidades de Teopompo que o levam a relatar o nome do facínora. Possivelmente esse lapso de coerência tenha surgido a partir da existência tanto de um comportamento louvável por parte dos efésios que deveria ser mencionado como positivo, impedindo a eficácia do plano do criminoso, e do uso de um epíteto louvável atribuído a Teopompo que, se entendido como um mero floreio retórico, pode levar à conclusão de que a contradição não foi pensada no texto. Se, por outro lado, o fato de o nome ter sido revelado por Teopompo deriva de suas qualidades retóricas, o que surge é, possivelmente, uma solução de compromisso por parte de Valério, que admira o feito dos efésios, mas não desmerece a ação do historiador.

Um exemplo representativo de “grande personagem” nos *Feitos* é Alexandre, o Grande. Há, nos exemplos selecionados para este trabalho, uma manifestação complexa de valores e comportamentos que, se não são uniformemente bons, são dignos de nota pela grandeza do personagem, o que os distingue. Alexandre se destaca pela confiança: em 1.7.*ext.*2, despreza um aviso recebido em sonho, advertindo-o contra Cassandro, que mais tarde (segundo Valério) o mataria. Da mesma forma, em 3.8.*ext.*6, sorve o conteúdo de uma taça oferecida por seu médico, mesmo advertido de que esta poderia conter veneno.

Alexandre também é generoso: em 4.7.*ext.*2a, diz à mãe de Dario que Heféstion, seu amigo, é tão Alexandre quanto ele próprio. (e dá ensejo a um trecho laudatório de Valério a Sexto Pompeio) Em 5.1.*ext.*1a, o rei, ao ver um soldado idoso tiritando de frio, o faz sentar-se em seu próprio banco (crime passível de morte entre os persas: sentar-se no lugar do rei), dizendo que isso lhe faria sentir melhor. Em 5.1.*ext.*1b, moribundo, Alexandre estende a mão para que aqueles que quisessem tocá-la o fizessem; para Valério, uma demonstração de humanidade e clemência (como indica a rubrica de 5.1). Alexandre, nestes exemplos, apesar de ser um personagem de altíssima glória, manifestava simpatia por aqueles que o rodeavam⁵⁰, e era capaz de reconhecer tanto os méritos de pessoas comuns, como o de um homem que se salvou de ser sacrificado por Alexandre graças a uma interpretação sagaz de um oráculo em 7.3.*ext.*1, quanto a inteligência de seu professor Anaxímenes, que salvou sua cidade da destruição, igualmente, por responder a Alexandre com presença de espírito em 7.3.*ext.*4.

Essa liberalidade, em alguns exemplos valerianos, transforma-se em uma característica negativa, como em 4.3.*ext.*3b e 4.3.*ext.*4a. Nestes dois exemplos, Alexandre depara-se com filósofos e tenta suborná-los com presentes. Em 4.3.*ext.*3b, é Xenócrates que recusa o suborno; em 4.3.*ext.*4a, é Diógenes que pede a Alexandre apenas que este saia da frente do sol. Talvez estes dois exemplos se coadunem com a seqüência de exemplos de diligência grega que Valério apresenta em 8.7.*ext.*, particularmente de 8.7.*ext.*4 a 8.7.*ext.*7, exemplos onde filósofos demonstram indiferença frente às necessidades mortais. A representação de Alexandre como subornador também surge em 7.2.*ext.*10. Neste exemplo, Filipe, seu pai, o adverte que ele não conseguirá comprar a lealdade dos outros com dinheiro.

⁵⁰ Existem dois outros exemplos em 8.8 (exemplos de ócio) nos *Feitos* onde é atribuída certa humanidade ou humildade como característica positiva de “grandes personagens”. Em 8.8.*ext.*1, Sócrates não se negou a brincar com algumas crianças, apesar do riso de Alcibíades; em 8.8.*ext.*2, Valério cita Homero, dizendo que este retratou Aquiles ao tocar a lira, descansando dos afazeres bélicos (*Iliada*, 9.186). Tanto Sócrates quanto Homero recebem epítetos elogiosos - para Sócrates, “nenhuma parte da sabedoria era obscura” e Homero é um “poeta de engenho celestial” - o que só destaca o seu mérito em saber reconhecer o valor de uma certa “descontração”.

Alexandre é confiante, generoso, e orgulhoso. Ele demonstra plena consciência de sua grandeza e os exemplos seguintes de Valério o atestam. Em 6.4.ext.3, ele recusa uma oferta de paz oferecida por Dario, apesar do conselho de Parmênio no qual este considerava que, se ele fosse Alexandre, concordaria com o acordo. Alexandre disse que também aceitaria a oferta, se fosse Parmênio. Já em 8.11.ext.2, conta-se que Alexandre não consentia senão em ser pintado por Apeles e esculpido por Lisipo (presumivelmente os melhores em suas respectivas artes).

O orgulho de Alexandre acaba também por transformar-se em defeito. Por não tolerar críticas, manda matar Calístenes, que o censurou por adotar modos persas (7.2.ext.11a). Por irascibilidade, também, em 9.3.ext.1, Valério diz que outros amigos de Alexandre pereceram: Lisímaco e Clito, além do próprio Calístenes citado novamente. Finalmente, em 9.5.ext.1, Valério censura acerbamente três atitudes de Alexandre: a primeira é a de que este afirmou ser filho de Júpiter Amon, negando a paternidade de Filipe; além disso, adotou costumes e o modo de vestir dos persas, desprezando os modos da Macedônia; e, por último, fez-se passar por divino, desprezando sua condição de mortal. Valério toma estas atitudes como insolentes, e motivadas pelo sucesso e valor de Alexandre; o sucesso como motivador da insolência é também, como vimos, apresentado no comportamento dos tarentinos em 2.2.5⁵¹. Valério conclui: “Ele não teve pudor em dissimular a sua identidade de filho, de cidadão, e de ser humano” (*nec fuit ei pudori filium civem hominem dissimulare*).

A partir desta série de exemplos, podemos concluir que na distinção entre os feitos dos grandes personagens gregos e o comportamento da multidão, Valério demonstra uma característica peculiar. Henri-Irenée Marrou (1973, p.365) comenta que, em Roma, o mérito dos grandes personagens romanos não se baseava no feito de valor pessoal, e sim num feito realizado em prol do bem-estar público e da pátria. Os exemplos gregos de Valério, apresentados a um público romano, apresentam esta característica apenas algumas vezes (como em 3.7.ext.1a, 4.1.ext.4, 8.11.ext.1, e os exemplos de ingratidão em 5.3.ext.3a a 5.3.ext.3f, que podem ser entendidos como injustiças praticadas a grandes personagens que fizeram muito pela pátria), mas, em outros exemplos nos *Feitos*, é enfatizado o feito individual em oposição ao interesse público, ou, mesmo este feito destacado e praticado por um personagem de renome, é rotulado negativamente (como em 7.3.ext.6, os exemplos de Pisítrato e Péricles em 8.9.ext.1 e ext.2 respectivamente; e alguns dos exemplos estrangeiros de 8.14). Podemos supor que isso se dê em função da influência da cultura grega, na qual a presença da obra homérica (calcada no valor individual) como fonte de educação moral é

⁵¹ É um motivo semelhante à *hybris* grega.

dominante (Marrou, 1973, p.26-32), já estar fortemente enraizada na cultura romana; Marrou (1973, p.402) aponta o apogeu da relação entre as duas culturas no final da República, com Cícero. Os *Feitos* compartilham muitos exemplos com as obras de Cícero, e parecem refletir com clareza a coexistência destes dois modelos éticos do “grande personagem”.

Ainda, a distinção entre o procedimento do “grande personagem” em contraposição, ou em posição de destaque, com relação ao povo retratado de forma negativa, pode indicar uma outra clivagem de opiniões acerca da Grécia e dos gregos, como aponta Erich Gruen:

Os romanos talvez traçassem distinções mais sutis do que uma simples dicotomia de simpatia e antipatia com relação ao helenismo pode supor. Podem-se achar evidências para seu discernimento entre a cultura grega, uma herança desejável, e os mesmos gregos, uma raça indigna; ou entre gregos admiráveis do passado e seus descendentes contemporâneos e degenerados; ou entre aqueles gregos que adotavam valores adequados e aqueles com características inaceitáveis. (GRUEN, 1994, p.225)⁵².

Consideramos que a representação dos “grandes personagens” por Valério segue um dos modelos traçados por Gruen: a distinção entre personagens admiráveis da Grécia e gregos em geral, mas salientamos que esta distinção, nos *Feitos*, não se dá somente entre personagens admiráveis que pratiquem ações meritórias; inclui também personagens que se destaquem sob quaisquer formas. Isso pode ser atestado pelos exemplos oferecidos no texto, e mais especialmente em 3.1.*ext.*1. Este exemplo avalia o caráter de Alcibíades, que, neste exemplo, aconselha seu tio Péricles a provocar uma guerra para camuflar os gastos excessivos de sua administração. Valério conclui: “Deixem Atenas decidir se lamenta-se pela existência de Alcibíades, ou se vangloria-se dele, uma vez que aí a mente flutua indecisa entre execração ou admiração deste homem”. (*sed viderint Athenae utrum Alcibiadem lamententur an glorientur, quoniam adhuc inter exsecrationem hominis et admirationem dubio mentis iudicio fluctuatur*).

Valério abstém-se deste julgamento, e, em 6.9.*ext.*4, repete esta abstenção no tocante a Alcibíades, mas, reconhecendo neste tanto boas quanto más qualidades, considera que ambas foram nocivas ao seu povo, no começo do exemplo 3.1.*ext.*1. O que há aí, assim como em 8.9.*ext.*1 e *ext.*2, é o reconhecimento das qualidades individuais de um personagem notável, mesmo que este os use para um objetivo escuso (e, por isso, reprovável) o que implica na

⁵² “The Romans perhaps drew finer distinctions than a simple dichotomy of sympathy and antipathy toward Hellenism might suggest. One can find evidence for their distinguishing between Greek culture, a desirable heritage, and the Greeks themselves, an unworthy race; or between admirable Greeks of the past and their degenerate contemporary descendants; or between those Greeks who espoused proper values and those with unacceptable characteristics.”

citação de um indivíduo que pode ser possível de censura, no exemplo, mas que ao mesmo tempo é admirável.

3.3 A INSERÇÃO DA CULTURA GREGA EM ROMA E EM VALÉRIO

Esta seção apresentará algumas instâncias da cultura grega percebidas nos *Feitos*. Majoritariamente, elas podem ser divididas em três linhas: religião, língua, e “diligência”, categoria ampla que resume, nos *Feitos*, a manifestação das mais variadas disciplinas, como a literatura e a filosofia.

No capítulo segundo desta dissertação, comentou-se em certo momento, que houve, nos séculos V e IV a.C, um aumento do interesse da plebe pela religião grega, sinalizado pela “importação” de artistas e uma sacerdotisa grega para a decoração e manutenção do culto a Ceres/Deméter. Valério trata, em 1.1.1b, que os romanos antigos tinham tal zelo pela religião que enviaram dez jovens de alta extração aos povos da Etrúria para aprender sobre ela, e buscaram uma sacerdotisa chamada Calífana para conduzir o culto a Ceres, antes mesmo que a cidade de onde a sacerdotisa provinha recebesse a cidadania romana. Não se trata da mesma sacerdotisa; em nota à edição *Loeb* de Valério (VALERIUS MAXIMUS, 2000, vol I, p.16, n.9), o editor Shackleton Bailey ressalta que a concessão da cidadania grega a Calífana, assim como a sua extensão à cidade, datam de aproximadamente 96-90 a.C. Porém, o importante neste exemplo é que Valério descreve o culto de Ceres como tendo sido iniciado *more Graeco*, ou seja, de acordo com o costume grego. A justificativa de Valério para a busca da sacerdotisa é a de que o culto não deveria sofrer pela falta de uma condutora experiente. O uso do termo “*more Graeco*” indica que Valério tinha plena consciência da inserção dos costumes gregos na prática religiosa romana, especificamente no caso do culto a Ceres.

Existem outras instâncias religiosas de origem grega respeitadas pelos romanos; por exemplo, o oráculo de Delfos é mencionado, dentre outras vezes, em 5.6.8, na captura de Veios; em 1.8.10, no fim da República; o mesmo oráculo é o destinatário de um vaso de ouro oferecido pelos romanos em 1.1.*ext*.4; e, em 1.8.2, Valério narra que, para eliminar uma peste, por recomendação dos livros sibílicos, uma delegação sai de Roma em 292 a.C rumo a Epidauro para trazer o deus Esculápio/Asclépio de lá sob a forma de uma cobra sagrada, que vem de moto próprio curar os romanos.

Em alguns exemplos valerianos o uso da língua grega é tido como portador de algum augúrio. Em 1.5.6, Pompeu, derrotado por César na batalha de Farsália, buscou refúgio na cidade de Pafos, na ilha de Chipre. Vendo uma bela construção, perguntou qual era o seu nome a um de seus acompanhantes. Foi-lhe respondido que o nome do edifício era Κατωβασίλεια, ou “palácio dos inferos”. Pompeu, segundo Valério, imediatamente viu nisto um presságio funesto, que lhe fez perder quaisquer esperanças que ainda nutrisse, e desviou os olhos do edifício com um gemido.

Outro exemplo de uso ominoso da língua grega é visto no exemplo seguinte, 1.5.7. Quando Bruto, um dos assassinos de César, comemorava seu aniversário, desejou recitar um verso grego. Pensando em qual iria recitar, lhe veio à cabeça o seguinte trecho de Homero: “A Moira atroz matou-me, e o filho de Latona⁵³” (*Ilíada*, 16.849). Valério narra que Apolo, o filho de Latona nomeado no verso por meio de perífrase, veio a ter seu nome usado como senha por Otaviano e Marco Antônio na batalha de Filipos, em 42 a.C., onde Bruto, vencido, pereceu. Desta forma, o deus Apolo, da mesma maneira que no verso homérico, atingiu Bruto com seus dardos (*qui deus (...) in eum tela convertit*). Em 1.7.7, Cássio de Parma, um partidário de Marco Antônio, teve um sonho de mau agouro onde lhe apareceu um homem sombrio. Tendo perguntado a este quem era, ouviu a resposta: “κακὸν δαίμονα.” (*teu gênio mau*). Em 1.7.ext.2, porém, Alexandre, o Grande sonhou que um homem desconhecido o matava. Ao conhecê-lo pessoalmente depois, e sabendo então que o personagem de seu sonho era Cassandro, filho de Antípater, um de seus generais, lembrou do sonho, mas o esconjurou citando um verso grego (*versu Graeco*) que desdenhava da confiabilidade dos sonhos. No entanto, segundo Valério, o veneno preparado por Cassandro já estava pronto, através do qual se acreditava ter sido Alexandre envenenado. De nada adiantou ter Alexandre citado o verso, seja como fonte de certeza ou tentativa de esconjuro, uma vez que isto não o salvou da morte.

Há, também, em 4.1.ext.7, a consulta ao oráculo de Delfos para saber a quem deveria ser oferecido um trípode de ouro que havia sido encontrado por um pescador. O oráculo respondeu, em grego – e Valério assim transcreve a frase – que o trípode deveria ser dado àquele que fosse o mais sábio. Ele passou por todos os Sete Sábios da Grécia, cada um oferecendo o trípode ao outro, até que Sólon, o último a recebê-lo, o dedicou a Apolo. Não há referência, porém, de onde Valério tenha retirado a resposta grega de Apolo.

⁵³ Tradução de Haroldo de Campos. Ver as referências bibliográficas.

Existem outros exemplos nos quais termos e trechos em grego surgem no texto de Valério⁵⁴. No tópico 3.7 (*da autoconfiança*) existem duas outras citações de Homero, por exemplo, em 3.7.ext.3 e 3.7.ext.4. Em 3.7.ext.3, quando o pintor grego Zêuxis pintou um retrato de Helena de Tróia, considerou seu trabalho tão bom que recitou “Ninguém de nós se indigne se Tróicos e Dânaos, belas-cnêmides, tantos (tanto tempo!) males sofram por uma tal mulher!⁵⁵” (*Ilíada*, 3.156f). Valério se pergunta, no exemplo: será que Zêuxis pensou que havia igualado a beleza que a mãe de Helena, Leda, gerou por um parto celeste (pois Helena era filha de Zeus), ou pensou que havia igualado a descrição divina de Homero? O uso de termos divinos para detalhar as duas alternativas indica que Valério as equivale.

Valério narra que o escultor Fídias também citou Homero no exemplo seguinte. (3.7.ext.4) Quando perguntado qual inspiração havia seguido para esculpir a imagem de Zeus Olímpico, replicou: “Zeus falou e franziu sobrancelhas azuis. Os ambróseos cabelos do senhor celeste agitam-se, revoltos. Treme todo o Olimpo⁵⁶” (*Ilíada*, 1.528-30) Valério também cita autores gregos como fontes nos seus exemplos. Os mais “famosos” são Platão (citado como fonte em 1.8.ext.1) e Heródoto (em 8.13.ext.5); uma lista mais detalhada dos mesmos, assim como dos autores que se supõem terem sido consultados por Valério mas não diretamente nomeados consta no trabalho de W. M. Bloomer. (BLOOMER, 1992, p.63). Algumas destas citações, no entanto, podem não ter sido retiradas diretamente dos autores mencionados – como é o caso de Platão, que é citado, segundo Bloomer, de segunda mão, através de Cícero (BLOOMER, 1992, p.62, nota 6).

Outro exemplo muito importante de utilização da língua grega em Valério se dá no prefácio ao tópico 7.4 (*stratagemata*)

Illa vero pars calliditatis egregia et ab omni reprehensione procul remota, cuius opera, quia appellatione <Latina> vix apte exprimi possunt, Graeca pronuntiatione stratagemata dicantur. (7.4. praef.)

Aqui está verdadeiramente uma parte louvável da astúcia, muito longe de qualquer repreensão. Suas obras são pouco possíveis de exprimir por um nome latino, então que se chamem, em fala grega, “estratagemas”.

Nesta asserção de Valério, surge a noção de que a língua latina não possui um termo adequado para abranger o sentido completo da rubrica. Michel Dubuisson (1992, p.194-195)

⁵⁴ Em 3.2.21, Valério narra, por exemplo, que o romano Q. Ócio foi apelidado “*Aquiles*” por sua bravura em combate.

⁵⁵ Tradução de Haroldo de Campos. Ver as referências bibliográficas.

⁵⁶ Tradução de Haroldo de Campos. Ver as referências bibliográficas.

afirma que este é um traço corrente entre usuários de duas línguas. Quando uma delas falha em expressar uma idéia, recorre-se à outra. (o que supõe uma espécie de aumento do “arsenal de conceitos” de que alguém pode se valer). O conceito mais próximo associado por Valério é o de “*calliditas*”, como diz o prefácio. *Calliditas* quer dizer sagacidade, astúcia, agudeza de espírito; no entanto, também pode significar “trapaça”, “embuste” ou “enganação” dependendo do contexto. Esse é um sentido também compartilhado pelo termo grego στρατηγία, palavra a partir da qual Valério deriva o termo *stratagemata*, o que pode sugerir que a língua grega é mais apta a sugerir estas sutilezas/trapaças do que a língua latina. No entanto, dentre os exemplos apresentados por Valério em 7.4, cinco são romanos, um se refere ao rei Agátocles de Siracusa, que enganou os cartagineses, e o último é cartaginês. Mesmo que Siracusa tenha sido fundada pelos gregos em 734 a.C. (HARVEY, 1998, p.464), não há aí nenhuma menção à astúcia como sendo uma característica grega, ou atribuível aos gregos em um episódio específico, a não ser pela sugestão de Valério no prefácio.

Existem alguns exemplos valerianos, à parte a demonstração de conhecimento do grego por parte do próprio Valério, que indicam a aplicação de certos personagens ao estudo da língua e da literatura gregas. Já foram citados os exemplos 2.2.2 e 2.2.3, onde, primeiramente, se aponta Cícero como aluno do retor grego Molo, o primeiro a ensurdecer o Senado falando em grego. Em 2.2.3, Mário é louvado por, rústicamente, negar-se a aplicar-se ao estudo das coisas gregas, por um escrúpulo de consciência de vencedor. Três outros personagens, no entanto, aparecem nos *Feitos* fazendo desenvolto uso e estudo da língua e dos conhecimentos gregos. Em 5.1.8, tratando de exemplos de humanidade e de clemência, Valério trata do caso de L. Paulo, vencedor do rei Perses em 168 a.C.. Quando soube que o rei lhe seria trazido prisioneiro, vestiu-se com as insígnias do poder romano (*occurrit ei Romani imperii decoratus ornamentis*), mas quando o rei quis atirar-se-lhe aos joelhos, num gesto tradicional de pedido de clemência, L. Paulo o levantou e disse-lhe, em grego, que tivesse esperança e não se preocupasse (*et Graeco sermone ad spem exornatus est*). Em seguida, tratou-o com dignidade.

Para Valério, tanto a vitória de Paulo sobre Perses quanto a sua misericórdia são igualmente meritórias. Neste exemplo em particular, o que se pode notar é o contraponto apresentado entre as insígnias de poder das quais Paulo se reveste, insígnias do “poder romano” (*Romani imperii*), e a misericórdia apresentada pelo mesmo na língua grega (*graeco sermone*). Lembremo-nos do exemplo 2.2.2 onde, segundo Valério, se convencionou entre os romanos que não se dirigiam aos gregos senão em latim, para salvaguardar a honra da língua, e numa circunstância como a descrita em 5.1.8, depois da ambientação descrita por

Valério, a atitude de Paulo pode ser vista como a expressão de um sentimento pessoal de misericórdia para com Perses. Daí a escolha do grego onde o uso do latim somaria peso à humilhação do rei deposto. Como vimos no capítulo segundo, o uso da língua grega por membros da elite romana tendia a localizar-se na esfera privada, outra informação que tende a reforçar a idéia de uma motivação misericordiosa de Paulo.

Em 8.7, tópico dedicado aos exemplos de estudo e diligência, o primeiro exemplo (8.7.1) narra os esforços de Catão, o Censor. Entre outros feitos de memória e diligência nos estudos, Valério também destaca o fato já apontado acima, de que Catão procurou aprender a língua e estudar a literatura grega. Nas palavras de Valério: “*idem Graecis litteris erudiri concupivit*” O exemplo seguinte (8.7.2) refere-se ao seu descendente de mesmo nome. Narra-se que o jovem Catão tinha tamanha vontade de aprender que lia livros gregos até mesmo no Senado, enquanto seus membros se reuniam. Valério conclui refletindo que o aproveitamento de tempo de Catão, mesmo nas menores oportunidades, lhe deu o mérito de tornar-se lembrado pela posteridade.

Logo em seguida aos exemplos dos dois Catões, P. Crasso, em expedição à Ásia para depor o rei Aristônico em 131 a.C, demonstrou tanto zelo em aprender a língua grega que dominou os seus cinco dialetos, em todos os seus aspectos (8.7.6). Desta forma, quaisquer que fossem os petionários a comparecer em seu tribunal, recebiam o julgamento de Crasso no seu mesmo dialeto. Tal particularidade lhe rendeu grande prestígio entre seus aliados. Estes exemplos (os dois Catões, Paulo, Crasso) corroboram o processo de adoção da literatura grega por romanos de escol detalhado no capítulo *Graecia Capta* desta dissertação.

Ainda entre os exemplos de diligência, surge o reconhecimento do que talvez seja o maior mérito dos gregos para Valério: a contribuição da diligência (*industria*) grega aos romanos. A introdução aos exemplos externos de 8.7 é sucinta: “Deixemos agora a diligência grega, uma vez que fez tanto pela nossa, receber a recompensa que lhe é merecida na língua latina” (*Graeca quoque industria, quoniam nostrae multum profuit, quem meretur fructum Latina lingua recipiat*) (8.7.ext.1). Seguem-se dezesseis exemplos estrangeiros, dos quais quinze são gregos, nomeados enquanto tais pelo trecho acima descrito. Comentaremos estes exemplos a seguir.

[...] Demosthenes, cuius commemorato nomine maximae eloquentiae consummatio audientis animo oboritur [...] (8.7.ext.1)

[...] Quando o nome de Demóstenes é lembrado, a consumação da eloquência no seu máximo grau surge à mente do ouvinte.

Atque ut ad vetustiore[m] Industriae actum transgrediar, Pythagoras perfectissimae opus sapientiae a iuventa <scientiae> pariter et omnis honestatis percipiendae cupiditate ingressus [...] (8.7.ext.2)

Para passar a uma demonstração mais antiga de diligência: Pitágoras, que desde sua juventude aplicou-se ao trabalho da mais perfeita sabedoria com o desejo de adquirir conhecimento e aprender tudo o que é honrado [...]

Platon autem, patriam Athenas, praeceptorem Socratem sortitus, et locum et hominem doctrinae fertilissimum, ingenii quoque divina instructus abundantia, cum omnium iam mortalium sapientissimus haberetur, eo quidem usque ut si ipse Iuppiter caelo descendisset, nec elegantiore nec beatiore facundia usus videretur [...] (8.7.ext.3)

A Platão foi destinada Atenas por pátria e Sócrates por professor, ambos cidade e homem os mais férteis em conhecimento. Ele foi também provido de uma abundância divina de saber, sendo tomado pelo mais sábio dos mortais, tanto que se o próprio Júpiter descesse dos céus, não seria visto fazendo uso de uma eloquência mais elegante ou rica. [...]

Os trechos selecionados foram reproduzidos por que contêm três noções propostas por Valério. É possível que tenham sido formuladas na intenção de um embelezamento retórico dos exemplos, mas isso não lhes retira importância – mesmo nesta utilização configuram uma proposição válida. A primeira idéia é a de que a eloquência de Demóstenes, a despeito de sua origem grega, representa o mais alto grau que ela pode atingir. A segunda idéia é a de que Pitágoras se aplicou ao exercício da “*mais perfeita sabedoria*” e do estudo de “*tudo o que é honrado*”, o que permite depreender que a sabedoria pitagórica replica estas duas noções. A terceira idéia é a de que Atenas é o lugar, e Sócrates o professor, que são os mais férteis em conhecimento.

O que isso significa? Significa que a filosofia grega é vista como uma fonte privilegiada de conhecimento, e esta dedução é tanto mais perceptível quando se contabilizam as diferentes filiações dos personagens descritos nos exemplos externos de 8.7. Dos quinze exemplos gregos, oito se referem a filósofos: Pitágoras (*ext.2*), Platão (*ext.3*), Demócrito (*ext.4*), Carnéades (*ext.5*), Anaxágoras (*ext.6*), Sócrates (*ext.8*), Crisipo (*ext.10*) e Cleantes (*ext.11*). Trata-se da maior representação “temática” dentro do capítulo.

Os outros personagens são oradores – Demóstenes (*ext.1*), Isócrates (*ext.9*), políticos e legisladores – Sólon (*ext.14*) Temístocles (*ext.15*), poetas – Simonides (*ext.13*), tragediógrafos (Sófocles, *ext.12*) ou matemáticos/inventores - Arquimedes (*ext.7*). Estes personagens e suas áreas de destaque podem resumir adequadamente quais são as áreas nas quais Valério reconhece a contribuição grega à cultura romana.

Especialmente no caso do exemplo 8.7.ext.7, sobre Arquimedes, o próprio acontecimento narrado por Valério sinaliza o reconhecimento, por parte dos romanos, dos méritos do inventor. Em 212 a. C, quando da tomada da cidade de Siracusa por Marcelo, este comandante romano deu ordens para que Arquimedes, que estava dentro da cidade sitiada e havia colaborado em sua defesa através de suas invenções, fosse poupado, por respeito à sua excepcional sabedoria (*eximia [...] prudentia*). Para Valério, Marcelo considerava, por meio desta ordem, obter quase tanta glória no salvamento de Arquimedes quanto na própria conquista da cidade (*paene tantum gloriae in Archimede servato quantum in oppressis Syracusis reponens*). Lamentavelmente, um dos soldados de Marcelo, enquanto pilhava a cidade, deparou-se com Arquimedes absorto num problema geométrico e perguntou o seu nome, mas Arquimedes só respondeu pedindo que não o interrompesse. O soldado então o matou.

Valério estabelece distinções entre formas diferentes de diligência em seus exemplos. O exemplo de Demóstenes (*ext.1*) refere-se ao seu esforço pessoal para dominar suas dificuldades de pronúncia e tornar-se um grande orador. Os exemplos de Pitágoras (*ext.2*) e Platão (*ext.3*) narram as viagens que estes dois personagens fizeram a pontos variados do mundo conhecido para acumular conhecimento. O Egito é um destino mencionado por Valério nos dois exemplos: Pitágoras lá se familiarizou com sua literatura e com os registros de seus antigos sacerdotes (*ubi litteris gentis eius adsuefactus, praeteriti aevi sacerdotum commentarios scrutatus*) enquanto Platão aprendeu geometria e a observação celeste (*dum a sacerdotibus eius gentis geometriae múltiplices números <et> caelestium observationum rationem percipit*) com os mesmos sacerdotes.

Depois do Egito, tanto Pitágoras quanto Platão viajaram por outros lugares para o aprendizado da sabedoria. Em 8.7.ext.2, Pitágoras foi a Creta e à Lacedemônia, para aprender suas leis e costumes, e em seguida rumou aos Jogos Olímpicos, onde demonstrou o conhecimento que havia adquirido perante a grande admiração de toda a Grécia (*cumque multiplicis scientiae maximam inter totius Graeciae admirationem specimen exhibisset [...]*). Lá disse que não era precisamente um sábio, mas um amante da sabedoria. Valério traduz: “*que quer dizer, em grego, filósofo*” (*id est Graece philosophon*) Da Grécia passou à Magna Grécia (cf. início do nosso capítulo terceiro) de onde repartiu os resultados de seus estudos com as cidades. Platão, do Egito, foi diretamente à Itália, onde aprendeu, entre os ensinamentos de outros filósofos, a doutrina do próprio Pitágoras.

Outra distinção de diligência feita por Valério pode ser chamada de “desprendimento dos bens e necessidades materiais”. Os exemplos de 8.7.ext.4 a 8.7.ext.7 versam sobre este

tema. Demócrito (*ext. 4*) deixou suas riquezas para a pátria para melhor se aplicar aos estudos; Carnéades (*ext.5*) esquecia-se de comer, absorto em seus pensamentos; Anaxágoras (*ext.6*), ao ver que suas propriedades haviam sido abandonadas, disse que ele não estaria salvo se suas posses não tivessem se perdido, querendo dizer com isso que a negligência com seus bens lhe permitiu cultivar sua mente. No exemplo 8.7.*ext.7* o caso de Arquimedes é narrado – este não percebeu que a sua cidade estava sendo saqueada por um exército inimigo. Sua falta de atenção às coisas materiais lhe custou a vida.

Os exemplos de 8.7.*ext.8* a 8.7.*ext.14* podem ser agrupados sob a seguinte temática: a aplicação ao estudo do conhecimento na velhice. Isócrates (*ext. 9*), Crisipo (*ext.10*) e Sófocles (*ext.12*) produziram obras em idade propecta. Sócrates (*ext.8*) aprendeu a tocar a lira em idade já avançada; Cleantes (*ext.11*), Simonides (*ext.13*) e Sólon (*ext. 14*) mantiveram-se aplicados ao estudo do conhecimento, sem prejuízo de suas faculdades intelectuais, na velhice. Sólon, inclusive, procurou aprender no último dia de sua vida, particularidade apontada também na morte de Platão, em 8.7.*ext.3*. No leito de morte deste último, conta Valério, foram encontradas as peças teatrais de Sófron.

Com relação às peças produzidas por Isócrates, Crisipo e Sófocles, Valério tece alguns comentários. Isócrates compôs seu *Panathenaios*, aos noventa e quatro anos (*Isocrates nobilissimum librum qui Παναθηναϊκός inscribitur quartum et nonagesimum annum agens, ita ut ipse significat, composuit*), Crisipo começou um outro trabalho sobre lógica aos oitenta (*nam octogesimo anno coeptum undequadragesimum Λογικῶν exactissimae subtilitatis volumen reliquit*), e Sófocles escreveu o “Édipo em Colono” quase centenário, “uma obra pela qual ele foi capaz de tomar primeiro a glória de todos os poetas no mesmo gênero” (*qua sola fabula omnium eiusdem studii poetarum praeripere gloriam potuit*).

A expressão de juízos de valor por parte de Valério acerca das obras pode indicar três caminhos. O primeiro implica a reprodução de um juízo de valor nas fontes coligidas por ele. O segundo pressupõe que Valério leu as obras. O terceiro indica que Valério está mencionando as obras a um público que, embora romano, é conhecedor da literatura grega. Ambas as opções sinalizam que Valério considera as obras muito boas, mesmo que só o faça superficialmente, com a intenção de enaltecer os méritos dos escritores. É interessante notar que os três exemplos nos quais Valério cita as obras pertencem a diferentes ramos do conhecimento: oratória/retórica, filosofia, e teatro. É provável que a inclusão destes exemplos atenda a um critério de “amostragem” representando as áreas de maior destaque de contribuição grega.

O último tema da divisão que percebemos nos exemplos externos em 8.7 refere-se a feitos de memória e aprendizado de línguas. Tanto 8.7.ext.15 – Temístocles, o último exemplo grego do tópico, quanto 8.7.ext.16 – Ciro e Mitridates (e aí se trata de exemplos não-gregos) pertencem a este tema. Temístocles guardava na memória o nome de todos os seus concidadãos. Tendo sido exilado e obrigado a refugiar-se com Xerxes, aprendeu a língua persa para melhor aconselhá-lo. O exemplo seguinte divide o mérito de Temístocles nos dois aspectos de sua manifestação, entre o rei persa Ciro, que sabia o nome de todos os seus soldados, e o rei Mitridates, que aprendeu as línguas das vinte e duas nações que governava. A divisão estabelecida por Valério neste ponto - “O louvor devido à sua diligência em ambos aspectos, dois reis o dividem entre si” (*cuius utriusque industriae laudem duo reges partiti sunt*) (8.7.ext.16) - permite supor que Temístocles, no seu exemplo, possuía um mérito mais acabado com relação aos reis do exemplo seguinte.

Outra instância que demonstra a inserção dos *Feitos* num meio fortemente permeado pela literatura grega (talvez indicando o uso de alguma fonte paradoxográfica) é, por exemplo, apresentada nos exemplos estrangeiros de 9.12 (*sobre mortes incomuns*). Neste tópico, há uma grande representação de personagens notáveis da literatura. Ésquilo (9.12.ext.2), Homero (9.12.ext.3), Eurípides (9.12.ext.4); no exemplo 9.12.ext.5, Sófocles, e a menção a “famosos poetas”: Filêmon (9.12.ext.6), Píndaro (9.12.ext.7), e Anacreonte (9.12.ext.8).

O exemplo 1.8.ext.2 (1.8 trata sobre milagres), assim como os exemplos de 9.12.ext, também apresenta semelhanças com o tipo de conteúdo paradoxográfico⁵⁷. Por exemplo, 1.8.ext.1, exemplo cuja fonte original é Platão, conta a história de Er de Panfília, que foi dado como morto numa batalha e, ao ser colocado na pira funerária, despertou, e narrou sua visita ao reino dos mortos. Já 1.8.ext.2 trata da história de um homem muito erudito em Atenas, que, ao ser atingido na cabeça por uma pedra, adquiriu uma espécie de amnésia seletiva, esquecendo-se de todo conhecimento que tinha adquirido. Outros exemplos estrangeiros de 1.8 seguem esta mesma temática. Da mesma forma, um tópico de molde paradoxográfico, embora aparentemente não se valha de alguma obra desta espécie como fonte, é 8.13, que narra exemplos de idade avançada. Particularmente aí, Valério tende a identificar suas fontes nos exemplos estrangeiros, por exemplo: Aristoxeno em 8.13.ext.3, Heródoto, Ctésias e Teopompo em 8.13.ext.5, Damastes e Helânico em 8.13.ext.6, e Alexandre Polyhistor e

⁵⁷ Dois exemplos gregos de 1.6 (*sobre prodígios*) apresentam augúrios do futuro de dois personagens importantes: o rei Midas (1.6.ext.2) e Platão (1.6.ext.3), e também poderiam ser associados a este gênero de escrita.

Xenofonte de Lâmpsaco, cuja obra *Περίπλους* é citada nominalmente em 8.13.*ext.*⁵⁸. Dada a aproximação da obra de Valério com trabalhos dessa espécie, é possível que alguns dos exemplos de 9.12, e mesmo outros, como 1.8.*ext.*2, provenham de alguma compilação grega deste tipo. A listagem de fontes realizada por Valério em 8.13.*ext.*, também, mostra que Valério consultou outros autores para formular seus tópicos “paradoxográficos”, mas no tocante aos exemplos estrangeiros, a maior parte das fontes é grega.

Há um trecho nos *Feitos*, contemplando os exemplos 4.7.*ext.*2a e 2b, no qual se localiza o uso de um motivo retirado da cultura grega para ilustrar a relação de clientela característica da cultura romana. Como vimos acima, a censura dirigida por Valério aos atenienses ingratos pode ser entendida como uma alusão velada à gratidão que o receptor de algum benefício (como um cliente) deve ao seu benfeitor. Os exemplos seguintes denotam esta intenção de Valério com mais clareza. O exemplo 4.7.*ext.*2a narra o episódio no qual o rei Alexandre, tendo conquistado o acampamento de Dario, encontrou a mãe deste rei. Ela, sem saber quem era Alexandre, dirigiu-se primeiro ao seu fiel companheiro Heféstion, julgando que ele fosse Alexandre, pois ele era mais alto e formoso, segundo Valério. Tendo sido advertida de seu erro, pediu desculpas, ao que Alexandre replicou que elas não eram necessárias, pois Heféstion, disse, também era Alexandre. O rei quis dizer com isso que a afinidade entre os dois era tamanha que não havia mais diferença entre um e outro. Este exemplo é aproveitado por Valério para, em 4.7.*ext.*2b, ilustrar a sua percepção das relações entre ele e Sexto Pompeio, seu patrono.

Quod privatim quoque merito ueneror, clarissimi ac disertissimi uiri promptissimam erga me benivolentiam expertus. nec metuo ne parum conveniat mihi Pompeium meum instar esse Alexandri, cum illi Hephaestio suus alter fuerit Alexander. ego uero gravissimo crimini sim obnoxius, constantis et benignae amicitiae exempla sine ulla eius mentione transgressus cuius in animo velut in parentum amatissimorum pectore laetior vitae meae status viguit, tristior acquievit, a quo omnium commodorum incrementa ultro oblata cepi, per quem tutior aduersus casus steti, qui studia nostra ductu et auspiciis suis lucidiora et alacriora reddidit. itaque pavi invidiam quorundam optimi amici iactura, videlicet quia fructu torseram, non quidem meo merito, gratiam meam, quantacumque fuit, cum iis qui ea uti voluerunt partitus. verum nulla tam modesta felicitas est quae malignitatis dentes vitare possit. et quo secessu quosdam fugeris aut quibus infulis misericordiae permulseris, ne alienis malis perinde ac bonis suis laentur et gestiant? divites sunt aliorum iacturis, locupletes calamitatibus, immortales funeribus. sed illi quatenus alienis incommodis suorum adhuc expertes insultent optima vindex insolentiae varietas humanae condicionis viderit. (4.7.*ext.*2b)

Também privadamente eu reverencio isto com mérito, testemunha da mais pronta benevolência para comigo de um homem dos mais ilustres e eloqüentes. Nem eu temo que não se considere conveniente dizer que Pompeio seja para mim como uma

⁵⁸ Asínio Pólio é citado como fonte em 8.13.*ext.*4, mas é uma fonte romana.

imagem de Alexandre, como, para este, seu Heféstion tenha sido outro Alexandre. Mas eu deveria ser culpado de muito grave crime se passasse pelos exemplos de amizade constante e afetuosa sem qualquer menção a ele, em cujo pensamento, como no peito de pais amantíssimos, as melhores situações da minha vida fortaleciam-se, e as mais tristes se reconfortavam. Dele recebi, oferecido voluntariamente, aumento de todas as vantagens; através dele permaneci mais protegido contra as adversidades. Nossos estudos, sob os seus auspícios e liderança, tornaram-se mais claros e acurados. Então eu alimentei a inveja de alguns pela perda do melhor dos amigos, pois claramente os torturei pelo meu usufruto desta amizade; não que eu merecesse isto, pois repartí meus benefícios, quaisquer que fossem, com quem os desejasse fruir. Mas nenhuma felicidade é tão pequena que possa evitar os dentes da malícia. Não há aqueles que, onde quer que seja que você se retire para fugir-lhes, ou quaisquer que sejam os sinais de misericórdia com os quais os afague, alegrem-se e animam-se com os males alheios como se lhes fossem benefícios? Eles são ricos pelas perdas de outros, se locupletam com as calamidades, se tornam imortais através de mortes. Mas por quanto tempo eles passarão pelas desventuras alheias, sem quaisquer suas, deixemos a mutabilidade da condição humana, a melhor vingadora da insolência, determinar.

Evidentemente, Valério se coloca na posição de Heféstion. Assim como Alexandre praticou uma ação louvável ao colocar seu amigo Heféstion num patamar equivalente ao seu (quando Heféstion era-lhe inferior em poder e nobreza), Sexto Pompeio, ao ajudar Valério e patrocinar seus estudos, igualmente demonstra uma amizade digna da maior consideração. As circunstâncias do auxílio de Pompeio são delineadas em 4.7.ext.2b. Ao que parece, Valério passou por certa dificuldade financeira, ou pelo menos se preocupava com isso: a frase “*através dele permaneci mais protegido contra as adversidades*” permite supor certo financiamento material. Ainda, o relacionamento de Pompeio com Valério nos é descrito pelo mesmo como especialmente próximo. São exemplos disso o trecho onde se narra que Pompeio preocupava-se com o bem-estar de Valério de forma paternal, e a própria analogia com o exemplo de Alexandre e Heféstion.

É justamente essa proximidade que traz à tona um outro aspecto da relação entre Valério e Pompeio: a inveja. Segundo Valério, esta inveja era completamente imerecida, uma vez que, segundo ele, não procurava monopolizar os benefícios recebidos de Pompeio. Porém, Valério conclui, existem pessoas que apenas se regozijam com a desgraça alheia, e a estas o autor deixa, magnanimamente, a própria mutabilidade da condição humana como vingadora contra seu comportamento insolente. É interessante notar como a apresentação do exemplo grego serve como fundamentação para as declarações de gratidão de Valério. Através da associação a um exemplo de amizade renomado, como o de Alexandre e Heféstion, Valério procura reforçar os vínculos que o ligam a Sexto Pompeio, respeitando, evidentemente, a distinção existente entre eles. Neste caso específico, a importância da utilização de um exemplo grego consiste no fato deste constituir parte da “bagagem cultural” absorvida com a

assimilação da língua e literatura gregas em Roma, e a simbiose entre o exemplo grego e a ação semelhante romana de Valério apenas atesta o grau dessa inserção.

3.3.1 A Ação das Instituições Gregas

Existem alguns exemplos valerianos onde algumas instituições políticas dos gregos e suas ações são detalhadas. Em 4.1.ext.8, o rei Teopompo de Esparta é tido por exemplo de moderação por ter instituído o eforato na sua cidade. O eforato era um corpo de cinco magistrados cuja função era fiscalizar as ações dos reis (HARVEY, 1998, p.182). Valério diz: (Teopompo) “que primeiro instituiu que na Lacedemônia fossem criados éforos, para que se opusessem ao poder real como em Roma os tribunos da plebe foram opostos ao domínio consular” (*cum primus instituisset ut ephori Lacedaemone crearentur, ita fu<tu>ri regiae potestati oppositi quemadmodum Romae consulari imperio tribuni plebis sunt obiecti*). A mulher de Teopompo o repreendeu por deixar, desta forma, menos poder aos filhos. Teopompo retrucou que este poderia diminuir, contanto que permanecesse por mais tempo. Trata-se de um dos raros exemplos onde Valério estabelece uma comparação direta entre instituições estrangeiras e romanas. Evidentemente, Valério considera a inovação de Teopompo meritória o suficiente para que seja satisfatoriamente comparada com o tribunato da plebe.

Em 2.6.4, Valério comenta sobre o Areópago de Atenas, o “mais antigo e venerável conselho” desta cidade. Neste exemplo, uma de suas funções é a fiscalização das ações de todos os cidadãos, para saber o que eles faziam individualmente e como eles se sustentavam, de modo a que a possibilidade de ter que prestar contas de suas ações fizesse cada um seguir pelo caminho da honestidade. Este exemplo guarda relação com o que lhe antecede, 2.6.3. Nele, Valério conta que, entre os atenienses, a indolência/preguiça (*inertia*) é exposta publicamente como vergonhosa, mesmo que não seja punível criminalmente. O trecho (2.6.3) personaliza a figura da Inércia como metonímia dos cidadãos indolentes, cuja falta de atividade é denunciada num lugar público – o fórum – da mesma forma que a falta de honestidade é exposta pelo rigoroso interrogatório do Areópago.

O Areópago enquanto juiz também é abordado em 8.1.amb.2 (a designação *amb* neste tópico designa os casos judiciais onde o veredicto ficou em suspenso – 8.2 versa sobre

processos judiciais). Uma mulher em Esmirna matou o marido e o filho por ter descoberto que os dois haviam matado um filho seu nascido de união anterior. O caso foi levado ao procônsul P. Dolabela, que, ao perceber que, se não podia deixar o assassinato de duas pessoas impune, também não poderia deixar de aceitar os motivos da mulher, mandou que o caso fosse julgado pelo Areópago, em Atenas. Este se viu no mesmo impasse, mas o resolveu ordenando que o promotor e o defensor deveriam retornar para o julgamento em cem anos. Valério comenta: “A ação do magistrado romano foi refletida e misericordiosa, mas a do Areópago não foi menos sábia” (*consideranter et mansuete populi Romani magistratus, sed Areopagitae quoque non minus sapienter*). Neste episódio, o julgamento dos gregos é tido por Dolabela tanto como um meio de escapar deste impasse moral, como também uma maneira de evitar punir a mulher – o Areópago adotou a mesma posição “influenciado pela mesma disposição que Dolabela” (*eodem adfectu moti quo Dolabella*).

As ações dos dois juízes conotam a noção de que entre a observância rígida da lei e a adequação a uma ética moral, pode ser sábio, por vezes, não se pronunciar. Ou, às vezes, em lugar de contorná-la como Dolabela, para melhor manter a lei é melhor quebrá-la. É o caso apresentado no exemplo 7.2.ext.15, onde Agesilau, ao saber que uma conspiração estava em andamento contra a *res publica* lacedemônia, suspendeu as leis de Licurgo que proibiam ações punitivas contra pessoas que ainda não tinham sido condenadas de algum crime. Depois de executar os culpados, ele restituiu a vigência das leis. Numa situação como a apresentada a Agesilau, ele não poderia esperar que a conspiração fosse desencadeada para tentar punir os responsáveis – seria mesmo impossível que isso acontecesse. A suspensão das leis, para Valério, serviu a dois propósitos morais: para que a punição não fosse nem ilegal (pois não havia mais a lei), nem atrapalhada pela lei (numa circunstância onde ela não funcionaria). O autor conclui: “Para que as leis pudessem existir para sempre, elas deixaram de existir temporariamente” (*itaque, ut semper esse possent, aliquando non fuerunt*).

O último episódio que apresentaremos mostra um julgamento justo por parte da assembléia ateniense, citado em 6.5.ext.2. Depois da expulsão de Xerxes e seu exército, Temístocles urdiu um plano para tornar Atenas a líder definitiva da Grécia, mas disse à assembléia dos atenienses que não poderia dizê-lo em público, mas poderia apresentá-lo a alguém, em segredo. A assembléia designou Aristides, a quem Temístocles explicou que pretendia atear fogo à frota espartana, eliminando assim a única ameaça à supremacia ateniense. Aristides retornou à assembléia e disse que o plano de Temístocles era eficiente, mas desleal. A assembléia inteira então replicou que, se o plano não era justo, também não era factível, e ordenou a Temístocles que deixasse imediatamente sua idéia. Trata-se de um

exemplo de comportamento justo que entra em conflito com o exemplo de um plano levado a cabo pelos mesmos atenienses em 9.2.ext.8, que cortaram os polegares dos eginetas, igualmente para garantir a supremacia naval de Atenas – um exemplo de crueldade que, como mencionado anteriormente na seção 3.1, estranhou ao próprio Valério.

3.3.2 Manifestações da Arte e da Cultura Grega

Particularmente ilustrativos sobre personagens importantes da arte e da cultura gregas (teatro, oratória, escultura, arquitetura) são os itens externos de Valério em 8.10 (*de quanta importância está na pronúncia e no movimento correto do corpo*); 8.11 (*de quão grandes são os efeitos das artes*), sua “subdivisão” a partir de 8.11.ext.5 na edição Loeb (*daquilo que nenhuma arte consegue fazer*), e 8.12 (*de que cada homem é tanto o melhor executante quanto o melhor explanador de seu ofício*).

Em 8.10 há apenas um exemplo externo. Trata-se de uma ocorrência envolvendo Demóstenes – lembremo-nos que, embora em 8.9 (*de quão grande é a força da eloquência*) sejam apresentados outros exemplos de luminares gregos, Demóstenes é apontado, em 8.7.ext.1, e 3.4.ext.2, como um representante da oratória/eloquência em seu maior grau. No exemplo 8.10.ext.1, Demóstenes, quando perguntado sobre o que era mais importante na oratória, respondeu: “*ἡ ὑπόκρισις*” (*a representação*). Em seguida, quando se perguntou a ele quais eram a segunda e a terceira coisas mais importantes na oratória, respondeu novamente que eram ambas a mesma representação, e que ele Demóstenes devia quase tudo a ela. Em seguida, Valério narra o caso de Ésquines, que proferiu frente ao Areópago um discurso de acusação contra Ctesifão, e depois recitou a defesa de Demóstenes, alta e claramente. Os dois trabalhos foram julgados bons, mas o de Demóstenes foi mais admirado. Ésquines então comentou: “E o que seria se tivesses ouvido a ele próprio!” (*quid si [...] ipsum audissetis?*), querendo dizer com isso que Demóstenes teria sido muito melhor que ele na locução. Particularmente interessante é o fechamento de Valério no exemplo. Depois de salientar o mérito de Ésquines em reconhecer que estava pouco qualificado para emular Demóstenes, Valério descreve alguns dos artifícios da “representação” a que Demóstenes devia seu sucesso, e que Ésquines, apesar de ter presenciado, não conseguiu imitar:

[...] expertus acerrimum vigorem oculorum, terribile vultus pondus, accomodatum singulis verbis sonum vocis, efficacissimos corporis motus. ergo etsi operi illius adici nihil potest, tamen in Demosthene magna pars Demosthenis abest, quod legitur potius quam auditur. (8.10.ext.1)

“Ele experimentou o vigor acérrimo dos olhos, a feição portentosa do semblante, o timbre da voz adequado às várias palavras, os mais certos movimentos do corpo. Então, mesmo que nada possa ser adicionado a seu trabalho, uma grande parte de Demóstenes não está em Demóstenes (nas suas obras), por que (ele) é lido (elas são lidas), em vez de ouvido (ouvidas).

Note-se que, ao descrever os numerosos trejeitos da oratória, Valério demonstra não só conhecimento do tema, como ainda enuncia um juízo de valor sobre a obra de Demóstenes. Ainda, ao descrever a “representação” à qual Demóstenes se dedica, o termo usado é o grego “ἡ ὑπόκρισις”- que pode indicar um processo semelhante ao indicado no tópico 7.4 de Valério, quando este trata do termo *stratagemata*. A utilização do termo grego pode sugerir uma preferência por este, uma vez que Cícero, que é uma possível fonte para muitos dos exemplos valerianos, e que trata do mesmo caso em *De oratore* (3.213), não usa o termo. Isso não quer dizer que a eloquência, porém, seja apanágio exclusivo dos gregos, uma vez que, ao passo que Demóstenes é o único exemplo estrangeiro em 8.10, existem três exemplos romanos: C. Graco, Hortêncio e Cícero.

O tópico 8.11 (*Quão grandes são os efeitos das artes*) possui dois exemplos romanos e sete estrangeiros, dos quais seis são imediatamente apresentados como gregos, e o sétimo o é através de referências externas ao texto. Destes, Trataremos dos exemplos 8.11.ext.2 a 8.11.ext.7; o exemplo 8.11.ext.1 foi mencionado na seção 3.2 deste trabalho. Tratava-se da explicação que Péricles deu a seus concidadãos aterrorizados por um eclipse.

Os exemplos 8.11.ext.2, ext.3 e ext.4 tratam sobre escultores e esculturas. Em 8.11.ext.2, Valério comenta que o rei Alexandre não consentia senão em ser pintado por Apeles e esculpido por Lisipo (e daí depreende-se que tanto pintor quanto escultor eram os melhores em suas respectivas artes). Em 8.11.ext.3 é descrita uma estátua de Vulcano feita por Alcâmenes, em Atenas; já em 8.11.ext.4 é descrita a perfeição da estátua de Afrodite (Vênus) por Praxíteles, que suscitava o desejo dos homens pela beleza de suas formas.

Os exemplos 8.11.ext.5 a 8.11.ext.7 são agrupados, na edição de que nos valem, no subtítulo “*daquilo que nenhuma arte consegue fazer*” (*quaedam nulla arte effici posse*). Os três exemplos (ext.5, ext.6 e ext.7) abordam os limites da perfeição que se pode atingir na execução artística. Os exemplos 8.11.ext.5 e ext.6 possuem enredo análogo. No exemplo 8.11.ext.5, o pintor Eufanor, ao representar os doze deuses do panteão grego em Atenas,

pintou o deus Netuno (Posídon) com o máximo de majestade que pôde imaginar, tencionando depois representar Júpiter (Zeus) com técnica ainda mais impressionante. Mas, Valério conta, Euforanor exauriu toda a força de sua imaginação ao pintar Netuno, e não pôde representar Júpiter como desejava.

Da mesma maneira, em 8.11.*ext.6*, um pintor, não nomeado no texto, ao representar o sacrifício de Ifigênia, filha de Agamêmnon, sacrificada para garantir o sucesso da expedição a Tróia, pintou os circunstantes em variados graus de tristeza, mas ao chegar a Agamêmnon, o representou com a face velada, deixando a entender que a dor do pai era tão grande que não poderia ser adequadamente expressa pela pintura (e, através de um hábil artifício, deixar que o observador adquira a idéia de que este pináculo da tristeza foi representado adequadamente). Valério sintetiza: “Assim sua pintura está molhada pelas lágrimas do arúspice, do amigo, e do irmão, mas deixa o pranto do pai para o julgamento da emoção do espectador” (*itaque pictura eius haruspicis et amici et fratris lacrimis madet, patris fletum spectantis adfectu aestimandum reliquit*). (8.11.*ext.6*). Há uma analogia entre *ext.5* e *ext.6* quando é expressa a idéia de que a representação pictórica tem um limite, mesmo que este possa ser contornado por um bom artifício como o de 8.11.*ext.6*.

O exemplo 8.11.*ext.7* desdobra ainda outra possibilidade de ultrapassar os limites da representação: a sorte. Um pintor “de excelente qualidade” (*praecipuae artis pictor*) pintou um cavalo. Querendo pintar espuma nas narinas do mesmo, não conseguia obter um efeito realista. Tomado pela raiva, lançou contra o quadro uma esponja impregnada de várias cores, com a intenção de destruí-lo (a esponja provavelmente cumpria a função de paleta, ou era usada para limpar borrões de tinta) Curiosamente, ao atingir o quadro, as marcas deixadas pela esponja deixaram exatamente o efeito desejado pelo pintor. Para Valério, foi a pura sorte que ocasionou o feito: “Assim o que a arte não pôde pintar, a sorte reproduziu” (*itaque quod ars adumbrare non valuit, casus imitatus est*). Este exemplo não tem indicação de origem, mas Plínio (*História Natural*, 35. 101 -104) apresenta duas narrativas semelhantes que têm por protagonistas os pintores gregos Protógenes e Nealces.

Os exemplos de 8.12.*ext* são três. Dois são expressamente indicados como gregos no texto, e o terceiro é passível de identificação como tal por referências externas. 8.12.*ext.1* mostra que Platão orientou algumas pessoas que planejavam construir um altar a procurarem o geômetra Euclides. Valério comenta: o filósofo “cedeu ao conhecimento de Euclides, ou melhor, à sua profissão” (*scientiae eius cedens, immo professioni*). O exemplo seguinte, 8.12.*ext.2*, apresenta o Arsenal de Atenas: “Atenas se vangloria de seu arsenal, e não sem motivo, pois este trabalho é digno de vista pelo seu custo e elegância” (*Gloriantur Athenae*

armamentario suo, nec sine causa: est enim illud opus et inpensa et elegantia visendum). Valério narra ainda que o arquiteto responsável pelo prédio, Fílon, ao descrever o plano á população no teatro, foi aclamado tanto por sua oratória quanto por sua arte. O exemplo 8.12.ext.3, breve, descreve como admirável o dito do artista que, tendo consultado um sapateiro sobre sandálias e tiras (para que fossem representadas realisticamente em sua obra), retrucou ao mesmo que não ultrapassasse as solas, quando este começou a opinar sobre o calcanhar. Trata-se de uma variação da conhecida anedota envolvendo o escultor Apeles e um sapateiro, descrita por Plínio, o Velho, na *História Natural*, em 35.85. – que originou o provérbio latino *ne sutor ultra crepidam*, ou seja, “*que o sapateiro não passe do sapato*”, uma advertência para que as pessoas limitem-se a opinar sobre os assuntos que dominam.

Esta série de exemplos posiciona-se frontalmente contra a série de exemplos apresentados e enumerados na seção 3.1. Nesta série, a influência grega não pode ser rechaçada como estrangeira por que já se encontra firmemente entranhada nas instituições romanas. O próprio Valério, evidentemente, demonstra conhecimento da língua e da literatura gregas, cita frases e feitos retirados deste contexto, apresenta juízos de valor sobre o funcionamento de suas instituições, e demonstra conhecimento e apreciação da arte grega. Especialmente na introdução a 7.4, é evidenciado o caráter bilíngüe da educação do autor, quando este escolhe um termo grego para designar o tópico, pois não conseguiu pensar em um termo latino que expressasse adequadamente o que planejava dizer. Basta que se pense nestes exemplos em contraste com as considerações veementes expressas na seção 3.1, e a ambivalência de pensamentos e estereótipos expressa nos *Feitos*, e proposta neste trabalho, vem à tona. Na seção 3.1, a rejeição da Grécia é tanto tradicionalista quanto retórica; nesta seção 3.3, a natureza da educação bilíngüe se torna manifesta e as opiniões pertinentes à formação cultural de Valério – e presentes nos *Feitos* – se apresentam sem aversão; em lugar disso, surge a percepção de um autor versado e conhecedor da língua e da literatura gregas.

3.4 AS VIRTUDES MORAIS DOS GREGOS

3.4.1 Castidade, Fidelidade e Gratidão.

O tragediógrafo grego Eurípides escreveu uma obra intitulada “Alceste”. Esta peça narra um episódio da mitologia grega no qual Admeto, rei da Tessália, por intermédio de Apolo, recebeu das Parcas, deusas do destino, a possibilidade de escapar da morte iminente se conseguisse convencer alguém a morrer em seu lugar. Admeto primeiro recorreu aos seus pais, que se recusaram ao sacrifício. No entanto, sua esposa Alceste apresentou-se e trocou sua vida pela do marido. O semideus Hércules, hóspede em casa de Admeto, sabedor do sacrifício de Alceste, interceptou a Morte que levava a alma desta e restituiu-a a seu esposo. Trata-se de um episódio emblemático da fidelidade conjugal, e é justamente a este exemplo que Valério se refere para comentar um episódio de sacrifício conjugal em 4.6.1. Tibério Graco, quando um casal de cobras foi capturado em sua casa, consultou um adivinho para saber o que significava tal portento. O adivinho replicou que, caso matasse a cobra macho e deixasse a fêmea ir embora, ele Graco morreria. Se fizesse o contrário, sua esposa morreria. Graco, sabendo disto, mandou matar a cobra macho, condenando-se à morte para salvar a esposa. Concluindo o exemplo, Valério invoca o exemplo de Admeto, censurando-o por preferir salvar a sua vida pelo sacrifício de sua devotada esposa, quando mesmo seus familiares mais próximos recusaram-se a tal feito.

O te, Thessaliae rex Admete, crudelis et duri facti crimine sub magno iudice <posteritate> damnatum, qui coniugis tuae fata pro tuis permutari passus es, eaque, ne tu exstinguerere, voluntario obitu consumpta lucem intueri potuisti! et certe parentum prius indulgentiam temptaveras. (4.6.1)

Ó tu, Admeto, rei da Tessália, culpado perante o grande juiz, a posteridade, do crime de um feito cruel e severo! Tu permitiste que o destino de tua mulher fosse trocado pelo teu, para te salvar da extinção, e perecida ela por uma morte voluntária, tu pudesses olhar (novamente) para a luz do dia! E, para certificar-te, testastes antes disso a bondade de teus pais.

Em comparação com o exemplo de Tibério Graco, a história de Admeto, a princípio louvável, é invocada com o propósito único de prover um contraste de proceder: enquanto o romano Graco se sacrifica por sua mulher, o grego Admeto deixa que sua mulher se sacrifique por ele – um comportamento censurável. A mulher de Admeto, porém, é digna de mérito.

O exemplo 4.7.4 também apresenta uma comparação derogatória para os gregos, em se tratando de exemplos de amizade e lealdade. O tópico 4.7 trata da amizade, e o exemplo 4.7.4 narra a história de Volúmnio, personagem de estirpe romana que era muito devotado a seu amigo Lúculo. Quando Lúculo foi condenado à morte por Marco Antônio por haver se

associado aos assassinos de César - Bruto e Cássio -, Volúmnio, apesar de ter grandes possibilidades de escapar, aproximou-se do corpo de Lúculo e o pranteou sem reprimir-se. Volúmnio veio a morrer por que, ao prantear Lúculo, foi percebido e, trazido à presença de Marco Antônio, disse-lhe que ordenasse a sua morte, uma vez que havia mal-aconselhado Lúculo (a apoiar Bruto e Cássio, supomos). Antônio aceitou a seu pedido, e Volúmnio, levado novamente ao lugar de suplício, beijou a mão do morto, tomou de sua cabeça decepada e, segurando-a fortemente junto ao peito, ofereceu seu pescoço ao carrasco. Valério apresenta este feito sob o prisma de uma amizade extremada: “O que pode ser mais fiel que esta boavontade? Ele (Volúmnio) desviou o corpo de seu amigo do ódio dos inimigos, comprometeu sua própria vida pelo crime de aconselhar, e para que ele (Lúculo) se tornasse mais digno de misericórdia, se fez mais detestado”.

Ao final da narrativa desta morte trágica, Valério novamente toma um exemplo grego para que a nobreza da ação romana seja reforçada:

[...] loquatur Graecia Thesea, nefandis Pirithoi amoribus subscribentem, Ditis se patris regnis commisisse: vani est istud narrare, stulti credere. mixtum cruorem amicorum et vulneribus innexa vulnera mortique inhaerentem mortem videre, haec sunt vera Romanae amicitiae indicia, illa gentis ad fingendum paratae monstro similia mendacia. (4.7.4)

[...] Deixem a Grécia falar de Teseu, de como ele se dirigiu aos reinos do pai Dis em apoio ao amor ímpio de Pirítoo – narrar isso é vão, e crer nisso é tolice. Ver o sangue misturado dos amigos, ferimentos junto a ferimentos, morte juntada a morte – esses são os verdadeiros sinais da amizade romana, enquanto aquelas são as mentiras monstruosas de uma nação propícia à ficção.

Novamente aqui são contrapostos valores antitéticos dos romanos e dos gregos. O sacrifício de Volúmnio é apresentado em termos materiais: sangue, ferimentos, cadáveres, em oposição ao exemplo grego, de “uma nação propícia à ficção” (*illa gentis ad fingendum paratae*), que se compõe de uma narração mitológica, considerada obviamente falsa para Valério - “narrar isso é vão, e crer nisso é tolice” (*vani est istud narrare, stulti credere*), e que, para concluir uma avaliação definitivamente negativa, tem seu mote num ato iníquo: Pirítoo, rei dos Lápitias, com o auxílio de seu amigo Teseu, desceu aos infernos para, de forma sacrílega, tentar raptar Prosérpina, esposa do deus Plutão, com o intuito de tomá-la como esposa.

Assim como na invectiva direcionada por Valério em 5.3.ext.3f aos atenienses, que prestavam culto aos ossos de Édipo, “contaminado com o assassinato do pai e o casamento com a mãe [...] no próprio interior do Areópago, o venerável domicílio da disputa humana e

divina, e na excelsa cidadela de Minerva, sob a forma de um herói sacrossanto”, Valério apresenta uma posição duramente crítica com relação à mitologia grega. Tanto em 5.3.ext.3f quanto em 4.7.4, os heróis gregos são apresentados como iníquos, e indignos de mérito. Além disso, a própria veracidade do relato mitológico grego é posta em dúvida, como mera fabulação de uma nação propícia à “ficção”.

A mecânica do ataque de Valério em 4.7.4 pode ser apreendida através dos seguintes passos: inicialmente é mencionado o exemplo grego (e é mencionado como sendo apreciado na Grécia como exemplo legítimo de amizade). No entanto, a esta afirmação segue-se a recusa peremptória do autor – o verdadeiro exemplo de amizade é romano e tangível, enquanto o exemplo grego, acreditado por tolos (gregos), é uma mentira (que poderia ser tomada como comprovante da propensão dos gregos à fabulação).

Da mesma forma que em 5.3.ext.3f, 4.7.4 apresenta, para finalidade de contraste com o exemplo romano, um exemplo grego que, tecnicamente, lhe seria equivalente. No entanto, esta equivalência é imediatamente negada.

A principal censura ao exemplo grego, em 4.7.4, é a de que ele é uma ficção. Isso não quer dizer que Valério não acredite na mitologia em geral, ou na existência dos deuses – o próprio tópico sobre a religião nos *Feitos* nos atesta o contrário, inclusive com referências positivas ao oráculo de Delfos, por exemplo. A definição do exemplo de Teseu como falso pode ser melhor entendida dentro da articulação entre exemplos romanos e estrangeiros realizada por Valério. Como já expresse anteriormente, Valério considera os exemplos estrangeiros inferiores. A introdução de um exemplo estrangeiro em 4.7.4 pode ter sido feita com o intuito de evidenciar essa distinção entre exemplos romanos superiores e gregos de menor valor, mesmo mecanismo perceptível em 4.6.1. Para que o exemplo romano possa ser ressaltado como meritório, é melhor que o exemplo grego que lhe serve de contraponto seja apresentado negativamente – e o elemento do qual Valério se vale para isso é o estereótipo dos gregos como mentirosos⁵⁹.

Lembremos-nos de um exemplo mencionado acima⁶⁰. Nele, comentamos que Valério, em 3.2.22, comenta sobre um feito do legionário romano Acílio em comparação com um feito similar perpetrado por Cinegiro de Atenas. A consideração de Valério de que o feito de Acílio

⁵⁹ W. Martin Bloomer (1992, p.197) vê este exemplo como testemunha da emergência de um modelo de afirmação da literatura romana, tendo Cícero como seu campeão. A excelência literária de Cícero dava aos escritores da Roma tiberiana um pretexto para deixar de lado a literatura e os modelos literários gregos. Para o autor, esta visão patriótica é usada, em 4.7.4, para glorificar partidários da República, como Volúmnio e Lúculo. O exemplo de Teseu e Pirítoo ali está para providenciar uma base sob a qual se possa apresentar o exemplo republicano favoravelmente de maneira politicamente inócua, através da oposição tradicionalista e patriótica entre exemplos romanos e estrangeiros. (BLOOMER, 1992, p.219-220)

⁶⁰ Na seção 3.1.

era menos conhecido que o de Cinegiro é expressa com a explicação de que os gregos eram verbosos ao cantar a própria glória. O que se pode depreender deste exemplo é que, mesmo quando os gregos reconhecem e alardeiam os feitos heróicos dos seus, Valério não deixa de impor um tom de censura no uso dos termos “verbosa em cantar suas próprias glórias”, manifestação que também contrapõe um exemplo grego com finalidade de depreciação. Neste caso, porém, o estereótipo invocado é a verbosidade/excessiva loquacidade. Uma instância onde este estereótipo desaparece para dar lugar a uma visão benéfica dos louvores dos gregos localiza-se em 5.4.ext.5. Neste exemplo, imediatamente depois de 5.4.ext.4 onde se narra a história de Cléobis e Bítton, e Anfínomo e Anápio, dois pares de irmãos que, em ocasiões diferentes, demonstraram devoção a seus pais – Cléobis e Bítton levaram sua mãe para celebrar os ritos de Juno (carregando-a numa carroça no lugar dos animais de carga, diz Heródoto (1.31)), e os outros salvaram seus pais das chamas - Valério diz: “Nem eu rejeito o louvor dos Argivos, nem quero diminuir a glória do monte Etna” (*Nec ego Argivam detrecto laudem aut Aetnaei montis gloriam minuo*), para introduzir o exemplo seguinte. Nesta frase de transição entre os exemplos, não aparece a diminuição do mérito dos exemplos gregos; pelo contrário, sua validade é reiterada. Pode-se argumentar, porém, que esta diminuição não ocorra pelo fato da frase efetuar uma ligação entre dois exemplos estrangeiros, que são igualmente inferiores. O exemplo seguinte, porém, apresenta igualmente esta ausência de distinção numa transição entre exemplos romanos e gregos.

No prefácio ao tópico 4.7 dos *Feitos (da amizade)*, Valério também não apresenta nenhuma condenação dos exemplos gregos, como acontece acima. Discorrendo sobre a beleza desta virtude, comenta:

[...] nemo de Sardanapalli familiaribus loquitur, Orestes Pylade paene amico quam Agamemnone notior est patre, si quidem illorum amicitia in consortione deliciarum et luxuriae contabuit, horum durae atque asperae condicionis sodalicium ipsarum miseriarum experimento enituit. sed quid externa attingo, cum domesticis prius liceat uti? (4.7.praef.)

Ninguém fala dos amigos de Sardanápalo, mas Orestes é quase mais famoso por ser amigo de Pílates do que filho de Agamêmnon. A amizade de um se desfez nos prazeres e na extravagância compartilhados, a camaradagem de outro, sendo de dura e áspera compleição, brilhou pela partilha das mesmas misérias. Mas por que eu toco em exemplos estrangeiros, quando posso usar os nossos primeiro?

Neste exemplo, apesar de Valério novamente reiterar que os exemplos romanos devem ter precedência, Orestes é citado antes destes, e não há no comentário nenhuma menção negativa.

No tópico 4.6 (*do amor conjugal*) o autor apresenta outro exemplo grego digno de nota, este inteiramente meritório. Depois de enumerar alguns exemplos estrangeiros, destaca um exemplo espartano através de uma invocação:

Verum quid Asiam, quid barbariae immensas solitudines, quid latebras Pontici sinus scrutor, cum splendidissimum totius Graeciae decus Lacedaemon praecipuum uxoria fidei specimen nostris ostentet oculis, plurimis et maximis patriae suae laudibus admiratione facti comparandum? [...] (4.6.ext.3)

Porém, por que perscruto a Ásia, as vastidões desertas da barbárie, os recônditos do golfo Pôntico, quando o ornato mais brilhante de toda a Grécia, a Lacedemônia, ostenta aos nossos olhos um espécime distinto de fidelidade conjugal, comparável em admiração às muitas e grandes glórias de sua pátria?

Na seqüência da explicação de 4.6.ext.3, os descendentes dos Argonautas (*minyae*) estabelecidos na ilha de Lemnos, foram expulsos da mesma pelos pelasgos, e refugiaram-se nas montanhas do Taígeto em Esparta. Os espartanos, respeitando sua filiação ilustre, acolheram-nos em sua cidade e deram-lhes direitos (aparentemente direitos de cidadania: “*inde legibus commodisque suis immiscuit*”). Porém estes estrangeiros, dando mostra de ingratidão, tentaram dominar a cidade, e foram presos e condenados à morte. Suas esposas, de alta origem em Esparta, pediram aos carcereiros que as deixassem visitar os maridos antes da execução, que, segundo Valério, de acordo com o costume lacedemônio, deveria ser levada a cabo durante a noite. (*quod cum vetere instituto Lacedaemoniorum nocturno tempore passuri essent*) Chegando às celas, trocaram seus mantos com os maridos, e os fizeram sair, encapuzados como se lamentassem. Assim as esposas espartanas demonstraram grande fidelidade e lealdade aos seus maridos, sacrificando-se por eles.

Em 6.1.ext.1, Valério também comenta sobre outro mérito feminino, a castidade.

Atque ut domesticis externa subnectam, Graeca femina, nomine Hippo, cum hostium classe esset excepta, in mare se, ut morte pudicitiam tueretur, abiecit. cuius corpus Erythraeo litori appulsum proxima undis humus sepulturae mandatum ad hoc tempus tumulo contegit: sanctitatis vero gloriam aeternae traditam memoriae Graeciae laudibus suis celebrando cotidie florentiorem efficit. (6.1.ext.1)

E para adicionar exemplos estrangeiros aos domésticos, uma mulher grega, de nome Hippo, como fosse capturada por uma frota (marítima) de inimigos, atirou-se ao mar, para que sua morte protegesse sua castidade. O corpo dela, levado à costa de Eritre⁶¹, foi mandado para o sepultamento; o solo próximo às ondas o cobre com um túmulo até hoje. Mas a glória de sua pureza, legada à memória eterna, tornou-se mais florescente a cada dia, por ser celebrada, com suas laudes, pela Grécia.

⁶¹ *Erythrae*, localidade situada na Lídia, próxima à ilha de Quios no mar Egeu.

Este exemplo, assim como uma série de outros que trataremos a seguir, apresenta uma consideração de Valério acerca do reconhecimento do mérito, por parte dos gregos, das ações nobres dos seus cidadãos. Trata-se de mais um exemplo da ambigüidade de tratamento que presumimos no início de nosso trabalho, pois tal reconhecimento entra em conflito direto com outros exemplos que insistem em considerar a ingratidão como característica dos gregos (atenienses, e os espartanos em um exemplo), como os exemplos externos do tópico 5.3 já apresentados. Tomemos como exemplo alguns trechos nos quais os gregos se mostram gratos, ou condenam a ingratidão. Em 2.6.5⁶², Valério comenta sobre o costume ateniense de oferecer uma coroa de folhas de oliva aos bons cidadãos, sendo Péricles o primeiro a receber tal tratamento, merecidamente, segundo Valério (compare-se este tratamento com o dado em 8.9.ext.2). Este inclusive justifica um tal costume segundo um axioma: “Pois o mais nutritivo alimento da virtude é a honra” (*nam est virtutis uberrimum alimentum est honos*) Isso significa que o reconhecimento público das virtudes só as faz aumentar, e, inclusive, pode estimular a imitação de tais bons feitos por aqueles que presenciam tal recompensa.

O exemplo seguinte, 2.6.6, também comenta sobre outro costume ateniense. Entre os atenienses, o escravo liberto que demonstrasse ingratidão ao seu antigo senhor retornava à escravidão. A justificativa disso, segundo Valério, apresenta-se nos termos de uma reprovação dirigida ao próprio escravo pelo seu senhor: “Eu cesso, diz ele (o senhor) de considerar-te um cidadão, o recebedor ímpio de tamanha honra, e nem eu posso ser convencido de que possa ser útil à cidade alguém que vejo que é infame à sua (própria) casa. Vá então e torna-te escravo, uma vez que não soubestes como ser livre” (*‘supersedeo te’, inquit ‘habere civem tanti muneris impium aestimatorem, nec adduci possum ut credam urbi utilem quem domui scelestum cerno, abi igitur et esto servus, quoniam liber esse nescisti’*) Um comentário mais detalhado sobre este exemplo já foi feito na seção 3.1.1; reiteraremos apenas que a idéia que é transmitida é a de que aquele que não se mostra grato aos seus benfeitores é indigno de receber os benefícios – noção que ajuda a entender a reprovação veemente dos atenienses em 5.3.ext.3f.

Outro método de reconhecimento do mérito, por parte dos gregos, é detalhado em alguns exemplos de 8.15.ext. Em 8.15.ext.1, são mencionadas diversas honras concedidas a Pitágoras, como a transformação de sua casa em Metaponto, depois de sua morte, num templo dedicado à deusa Ceres. Em 8.15.ext.2, Górgias de Leontini, pela excelência no estudo das

⁶² O tópico 2.6 deveria ser a listagem dos exemplos externos do tópico 2.5, mas não é.

letras, teve sua estátua de ouro maciço colocada no templo de Apolo Delfico, sendo que até então se haviam colocado lá apenas estátuas folheadas a ouro. Em 8.15.ext.3, o herói Anfiarau teve seu túmulo transformado em templo e oráculo, recebendo as suas cinzas a mesma honra devida a outras relíquias importantíssimas para os antigos gregos, como o trípode da Pítia de Delfos. Em 8.15.ext.4 é narrada a história de Berenice, filha e irmã de vencedores dos Jogos Olímpicos, que foi a única mulher a ter permissão para vê-los, quando seus filhos foram competir. Em dois outros exemplos, os atenienses demonstram reconhecimento. O filósofo Xenócrates é dispensado de jurar estar dizendo a verdade num juramento, em 2.10.ext.2, pois os atenienses tinham por evidente a sua veracidade. O rei Cotis da Trácia, em 3.7.ext.7, recebeu o direito à cidadania ateniense - e é objeto de louvor no exemplo por retribuir o favor, estendendo aos atenienses o direito de cidadania trácia.

Existem alguns exemplos, nos *Feitos*, que apontam, entre os gregos, manifestações de severidade de costumes e nobreza de ações. O tópico 6.3, de acordo com a divisão valeriana por rubricas, corresponde à severidade de costumes. O próprio Valério comenta, a este respeito: “E ainda que toda a orbe da terra possa ser instruída pelos exemplos de severidade romana, não desdenharemos, no entanto, aprender de exemplos estrangeiros brevemente” (*Ceterum etsi Romanae severitatis exemplis totus terrarum orbis instrui potest, tamen externa summatim cognosse fastidio non sit*) (6.3.ext.1).

No exemplo 6.3.ext.1, os lacedemônios censuraram as obras do poeta Arquíloco por considerá-las imorais, não querendo que a mente das crianças fosse atingida por essa ameaça. Ainda, tendo Arquíloco insultado uma família sua inimiga, foi banido. Esta má reputação não impede Valério de considerar Arquíloco, no entanto, “o maior, ou pelo menos aproximadamente o maior, dos poetas” (*maximum poetam aut certe summo proximum*) O exemplo 6.3.ext.2 que o segue trata de um exemplo ateniense de severidade. O enviado ateniense a Dario, rei persa, chamado Timágoras, foi condenado à morte por haver, ao cumprimentar Dario, seguido o costume persa (ou seja, prosternando-se). A justificativa, segundo Valério, é a de que os atenienses sentiram-se indignados que o gesto humilhante de um só cidadão rebaixasse a honra da cidade.

Pouco mais adiante, em 6.4.ext.4, enviados gregos a outro rei agem de maneira oposta. Os enviados lacedemônios a Filipe, pai de Alexandre (este último citado no exemplo 6.4.ext.3) lhe disseram que, caso persistisse em oprimi-los com tributos escorchantes, piores que a morte, eles passariam a preferir a morte⁶³. O exemplo seguinte, 6.4.ext.5, possui

⁶³ Um comentário inusitado para um manual de educação moral: “mais glorioso que desejável”

temática diversa. Valério narra que um espartano de mérito, preterido na disputa de um cargo de magistrado, disse que era para ele uma alegria que a pátria tivesse homens melhores que ele.

Voltando ao início dos *Feitos*, dentre as partes resumidas por Júlio Páris e Nepociano, já comentamos sobre o exemplo 1.1.*ext.7*, que narra ações dos atenienses para a manutenção da religião, entre as quais a condenação de Sócrates por este motivo (de tentar introduzir uma religião nova) No exemplo 7.2.*ext.13*, também há uma preocupação, por parte dos atenienses, de cunho religioso. O exemplo narra um dito de Dêmades, que, ao ver que os atenienses não estavam dispostos a conceder honras divinas a Alexandre, admoestou-os a não desafiar Alexandre em prol de observâncias religiosas.

Comentamos, no trecho em que apresentamos os defeitos dos gregos nos *Feitos*, sobre o exemplo 2.6.1, que estabelece um paralelo entre a preocupação em evitar o luxo asiático por parte dos espartanos e a *gravitas* romana. Este exemplo, assim como em 6.3.*ext.1* citado acima, apresenta os espartanos preocupados com a preservação da integridade moral de seus cidadãos. (o que os torna mais “palatáveis” a uma visão tradicionalista romana sobre os estrangeiros) Por outro lado, outros exemplos, aqui apresentados, mostram formas de orgulho pátrio e altivez comuns tanto a atenienses quanto a espartanos.

3.4.2 A coragem dos espartanos (e de alguns outros gregos)

Existe uma virtude que é reiteradamente atribuída aos espartanos nos *Feitos*. Trata-se da coragem, entendida principalmente nos termos de valor militar. Em 2.6.2, Valério comenta que, entre os exércitos dos espartanos, não se procedia à batalha sem que primeiro os homens tivessem haurido coragem através do som de flautas e do ritmo anapéstico (que consiste na recitação de versos de duas sílabas breves e uma longa; provavelmente é usado neste sentido para convencionar ritmo de declamação, ou de algum tambor) de modo que, inspirados pela rapidez do ritmo, atacassem o inimigo com maior vigor. Os espartanos também usavam túnicas vermelhas nas batalhas, de modo que, caso fossem feridos, o sangue não aparecesse. O autor comenta que este hábito não se devia ao fato de a visão dos ferimentos poder causar medo aos soldados, mas sim para impedir que os inimigos ganhassem confiança ao ver seus

golpes surtirem efeito. Em 3.2.*ext.*3, Valério apresenta o que talvez seja o mais conhecido episódio de valor militar e coragem espartanos. Trata-se de uma narração do episódio de defesa das Termópilas em 480 a.C. por Leônidas, rei de Esparta, e os trezentos espartanos⁶⁴.

Hoc loci Leonidas, nobilis Spartanus, occurrit, cuius proposito opere exitu nihil fortius: nam cum trecentis civibus apud Thermopylas toti Asiae obiectus gravem illum et mari et terrae Xerxen nec hominibus tantum terribilem sed Neptuno quoque compedes et caelo tenebras minitantes, pertinacia virtutis ad ultimam desperationem redegit. ceterum perfidia et scelere incolarum eius regionis (et) loci opportunitate, qua plurimum adiuvabatur, spoliatus, occidere dimicans quam adsignatam sibi a patria stationem deserere maluit, adeoque alacri animo suos ad id proelium quo perituri erant cohortatus est ut diceret 'sic prandete, commilitones, tamquam apud inferos cenaturi.' mors erat denuntiata: Lacedaemonii, perinde ac victoria esset promissa, dicto intrepidi paruerunt. (3.2.*ext.*3)

Neste ponto Leônidas, o nobre espartano, surge. Nada pode ser mais valente que sua resolução, que seu feito, que sua morte. Com trezentos cidadãos ele teve de lutar com toda a Ásia nas Termópilas e pela coragem pertinaz ele reduziu Xerxes ao último grau do desespero, aquele opressor do mar e da terra, não somente terrível aos homens, mas ameaçando o próprio Netuno com correntes e o céu com as trevas. Mas por traição e vilania dos habitantes daquela região ele foi espoliado da vantagem da posição, que lhe ajudava muito. Então ele preferiu morrer lutando a retirar-se do lugar que lhe foi destinado pela pátria, e tão vivazmente ele exortou seus homens à batalha na qual eles morreriam que disse o seguinte: “*Almocemos, camaradas, e esperem jantar no além*”. A morte foi anunciada; os lacedemônios obedeceram a suas ordens destemidamente, como se lhes tivessem prometido a vitória.

O episódio seguinte (3.2.*ext.*4) também atribui a um espartano um sacrifício heróico. O guerreiro Otríades supostamente escreveu uma mensagem com seu próprio sangue. A localidade de Tireátis, onde ocorreu o fato, foi o palco de um conflito entre Argos e Esparta. Localizada em Argos, perto da fronteira entre as duas cidades, foi invadida pelos espartanos. Heródoto (1.82) conta que os Argivos, vindo retomar o distrito, fizeram um acordo com os lacedemônios segundo o qual trezentos homens de cada lado lutariam, e o vencedor ficaria com o território. Os exércitos, para não intervir, retiraram-se às suas cidades. Dos seiscentos homens, três sobreviveram: Alcinor e Cromius, de Argos, e Otríades, de Esparta. Os argivos correram à cidade para anunciar a vitória. Otríades ficou no campo de batalha e despojou os guerreiros inimigos.

Cada exército atribuiu a si a vitória; os argivos pelo maior número, e os espartanos pela permanência de Otríades no campo de batalha, pelo que voltaram a lutar. Os lacedemônios venceram, mas Otríades, segundo Heródoto, envergonhado por haver sobrevivido aos seus companheiros, matou-se no campo de batalha. Ovídio (*Fastos*, II, 663-

⁶⁴ Cujo exemplo de coragem é tido como um “augúrio” a que Xerxes deveria ter prestado atenção em 1.6.*ext.*1b.

666) comenta, numa invocação ao deus Término, que, se este deus estivesse em Tireátis, os trezentos homens não haveriam perecido, e não se leria o nome de Otríades num troféu de armas. (*nec foret Othryades congestis lectus in armis* (v.665)) A versão de Valério⁶⁵ aponta que Otríades, tendo sobrevivido ao combate dos seiscentos, ao que tudo indica ferido, juntou os despojos dos inimigos e escreveu o seu nome, para indicar ter vencido a batalha. Os espartanos, chegando ao campo, e vendo ali o troféu, sem mais sobreviventes (por que os argivos haviam retornado a Argos), consideraram-se vencedores, o que lhes motivou novo conflito com os argivos dos qual saíram vitoriosos. Esta é a versão indicada por Valério, uma vez que a narrativa do exemplo não apresenta o desenrolar dos fatos: o exemplo é apresentado como se já fosse conhecido do leitor.

Othryadae quoque pugna pariter ac morte speciosa Thyreatium laude quam spatio latius solum cernitur. qui sanguine suo scriptis litteris dereptam hostibus victoriam tantum non post fata sua in sinum patriae cruento tropaei titulo rettulit. (3.2.ext.4)

O solo dos tireátidas é tomado como maior em glória do que em extensão pela luta e morte, ambas impressionantes, de Otríades. Com letras escritas em seu sangue ele, pode quase dizer-se, retirou a vitória do inimigo e trouxe-a de volta, depois de seu desenlace, ao seio de sua pátria por um troféu cruentamente inscrito.

Depreende-se que a construção do dito troféu com as armas dos vencidos, por um Otríades mortalmente ferido, e, que com suas últimas forças, escreveu com seu próprio sangue no troféu, representa para Valério um grande ato de bravura, mesmo que essas ações somente possam ser inferidas a partir de informações externas ao texto, sejam elas obtidas através de Heródoto, Ovídio, ou Tucídides, que menciona a batalha brevemente em VI, 95.

A morte de Otríades, segundo Heródoto, deveu-se à vergonha de voltar vivo de onde seus companheiros haviam perecido. Em 2.7.ext.2, Valério comenta sobre a disciplina militar mantida pelo general espartano Clearco, que considerava que um general deveria ser mais temido pelos seus soldados do que pelos próprios inimigos. Aplicando esta opinião na sua “gestão de pessoal”, fazia saber aos seus soldados que, caso hesitassem em lutar, seriam punidos. Para Valério, os soldados não se admiravam com tal conduta, uma vez que suas próprias mães os advertiam a não voltar para casa senão vivos, com seus escudos, ou mortos, em cima deles. (Como o escudo usado pelos espartanos era pesado, o soldado que percebendo um mau desfecho para a batalha, desatasse a fugir, imediatamente desfazia-se do mesmo) O

⁶⁵ Um dos textos das *Moralia* (*Parallela Graeca et Romana/Parallela minora*, 306a/b, exemplo 3), considerado espúrio, narra uma versão idêntica à considerada por Valério. De forma geral, a maior parte dos costumes espartanos narrados por Valério é também citada por Plutarco em alguma de suas coleções de temática espartana, nas *Moralia*. (*Instituta Laconica, Apophthegmata Laconica*, etc.)

dito das mãos espartanas quer dizer, resumidamente, “vença ou morra”. Otríades havia perdido a batalha, mas através de seu sacrifício pôde retirar a vitória das mãos dos argivos e dá-la aos espartanos.

A bravura de Esparta é também indicada no exemplo 3.7.ext.8. Neste exemplo, são apresentadas três frases ditas por espartanos. A primeira é a resposta dada por um deles, coxo, a um homem que o reprovava por ir à batalha. O coxo replicou que sua intenção era lutar, e não fugir. Outro espartano respondeu, quando lhe disseram que as flechas dos persas seus inimigos obscureciam o sol, respondeu: “Bem dizes [...] assim combateremos à sombra”. Um terceiro espartano respondeu a um estrangeiro que lhe mostrou os muros largos e altos de sua cidade: “Se os preparastes para mulheres, está certo. Se para homens, vergonhoso.” As frases corroboram a imagem dos espartanos como detentores de grande coragem e valor militar⁶⁶.

Em seguida aos exemplos de coragem dados em 3.2.ext.3 e 3.2.ext.4 pelos espartanos, Valério comenta o caso da morte do general tebano Epaminondas, que venceu os espartanos em 362 a.C, na batalha de Mantinéia. Ele é descrito como “a maior felicidade de Tebas, e também o primeiro desastre de Esparta” (*maxima Thebarum felicitas idemque Lacedaemonis prima clades*) Para Valério, ele destruiu a até então invicta força espartana nas batalhas de Leuctra e Mantinéia, até ser trespassado por uma lança. Morrendo, perguntou a seus soldados se seu escudo estava a salvo, e depois se o inimigo havia sido afugentado. Tendo ouvido respostas afirmativas às duas perguntas, dirigiu uma alocação aos seus soldados.

Excellentissimos Spartanae virtutis proventus miserbilis lapsus sequitur. Epaminondas, maxima Thebarum felicitas idemque Lacedaemonis prima clades, cum vetustam eius urbis gloriam invictamque ad id tempus publicam virtutem apud Leuctram et Mantineam secundis proeliis contudisset, traectus hasta, sanguine et spiritu deficiens recreare se conantes primum an clipeus suus salvus esset, deinde an penitus fusi hostes forent interrogavit. quae postquam ex animi sententia comperit, 'non finis' inquit, 'commilitones, vitae meae, sed melius et auctius initium advenit: nunc enim vester Epaminondas nascitur, quia sic moritur. Thebas ductu et auspiciis meis caput Graeciae factas video, et fortis et animosa civitas Spartana iacet armis nostris abiecta: amara dominatione Graecia liberata est. orbus quidem, non tamen sine liberis morior, quoniam mirificas filias Leuctram et Mantineam relinquo.' e corpore deinde suo hastam educi iussit, eoque vultu exspiravit quo, si eum di immortales victoriis suis perfrui passi essent, sospes patriae moenia intrasset. (3.2.ext.5)

Aos mais excelentes resultados da coragem espartana segue-se uma falha miserável. Epaminondas foi a maior felicidade de Tebas, e também o primeiro desastre de Esparta. Quando ele golpeou a antiga glória e até então invicta virtude pública desta cidade nas batalhas vencidas em Leuctra e Mantinéia, foi trespassado por uma lança. À medida que o sangue e o fôlego falhavam, perguntou àqueles que tentavam animá-lo, primeiro se seu escudo estava a salvo, e depois se os inimigos haviam sido completamente dispersados. Sabendo que as duas coisas estavam resolvidas como

⁶⁶ Pouco depois de Valério, Plutarco apresentará os mesmos ditos de espartanos em alguns de seus trabalhos incluídos nas *Moralia*, como as *Instituta Laconica* e *Apophthegmata Laconica*.

desejava, disse: “*Este não é o fim, camaradas, da minha vida, mas um começo melhor e maior. Pois agora vosso Epaminondas nasce, posto que morre assim. Eu vejo Tebas tornada cabeça da Grécia pelos meus auspícios e liderança, e a forte e corajosa cidade espartana jaz reduzida pelas nossas armas. A Grécia foi libertada de uma amarga dominação. Eu morro sem ter crianças, mas não sem filhos, desde que deixo minhas maravilhosas filhas, Leuctra e Mantinéia.*” Então ele ordenou que lhe retirassem a lança e expirou com a expressão com a qual, se os deuses imortais tivessem lhe permitido fruir suas vitórias, ele haveria entrado a salvo nas muralhas de sua pátria.

Deste exemplo, podem-se salientar alguns aspectos. O primeiro é o reconhecimento do grande valor dos espartanos. No entanto, mesmo gloriosos e valorosos, os espartanos, por Epaminondas, e para Valério que repete a alocução, são responsáveis pela “*amarga dominação*” (*harsh despotism*, na tradução de Bailey) (*amara dominatione*) da qual a Grécia foi libertada pela ação dos tebanos e da liderança de Epaminondas. O segundo ponto diz respeito às preocupações demonstradas pelo comandante antes de morrer. Principalmente ele se preocupa com sua honra pessoal, simbolizada pelo escudo. Trata-se de um motivo já listado no tocante ao comportamento público dos espartanos. Em seguida ele se preocupa com a vitória do exército. Somente depois de assegurar-se dos dois âmbitos de sua reputação é que ele pronuncia um discurso cujo objetivo é salientar justamente a glória que proveria tanto da vitória sobre os espartanos, quanto de sua ação pessoal para que sua vitória fosse levada a cabo - e esta é especialmente enfatizada nos termos: “*Eu vejo Tebas tornada cabeça da Grécia pelos meus auspícios e liderança*” – noção que retoma a preeminência dada por Valério à ação pessoal do “grande homem” na condução, ou conflito, com as massas.

Há um comentário em Valério em 2.6.3, que cumpre uma função de transição entre exemplos, que sugere que pode haver uma distinção entre tipos de coragem, e de que estes tipos estariam ligados a populações diferentes dentro da Grécia: os atenienses e os espartanos.

Egregios virtutis bellicae spiritus Lacedaemoniorum prudentissimi pacis moribus Athenienses subsequuntur, apud quos inertia e latebris suis languore marcens in forum perinde ac delictum aliquod protrahitur, fitque ut <non> facinorosae ita erubescendae rea culpae. (2.6.3)

Seguem-se aos nobres fôlegos de virtude bélica dos lacedemônios os atenienses, muito experientes nos costumes da paz, entre os quais a preguiça é retirada, apaticamente e definhando, de seus esconderijos e mostrada no mercado como uma ofensa, e tida como coisa merecedora de vergonha, muito embora não seja um crime.

Seguindo um tropo bastante conhecido, os atenienses são descritos como pacíficos, em oposição aos espartanos, caracterizados como imbuídos de valor militar. Porém, além dos exemplos de coragem dos espartanos, Valério oferece também exemplos onde atenienses demonstram grande resistência à dor e ao sofrimento, como o exemplo a seguir atesta.

O último episódio que abordaremos no tópico 3.2 refere-se ao exemplo 3.2.ext.6, imediatamente seguinte a Epaminondas, e a seu desdobramento em 3.2.ext.7. Em 3.2.ext.6, é narrada a morte de Terâmenes de Atenas, obrigado a beber veneno por ordem dos Trinta Tiranos. Após sorver a poção, verteu o restante do veneno no chão com um estampido, e disse ao escravo público, que lhe dera o veneno, que brindava a Crítias, urgindo o escravo a levar a taça a este. Crítias, segundo Valério, era o mais cruel dos Trinta Tiranos. Desta forma, através desta demonstração de sangue-frio, Terâmenes escapou à aniquilação planejada pelos tiranos, sobrevivendo através da memória de seu feito.

O mais importante a ser ressaltado no exemplo de Terâmenes, porém, localiza-se na frase inicial do exemplo seguinte, 3.2.ext.7. Num artifício retórico para introduzir o personagem do exemplo seguinte, Valério diz que, ao passo que Terâmenes hauriu hombridade das letras e erudição, Roetógenes de Numância, personagem do exemplo, foi ensinado a mostrar valor semelhante pela ferocidade de sua gente (*Sed Theramenes a litteris et doctrina virilitatem traxit, Numantino vero Rhoetogeni ad consimilem virtutem capessendam quae magistra gentis suae ferocitas existit*). Este Roetógenes, quando sua cidade foi tomada, ateou fogo às suas posses e comandou o suicídio coletivo de seus concidadãos, atirando-se por último ao fogo.

A princípio, não há nada no comentário de Valério sobre Terâmenes que indique a atribuição desta hombridade/resignação atingida através do estudo⁶⁷, e não do exercício de valor militar ou ferocidade nativa, aos Atenienses em particular. Mas a distinção estabelecida em 2.6.3, e no exemplo acima, permite aventar a hipótese de que Valério considere características dos povos as manifestações destes diferentes tipos de coragem. A seguir, detalharemos como é construída esta idéia da resistência física como consequência do treinamento moral.

⁶⁷ Em 2.6.7e e 2.6.8, porém, Valério aponta um costume análogo ao suicídio provocado de Terâmenes. Os massilienses possuíam sob custódia pública um veneno que era dado àquele que racionalmente, pretendesse matar-se. Para receber o veneno, o suicida em potencial deveria passar por um questionário dirigido pelo senado do lugar. Valério considera que este uso originou-se na Grécia e não na Gália (onde fica Massília) uma vez que presenciou um suicídio, juntamente com Sexto Pompeio, na ilha de Céos, na Grécia, de uma senhora idosa que julgava já ter vivido tempo suficiente. A analogia com o caso de Terâmenes está no fato de que ambos encararam a morte de maneira fria e racional – e, igualmente, ambas as narrativas aproximam-se muito da narrativa da morte de Sócrates.

3.4.3 Os “grandes personagens”, a filosofia, e o fortalecimento do caráter

A morte resignada de Terâmenes de Atenas narrada em 3.2.*ext.7*, como vista acima, pode ter sua origem não num aprimoramento do caráter provocado pelo adestramento militar, mas sim do adestramento da alma provocado pelo estudo da filosofia. O exemplo 3.3.*ext.1* de Valério aponta que os dois, tanto a fortificação do corpo através do sofrimento físico, quanto a fortificação da alma através da filosofia, são métodos possíveis para a elevação do espírito. Valério principia, no exemplo, a contar a história de um pajem nobre do rei Alexandre, que, ao auxiliar o rei num sacrifício, foi atingido por um carvão em brasa. Temendo interromper o ritual caso demonstrasse dor, o pajem se manteve impassível, mesmo que o cheiro de sua carne queimando fosse sentido por todos, inclusive pelo rei. Este, para testar a constância do rapaz, demorou-se propositalmente a terminar o sacrifício. No entanto, o rapaz não fraquejou. O autor termina o parágrafo considerando que, se Dario tivesse presenciado tal exemplo de resistência, saberia que não poderia vencer os macedônios. Mas é o parágrafo seguinte que merece maior atenção. Nele é que Valério deixa claro que considera o estudo da filosofia como um caminho tão certo para a construção do caráter quanto a resistência a um carvão em brasa:

Est et illa vehemens et constans animi militia, litteris pollens, venerabilium doctrinae sacrorum antistes, Philosophia. quae ubi pectore recepta est, omni inhonesto atque inutili adfectu dispulso, totum [in] solidae virtutis munimento confirmat, potentiusque metu facit ac dolore. (3.3.*ext.1*)

Há uma outra fortalecedora enfática e consistente do espírito, poderosa através das letras, sacerdotisa dos veneráveis ritos do saber: a filosofia, que, uma vez recebida no peito, afugenta toda emoção desonesta ou inútil, firma tudo (o que encontra) em fortificação de sólida virtude, e torna-o mais forte que o medo e a dor.

Na seqüência desta explicação, são enumerados exemplos de fortitude de vários filósofos. Zenão de Eléa (3.3.*ext.2*), um outro filósofo, para Valério, de mesmo nome em *ext.3* (no entanto, se trata do mesmo Zenão – VALERIUS MAXIMUS, 2000, vol.I, p.276, nota 5), Anaxarco (*ext.4*) e Teódoto (*ext.5*) Todos estes filósofos sofreram torturas nas mãos de tiranos variados, sem que, no entanto, tivessem quebradas suas fortalezas de espírito.

Na condução dos exemplos externos de 3.3, o autor dedica um longo parágrafo a explicar que a virtude é acessível a todos aqueles que se dispõem a buscá-la. Essa explicação se segue ao exemplo de um escravo bárbaro que demonstrou grande firmeza de caráter ao

resistir a terríveis torturas por ter assassinado seu senhor, o general cartaginês Asdrúbal. (3.3.ext.7) No entanto, poderia ser aplicada igualmente como introdução ao exemplo 6.9.ext.1 abaixo.

[...] Non ergo fastidioso aditu virtus: excitata vivida ingenia ad se penetrare patitur, neque haustum sui cum aliquo personarum discrimine largum malignumve praebet, sed omnibus aequaliter exposita quid cupiditatis potius quam quid dignitatis attuleris aestimat, inque captu bonorum suorum tibi ipsi pondus examinandum relinquit, ut quantum subire animo sustinueris, tantum tecum auferas. quo evenit ut et humili loco nati ad summam dignitatem consurgant et generosissimarum imaginum fetus in aliquod revoluti dedecus acceptam a maioribus lucem in tenebras convertant. quae quidem planiora suis exemplis redduntur; ac prius de iis ordiari quorum in meliorem statum facta mutatio splendidam relatu praebet materiam. (3.3.ext.7)

Assim, o acesso à virtude não é complicado. Ela deixa vir a si e serem incitadas naturezas vivazes, e tampouco oferece, na discriminação de quaisquer pessoas, um fôlego de si que seja excessivo ou avaro, mas, exposta igualmente a todos, ela estima mais o desejo do que a posição que trazes, e na tomada de seus benefícios, ela deixa a vós mesmos a medida a ser determinada, para que leves contigo o quanto sustentares atingir em vossa mente. Então acontece que pessoas nascidas em lugares humildes subam à mais alta posição, e também que rebentos das mais nobres estirpes retrocedam em alguma desgraça, e convertam a luz recebida de seus maiores em trevas. Isso será tornado mais claro pelos exemplos. Primeiro eu começarei com aqueles cuja mudança de situação para melhor providencia material que resplandece no relato.

Attento studio nostra commemoravimus: remissiore nunc animo aliena narrentur. perditae luxuriae Athenis adulescens Polemo, neque illecebris eius tantummodo sed etiam ipsa infamia gaudens, cum e convivio non post occasum solis sed post ortum surrexisset domumque rediens Xenocratis philosophi patentem ianuam vidisset, vino gravis, unguentis delibutus, sertis capite redimito, perlucida veste amictus, refertam turba doctorum hominum scholam eius intravit. nec contentus tam deformi introitu, consedit etiam, ut clarissimum eloquium et prudentissima praecepta temulentiae lasciviis elevaret. orta deinde, ut par erat, omnium indignatione, Xenocrates vultum in eodem habitu continuit, omisssaque re quam disserebat, de modestia ac temperantia loqui coepit. cuius gravitate sermonis resipiscere coactus Polemo primum coronam capite detractam projecit, paulo post brachium intra pallium reduxit, procedente tempore oris convivalis hilaritatem deposuit, ad ultimum totam luxuriam exiit, uniusque orationis saluberrima medicina sanatus ex infami ganeone maximus philosophus evasit. peregrinatus est huius animus in nequitia, non habitavit. (6.9.ext.1)

Com disposta atenção comemoramos nossos próprios (exemplos). Deixemos exemplos exteriores ser relatados mais lenientemente. Em Atenas havia um jovem, Polemo, de uma luxúria ruinosa, que se vangloriava não só de suas seduções, mas também da própria infâmia. Como sáísse de um almoço, não depois do pôr-do-sol, mas após o seu nascer, e, indo para casa, notasse que a porta do filósofo Xenócrates estava escancarada, ele entrou na aula de Xenócrates, repleta de homens doutos, embotado pelo vinho, ensopado de perfumes, com guirlandas em sua cabeça, e vestido em uma veste translúcida. Não contente com entrada tão disforme, sentou-se também, tencionando debochar, com gracejos de bêbado, da preclara eloquência e das mui sábias lições. Então todos levantaram-se, como soía ser, indignados; mas Xenócrates, com a mesma disposição, descartou o tópico sobre o qual estava discursando, e começou a falar da modéstia e da temperança. Compelido a voltar a si pela seriedade de suas palavras, Polemo primeiro tirou a coroa da cabeça e a arremessou-a; pouco depois cobriu o braço com o pálio, e passado algum tempo a desaparecer o rubor de

sua face de conviva, finalmente depôs-se da extravagância totalmente e, curado pela salubérrima medicina de uma só preleção, de um boêmio infame tornou-se um grande filósofo. Sua alma peregrinou pelo vício, mas não fez dele sua casa.

A explicação oferecida em 3.3.*ext.7* serve de introdução ao tópico seguinte, 3.4, onde se narram exemplos de pessoas que, nascidas humildemente, tornaram-se famosas (e de 3.5 adiante, onde se narram casos de decadência) Estes itens apresentam semelhança de tema com o tópico 6.9, onde casos de mudança de fortuna também são narrados. Pode-se dizer, talvez, que 6.9 apresenta uma espécie de amálgama dos dois movimentos expressos em 3.4 e 3.5, de ascensão e decadência respectivamente. Nele (6.9), são apresentados exemplos tanto de um como de outro (assim como exemplos onde tanto ascensão quanto decadência coexistem).

Nos exemplos externos de 3.4, Sócrates (*ext.1*) e Eurípides/Demóstenes (*ext.2*) são apresentados como tendo nascido de pais obscuros ou desconhecidos. No entanto, Valério parece adotar aqui um método de amostragem semelhante ao usado nos exemplos de diligência em 8.7.*ext*; Eurípides e Demóstenes são os expoentes mais destacados da tragédia e da oratória, respectivamente. “Mas o que é mais famoso que a força do primeiro na tragédia e do segundo na oratória?” (*sed quid aut illius tragica aut huius oratoria vi clarius?*) – pergunta retórica que realça a preeminência dos personagens destacados. Sócrates também é enaltecido, no primeiro exemplo. Ele é julgado o mais sábio dos homens (*sapientissimus iudicatus*), não só pelo juízo humano, mas por uma certificação dada pelo próprio Apolo; ele saiu de um nascimento humilde para “a mais brilhante luz da glória” (*ad clarissimum gloriae lumen excessit*). O mérito principal de Sócrates, segundo Valério, é o de ele aplicou-se ao estudo da condição humana, longe de ter se aplicado às disputas dos homens eruditos de seu tempo, que perscrutavam as dimensões do universo, do sol, da lua e de outras estrelas, com argumentos prolixos. O tópico 3.5 não tem exemplos gregos, mas isso não quer dizer que os gregos ilustres não possam sofrer reveses. Em 6.9, Alcibíades, por exemplo, (6.9.*ext.4*), apesar de ter haurido muitos benefícios em sua vida, igualmente sofreu muitos malefícios (a divisão valeriana sobre a ingratidão (5.3) também nos fornece abundantes exemplos). Dois dos personagens contemplados em 5.3.*ext* também aparecem em 6.9.*ext*: Temístocles e Címon⁶⁸. Temístocles, para Valério, teve uma juventude tão infame que lhe repugna (*piget*) comentá-la; mesmo que ele tenha posteriormente se tornado o “mais famoso de toda a raça grega” (*cum omnium postea Graii sanguinis virorum clarissimus exstiterit*) (6.9.*ext.2*); Címon, que, em

⁶⁸ O que talvez configure uma espécie de amostragem “política” de 3.4.

5.3.*ext.3c* e outros exemplos sofre pela injustiça dos atenienses, foi, em sua juventude, tomado como ignorante, mesmo que depois tenha vindo a comandar os mesmos (6.9.*ext.3*). Estes percalços das vidas dos grandes personagens podem ser entendidos, numa perspectiva, digamos, “filosófica”, através da história de Cresos, Sólon e Ciro, mencionada por Valério em 7.2.*ext.2a*.

Age, quam prudenter Solo <nemi>nem, dum adhuc viveret, beatum dici debere arbitrabatur, quod ad ultimum usque fati diem ancipiti Fortunae subiecti essemus! felicitatis igitur humanae appellationem rogi consummat, qui se incursui malorum obicit. (7.2.*ext.2a*)

Ora! Quão sagazmente Sólon considerou que ninguém deve se julgar por feliz enquanto vive, por que estamos sujeitos aos caprichos da Fortuna constantemente, até o último dia, o da morte! Assim a pira consome o que se chama de felicidade humana, opondo-se (também) aos ataques do mal.

O exemplo trata de um acontecimento narrado em Heródoto. Este conta (em I.32; I.86-88) que Cresos, rei da Lídia, foi vencido pelo rei Ciro, e condenado a ser queimado vivo numa pira. Cresos subiu a ela e, entre as chamas, chamou o nome de Sólon três vezes. Ciro, intrigado, mandou perguntar o que isto significava. Cresos respondeu que, enquanto reinava, julgava-se o mais feliz dos homens. Tendo convidado Sólon a vê-lo, mostrou-lhe todas as suas riquezas e lhe perguntou, em seguida, quem ele julgava ser o homem mais feliz do mundo. Sólon mencionou vários homens que haviam vivido venturosamente⁶⁹, e morrido, sem, no entanto, mencionar Cresos, que ficou agastado com a situação, e perguntou se Sólon não o julgava venturoso. Este respondeu que não se pode julgar um homem feliz enquanto ele ainda vive, porquanto, se vivo, ainda lhe pode sobrevir a desgraça. Ciro, ao ouvir estas palavras, apiedou-se de Cresos e quis poupar-lhe a vida; porém as chamas já irrompiam em quantidade na pira, e, somente através da intervenção de Apolo, que mandou uma forte chuva, é que Cresos pôde salvar-se. A moral do exemplo é a que o próprio Cresos apresenta a Ciro: ninguém pode ser considerado feliz até que sua vida tenha terminado.

Com relação a alguns grandes personagens, porém, mesmo Valério fica em dúvida no tocante ao “julgamento” de seus méritos. Um exemplo é o de Alcibíades. Em 6.9.*ext.4*, tanto malefícios sofridos como benefícios recebidos se equiparam. Em 3.1.*ext.1*, Valério se abstém de dois julgamentos sobre ele: ignorando, primeiramente, se este causou mais mal à pátria pelas suas boas ou pelas más qualidades, e, depois, julgando também se Alcibíades deve ser

⁶⁹ Entre os quais os irmãos Cléobis e Bítôn, que carregaram a mãe numa carroça, na ausência de animais de tração – mencionados por Valério em 5.4.*ext.4*.

louvado ou execrado (este último: *sed viderint Athenae utrum Alcibiadem lamententur an gloriantur, quoniam adhuc inter exsecrationem hominis et admirationem dubio mentis iudicio fluctuatur*).

No entanto, os grandes homens filósofos parecem possuir mais virtudes morais que defeitos. Por exemplo, aparecem como exemplos de moderação em 4.1.*ext.* – Árquitas de Tarento, pitagórico (4.1.*ext.*1); Platão (4.1.*ext.*2a-2b); de abstinência e continência em 4.3 – Xenócrates (4.3.*ext.*3a-3b), Diógenes, o cínico (4.3.*ext.*4a-4b), de altruísmo em 4.7.*ext.*1 – Damon e Fíntias, amigos, pitagóricos, exemplo no qual um dá a própria vida em fiança pela do outro; resistem bravamente à morte dos filhos em 5.10 – Xenofonte (5.10.*ext.*2) e Anaxágoras (5.10.*ext.*3) e aplicam seu conhecimento em benefício das suas cidades – Aristóteles, em 5.6.*ext.*5, faz com que sua cidade natal, Estagira, que havia sido destruída, fosse reconstruída por Alexandre (segundo Valério); Anaxímenes, preceptor do mesmo Alexandre, salva Lâmpsaco da destruição por possuir raciocínio rápido, em 7.3.*ext.*4 (7.3 refere-se a ditos sagazes).

Um tópico dos *Feitos* particularmente representativo dos filósofos gregos é 7.2. (*feitos ou ditos sabiamente feitos*) Sócrates responde por quatro exemplos (7.2.*ext.*1a, a 1d); Bias de Priene (7.2.*ext.*3) também é citado em 7.3.*ext.*3; Platão (7.2.*ext.*4), Xenócrates (7.2.*ext.*6), Aristóteles (7.2.*ext.*11a e 11b) e Anaxágoras (7.2.*ext.*12), num total de dez exemplos, de um total de vinte e três estrangeiros (dezenove gregos, ou relacionados⁷⁰). Trata-se de aproximadamente a metade dos exemplos, a maior representação de “categoria” em 7.2. Sólon (7.2.*ext.*2a, 2b) corresponde a dois exemplos, os demais respondem por um: Aristófanes (7.2.*ext.*7), Tales (7.2.*ext.*8), Filipe da Macedônia (7.2.*ext.*10), Dêmades (7.2.*ext.*13), Agesilau, espartano (7.2.*ext.*15), e os cretenses como coletividade (7.2.*ext.*18)⁷¹. A temática dos ditos varia; a própria configuração do tópico permite tal variação. É possível extrair de uma análise quantitativa, porém, que a sabedoria é passível de extração, em sua maior parte, das reflexões dos filósofos, embora a reflexão de outros grandes personagens também seja meritória. E, de fato, na maior parte das circunstâncias enumeradas acima, figuram, em posição de menor destaque, as ações de personagens políticos, ou expoentes em outra área. Eurípidés e Demóstenes dividem o exemplo 3.4.*ext.*2 já mencionado, ao passo que Sócrates, descrito em 6.4.*ext.*2, também, como “*a mais ilustre coroa do saber grego*” (*Graecae*

⁷⁰ O exemplo 7.2.*ext.*5 não menciona quem fez o feito, embora a nota ao exemplo indique Antígono (VALERIUS MAXIMUS, 2000, vol. II, p.119, nota 18).

⁷¹ Talvez outra instância de representação por amostragem.

doctrinae clarissimum columen) além de ser enunciado em 3.4.ext.1, primeiramente, possui uma explicação muito mais detalhada, como descrita acima.

3.4.3.1 Não são só os filósofos que podem ser sábios

Evidentemente, existem tópicos onde os exemplos de filósofos não são maioria. Em 4.1 (*da moderação*), por exemplo. Políticos e governantes também figuram em 4.1.ext com frequência – Díon de Siracusa (4.1.ext.3), Trasíbulo (4.1.ext.4), Estasipo de Tegéia (4.1.ext.5), Pítaco, governante de Mitilene (4.1.ext.6), o rei Teopompo de Esparta (4.1.ext.8), são dados por exemplos. Os Sete Sábios da Grécia figuram conjuntamente em 4.1.ext.7. Da mesma forma, em 5.6, (piedade com relação à pátria) são citados cinco exemplos estrangeiros. Deles, quatro são gregos. Três deles apresentam o tema do sacrifício pela pátria: Codro, rei de Atenas, sacrifica sua vida para que um oráculo de vitória para seu povo seja cumprido. (5.6.ext.1); Trasíbulo, ao tentar derrubar os Trinta Tiranos do poder em Atenas com um pequeno grupo de conspiradores, declarou que, ao planejar livrá-la dos tiranos, apenas planejava retribuir a Atenas o que ela tinha lhe dado (5.6.ext.2) e Temístocles envenenou-se com sangue de touro para não ter de atacar a sua pátria (5.6.ext.3) – três exemplos de líderes políticos em benefício de Atenas, contra o único exemplo de Aristóteles (5.6.ext.5) mencionado acima.

Em 4.3 (*da abstinência e da continência*), embora a maior parte dos exemplos seja de filósofos, Péricles figura em 4.3.ext.1, reprovando Sófocles por olhar lascivamente para um jovem que passava, enquanto os dois desempenhavam uma função pública. No exemplo seguinte, 4.3.ext.2, o mesmo Sófocles agradece aos céus por ter, na velhice, se livrado das exigências venéreas – em direta oposição ao seu comportamento no exemplo anterior, demonstrando novamente a caracterização do personagem, ou do feito, de acordo com as necessidades de Valério.

Em 5.10, antes dos filósofos Xenofonte e Anaxágoras, Péricles é citado como tendo suportado bravamente a perda de dois filhos (5.10.ext.1) Como vimos acima, a distribuição de frases e feitos sábios em 7.2 é vantajosa aos filósofos, mas os exemplos de outros personagens são igualmente numerosos. Além da ação de Aristóteles e Anaxágoras, Demóstenes também salva uma mulher acusada injustamente em 7.3.ext.5.

Um último exemplo relevante de amostragem de categorias de personagens gregos é dado em 8.9.ext. (*de quão grande é a força da eloquência*). Os exemplos 8.9.ext.1, e 8.9.ext.2, tratam, respectivamente, de Pisístrato e Péricles, que, como analisados acima, usaram da sua eloquência para escravizar os atenienses. O terceiro e último exemplo de quão grande pode ser a força da oratória é o do filósofo Hegesias (8.9.ext.3) – que, em lugar de “escravizar” os ouvintes, inspirava a eles o desejo de matar-se, pela descrição muito vívida que fazia dos malefícios da vida. Resultou daí que o rei Ptolomeu o proibiu de discursar sobre isto (o que pode acabar demonstrando que as conseqüências do abuso da oratória podem ser muito piores se levadas a cabo por filósofos).

Concluindo: partindo da seção anterior, percebemos que a filosofia pode ser fonte de fortaleza, tanto moral quanto física. Ela inclusive pode reformar o procedimento de pessoas que, sem esta possibilidade, estariam entregues à dissolução, como no caso de Polemo em 6.9.ext.1. Da mesma forma, pessoas que, em virtude de condições desfavoráveis de nascimento, poderiam acabar vivendo sem qualquer distinção, através do estudo e da dedicação podem adquirir renome.

Como podemos perceber a partir dos exemplos apresentados, a apreciação das virtudes dos gregos nos *Feitos* possui algumas variantes de tratamento. A primeira delas apresenta exemplos “positivos” gregos como uma ferramenta para a afirmação do maior valor dos exemplos romanos. A segunda não os contrapõe, nem a exemplos romanos equivalentes, nem a exemplos gregos nos quais características opostas são apresentadas (como se pode atestar pela ausência de menção recíproca entre os exemplos de gratidão e ingratidão dos atenienses). A terceira variante, exemplificada por 2.6.1, não só apresenta as ações gregas sob uma luz positiva, como pressupõe certa analogia de procedimentos com seus correspondentes romanos, reconhecendo-os como afins a um modelo ético tradicional.

Uma distinção adicional que podemos estabelecer diz respeito à quantificação do mérito individual e das qualidades coletivas. Muito mais do que qualidades positivas dos gregos, sejam atenienses ou espartanos, Valério aponta qualidades positivas de indivíduos; de uma forma geral, são estes os protagonistas da seção 3.4. Em sua maioria, são filósofos, mas outras categorias são representadas: governantes, comandantes, dramaturgos, matemáticos. É possível que esta seleção configure uma característica definível nos *Feitos*, a saber, a percepção geralmente positiva dos “grandes personagens” gregos, muito mais enfatizada do que uma percepção positiva dos gregos enquanto coletividade. Isso pode se dar em função de uma representação coletiva oferecer maior margem de manobra para utilizações pragmáticas do que ter de se selecionar algum feito de um indivíduo notável que se adapte às expectativas

da rubrica. Também é representativa da ênfase que Valério destina aos valores dos “grandes personagens”.

3.5 UM PRELÚDIO À CONCLUSÃO: ATENIENSES E ESPARTANOS

Algumas considerações podem ser auferidas a partir das representações dos atenienses e dos espartanos enumeradas nas seções anteriores. Alguns exemplos apresentados são especialmente instrutivos, pois estabelecem uma diferença clara entre estas duas populações, como os exemplos de 2.6.1 a 2.6.6. Como vimos anteriormente, o tópico 2.6 poderia ser melhor enumerado como 2.5.*ext*, uma vez que trata de exemplos estrangeiros de costumes antigos, na seqüência de uma série romana. Em 2.6.1 é mencionada a preocupação dos espartanos em evitar o luxo asiático. Já 2.6.2 menciona outro costume marcial entre os mesmos. O exemplo 2.6.3, por sua vez, cumpre uma função de transição entre os costumes espartanos e os costumes atenienses. Antes de mencionar que estes últimos reprovam publicamente a preguiça, Valério diz: “Seguem-se aos nobres fôlegos de virtude bélica dos lacedemônios os atenienses, muito experientes nos costumes da paz” (*Egregios virtutis bellicae spiritus Lacedaemoniorum prudentissimi pacis moribus Athenienses subsequuntur*). Os costumes atenienses descritos na seqüência de 2.6.3, até 2.6.6 referem-se às relações públicas: a fiscalização da moral pública, a recompensa da virtude e a condenação da ingratidão. Resumindo: pelo menos em 2.6, há uma distinção evidente entre os estereótipos das virtudes que podem ser atribuídas a espartanos e atenienses – os espartanos se destacam pela austeridade e valor militar, enquanto os atenienses se destacam pela nobreza de sua ação pública.

De acordo com o que vimos em nossas seções 3.4.2 e 3.4.3, sobre a coragem e suas possíveis origens, outra distinção entre atenienses e espartanos pode ser delineada. Apresentamos tanto exemplos de coragem e valor militar, quanto de resistência a tormentos e torturas, adquirida através do fortalecimento moral/filosófico. Geralmente, os espartanos possuem, nos *Feitos*, como vimos, uma coragem de molde bélico, enquanto a coragem dos filósofos é vinculada ao fortalecimento moral através do exercício da filosofia. Atenas é apontada, em 8.7.*ext*.3, como sendo o lugar mais fértil em conhecimento, e associada a Sócrates e Platão, também distintos pelo seu saber, o que leva à inferência de que Atenas é um

lugar particularmente propício ao estudo da filosofia, e por conseguinte à aquisição desta fortaleza moral. Num exemplo desta caracterização da coragem ao modo “ateniense”, o exemplo de Terâmenes de Atenas, em 3.2.ext.7, esta relação é mais claramente exposta.

Com relação aos defeitos, existem algumas referências constantes no texto valeriano. Em 5.3.ext, a ingratidão é especificamente atribuída aos atenienses. Além disso, a população ateniense parece sofrer de algum defeito moral que a faz agir contrariamente a seus interesses, pelo menos no caso de Sócrates em 3.8.ext.3 e 7.2.ext.1d, e nos outros exemplos de “insanidade” relatados em nosso trecho correspondente, além de outros defeitos, como a crueldade e a venalidade.

Os espartanos não possuem nenhum defeito que se destaque tão marcadamente quanto a ingratidão dos atenienses em 5.3.ext. Isso não quer dizer que eles não sejam, por exemplo, ingratos, como o exemplo 5.3.ext.2 atesta; mas este mesmo exemplo, no qual é realçado um ato negativo dos espartanos, é imediatamente contrastado com a reputação que a cidade possuía: “O que mais podem fazer as outras cidades, quando mesmo aquela que reivindicava a si louvor especial por sua constância, moderação e seriedade, tão ingrata foi contra quem apresentava tanto mérito?” (5.3.ext.2). Outro exemplo que apresenta um espartano sob um viés negativo também o contrabalança com um comportamento meritório, como em 2.6.1, onde a preocupação dos espartanos em evitar o luxo é fundamentada pelo comportamento extravagante de seu general Pausânias.

Vimos, no decorrer das seções anteriores, que, em 2.6.1 e 4.1.ext.8, são estabelecidos paralelos entre os costumes e procedimentos espartanos e suas contrapartes romanas. Isso, somado à relativa ausência de estereótipos negativos dos mesmos, leva à dedução de que os espartanos, entre os gregos, desfrutam de uma visão positiva nos *Feitos*. Há um exemplo, 4.5.ext.2, onde a superioridade dos espartanos sobre os atenienses é afirmada categoricamente:

Athenis quidam ultimae senectutis, cum spectatum ludos in theatrum venisset, eumque nemo e civibus sessum reciperet, ad Lacedaemoniorum legatos forte pervenit. qui hominis aetate moti canos eius et annos adsurgendi officio venerati sunt, sedemque ei inter ipsos honoratissimo loco dederunt. quod ubi fieri populus aspexit, maximo plausu alienae urbis verecundiam comprobavit. ferunt tunc unum e Lacedaemoniis dixisse 'ergo Athenienses quid sit rectum sciunt, sed id facere neglegunt'. (4.5.ext.2)

Em Atenas, certo homem muito idoso, como entrasse no teatro para assistir o espetáculo, e nenhum dos cidadãos lhe oferecesse um lugar, aconteceu que ele encontrasse alguns legados espartanos, que, movidos pela idade do homem, e respeitosos pelas cãs e anos do mesmo, levantaram-se em obséquio a ele e lhe deram entre eles o lugar de maior honra. Vendo o povo o que foi feito, aprovou a modéstia de uma cidade alheia com uma grande e sincera salva de palmas. Dizem que um dos

espartanos então disse: “*Então os atenienses sabem o que é certo, mas negligenciam fazê-lo*”.

“*Então os atenienses sabem o que é certo, mas negligenciam fazê-lo*” Os espartanos aparecem aí motivados por certa ética rude, palatável ao gosto tradicionalista romano. Trata-se de um motivo análogo às demonstrações de franqueza oferecidas por Catão, em nosso capítulo segundo. Da mesma forma que os gregos tergiversam e usam de subterfúgios em seu falar, ao contrário dos romanos, diretos e leais, em 4.5.ext.2, os atenienses, embora reconheçam o ato nobre dos espartanos, não se preocupam em fazê-lo eles mesmos – ou seja, em ambos os casos se caracterizam por uma certa inação, contraposta à ação franca de seus “opositores” tanto espartanos quanto romanos.

4 CONCLUSÃO

Os *Feitos e Ditos Memoráveis*, como apontamos no início de nosso trabalho, são uma compilação de vários feitos e acontecimentos realizados por Valério Máximo, durante o império de Tibério. O próprio autor afirma ter juntado esses exemplos, dispersos pela obra de variados autores, de forma que os exemplos, tanto bons quanto maus, fossem facilmente tomados por aqueles que os desejassem. Valério os organizou, tendo em vista esta intenção, não de forma cronológica, mas de forma temática. O autor argumenta, apresenta, censura, glorifica, mas não o faz sozinho. Muitas vozes e opiniões falam através dele – suas fontes, seus exemplos.

Talvez justamente a intenção despreziosa de Valério, enunciada em sua introdução, é que tenha permitido que essa riqueza de opiniões fosse preservada. Sem pretender abarcar todo o conhecimento, Valério salta, de rubrica em rubrica, ligando-as com breves prefácios, através de argumentos por vezes muito tênues. O fato de defender uma opinião num exemplo não implica necessariamente que em outro, alguns tópicos mais adiante, Valério expresse a mesma opinião. A coerência em Valério não é cronológica, nem procura construir, através do texto, um resultado final. Cada exemplo é ele mesmo, uma unidade avulsa, que é coerente internamente, e relaciona-se com os demais na mesma rubrica por um critério definido externamente, a equivalência temática.

A única distinção que Valério estabelece, além da divisão em rubricas, é a divisão entre exemplos romanos e estrangeiros. Quando o autor a propõe, vincula-se a uma visão tradicionalista e patriótica sobre os estrangeiros, que, ao afirmar a própria excelência dos costumes romanos, considera os demais como inferiores. No entanto, ele reconhece o valor dos feitos dos estrangeiros, o que implica que sua vinculação tradicionalista não é extremada (o que implicaria numa ausência ou recusa completa dos *exempla externa*).

O grego é o principal estrangeiro nos *Feitos*, mas não é um estrangeiro comum. A influência da cultura grega em Roma tornava particularmente difícil que se procurasse elencar os gregos entre outros bárbaros estrangeiros. No entanto, apesar do reconhecimento romano desta distinção, o grego não deixava de ser percebido como um Outro.

Trata-se de um Outro ambíguo. Partimos do pressuposto que a obra de Valério, como representativa de uma série de temas presentes na cultura romana, não sob a forma de uma rubrica específica, mas de maneira expressa em toda a extensão do texto, apresentava também

esta ambigüidade de percepção da figura do grego. Dentro desta percepção, dois pólos opostos, uma visão positiva e outra negativa dos gregos, constituíam os pontos extremos. Como estas noções conflitantes sobre os gregos eram vigentes na cultura romana, passou-se a perceber esta divergência de opiniões como um aparente paradoxo.

Erich Gruen, em *Culture and National Identity in Republican Rome* (1994⁷²) discute sobre algumas visões acadêmicas sobre este paradoxo. O autor menciona brevemente algumas teorias: por exemplo, a proposição, por parte de alguns autores, de que coexistiram, em determinado momento da República, duas correntes políticas que, entre outras divergências, se posicionavam de formas diversas frente à influência grega. Outros autores propuseram que a busca, por parte de certos romanos, de familiarização com a cultura grega tinha um objetivo pragmático: uma expansão mais efetiva do domínio romano na direção do oriente. Ainda uma outra vertente sustentava que esta tensão entre aceitação e repulsa manifestava uma percepção de profunda inferioridade cultural por parte dos romanos. Gruen apresenta, ainda, outras explicações (GRUEN, 1994, p. 224 – 225).

Uma das teorias citadas pelo autor, entre estas, é descrita da seguinte forma:

Os romanos talvez traçassem distinções mais sutis do que uma simples dicotomia de simpatia e antipatia com relação ao helenismo pode supor. Podem-se achar evidências para seu discernimento entre a cultura grega, uma herança desejável, e os mesmos gregos, uma raça indigna; ou entre gregos admiráveis do passado e seus descendentes contemporâneos e degenerados; ou entre aqueles gregos que adotavam valores adequados e aqueles com características inaceitáveis⁷³. (GRUEN, 1994, p.225)

Já apresentamos esta citação no decorrer do trabalho, para sinalizarmos uma distinção que Valério, ao tratar de grandes personagens gregos, estabelece entre estes e o povo comum. Gruen, porém, não dá especial endosso a esta opinião; cada uma das numerosas teorias por ele listadas apresenta certas dificuldades (por exemplo, a generalização excessiva). No caso específico da citação acima, o autor diz:

[...] Alguns textos esparsos dão a entender que certos romanos, quando a ocasião era apropriada, podiam traçar distinções entre “bons gregos” e “maus gregos”, entre gregos contemporâneos e seus predecessores, ou mesmo entre a cultura e seus representantes. Mas estes aparecimentos fragmentários não se somam numa atitude consistente, sem mencionar difundida, que pudesse caracterizar uma opinião romana⁷⁴. (GRUEN, 1994, p.226)

⁷² Primeira publicação em 1992.

⁷³ O texto em inglês se encontra já citado na seção 3.2.

⁷⁴ “[...] *Scattered texts imply that certain Romans, when the occasion suited, might draw distinctions between “good Greeks” and “bad Greeks”, between contemporary Greeks and their predecessors, or even between the*

Uma premissa que adotamos neste trabalho é a de que Valério, na escolha de seus exemplos, adotou uma visão pragmática, selecionando exemplos positivos e negativos conforme as necessidades de sua rubrica. Parece-nos, e listaremos as conclusões obtidas no trabalho para sustentarmos nossa opinião, que, agindo desta forma, Valério se aproxima muito da perspectiva adotada por estes “textos esparsos” citados por Gruen.

Em nosso capítulo terceiro, analisamos, em diferentes seções, variados aspectos do texto valeriano no tocante às representações dos gregos. Em nossa seção 3.1, listamos as características negativas atribuídas à Grécia e à influência grega. Pareceu-nos que estas referências situavam-se inteiramente de acordo com um modelo de retórica tradicionalista; os estereótipos enunciados em nosso capítulo segundo estão lá. Fundamentalmente, os gregos podem ser representados como “excessivamente civilizados”: excedem-se em luxo, em circunlóquios desnecessários apenas para iludir o ouvinte, são mentirosos, ingratos, venais. Particularmente os atenienses são propensos à ingratidão, desprezando a liderança dos grandes homens para guiarem-se pela insanidade de suas assembléias.

Para que os romanos não venham a enveredar pelo mesmo caminho dos gregos, é proposta sistematicamente a recusa do luxo e da influência corruptora dos mesmos. O poder de Roma, assim como a derrocada de Atenas, são justificados em termos morais: os romanos mantêm o domínio do mundo por que não se estragaram, ainda, com costumes degenerados como os gregos. Aqui, a posição de Valério frente à influência grega situa-se, pois, num extremo: a rejeição.

Em nossa seção 3.2, vimos que existe uma diferença que Valério estabelece entre os grandes personagens gregos e a população. Eles se caracterizam pela liderança, pelo conhecimento, e pela ambição. Os grandes personagens gregos também podem ser dignos de emulação: Valério sugeriu, em 8.14.6, que Fábio Píctor, em lugar de ter pintado o templo da deusa *Salus*, procurando imitar Fídias, deveria espelhar-se em Temístocles, ambicioso de grandes vitórias. Um personagem notável pode ser negativamente retratado, como Aristóteles em 8.14.ext.3, ou receber de Valério uma abstenção de julgamento, como Alcibíades em 3.1.ext.1. O que podemos depreender desses exemplos é que Valério é capaz de enaltecer ou refutar os méritos dos grandes homens gregos, de acordo com suas necessidades. Porém, seja qual for o juízo que estabeleça, o autor os destaca em relação ao comum da população. Por piores que sejam as ações de um grande personagem, Valério ainda assim o coloca numa

posição majoritariamente ativa e reflexiva, em contrapartida à ação predominantemente caótica do povo.

A seção 3.3 apresenta uma série de instâncias da cultura grega percebidas na obra de Valério. A condenação tradicionalista da influência grega como deletéria é contrabalançada pela percepção de que os *Feitos* e a cultura romana devem muito a esta influência. Valério censura os gregos na seção 3.1, mas fala grego, lê em grego, cita fontes gregas, aprecia usos e instituições gregas, registra momentos de interação entre a cultura grega e a romana e, mesmo que por vezes o faça em termos negativos como em 2.2.2 e 2.2.3, também apresenta visões positivas, como em 5.1.8, 8.7.1 e 8.7.2. Também estabelece em 8.7 um critério de amostragem das principais divisões do conhecimento grego que, segundo Valério, contribuíram para o desenvolvimento da cultura romana: “Deixemos agora a diligência grega, uma vez que fez tanto pela nossa, receber a recompensa que lhe é merecida na língua latina” (8.7.ext.1), entre outras menções à arte e ao engenho dos gregos. Além disso, em 4.7.ext.2a e 2b, Valério usa um exemplo grego – Alexandre e Heféstion - para ilustrar sua própria amizade com Sexto Pompeio, certamente um testemunho bastante eloqüente do valor que os feitos gregos poderiam atingir, caso o autor assim o desejasse.

Os exemplos apresentados na seção 3.4 mencionam visões positivas da Grécia. Duas conclusões se apresentam. A primeira diz respeito ao fato da apreciação dos exemplos positivos nos *Feitos* se dar sob três formas: levantamento do exemplo grego para refutá-lo, visando reiterar o valor de um exemplo romano; a apresentação de exemplos positivos, pura e simplesmente (sem mencionar possíveis contradições); e a apresentação de exemplos meritórios gregos com o estabelecimento de certa analogia com exemplos romanos correspondentes. Ou seja, Valério usa os exemplos conforme sua conveniência.

A segunda conclusão é a de que os grandes personagens gregos, em Valério, possuem grande representação sob um viés positivo. Tanto filósofos quanto governantes, dramaturgos, matemáticos surgem como protagonistas de exemplos valerianos, e são representados positivamente, no mais das vezes.

Antes desta conclusão, procuramos esclarecer a natureza das distinções entre as representações dos atenienses e dos espartanos. De forma geral, chegamos à conclusão de que Valério demonstra maior simpatia com relação aos exemplos espartanos do que aos atenienses. Isso não impede que ambos sejam passíveis de censura, igualmente.

Desta forma, as variações mencionadas por Gruen em sua citação se apresentam nos *Feitos*. Cada uma das sutilezas apontadas pelo autor surge no texto, e é exemplificada nas nossas seções.

A recusa de Gruen em tomar esta exposição como uma solução para o aparente paradoxo entre atração e repulsa frente aos gregos em Roma se dá em função de não se poderem obter dados suficientes que a comprovem de modo a construir uma definição abrangente das atitudes romanas. Evidentemente, não planejamos tomar a apresentação dos gregos nos *Feitos* como uma solução definitiva para este paradoxo, mas, a partir de nossa análise, percebemos que, se há alguma constante neste texto, é o pragmatismo valeriano, e as variações nas representações dos gregos mencionadas por Gruen surgem, também, como uma utilização pragmática, os romanos efetuando estas distinções “quando a ocasião era apropriada” (GRUEN, 1994, p.226). Existem considerações que se repetem, e formam uma espécie de tendência de argumentação (como uma visão tradicionalista na refutação da influência grega, ou o quadro comparativamente mais favorável aos espartanos do que aos atenienses), mas elas não são definitivas, e podem, por vezes, ser ignoradas ou negadas, como vimos no decorrer do trabalho.

O próprio caráter de compilação dos *Feitos* impede que haja uma explicação uniforme. Como Gruen diz, é possível que houvesse, entre dois pólos antagônicos – apreciação e repulsa - uma vasta gama de tonalidades de apreciação. E os *Feitos* replicam esta diversidade de opiniões de forma bastante evidente. Quando percebemos a utilização pragmática que Valério faz dos diferentes estereótipos, aproximamos-nos de uma percepção multifacetada da alteridade, e desta alteridade peculiar do grego em Roma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1) Fontes primárias:

VALÈRE MAXIME. **Actions et paroles mémorables**. Traduction nouvelle par Pierre Constant, II vol. Paris: Librairie Garnier Frères, s.d. (1935?).

VALERIUS MAXIMUS. **Memorable Doings and Sayings**. Edited and Translated by D.R. Shackleton Bailey. II vol. Cambridge/London: Harvard University Press/Loeb Classical Library, 2000.

b) Historiografia clássica:

CICERO. **The speeches. In Catilinam I-IV – Pro Murena – Pro Sulla – Pro Flacco**. By Louis F. Lord. London/Cambridge: William Heinemann/Harvard University Press, 1953.

HERÓDOTO, **História**. Tradução de J. Brito Broca. São Paulo: W.M.Jackson Inc, 1952. 2.vol.

HOMERO, **Iliada de Homero**. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2003, 2.vol.

OVIDE. **Les Fastes. Les Tristes**. Traduction par M.E. Pessoneaux. Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, s.d.

PLAUTUS, **vol.I: Amphitryon, The Comedy of Asses, The Pot of Gold, The Two Bacchises, The Captives**. With an English translation by Paul Nixon. London/Cambridge: William Heinemann/Harvard University Press, 1956.

_____, **vol.III: The Merchant, The Braggart Warrior, The Haunted House, The Persian**. With an English translation by Paul Nixon. London/Cambridge: William Heinemann/Harvard University Press, 1957.

_____, **vol.IV: The Little Carthaginian, Pseudolus, The Rope**. With an English translation by Paul Nixon. London/Cambridge: William Heinemann/Harvard University Press, 1951.

_____, **vol.V: Stichus, Three Bob Day, Truculentus, The Tale of a Travelling Bag, Fragments**. With an English translation by Paul Nixon. London/Cambridge: William Heinemann/Harvard University Press, 1952.

PLUTARCH, **The Lives of the Noble Grecians and Romans**. Chicago-London-Toronto: Encyclopaedia Britannica, 1952.

POLÍBIOS. **História**. Tradução de Mário da Gama Kury. 2ª edição. Brasília: Editora UnB, 1996.

SALUSTE. **La Guerre de Jugurtha**. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Belles Lettres, 2002.

TITO LÍVIO. **História de Roma**. Introdução, tradução e notas de Paulo Matos Peixoto. 6 volumes. São Paulo: Paumape, 1989.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução de Mário da Gama Kury. 4ª edição. Brasília/São Paulo: Editora Universidade de Brasília/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

Bibliografia geral e específica:

ALFÖLDY, Géza. **A História Social de Roma**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

BAYET, Jean. **Histoire Politique et Psychologique de la Religion Romaine**. Paris: Payot, 1957.

BLOOMER, W.M. **Valerius Maximus and the Rhetoric of the New Nobility**. Chapel Hill and London: University of North Carolina Press, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

DOREY, T.A.(ed.) **Empire and Aftermath. Silver Latin II**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1975.

DOSSE, François. **A História**. São Paulo: EDUSC, 2003.

ERNOUT, A. & MEILLET, A. **Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine. Histoire des mots.** Troisième édition, rev., corr., et augmentée d'un index. Paris: Klincksieck, 1951.

FINLEY, Moses I. **Uso e Abuso da História.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FORNARA, Charles William. **The nature of history in ancient Greece and Rome.** Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** 7ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GANDHI, Leela. **Postcolonial Theory: a critical introduction.** New York: Columbia University Press, 1998.

GINZBURG, Carlo. **Relações de Força.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002a.

GRUEN, Erich S. **The Hellenistic World and the coming of Rome.** (vol.I-II) Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1986.

_____. **Culture and National Identity in Republican Rome.** Ithaca, New York: Cornell University Press, 1994.

_____. **Studies in Greek Culture and Roman Policy.** Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1996.

HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Anthony. **The Oxford Classical Dictionary,** 3rd Edition. Oxford-New York: Oxford University Press, 1996.

HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica grega e latina.** Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ISAAC, Benjamin. **The Invention of Racism in Classical Antiquity.** Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Genèses du discours.** Liège: Pierre Mardaga, 1984.

_____. **Novas Tendências em Análise do Discurso.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

_____. **O contexto da obra literária: leitura e crítica.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Termos-chave da Análise do Discurso.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

MARROU, Henri-Irenée. **História da Educação na Antiguidade.** São Paulo: EPU, 1973.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **Os Limites da Helenização. A interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa.** Tradução Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

_____. **As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna.** São Paulo: EDUSC, 2004.

MOORE-GILBERT, Bart. **Postcolonial Theory: Contexts, Practices, Politics.** London/New York: Verso, 1997.

MUELLER, Hans-Friedrich. **Roman Religion in Valerius Maximus.** London and New York: Routledge, 2002.

RABINOWITZ, Nancy S; RICHLIN, Amy. **Feminist Theory and the Classics.** New York/London: Routledge, 1993.

SANTOS, Rivan Menezes dos. **Le luxe à Rome et ses implications. (du VIe s. au Ie s. ap. J-C.)** Mémoire de Licence - Université de Genève/Faculté des Lettres/Cours d'Histoire Ancienne. Genève: mai 1996.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **Plutarco Historiador. Análise das biografias espartanas.** São Paulo: Edusp, 2006.

SKIDMORE, Clive. **Practical Ethics for Roman Gentlemen. The Work of Valerius Maximus.** Exeter: University of Exeter Press, 1996. (reprinted 2002)

VASALY, Ann. **Representations. Images of the World in Ciceronian Oratory.** Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1993.

VEYNE, Paul (org). **História da Vida Privada: do Império Romano ao ano mil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Artigos e resenhas:

CARTER, C.J. *Valerius Maximus.* IN: DOREY, T.A. **Empire and Aftermath. Silver Latin II.** London and Boston: Routledge & Kegan Paul, 1975. (pp. 26-56)

CHAPLIN, Jane D. Resenha digital de **SKIDMORE, Clive. Practical Ethics for Roman Gentlemen. The Work of Valerius Maximus.** Exeter: University of Exeter Press, 1996. Disponível em: Bryn Mawr Classical Review 96.9.10. Acessível em: <http://ccat.sas.upenn.edu/bmcr/1996/96.09.10.html>. Acessado em:30/10/2006.

CONSTANT, Pierre. *Introduction,* IN: **Valère Maxime. Actions et paroles mémorables.** Traduction nouvelle par Pierre Constant, II vol. Paris: Librairie Garnier Frères, s.d. (1935?).

CALIBOLI, Gualtiero; DOMINIK, William J. *Introduction: The Roman Suada.* IN: DOMINIK, William J (ed.) **Roman Eloquence. Rhetoric in Society and Literature.** London and New York: Routledge, 1997. (pp.3-12)

CONNORS, Catherine. *Field and Forum: culture and agriculture in Roman rhetoric.* IN: DOMINIK, William J (ed.) **Roman Eloquence. Rhetoric in Society and Literature.** London and New York: Routledge, 1997. (pp.71-89)

DUBUISSON, Michel. *Le grec à Rome à l'époque de Cicéron. Extension et qualité du bilinguisme.* IN: **Annales ESC.** Paris: janvier-février 1992, No. 1 (pp.187-206)

FINLEY, Moses I. *Generalizações em História Antiga.* IN: **Uso e Abuso da História.** São Paulo: Martins Fontes, 1989. (pp.57-73)

GINZBURG, Carlo. *Apontar e Citar - A Verdade da História.* IN: **Revista de História,** IFCH/Unicamp, nos.2/3. Campinas: Unicamp, 1991. (pp.91-106)

_____. *Sobre Aristóteles e a História, mais uma vez.* IN: **Relações de Força.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002b. (pp.47-63)

HAHN, Frances Hickson. Resenha digital de **MUELLER, Hans-Friedrich. Roman Religion in Valerius Maximus**. London: Routledge, 2002. IN: Bryn Mawr Classical Review, Acessível em: <http://ccat.sas.upenn.edu/bmcr/2002/2002-11-07.html>. Acessado em 30/10/2006.

HALLETT, Judith H. *Feminist Theory, Historical Periods*. IN: RABINOWITZ, Nancy S; RICHLIN, Amy. **Feminist Theory and the Classics**. New York/London: Routledge, 1993.

ISER, Wolfgang. *Narrative Strategies as a Means of Communication*. IN: VALDÈS, Mario J; MILLER, Owen J. **Interpretation of Narrative**. Toronto: University of Toronto Press, 1981.

LUCAS, Robert H. *Mediaeval French Translations of the Latin Classics to 1500*. IN: **Speculum**, Vol. 45, No. 2. (Abril, 1970), pp. 225-253. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0038-7134%28197004%2945%3A2%3C225%3AMFTOTL%3E2.0.CO%3B2-Z>. Acessado em 22/01/2008.

POTTER, David. Resenha digital de **BLOOMER, W.M. Valerius Maximus and the Rhetoric of the New Nobility**. University of North Carolina Press, 1992. IN: Bryn Mawr Classical Review. 04.04.27. Acessível em: <http://ccat.sas.upenn.edu/bmcr/1993/04.04.27.html>. Acessado em 30/10/2006.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *"La tradición y el historiador clásico"* IN: **Ensayos de Historiografía Antigua y Moderna**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. (pp.140-154)

RICHLIN, Amy. *Gender and rhetoric: producing manhood in the schools*. IN: DOMINIK, William J (ed.) **Roman Eloquence. Rhetoric in Society and Literature**. London and New York: Routledge, 1997. (pp.90-110)

**APÊNDICE A - TABULA I – Catálogo de edições de Valério Máximo, 1470
– 2004**

Catálogo de edições de Valério Máximo.

Este catálogo tem por fontes o rol do Hollis Catalog, da Universidade de Harvard, (<http://lib.harvard.edu/catalogs/hollis.html>), o catálogo da Universidade de Princeton (<http://catalog.princeton.edu/>), e as referências provenientes de outras fontes, indicadas por citação.

verão de 1470 (?)

Supostamente impressa por Mentelin em Estrasburgo (CARTER, 1975, p. 50.)

1471

Pierre Constant, tradutor de Valério para o francês em 1935 (ver bibliografia) dá como a edição *princeps* uma feita em Estrasburgo/Mayence, em 1471. Provavelmente se trata da edição referida acima como sendo do verão de 1470. (VALÈRE MAXIME, 1935?, p. xiv)

Valerij Maximi romane urbis iurisp[er]itissimi: in libru[m] facto[rum] et dictorum memorabiliu[m] ad Tiberiu[m] cesarem prefatio incipit. [Mainz : Peter Schöffer, 14 Junho 1471] (também citada por CARTER, 1975, p. 50, e Princeton)

Valerii Maximi Dictorum et factorum. memorabilium rubricae. [Veneza : Wendelin de Speier, 1471] (também citada por CARTER, 1975, p. 50, e Princeton)

1474

Valerij Maximi factorum ac dictorum memorialium [sic] liber ad Tiberium Cesarem. Venetiis : Per Iohan[n]em de Colonia Agripinensi ac Iohanne[m] Ma[n]then de Gherretshem, 1474.

(-)1476

Cy commencent les rubriques du liure Valerius Maximus / translate de latin en François ; ouquel il traicte des ro[m]mains et des carthaginiens, et de plusieurs autres nations et de leurs guerres. [Bélgica : impressor de Flavius Josephus, não depois de 1476] (também citado em LUCAS, 1970, p. 248)

4 fev 1478

Factorum dictorumque memorabilium libri IX. [Milão : Filippo da Lavagna, 4 Fevereiro 1478]

18 jun 1482

Valerii Maximi Factorum: ac dictorum memorabilium liber ad Tiberium Caesare[m]. [Veneza : Johannes and Grgorius de Gregoriis, 18 Junho 1482]

- 20 abr 1485
 Valerii Maximi Factorum ac dictorum memorabilium: liber ad Tyberium Caesarem. Impressum Venetiis : P[er] Dio[n]ysiu[m] & Pelegrinu[m] Bononie[n]ses, a[n]no d[omi]ni 1485 die uero .xx. Ap[ri]lis [20 Abril 1485]
- 1485
 Tradução em francês, de Simon de Hesdin e Nicholas de Gonesse. Lyon: Mathieu Huss. (LUCAS, 1970, p. 248, e Princeton)
- 8 mar 1487
 Valerii Maximi factorum ac dictorum memorabilium [com comentário de Oliverius Arzignanensis]. Impressum Venetiis : Arte & impensis Ioannis forliuensi Gregoriii[ue] fratru[m], Anno salutis M.CCCC.LXXXVII. Die VIII Marcii foeliciter finit. [8 Março 1487] (no portal *Gallica*: <http://gallica.bnf.fr/>)
- 9 nov 1488
 Valerii Maximi Factorum ac dictoru[m] memorabiliu[m]. Liber. [Veneza : Bernardus Benalius, 9 Novembro 1488]
- 16 fev 1489
 Factorum dictorumque memorabilium libri IX. Germanice. [Augsburgo, Anton Sorg, 16 Fevereiro 1489]
- 1489
 Tradução em francês, de Simon de Hesdin e Nicholas de Gonesse. Lyon: Mathieu Huss. (LUCAS, 1970, p. 248)
- 12 ago 1491
 Valerio Maximo. [Veneza : Guilelmus Anima Mia, Tridinensis, 12 Agosto 1491]
- Valerii Maximi factorum ac dictorum memoriabilium liber. Venetiis : Augustino Barbadico, 1491 (no portal *Gallica*: <http://gallica.bnf.fr/>)
- 1497
 Valerius Maximus cum commento Oliverii Arzignasensis Vicentini [1497] (no portal *Gallica*: <http://gallica.bnf.fr/>)
- (out 1499 - jul 1503)
 Valere le grant. [Paris : Antoine Vérard, entre outubro de 1499 e julho de 1503] Também citado em (LUCAS, 1970, p. 248)
- 1502
 Valerii Maximi Dictorum et factorum memorabilium libri novem. [Veneza, 1502] Venetiis : in aedib. Aldi Romani, Octobri mense. M.DII. (também em Princeton)

- 1503
Valerii Maximi Dictorum et factorum memorabilium libri novem. [Venezia, 1503]
- 1503?
Valerii Maximi Dictorum et factorum memorabilium libri novem. [Lyons, Balthazard de Gabiano, 1503?]
- 1504?
Valerii Maximi Dictorum et factorum memorabilium libri novem. [Lyons, Balthazard de Gabiano?, 1504?]
- 1505
Valerius Maximus cum cōmento Oliverii Arzignanensis per Bartholomeū Matthæatiū ex antiquissimo codice emendatus. [Venetiis, A. de Lisona, 1505].
- 1506
Valerii Maximi Romane urbis iurispericissimi factorum et ditorum memorabilium ... Lipsk : Baccalarium Martinum, 1506.
- 1508
Priscorum exemplorum libri novem / diligenti castigatione emendati ... cum laudatis Oliverii ac Theophili commentariis: Hermolai Barbari; Georgii Merulae: Mar. Antonii Sabellici: Jani Parrhasii: Raphaelis Rhegii: multorumque praeterea novis observationibus. Venezia : B. de Zanis, 1508.
- 1509
Valerio Maximo volgare novamente correcto. [Venetia, A. de Taie, 1509].
- 1510
Valerius Maximus cū duplici cōmentarie historico videlicet ac litterato Oliveii Arzignanensis, & familiari admodū ac succincto Iodoci Badii Ascēsi. [Parisiis], Venundatur ab ipso Ascensio, Joanne ac Ioanne Coubergo, 1510.
- 1512
Exempla quattuor et viginti nuper inventa ante caput de omnibus. [Lugduni, 1512].
- 1514
Valerivs Max. Exempla qvatvor et viginti nvper inventa ante capvt de omnibvs. [Venetiis, In aedibus Aldi et Andreae soceri, 1514]
- Valerii Maximi Dictorum & factorum memorabilium libri nouem. Ad exemplar Aldi. [Estrasburgo, 1514]
- 1516
Valerii Maximi Dictorum, & factorum memorabilium, libri nouem. Argentorati, Ex aedibus Schurerianis, 1516(Princeton)

- 1517 Valerivs Max. Exempla quattuor & uiginti nuper inuenta ante caput de ominibus. Plutarchi cheronei Parallela addita propter materiae similitudinem. [Florença, 1517]
- Dictorum ac factorum memorabilium tam Romanorum q̄ externorum collecta nea cum Oliverij Arzignanensis cōmentario & Iodoci Badij Ascensij expositrōe. [Edited by N. Beraldus]. Lutecie, in aedibus W. Hopil, [1517.]
- 1523 Valerius Maximus nouiter recognitus cum co[m]me[n]tario historico videlicet ac literato Oliuerii Arzignane[n]sis : & familiari admoduz ac succinto Jodoci Badii Ascensii: q̄ quatuor & viginti exempla aldino auspicio nuper inue[n]ta simili co[m]me[n]tatio[n]e declaruit: ... Additis Theophili lucubrationibus. Necno[n] pene viuis imaginibus: quae priscorum gesta referre videntur. Venetiis : Gulielmu[m] de fontaneto mo[n]tisferrati, 1523.
- 1527 Actorum & factorum memorabilium libri novem. [Lyons, L. Hilayre, 1527.]
- Valerivs Maximvs [Factorum ac dictorum memorabilium libri novem] Additio indice Perbreui, cev ad omneis historias asylo tvtissimo. [Parisiis, Apud Simonem Colinaeum, 1527.] (Princeton) (no portal *Gallica*: <http://gallica.bnf.fr/>)
- 1531 Valerivs Maximvs : addito indice perbreui, cev ad omneis historias asylo tvtissimo. Parisiis : apud Simonem Colinæum, 1531.
- mar 1534 Valerivs Maximvs nvper editvs : index copiosissimus rerum omnium, & personarum, de quibus in his libris agitur. Venetiis : In aedibvs haeredvm Aldi, et Andreae soceri,, Mense Martio, M.D.XXXIII. [1534] (Também citado em VALÈRE MAXIME, 1935?, p.xiv)
- 1539 Valerio Massimo, De i detti et fatti memorabili / tradotto di latino in toscano da Giorgio Dati fiorentino. In Roma : Per Antonio Blado d'Asola, 1539.
- 1540 Valerii Max. libri ix. Basileæ, per Henricum Petrum [Colophon: 1540].
- 1543 Valerius Maximvs. Addito indice perbreui, cev ad omneis historias asylo tvtissimo. Parisiis. apud Simonem Colinæum. 1543.
- 1545

Valerii Maximi, Dictorum, factorumque memorabilium exempla. Adiecto indice priorum nominum, rerumque memoria dignarum locupletissimo. Parisiis, ex officina Francisci Gryphij, 1545.

1546

Valerii Maximi Dictorum factorumque memorabilium exempla. Adiecto indice Priorum nominum, Rerumque memoria dignarum locupletissimo. Lvgdvni, Apvd Ioan. Tornæsivm et Gvl. Gazeivm, 1546. (Princeton)

1547

De i detti et fatti memorabili. Tradotti di latino in toscano, da Giorgio Dati ... [Veneza, 1547]

Moralium exemplorum libri novem, summa diligentia castigati ac fidelissimis Oliverij s. Arziganensis, Iodocique Badij Ascensij cōmentarijs enarrati, quibus addita sunt quatuor & viginti exempla, nuper Aldi Manutij industria inventa, eiusdem Ascensij commentarijs exornata. Insunt praeterea Theophili lucubrationes; adiunctis etiam autoritatibus Livij, Iustini, Plutarchi, Dionysij & multorum aliorum historiographorum, quae in alijs deerant. Venetiis, [apud V. Ruffinellum], 1547.

Valerii Maximi dictorum factorumque memorabilium exempla. Adiecto indice priorum nominum, rerumque memoria dignarum locupletissimo. Lvgdvni, Apvd Seb. Gryphivm, 1547. (Princeton) (no portal *Gallica*: <http://gallica.bnf.fr/>)

1551

Val. Max. dictorum factorumque memorabilium libri novem. A Sebastiano Corrado emendati & illustrati. Quibus adiecimus fragmenta quaedam epithomes decimi libri, pre C. Titum probum: ac vitam eiusdem Valerij Maximi. [Ven.] Ioan. Gryphivs, 1551. (Princeton)

1558

Valerii Maximi Moralium exemplorum libri novem, summa diligentia castigati, ac fidelissimis eruditissimorum uirorum Oiuerij s. Arziganensis, Iodocique Badij Ascensij commentarijs enarrati, quibus addita sunt quatuor & uiginti exempla, nuper Aldi Manutij industria inuenta, eiusdem Ascensij commentarijs exornata ... Adiunctis etiam autoritatibus Liuii, Iustini, Plutarchi, Dionysii, & multorum aliorum illustrium historio-graphorum, quae in alijs deerant. Venetiis : [s.n.], 1558.

[Factorum et dictorum memorabilium libri IX. 1558] Valerii Maximi Dictorum factorumque memorabilium exempla. Adiecto indice Priorum nominum, Rerumque; memoria dignarum locupletissimo. [Portrait] Lvgdvni, Apvd Ioan.

Tornaesivm et Gvl. Gazeivm, 1558. (Princeton) (no portal *Gallica*: <http://gallica.bnf.fr/>)

1561

Valerii Maximi dictorum factorumq. Memorabilium exempla. Adiecto indice priorum nominum, rerumq. memoria dignarum locupletissimo. Lvgduni, apud Seb. Gryphium, 1561(Princeton)

1563

Valerii Maximi Dictorum, factorumq. memorabilium libri novem, a Sebastiano Corrado emendati & illustrati. Quibus adiecimus fragmenta quaedam epitomes decimi libri, per C. Titum Probum; ac uitam eiusdem Valerij Maximi ... Venetiis, apud Ioan. Gryphium, M D LXIII. (Princeton)

1567

Primeira impressão de Stephanus Pighius. Até 1650 haverão cerca de vinte reimpressões da mesma (Carter, 1975, p.50) Exemplos logo abaixo: 1574, 1576, 1585, 1594, 1607, 1620, 1627. (Também citado em VALÈRE MAXIME, 1935?, p.xiv)

Valerij Maximi Dictorum factorum'que memorabilium libri IX : infinitis mendis ex veterum exemplarium fide repurgati, atque in meliorem ordinem restituti / per Stephanum Pighium Campensem ; accedunt in fine eiusdem annotationes in loca plusquam DCCC. Antuerpiae : Ex officina Christophori Plantini, 1567. (Princeton)

1574

Valerij Maximi Dictorum factorum'que memorabilium libri IX : infinitis mendis ex veterum exemplarium fide repurgati, atque in meliorem ordinem restituti / per Stephanum Pighium Campensem ; accedunt in fine eiusdem annotationes in loca plusquam DCCC. Antuerpiae : Ex officina Christophori Plantini, 1574.

1576

Dictorum factorumque memorabilium ad Tiberium Aug. lib. ix a Stephano Pighio & Claudio Mitalerio restituti & emendati. Accessit & De prænominis incerti auctoris fragmentum. Lugduni, apud A. Gryphium, 1576.

1583

Valerij Maximi, Dictorum factorumque memorabilium libri nouem. / A Sebastiano Corrado emendati & illustrati. ; Indice adiecto copiosissimo. Venetiis : Apud Hieronymum Scotum., MCLXXXIII. (Princeton)

1585

Valerii Maximi Dictorum factorumque memorabilium libri IX : infinitis mendis ex veterum exemplarium fide repurgati, atque in meliorem restituti per Stephanum Pighium Campensem : accedunt in sine eiusdem annotationes in loca plusquam DCCC : item breues notae Ivsti Lipsi ad eundem scriptorem non ante editae. Antverpiæ : Apud Christophorum Plantinum, 1585. (Também citado em VALÈRE MAXIME, 1935?, p.xiv)

1594

Valerii Maximi Dictorum, factorumque; memorabilium libri novem, a Sebastiano Corrado emendati, & illustrati. Quibus adiecimus fragmenta quaedam epitomes decimi libri, & per C. Titum Probum, ac vitam eiusdem Valerij Maximi ... Venetiis : Apud Dominicum de Farris, 1594.

Valerii Maximi Dictorum factorumque memorabilium libri IX : infinitis mendis ex veterum exemplarium fide repurgati, atq. in meliorem ordinem restituti / per Stephanum Pighium accedunt in sine eiusdem annotationes et breues note Ivsti Lipsi. Lvgdvni Batavorum : ex officina Plantiniana : apud Franciscum Raphelengium, 1594.

1596

[Libri novem factorum et dictorum memorabilium] Lugduni Batavorum, Plantin, 1596.

1607

Valerii Maximi Dictorum factorumque memorabilium libri IX. Infinitis mendis ex veterum exemplarium fide repurgati, atque in meliorem ordinem restituti per Stephanum Pighium. Accedunt in fine eiusdem annotationes in loca plusquam 800. Item, breves notae Ivsti Lipsi ad eundem scriptorem, non ante editae. Lugduni, Apud A. de Harsy, 1607.

1615

Valerii Maximi Dictorum factorumque memorabilium exempla : adiecto indice propriorum nominum, rerumque memoria dignarum locupletissimo. Rothomagi : Apud Iacobum Beavvais, iuxta Collegium Societatis Iesv, 1615.

1618

Dictorum factorumque memorabilium libri IX, infinitis mendis ex veterum exemplarium fide repurgati, atque in meliorem ordinem restituti per Stephanum

Pighivm ... Item, breues notae Ivsti Lipsi ... non ante? editae. Coloniae Allobrogvm, Apud P. & I. Chouët, 1618(Princeton)

1620

Valerii Maximi Dictorum factorumque memorabilium libri ix : Infinitis mendis ex veterum exemplarium fide repurgati, atq. in meliorem ordinem restituti / per Stephanum Pighium Campensem ; accedunt in fine eiusdem annotationes et breves notae Iusti Lipsi. Lermae : Ex officina Ioannis Baptistae Varesii, 1620.

1626

Valerii Maximi Dictorum factorumque memorabilium libri IX. Amsterodami, Apud Joannem Janssonium, 1626. (também em Princeton)

1627

Valerii Maximi Dictorum factorumque memorabilium libri nouem. / Olim à Stephano Pighio emendati. Nunc vero post Lipsii & Mitallerii aliorumque spicilegia, ad vetustissimum V. Cl. Petri Danielis I.C. exemplar collati, adiectis etiam animaduersionibus à Christophoro Colero. Cum indice gemino. Francofurti : Typis & sumptibus Wecheliorum, apud Danielem & Dauidem Aubrios & Clementem Scheichium., Anno M.DC.XXVII. [1627]

1640

Valerii Maximi Dictorum factorumque memorabilium lib. IX / cum I. Lipsii notis et indice uberrimo. Lugd. Batav. : Apud F. Hegerum, 1640.

1647

Valerii Maximi Dictorum factorumque memorabilium lib. IX cum I. Lipsii notis et indice uberrimo. Amstelodami, Apud J. Janssonium, 1647.

1650

Valerii Maximi dictorum factorumque memorabilium, libri IX. Amstelodami, Typis Ludovici Elzevirii, 1650.

1655

Valerius Maximus, cum selectis variorum observat: et nova recensione A. Thysii ic. ti. Lugd. Batavorum, Apud F. Hackium, 1655.

1662

Valerii Maximi Dictorum factorumque memorabilium libri IX : annotationibus in usum studiosae iuventutis, instar commentarii, illustrati / operâ & industriâ Johannis Min-Ellii. Roterodami : Ex officinâ Arnoldi Leers, 1662.

1670

Valerivs Maximvs cum selectis variorum observat: et nova recensione A. Thysii ... Lugd. Batavorum, ex officina Hackiana, 1670.

1671

Valerii Maximi Dictorum factorumque memorabilium libri IX : annotationibus in usum studiosae juventutis, instar commentarii illustrati / operâ & industriâ Johannis Min-Ellii. Roterodami : Ex officinâ Arnoldi Leers, 1671.

Dictorum factorumque memorabilium libri IX. Amstelodami, typis D. Elzevirii, sumptibus societatis, 1671.

1672

Valerii Maximi Factorum dictorumque memorabilium libri IX ... illustrati a Johanne Vorstio ... Berolini, ex officina Runginana, 1672. (Também citado em VALÈRE MAXIME, 1935?, p.xiv)

1673

Valerii Maximi Dictorum factorumque memorabilium. Libri. IX. Londini : ex officina Iohannis Redmayne, MDCLXXIII [1673] (também em Princeton)

1678

Romæ antiquæ descriptio a view of the religion, laws, customs, manners, and dispositions of the ancient Romans, and others : comprehended in their most illustrious acts and sayings agreeable to history / written in Latine by ... Quintus Valerius Maximus ; and now carefully rendred into English ; together with the life of the author. London : Printed by J.C. for Samuel Speed ..., 1678. (também em Princeton)

1679

Valerii Maximi Exemplorum memorabilium libri novem / interpretatione et notis illustravit Petrus Josephus Cantel. Parisiis : apud Viduam Claudii Thiboust et Petrum Esclassan, 1679.

1681

Valerii Maximi Dictorum Factorumque memorabilium, libri IX. annotationibus, in usum studiosae juventutis, instar commentarii illustrati. Operâ & industriâ. Johannis Min-Ellii. Roterodami, A. Leers, 1681.

1684

Q Valerius Maximus his collections of the memorable acts and sayings of orators, philosophers, statesmen, and other illustrious persons of the ancient Romans, and other foreign nations, upon various subjects : together with the life of that famous historian / newly translated into English. London : Printed for Benjamin Crayle and John Fish, 1684. (também em Princeton)

1690

Dictorum factorumque memorabilium libri IX / Valerii Maximi. Amstelodami : Iuxta exemplar Elzeviriorum, 1690. (também em Princeton)

1703

Valerii Maximi Dictorum factorumque memorabilium, libri IX, annotationibus instar commentarii illustrati, opera & industria Johannis Min-ellu. Hafniae, Apud J.J. Erthropilum, 1703.

1726

Valerii Maximi Libri novem factorum dictorumque memorabilium: cum notis integris Henrici Loriti Glareani, Stephani Pighii ... item notae & observationes perpetuae Jacobi Perizonii: ut & Antonii Schultingii ... exercitatio ad Val. Max. lib. VII. cap. VII. De testamentis rescissus. Ad plurimorum mss. fidem opus recensuit, & notas adjecit Abrahamus Torrenius. Leidæ, apud Samuelem Luchtmans, 1726. (Também citado em VALÈRE MAXIME, 1935?, p.xiv) (também em Princeton)

1733

Valerii Maximi, Dictorum factorumque memorabilium exempla. Lugduni, 1733.

1772

Primeira edição russa de Valério. São Petesburgo, 1772.

1782

Valerii Maximi Factorum dictorumque memorabilium libri novem cum varietate lectionis notisque ... / editi a Ioanne Kappio. Lipsiae : Sumtibus Paulli Gotthelf Kummer, 1782. (Também citado em VALÈRE MAXIME, 1935?, p.xiv)

1783

Valerii Maximi Dictorum factorumque memorabilium libri novem : ad optimas editiones collati : praemittitur notitia literaria : accedit index / studiis Societatis Bipontinae. Biponti : Ex typographia Societatis, 1783. (também citada por Carter, 1975, p.51) (também em Princeton)

1779

Valerii Maximi Factorum dictorumque memorabilium libri nouem e recensione Torrenii cum praecipuis eruditorum explicationibus, quibus suas adiecit Io. Theodorus Benjamin Helfrocht ... Curiae Regnit, sumtibus Godofredi Adolphi Grau, MDCCXCIX.

1806

Valerii Maximi Dictorum factorumque memorabilium libri novem : ad optimas editiones collati accedunt Iulii Obsequentis quae supersunt ex libro de prodigiis / cum supplementis Conradi Lycosthenis. Argentorati : ex Typographia societatis bipontinae, [1806]

1806

Dictorum factorumque memorabilium libri novem ex recensione Torrenii. Norimbergae, 1806.

1819

Valerii Maximi Factorum dictorumque memorabilium libri novem / ex editione Joannis Kappii, sedulâ recensione accurati. Londini : Sumtibus Rodwell et Martin [and 7 others] : Excudit T. Davison, 1819.

1822

De dictis factisque memorabilibus et Jul. Obsequens. De prodigiis / cum supplementis Conradi Lycosthenis. Paris : Nicolaus Eligius Lemaire, 1822.

1822-23

Valerius Maximus De dictis factisque memorabilibus ; et Jul. Obsequens De Prodigis / cum supplementis Conradi Lycosthenis ; et selectis eruditorum notis quos recensuit novisque accessionibus locupletavit Car. Benedict. Hase. Parisiis : Colligebat N.E. Lemaire, excudebat F. Didot, 1822-23. (Também citado em VALÈRE MAXIME, 1935?, p.xiv) (no portal *Gallica*: <http://gallica.bnf.fr/>)

1823

Valerii Maximi Factorum dictorumque memorabilium libri novem : ex editione Joannis Kappii : cum notis et interpretatione in usum Delphini : variis lectionibus notis variorum recensu editionum et codicum et indice locupletissimo accurate recensiti. Londini : A.J. Valpy, 1823. (também em Princeton)

1827

Faits et paroles mémorables. Traduction nouvelle par C.A.F. Frémion. Paris, Panckoucke, 1827. (Princeton)

1829

Sammlung merkwürdiger Reden und Thaten / Valerius Maximus ; übersetzt von Friedrich Hoffmann. Stuttgart : J.B. Metzler, 1829.

1830

Valerii Maximii Dictorum factorumque memorabilium libri IX : Ad optimorum librorum fidem editi. Lipsae : Ex officina Caroli Tauchnitii, 1830. (também em Princeton)

- 1831
Epitoma librorum Valerii Maximi, edita ab Angelo Maio. Accedunt Excerpta e Julii Paridis epitoma eorundem librorum. Ed. in Germania prima. Cellis, apud E.H.C. Schulze, 1831. (Epítome de Januário Nepociano)
- 1850
Nisard, Charles, 1808-1889, ed. Cornelius Nepos, Quinte-Curce, Justin, Valère Maxime, Julius Obsequens : Œuvres complètes / avec la traduction en Français, publiées sous la direction de M. Nisard. Paris : Dubochet, 1850.
- 1854
Valeri Maximi Factorum et dictorum memorabilium libri novem : cum incerti auctoris fragmento De praenominibus / recensuit et emendavit Carolus Kempfius. Berolini : Impensis Georgii Reimeri, 1854. (Também citado em VALERIUS MAXIMUS, 2000, vol I, p.8; VALÈRE MAXIME, 1935?, p.xiv) (também em Princeton)
- 1862
Saggio del volgarizzamento antico / di Valerio Massimo, citato dagli accademici della Crusca per testo di lingua. Bologna, G. Romagnoli, 1862.
- 1864
Valerius Maximus. Œuvres complètes; traduction française de C.A.F. Frémion. Paris, 1864.
- 1865
Factorum et dictorum memorabilium libri novem : Iulii Paridis et Ianuarii Nepotiani epitomis adiectis / recensuit Carolus Halm. Lipsiae : In aedibus Teubnerianis, 1865. (Também citado em VALERIUS MAXIMUS, 2000, vol I, p.8; VALÈRE MAXIME, 1935?, p.xiv) (também em Princeton)
- 1867
Dé fatti e detti degni di memoria della città di Roma e delle stranie genti testo di lingua del secolo XIV / riscontrato su molti codici e pubblicato da Roberto de Visiani. Bologna, G. Romagnolo, 1867. (Princeton)
- 1871
Cornelius Nepos, Quinte-Curce, Justin, Valère Maxime, Julius Obsequens: oeuvres complètes, avec la traduction en français / publiées sous la direction de M. Nisard,... Paris : Firmin Didot frères, fils et Cie, 1871. (no portal *Gallica*:<http://gallica.bnf.fr/>)

- 1888
 Valerii Maximi Factorvm et dictorum memorabilium libri Novem. Cvm Ivlii Paridis et Ianvarii Nepotiani epitomis iterum recensvit Carolvs Kempf. Lipsiae, in aedibus B.G. Teubneri, 1888. (Também citado em VALERIUS MAXIMUS, 2000, vol I, p.8; VALÈRE MAXIME, 1935?, p.xiv) (também em Princeton)
- 1890
 Selections from Valerius Maximus / with notes by W.R. Inge. London : Rivington, 1890.
- 1895
 Fifty selections from Valerius Maximus, edited with notes and an introduction by Charles Sidney Smith ... Boston, Leach, 1895. (Princeton)
- 1897
 Selections from the anecdotes of Valerius Maximus, [adapted for the use of beginners,] with vocabulary, notes, and exercises, by C. Ward. London, Macmillan and co., limited etc., etc., 1897.
- 1914
 Llibre anomenat Valeri Maximo dels dits y fets memorables. Traducció Catalana del XIVen segle per Frare Antoni Canals. Barcelona, 1914.
- 1935
 Actions et paroles mémorables / Valère Maxime. Traduction nouvelle avec introd. et notes par Pierre Constant. Paris: Garnier, 1935. (Também citado em VALERIUS MAXIMUS, 2000, vol I, p.8) (também em Princeton)
- 1966
 Factorum et dictorum memorabilium libri novem. Cum Iulii Paridis et Ianuarii Nepotiani epitomis. Iterum recensuit Carolus Kempf. Stutgardiae, In aedibus B. G. Teubneri, 1966.
- 1967-1991
 Valeriu Maximu translatau in vulgar Messinisi per Accursu di Cremona / a cura di Francesco A. Ugolini. Palermo : Centro di studi filologici e linguistici siciliani, 1967-1991. (também em Princeton)
- 1971
 Detti e fatti memorabili / di Valerio Massimo ; a cura di Rino Faranda. Torino : Unione tipografico-editrice torinese, 1971. (Também citado em VALERIUS MAXIMUS, 2000, vol I, p.8, só que como de 1972)
- 1973

Valeriu Maximu translatau in vulgar messinisi per Accursu di Cremona. Palermo [Centro di studi filologici e linguistici siciliani] 1973. (Ugolini, Francesco A., ed.)

1976

Factorum et ditorum memorabilium libri novem / Valerius Maximus. Hildesheim ; New York : Georg Olms Verlag, 1976.

1982

Valerii Maximi Factorum et ditorum memorabilium libri novem : cum Iulii Paridis et Ianuarii Nepotiani epitomis / iterum recensvit Carolus Kempf. Stutgardiae : Teubner, 1982.

1986-1987

Valerius Maximus. Pisa : Giardini, 1986-1987. (também em Princeton)

1992

BLANK-SANGMEISTER, U. Valerius Maximus. Facta et Dicta Memorabilia. Denkwürdige Taten und Worte. Stuttgart, 1992. (citado em VALERIUS MAXIMUS, 2000, vol I, p.8)

1995 -

Faits et dits mémorables / Valère Maxime ; texte établi et traduit par Robert Combès. Paris : Les Belles Lettres, 1995- (Também citado em VALERIUS MAXIMUS, 2000, vol I, p.8) (também em Princeton)

1996

Un volgarizzamento inedito di Valerio Massimo / a cura di Vanna Lippi Bigazzi. Firenze : Accademia della Crusca, 1996. (Princeton)

1997

COMBÈS, R. Valère Maxime; faites et dits mémorables, II, livres IV-VI, Paris, 1997. (citado em VALERIUS MAXIMUS, 2000, vol I, p.8)

1998

Facta et dicta memorabilia / Valeri Maximi ; edidit John Briscoe. Stutgardiae : Teubner, 1998. (também em Princeton)

Memorable deeds and sayings, Book I / Valerius Maximus ; translated with introduction and commentary by D. Wardle. New York : Clarendon Press, 1998. (Também citado em VALERIUS MAXIMUS, 2000, vol I, p.8) (também em Princeton)

2000

Memorable doings and sayings / Valerius Maximus; edited and translated by D.R. Shackleton Bailey. Cambridge, Mass. : Harvard University Press, 2000. (também em Princeton)

2004

Memorable deeds and sayings : one thousand tales from ancient Rome / Valerius Maximus ; translated, with introduction, by Henry J. Walker. Indianapolis, IN : Hackett Pub., c2004.